



Wilson Fernandes

Ser o que se celebra
Uma reflexão sobre a identidade da Igreja Batista
em relação às práticas litúrgicas

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de Doutor em Teologia pelo Programa de Pós-graduação em Teologia, do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2021



Wilson Fernandes

Ser o que se celebra. Uma reflexão sobre a identidade da Igreja Batista em relação às práticas litúrgicas

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo

Prof. Abimar Oliveira de Moraes
Orientador e Presidente
Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana
Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof. Luís Corrêa Lima
Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof. Valdir Stephanini
Faculdade Unida de Vitória

Prof. Elildes Junio Macharete Fonseca
SMBL

Rio de Janeiro, 25 de março de 2021

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e do orientador

Wilson Fernandes

Graduou-se em Pedagogia na UFES, em 1996, sendo já Bacharel em Teologia pelo SBBSB (curso livre) desde 1980. Com pós-graduação em Ensino Religioso, Gestão Educacional Integrada, Tutoria de EaD e Docência do Ensino Superior, concluiu o Mestrado em Teologia pela EST em 2010. É pastor batista desde 1980, professor efetivo da Rede Pública Municipal de Cariacica-ES e professor no CETEBES. No Doutorado na PUC-Rio, desenvolveu pesquisa quanto à identidade das igrejas batistas em relação à prática litúrgica, o que abre um leque para novas pesquisas que poderão ser desenvolvidas futuramente sobre o tema na área pastoral

Ficha Catalográfica

Fernandes, Wilson

Ser o que se celebra: uma reflexão sobre a identidade da Igreja Batista em relação às práticas litúrgicas / Wilson Fernandes; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2021.

240 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Teologia - Teses. 2. Igrejas. 3. Batistas. 4. Liturgia. 5. Identidade. 6. Reforma. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

Agradecimentos

A jornada do Doutorado é muito intensa, até mesmo sacrificial para alguns. Não é apenas o pesquisador que paga o preço, isso inclui a família e os amigos. Por essa razão apresento aqui minha imensa gratidão à minha esposa, minha incentivadora desde que surgiu a possibilidade e oportunidade. Quantas vezes abriu mão de atenção e atividades que requeriam minha presença, inclusive de momentos de diálogo doméstico. Agradeço sua paciência e compreensão.

Agradeço a meus filhos, genro e nora, minha netinha Alice, que não cobravam atenção a cada vez que ficaram privados de minha companhia e ou me encontravam preso ao computador, envolvido em minhas pesquisas intermináveis. Alice às vezes ficava ao meu lado e já tinha uma parte da mesa separada para ela. Espero que ela adquira a cada dia o gosto de estudar com profundidade.

Agradeço à Igreja Batista em Jabaraí, à qual tenho o privilégio de pastorear nos últimos anos. À liderança dedicada que sempre se esforçou para superar qualquer dificuldade pela ausência eventual do pastor pesquisador, que quase sempre estava estudando. Nesse tempo se consolidou o belo projeto de ampliação e modernização do templo.

Agradeço ao Dr Abimar Oliveira de Moraes, meu sábio orientador. Desde que o conheci na primeira entrevista na PUC-Rio, percebi sua capacidade e visão abrangente. Seus conselhos e orientação muito me ajudaram nesta caminhada e me encorajaram quando me senti cansado e desanimado. Este trabalho é fruto de uma parceria, compartilhamento de ideias entre pesquisador e orientador.

Sou grato à PUC-Rio, pela oportunidade concedida, por acreditar que meu projeto de pesquisa seria relevante contribuição para a reflexão na comunidade teológica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Sou grato à CAPES, cujo apoio foi fundamental para a realização deste e de outros tantos projeto tão importante para a comunidade acadêmica.

Resumo

Fernandes, Wilson; Moraes, Abimar Oliveira de. **Ser o que se celebra.** Uma reflexão sobre a identidade da Igreja Batista em relação às práticas litúrgicas. Rio de Janeiro: 2021. 240p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho é uma pesquisa sobre as igrejas batistas, sua origem e suas características, bem como sua evolução na prática litúrgica até os dias atuais; que fatores influenciaram e determinaram a forma de cultos dos batistas e como a liderança lida com o comportamento dos fieis em tempos de cultura pós-moderna. Passa por uma rápida descrição da Aliança Batista Mundial e um histórico sobre as teorias quanto à origem dos batistas e as influências sofridas por essa denominação através dos séculos, que marcas identificam esse grupo, e outros fatores que tem afetado sua identidade nas últimas décadas. A liturgia do culto deve ser elemento que identifica uma igreja cristã e sua base está na bíblia, desde os tempos antigos até à igreja apostólica primitiva, mas a compreensão da mesma é divergente e, com outros temas, já gerou conflitos entre os cristãos, sendo o de maior repercussão, a Reforma Protestante, cujos efeitos nunca foram superados. Será possível se recuperar uma relação significativa entre igreja e culto? Nessa busca, as igrejas cristãs têm procurado aperfeiçoar e aprimorar sempre sua forma de ser igreja, experimentando diferentes modelos de organização e dinâmicas funcionais. Todavia, não se deve perder de vista a referência bíblica, o que é de fato essencial na adoração para que seja aceitável pelo Senhor, pois diante de tudo isto, entende-se que mais que organização, a igreja é organismo vivo, mais que eventos e cultos, o mais importante é “Ser o que se Celebra”.

Palavras-chave

igrejas; batistas; liturgia; identidade; Reforma; celebra.

Abstract

Fernandes, Wilson; Moraes, Abimar Oliveira de (Advisor). **Be what is celebrated.** A reflection on the identity of the Baptist Church in relation to liturgical practices. Rio de Janeiro: 2021. 240p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work is a research on Baptist churches, their origin and characteristics, as well as their evolution in liturgical practice until the present day; what factors influenced and determined the form of baptism services and how leadership deals with the behavior of the faithful in times of postmodern culture. It goes through a brief description of the Baptist World Alliance and a history of theories as to the origin of Baptists and the influences suffered by that denomination through the centuries, which marks identify this group, and other factors that have affected its identity in the last decades. The liturgy of worship should be an element that identifies a Christian church and its basis is in the Bible,(?) from ancient times to the early apostolic church, but its understanding is divergent and, with other themes, it has already generated conflicts among Christians, being the one with the greatest repercussion, the Protestant Reformation, whose effects were never overcome. Is it possible to recover a significant relationship between church and worship? In this search, Christian churches have always sought to perfect and improve their way of being a church, experimenting with different organizational models and functional dynamics. However, one must not lose sight of the biblical reference, which is in fact essential in worship for it to be acceptable to the Lord, because in view of all this, it is understood that more than organization, the church is a living organism, more than events and cults, the most important is “Be what you celebrate”.

Keywords

Churches; baptists; liturgy; identity; reformation; celebrates.

Sumário

1 Introdução	9
2 Como a liturgia das Igrejas Batistas evoluiu no decorrer dasua história	16
2.1. A origem dos batistas	18
2.1.1. Teorias Acerca Da Origem dos Batistas	19
2.1.1.1. Teoria JJJ – Jerusalém, Jordão, João Batista	19
2.1.1.2. Teoria Do Parentesco Espiritual Com Os Anabatistas	22
2.1.1.3. Teoria Da Origem Dos Batistas Nos Separatistas Ingleses Do SéculoXVII	23
2.1.2. Influências Recebidas	24
2.1.2.1. A influência do Puritanismo	25
2.1.2.2. A Influência do Fundamentalismo	27
2.1.2.3. A Influência do Landmarquismo	28
2.2. Aliança Batista Mundial	30
2.3. A identificação com os postulados da reforma protestante	31
2.4. Marcas Características das Igrejas Batistas	36
2.4.1. Princípios Batistas	36
2.4.2. A Liberdade de Consciência	37
2.4.3. A Autonomia da igreja local	40
2.4.4. O Sacerdócio Universal dos Crentes	42
2.4.5. Dízimo e Ofertas como ato de Culto	44
2.5. Os Batistas no Brasil	48
2.6. Dificuldades pelo Caminho dos Batistas	53
2.6.1. Calvinismo e Arianismo	53
2.6.2. O Pentecostalismo	53
2.6.2.1. A Assembleia de Deus	55
2.6.2.2. A Convenção Batista Nacional	57
2.6.3. Conflitos da Liderança	60
2.6.3.1. Ministério Feminino	61
2.6.3.2. Pastores Divorciados	66
2.7. Fatores que influenciam a Liturgia das Igrejas Batistas	68
2.7.1. O Estilo de Música	68
2.7.2. O Uso de Palmas	72
2.7.3. Tolerância e Flexibilidade	74
2.8. Relativa ausência de liturgia nos cultos	77
2.8.1. O Problema da Formação de Pastores	79
2.8.2. Por que uma Igreja Eclética	83
3 O lugar da Liturgia entre as igrejas batistas	85
3.1. A Liturgia na Bíblia	88
3.1.1. O altar	94
3.1.2. O sacerdócio levítico	97
3.1.3. O padrão de Deus para os sacrifícios no Velho Testamento	100
3.1.4. O problema em Isaías, Amós e Malaquias: a decepção de Deus	103
3.2. Liturgia no Novo Testamento	108

3.2.1. O Sacerdócio no Cristianismo	114
3.2.2. O Dia de Cultos dos Cristãos	118
3.2.3. O Estabelecimento das Práticas Litúrgicas	120
3.2.4. A Dificuldade da Igreja no Novo Testamento	127
3.2.5. A tradição oral e a incorporação de práticas litúrgicas	132
3.3. O desenvolvimento da igreja no decorrer da história	135
3.4. A Reforma Protestante Como divisor de águas Quanto à Liturgia	142
3.4.1. A repercussão da Reforma Protestante	146
3.4.2. As igrejas protestantes e a liturgia	149
3.5. O Concílio Ecumênico Vaticano II	152
4 A busca por uma relação significativa entre igreja e culto	156
4.1. Tendências das igrejas no século XXI	161
4.2. A necessidade de uma revisão de conceitos e padrões	165
4.3. Tentativas de se encontrar o melhor jeito de ser igreja	169
4.3.1. Modelo de Grupos Familiares	171
4.3.2. Ministério Igreja em Células	172
4.3.3. Modelo G 12	174
4.3.4. Rede ministerial	175
4.3.5. Igreja com Propósito	177
4.3.6. Modelo MDA	178
4.3.7. Igreja multiplicadora	179
4.4. Seria preciso reinterpretar a mensagem da igreja?	181
4.5. É preciso encontrar a verdadeira relevância da igreja.	188
4.6. O desafio de ser igreja numa situação de quarentena	190
4.7. O culto como expressão da identidade da igreja	194
4.8. Adoração requer reverência à soberania de Deus	203
4.9. O culto deve ter como prioridade agradar a Deus, como Ele estabeleceu	210
4.10. A responsabilidade dos líderes	218
5 Conclusão	221
6 Referências Bibliográficas	230

1 Introdução

Concluir uma tese de doutorado em plena quarentena por pandemia, foi um grande desafio. Se a base de uma pesquisa desta natureza é bibliográfica, requer busca constante de referências, publicações afins, subsídios e conhecimento que facilite a exposição objetiva das ideias pretendidas. Não é tempo de se presumir original em termos de Teologia, não é tempo de se ignorar tantos teólogos, cujos escritos estão nas bibliotecas, que podem contribuir para o surgimento de uma tese que não seja apenas repetitiva, mas reflexiva para uma compreensão daquilo que seja relevante para o cristianismo.

Porém, as bibliotecas permaneceram fechadas para se evitar aglomerações. As salas de aula, o ambiente acadêmico, os locais de estudos não eram mais opções para pesquisadores. Tornou-se inadiável encontrar caminhos alternativos. A internet veio a ser de grande utilidade, oportunizando acesso a bibliotecas virtuais, coleções e arquivos digitalizados e outras tantas publicações relevantes disponíveis. É claro que esse tipo de pesquisa requer um cuidado maior, um filtro, sob risco de se citar fontes não confiáveis. O pesquisador se viu forçado a adquirir novos livros para prosseguir, além de buscar emprestados com amigos que os tivessem em bibliotecas particulares. Tal situação provocou crescimento e forçou maior flexibilidade para que se pudesse cumprir os prazos.

O presente trabalho é um estudo da realidade das igrejas batistas, ligadas à Convenção Batista Brasileira (CBB), no que diz respeito à sua identidade como organização cültica. Trata-se de uma reflexão a partir de pesquisa bibliográfica e observações vivenciais do pesquisador, como ministro batista nas últimas quatro décadas, visando produzir uma proposta de alinhamento da referida igreja com igreja cristã de Jerusalém considerada como referência para as igrejas cristãs de nosso tempo, quanto à liturgia da adoração.

A pesquisa bibliográfica, de acordo com Vergara, pode ser classificada sob dois aspectos, quanto aos meios e quanto aos fins, isto é, a pesquisa bibliográfica “é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas”;¹ e, quanto aos fins, é pesquisa descritiva e

¹ VERGARA, S. C., Projetos e relatórios de pesquisa em administração, p. 48.

exploratória. Descritiva porque descreve a análise do marketing acerca de sua aplicação no universo religioso. Exploratória porque realiza descrições precisas da situação visando descobrir as relações existentes entre os elementos componentes e se restringindo à definição de objetivos e a busca de mais informações sobre o assunto estudado. De acordo com Lakatos e Marconi, a pesquisa exploratória “se caracteriza por enfatizar a descoberta de ideias e discernimentos”. Assim, pode-se definir este estudo como descritivo, bibliográfico e exploratório.²

O objetivo geral consiste em verificar se a falta de uma prática litúrgica tradicional está relacionada à perda da identidade das igrejas batistas e o quanto esta igreja se distanciou da Igreja Cristã Primitiva. À guisa de orientação, os objetivos podem ser descritos da seguinte maneira: a) Levantar o perfil das igrejas batistas, sua origem e história e as influências recebidas na formação de sua identidade teológico-doutrinária; b) Identificar as marcas características e os princípios defendidos por esta igreja como inegociáveis; c) Destacar os acontecimentos que interferiram na identidade da igreja e influenciaram no seu perfil como se apresenta hoje; d) Levantar o significado essencial de Liturgia biblicamente e, e) Provocar uma reflexão quanto à situação atual das igrejas batistas no que diz respeito à Liturgia e como a mesma precisa agir para não perder completamente sua identidade de igreja cristã.

Estudando a história da igreja cristã, entende-se que a mesma, evoluiu e se distanciou relativamente do ideal de Cristo, proposto quando a criou. Poderíamos destacar quais características marcam a igreja atualmente, que sejam, de fato, relevantes? Acreditamos que será possível recuperar as qualidades de uma igreja que adora como o Senhor deseja ser adorado, de maneira que se faça aceitável diante d’Ele? A interpretação que fazemos da liturgia corresponde ao propósito e razão de ser da mesma?

Durante séculos, o cristianismo experimentou diversas mudanças, algumas mais significativas, algumas definitivas, outras, apenas circunstanciais, mas no século XVI, o choque provocado pela Reforma Protestante, teve efeitos extremos. O conflito seria interno ao clero, mas extrapolou o ambiente do clero e distanciou muitos cristãos, que pretensamente desejavam a mesma coisa: ser zelosos da verdade em que acreditavam. Entre as questões em que divergiam, estava a liturgia,

² LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A., Técnicas de pesquisa, p. 19.

as doutrinas implícitas na sua prática e a sua importância na vida e salvação dos fiéis. Mesmo com as mudanças promovidas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, a distância ainda continua grande.

A Reforma Protestante marcou um tempo de muita reflexão para o cristianismo. Aqueles que criticaram a igreja da Idade Média, suas práticas e hegemonia, tinham agora uma oportunidade de manifestar posições e interpretações contrárias àquelas predominantes até então, que não aceitavam questionamentos ou contradições. Os “hereges” eram excomungados, criminalizados e condenados até à fogueira, em tempos de intolerância e falta de diálogo. A Reforma foi um rompimento radical e conflituoso com a Igreja, que além de religioso teve também um viés político, com apoio de grupos com outros interesses que se juntaram. Não obstante ser um movimento sem volta, ele provocou uma reflexão duradoura e ainda não concluída dentro da Igreja Católica.

No século XVII ocorreu o surgimento das igrejas batistas, alinhadas com quase todos os pontos defendidos pela Reforma, se manteve sempre numa posição própria quanto ao significado da liturgia da eucaristia no catolicismo. Este trabalho visa analisar o perfil desta igreja e suas atividades e pretensões de adoração litúrgica. Desde o início, houve ajustes doutrinários e algumas vezes, as discordâncias provocaram rompimentos e cisões, um paradoxo, pois que, os batistas sempre defenderam a liberdade de consciência, porém, se mostraram intolerantes em diversas ocasiões.

Para se chegar a uma compreensão quanto ao que é realmente essencial para se agradar a Deus é preciso considerar o que interfere na relação entre o social e o espiritual, o temporário passageiro e o eterno e entre práticas e as doutrinas. Faz-se necessário distinguir a diferença entre absolutos e não absolutos entre funções e formas, entre princípios e padrões, entre verdade e tradição, entre organismo e organização, entre mensagem e método, entre aquilo que é supra cultural e aquilo que é puramente cultural. A história revela que alguns valores aparentemente intocáveis, perdem a relevância com o passar do tempo. O radicalismo pode causar divisões e conflitos desnecessários, que podem ser evitados com um pouco de tolerância e diálogo.

O tema da liturgia é muito interessante, uma prática que aponta para o lado solene e reverente da adoração, num tempo em que há quem faça do culto, sempre uma cerimônia festiva. Estariam errados? Não seria também um aspecto precioso

da adoração, expressão da alegria da salvação? Conciliar diferentes aspectos pode ser trabalhoso e não se deve radicalizar. Ocorre que, pela liberdade de adorar com alegria, há quem faça o culto, como uma reunião informal que pode perder o sentido de adoração. Esse é um risco que se corre quanto se pensa mais em agradar às pessoas que ao próprio Deus.

Essa é uma preocupação que deve-se ter em mente, pois é uma época de muita ênfase no indivíduo, de atenção à pessoa que vem “assistir” ao culto, no desejo de agregar mais fiéis. Quando isso acontece nas igrejas, as músicas são escolhidas para animar a congregação, a pregação se torna em discurso de autoajuda ou promessas de vitória e bênção, o encontro se torna mais social que espiritual, portanto, deixando de ser culto de adoração. Afinal, a quem se deseja adorar e agradar, a Deus ou às pessoas? Tudo bem que a igreja tem um papel curador, terapêutico, que a comunidade deve ser acolhedora e as relações sejam saudáveis, com prática sincera do amor cristão, mas, culto é para Deus e precisa de liturgia, reverência e devoção.

Quando se pensa em liturgia, a referência inicial são as práticas de holocausto do Velho Testamento,³ além de todo o cerimonial que o povo de Israel praticava como serviço ao Senhor. O próprio Deus estabeleceu os padrões e os detalhes dos sacrifícios, com as exigências para que fossem aceitos. No entanto, Deus não queria sacrifícios como uma coisa teatral, formal e apenas cumprimento da lei, desejava que entendessem o significado e o porquê de toda aquela liturgia, e que nada daquilo teria valor algum se o povo de Israel não vivesse no seu dia a dia, de modo agradável a Ele. O povo precisava “Ser o que se Celebra!”

O que faltava ao povo de Israel era uma continuidade da experiência religiosa de uma geração para outra. Se acontecia um grande avivamento num determinado tempo, a religião se tornava viva e real com quebrantamento e confissão de pecados, com grande valorização do templo. Todavia, muitas vezes a história registra a geração seguinte se afastando do Senhor, aceitando práticas idólatras de povos vizinhos, relaxando da obediência e decepcionando visivelmente. Interessante, que mesmo assim, continuavam com os sacrifícios, seguindo a tradição, mesmo sem ter o coração naquilo, como uma formalidade, cumprindo a lei como obrigação.

Houve várias situações quando Deus mostrou insatisfação com o povo, com as quais podemos aprender a não errar como eles erraram. Na verdade, parece que

³ SANTANA, L.F.R., Liturgia no espírito, p. 45.

eles não entenderam o aque o Senhor esperava como adoração da parte deles, como vemos em Jeremias:

Porque nunca falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios. Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à *minha* voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; e andai em todo o caminho que eu os mandar, para que vos vá bem. Mas não ouviram, nem inclinaram os seus ouvidos, mas andaram nos seus próprios conselhos, no propósito do seu coração malvado; e andaram para trás, e não para diante.⁴

Deus não queria sacrifícios por sacrifícios, mas sacrifícios como sinal de obediência, como fruto de corações inclinados a andar nos Seus caminhos. O valor dos sacrifícios estaria no motivo, na intenção dos mesmos, no sentimento que os levaria a apresenta-los como adoração, e não pelo seu valor puramente material. A insatisfação de Deus chegou ao aborrecimento e a provocar até Sua ira, pois se tornara uma liturgia de eventos e não correspondia à vida real do povo. Sem um coração inteiramente obediente não se agrada ao Senhor.

Jesus teve muitos problemas com os judeus, quando realizou seu ministério terreno, justamente porque os escribas e fariseus eram extremamente zelosos das cerimônias de sua religião. A lei cerimonial, que regia o ritual litúrgico da adoração se tornara rígida demais e perdera seu significado para a formalidade, mas Jesus queria fazê-los perceber o que era mais importante. Questões como a guarda do sábado, lavar as mãos antes das refeições, fazer orações em público se tornaram tão importantes para eles que nem percebiam que estavam fora de foco.

Um exemplo disso, foi um jovem que declarou a Jesus que guardava os mandamentos desde a sua meninice, mas, quando Jesus o mandou vender tudo e distribuir aos pobres, saiu triste, porque tinha muitos bens. A prática não correspondia à sua declaração de fé. Como no tempo de Isaias: celebravam uma coisa e praticavam outra.

As igrejas cristãs da Galácia tiveram algumas dificuldades com os novos cristãos oriundos do judaísmo⁵, mas logo se adaptaram ao ensino de Jesus e se tornaram uma comunidade intensa na vida cristã, causando um impacto social tremendo, e o número dos fiéis se multiplicava a cada dia. De cerca de cento e vinte fiéis reunidos no dia de pentecostes, logo passaram a mais de três mil⁶, depois se

⁴ Jeremias 7,22-24.

⁵ STERN, D H. Comentario judaico do novo testamento, p. 586.

⁶ Atos 1, 15; 2, 41.

converteram quase cinco mil⁷ e a cada dia a igreja crescia surpreendentemente.

Não há registro das cerimônias litúrgicas, não há um roteiro usado por eles na adoração, mas há o testemunho de vidas consagradas e obedientes e o reflexo direto sobre a comunidade ao redor. A igreja cristã de Jerusalém que é nossa referência, havia entendido o que significa “Ser o que se celebra!”

As igrejas batistas pretendem ter uma prática contextualizada, serem igrejas no seu tempo, que acompanham a evolução social sem comprometer o que consideram essencial. No entanto, esta é uma tarefa delicada, considerando que a nova geração que se forma a cada período, recebe influências muito fortes de seu ambiente social e muitas vezes traz para o contexto eclesial, novidades e comportamentos que colocam em risco a identidade da congregação, sem nenhum comprometimento com tradição histórica.

A liderança, pastores e ministros que se levantam a cada geração, trazem uma visão inovadora que surpreende os mais conservadores e provoca o surgimento de uma nova face da igreja. Não haveria nada de errado ou de mal nisso, se não fosse algumas atitudes que desviam o foco do que é essencial e desfiguram a identidade tradicional da igreja. Essa é a preocupação desse pesquisador.

Ser o que se celebra, é o ideal, ser igreja autêntica que adore a Deus em Espírito e em verdade. Uma igreja reconhecida pela comunidade como genuína agência do Reino de Deus, confiável e de testemunho inegável. Uma igreja relevante para a comunidade, acolhedora e curativa para seus adeptos, e acima de tudo, uma igreja com uma prática litúrgica solene, reverente e coerente com a Palavra de Deus, onde temos os princípios estabelecidos por Ele mesmo para uma adoração aceitável. “Ser o que se Celebra” dará à igreja um real significado de sua existência como nação santa, povo adquirido para anunciar as grandezas de Deus ao mundo. A questão que se tenta responder neste trabalho é se as igrejas batistas pode ser, neste século XXI, igrejas cristãs que se identifiquem proximamente com a primeira igreja cristã em Jerusalém.

Podem ser citados como referencial teórico uma gama de trabalhos já produzidos acerca do tema, porém não especificamente. A Tese de Doutorado do Dr Elildes Fonseca foi uma referência por acerca do culto das igrejas batistas, assim como a Tese de Doutorado do Dr Valdir Stefanini, cuja ênfase foi o surgimento de

⁷ Atos 4, 4.

uma igreja batista e seu contexto. Também pode ser considerado como referencial o livro “Liturgia no Espírito” do Dr Luiz Fernando Ribeiro Santana. No entanto esta tese se propõe a ser basicamente bíblica, referência esta considerada essencial.

O primeiro capítulo é a introdução do trabalho e sua contextualização. O segundo capítulo traz um retrato das igrejas batistas e sua trajetória desde sua origem e sua passagem pela história, suas dificuldades até a realidade que vive no século XXI. No terceiro capítulo a ênfase é na Liturgia, desde o início no Velho Testamento até o Concílio Ecumênico Vaticano II. O quarto capítulo tem um sentido mais prático, na busca por uma relação significativa entre igreja e culto. Considerando o contexto das igrejas cristãs, os questionamentos e as tentativas de se encontrar a melhor forma de ser igreja verdadeiramente cristã no século XXI. Conclui-se este trabalho com a afirmação que resume a proposta inicial de que o ideal quanto à prática da Liturgia para as igrejas batistas é “Ser o que se celebra”!

2

Como a liturgia das Igrejas Batistas evoluiu no decorrer da sua história

Inicialmente se buscará entender como são as igrejas batistas. É uma denominação que se caracteriza pelos princípios de liberdade religiosa, governo democrático, estrutura congregacional, ação cooperativa, visão missionária, fidelidade bíblica, padrão doutrinário e responsabilidade social. As igrejas batistas são autônomas e locais. Relacionam-se umas com as outras de mesma fé e ordem por laços fraternais. Creem na conversão pessoal de cada crente a Jesus Cristo, no exercício de sua responsabilidade individual e na aceitação por batismo de imersão e mediante confissão da sua fé em Jesus Cristo como salvador pessoal. Portanto, não aceitam nem reconhecem batismo por aspersão ou infantil.

Jeziel Guerreiro Martins assim a define:

A igreja local é uma comunidade de pessoas que pela fé e obediência estão unidas a Cristo, e, organizadas, promovem o Seu reino. Igreja local é uma congregação composta de pessoas professas em Jesus Cristo, regeneradas e batizadas que, voluntariamente se renem sob as leis do evangelho de Cristo, procurando estender o Reino de Deus não só em suas vidas, mas nas de outros, através da adoração a Deus, comunhão, serviço, evangelização e edificação própria.⁸

Definir uma igreja batista do ponto de vista doutrinário ou pela forma de culto não é uma tarefa fácil. Há uma variedade de batistas no Brasil que se agregam em várias convenções diferentes, algumas delas com influência pentecostal, outras, mais fundamentalistas, porém, sem abrir mão da identidade dos “Princípios Batistas”. Pode ocorrer, por exemplo, que, um “batista tradicional”⁹ em viagem, resolva visitar uma igreja e seja surpreendido participando de um culto de estilo mais parecido com Assembleia de Deus. Ao perguntar em que igreja se está, alguém lhe dirá com certeza: “você está numa igreja batista!” É claro que esta é uma dificuldade para os que não conhecem a estrutura denominacional e suas diferenças, ficando confuso com algumas doutrinas conflitantes e episódios extáticos.¹⁰

As igrejas batistas são consideradas igrejas evangélicas,¹¹ protestantes e

⁸ MARTINS, J.,G., Manual do pastor e da igreja, p. 7.

⁹ Batista tradicional é aquele que ensaja conservar práticas e doutrinas que considera tradicionais e inegociáveis.

¹⁰ NUNES, J.; As manifestações pentecostais nas Igrejas Batistas, p. 11-14.

¹¹ Evangélico é o termo usado em substituição ao termo protestante para identificar igrejas cristãs

históricas¹². Tem sua história marcada por perseguições e desventuras sociais que, em muitos momentos, obrigaram seus fiéis à emigração forçada.¹³ Não existe grupo que seja considerado oficialmente batista. Há muitos grupos que se veem sob o guarda-chuvas daquela teologia e organização denominada batista. A comunhão dos batistas se manifesta especialmente nas assembleias convencionais, congressos e intercâmbios entre as igrejas para troca de experiências e aproximação.

Vale lembrar que, mesmo que essas “denominações batistas” defendam doutrinas ou costumes diferentes, salvo algumas exceções, todas são aceitas e arroladas na Aliança Batista Mundial, da qual se fará menção adiante. Parece que apenas o nome de batistas já é em si mesmo um fator de união e aproximação, quando se valoriza os “Princípios Batistas”¹⁴ como uma marca da qual não se abre mão. Talvez as diferenças doutrinárias sejam fruto do exercício da liberdade de consciência, um valor para os batistas.

As igrejas batistas, cuja origem histórica comprovável foi no início do século XVII, surgiram por uma atitude de aparente zelo de seus fundadores e sempre aspiraram ser réplicas da igreja cristã de Jerusalém. Aquela igreja parecia mesmo uma igreja batista, pois tinha diáconos, fazia assembleias, nomeava comissões e batizava os novos convertidos, que são práticas comuns aos batistas de hoje. No entanto, sabe-se que seria difícil até mesmo comparar a igreja batista dos dias atuais, até mesmo com aquela igreja batista que foi organizada na Inglaterra em 1611, seria possível comparar com aquela que seria considerada pelos defensores da Teoria JJJ, como a “Primeira Igreja Batista de Jerusalém”?

A cultura da época da igreja primitiva era muitíssima diferente e os costumes e práticas naquele contexto não podem ser analisadas do ponto de vista da atualidade. Individualismo e liberdade de consciência se tornaram a base da ideologia batista. Os princípios batistas são o ponto de referência, ainda que as práticas possam evoluir de acordo as mudanças culturais inevitáveis e amplas. Os princípios batistas, como defendidos pela CBB, são a principal marca desse grupo desde o início, estão acima das doutrinas e são conservados mesmo pelos grupos dissidentes doutrinariamente, que criaram denominações batistas, que não a CBB.

não católicas.

¹² Igrejas históricas são aquelas cuja história foi consolidada conservando seu perfil doutrinário através de longos períodos.

¹³ DUBOIS, C., João bunyan, ensaio biográfico, p. 27.

¹⁴ CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA.; Princípios batistas, 21.

Também não se deixe de considerar que os caminhos, tendências e desenvolvimento da igreja cristã através dos séculos, foi de muitas variações e mudanças, que muitas vezes provocaram questionamentos, críticas e até divisões. Assim, seria tendencioso afirmar que a atual Igreja Católica Apostólica Romana, pretensamente herdeira da igreja cristã primitiva, permanece fiel ao que se praticava no primeiro século, para ser vista como referência para os batistas e demais grupos cristãos. Do mesmo modo é tendencioso e presunçoso que os batistas ou outra denominação queiram se colocar na posição de criticar e combater a Igreja Católica por defender a sua convicção.

É claro que os tempos são outros, a realidade cultural e social não pode ser comparada ao que era cerca de dois mil anos atrás. A igreja cristã sobreviveu inúmeras e frustradas tentativas de extinção, o que pode ser considerado um testemunho inegável de sua veracidade. Um dia, Gamaliel falou diante do sinédrio que, se essa igreja fosse verdadeira, eles não deveriam combatê-la para não se acharem combatendo contra o próprio Deus.¹⁵ Desde o registro da morte de Estêvão, quando se desencadeou uma grande perseguição, que as tentativas de destruição da igreja cristã sempre resultaram em crescimento e expansão de suas comunidades. As igrejas perseguidas nos países anticristãos ainda hoje crescem surpreendentemente.

2.1. A origem dos batistas

Geralmente se considera os batistas como igreja protestante. Estes poderiam perfeitamente se enquadrar neste grupo, considerando as posições que sempre Essa não é uma posição academicamente sustentável, nem a versão mais aceita pelos historiadores contemporâneos.

defenderam em oposição clara à Igreja Romana e à Tradição Oral, fatos que influenciaram diretamente na sua Liturgia e prática cultural. Há também quem considere que os batistas sempre existiram paralelamente à igreja cristã histórica, mais adiante reconhecida como Igreja Católica Apostólica Romana, sem, no entanto, ter identidade, estrutura ou pretensão de ser denominação, por exemplo, Reis Pereira, uma posição rejeitada pelos historiadores contemporâneos:

Os discípulos de Jesus Cristo que a partir do século XVI e XVII passaram a ser conhecidos como Batistas tem as mesmas doutrinas e práticas das igrejas cristãs do primeiro século de nossa era. Mais ainda: as Igrejas Batistas de hoje podem resistir

¹⁵ PEREIRA, G. L., Direções para a espiritualidade ecumênica, p. 283.

a uma comparação com as igrejas cristãs do primeiro século. Acrescente-se que através destes vinte séculos de História do Cristianismo muitos discípulos de Jesus mantiveram sua identificação com o cristianismo neotestamentário, não tinham o nome de Batistas, mas, pela comparação, se pode verificar um estreito parentesco entre eles e os batistas de hoje. Por isso dissemos que o nome não nos deveria perturbar.¹⁶

Estudar sobre a origem das igrejas batistas aremete o pesquisador ao passado, às primeiras proposições desse grupo com um perfil singular que se diferencia dos demais grupos denominacionais por princípios e doutrinas, não obstante conservar sua identificação com aquilo que considera essencial ao cristianismo, ou seja, Cristo no centro de sua história e razão de ser de uma igreja cristã.

2.1.1. Teorias Acerca Da Origem dos Batistas

Há varias teorias acerca do surgimento dos batistas. Uns defendem que os batistas surgiram com João Batista, outros acreditam que os batistas vieram dos anabatistas ou de alguns grupos europeus que defendiam as mesmas ideias que caracterizam esta denominação. Naturalmente que faz bem à vaidade dos batistas acreditar que esta igreja tem uma identificação forte com a igreja primitiva conservando os valores e princípios da mesma. E ocasiões diferentes, algumas dessas teorias prevaleceram temporariamente e foram ensinadas como verdadeiras, dependendo da visão dos líderes ocasionais. Contudo, a seriedade e a transparência com que esta igreja trata sua história, reconhece apenas uma delas.

Neste trabalho, serão destacadas três teorias mais conhecidas quanto à origem da igreja batista.

2.1.1.1. Teoria JJJ – Jerusalém, Jordão, João Batista

Uma das três teorias é a Teoria JJJ: Jerusalém, Jordão, João Batista. Defende que a origem da igreja batista foi com João Batista batizando no Rio Jordão em Jerusalém. Thomas Crosby, no século XVIII,¹⁷ elaborou esta teoria para demonstrar uma ligação direta dos batistas com os cristãos da igreja primitiva. Em 1855, o

¹⁶ PEREIRA, J. R., Breve história dos batistas, p. 9.

¹⁷ PINHEIRO J. S. M., Os Batistas, controvérsias e vocação para a intolerância, p. 14.

historiador G.H. Orchard publicou “Uma história concisa dos batistas estrangeiros”; nesta mesma linha, em 1868, J. M. Cramp publicou “Uma História Batista: desde os princípios até o fim do Século XVIII”. Em 1922, o professor do Seminário Batista de New Orleans, John T. Cristian escreveu “Uma História dos Batistas” que também defendia a mesma teoria. Assim era ensinado nos seminários.¹⁸

Outro defensor desta teoria, e que teve grande destaque foi J.M. Carrol, que publicou em 1931, o livro “O Rasto de Sangue”, apresentado como a única verdade aceitável acerca da origem dos batistas. Uma história apaixonante e romântica narrada especialmente para provar que ela existe desde os tempos de João Batista. Neste livro pode-se ler sobre uma verdadeira epopeia de fé deste povo, identificado, ora com os anabatistas, ora com os huguenotes. Um verdadeiro romance, de leitura muito interessante, porém, sem tanta preocupação com evidências e correlações históricas, o que pesou mais tarde na avaliação da pretensão do autor.

Carrol, defende que a Igreja de Jerusalém foi o primeiro modelo de Igreja Batista e traça uma linha histórica desta igreja até os dias atuais. Aquela igreja fazia assembleias democráticas, tinha diáconos, batizava os novos convertidos, pregava a conversão pelo arrependimento, enviava missionários, e encontramos na bíblia, que Jesus cantou um hino com seus discípulos depois da ceia e foi para um culto de oração. Segundo essa teoria, estas seriam algumas práticas que caracterizam os batistas atualmente.

O nome Batista é um apelido e lhes foi dado pelos seus inimigos (se é que não fora dado legitimamente pelo próprio salvador, quando Ele se referiu a João como ‘o batista’. Ele se ajustou perfeitamente. Este foi o nome distintivo do precursor de Cristo, o primeiro a ensinar a doutrina que os batistas agora mantêm.¹⁹

De acordo com esta história, os batistas são um povo remanescente dos primeiros cristãos, que sofreram inúmeras perseguições no decorrer dos séculos sem nunca desanimar. Teriam sido bombardeados por ataques e calúnias, rejeitados pela Igreja Católica e também por outros grupos de cristãos, sendo muitos forçados a migrar para a América por uma questão de sobrevivência. O número de mortos em tantas perseguições religiosas chegaria a cinquenta milhões de fiéis e o autor chegou a traçar um mapa da história dessa igreja através dos séculos, pontilhando os momentos históricos de maior mortandade. Na América ocorreu então, um

¹⁸ PEREIRA, J. R., Breve história dos batistas, p. 8.

¹⁹ CARROLL, J. M., O Rasto de sangue, p. 10.

grande crescimento e expansão desta igreja, que se consolidou como uma das maiores denominações evangélicas do mundo.

Esta teoria foi apresentada aos batistas brasileiros pelos missionários americanos, no início do século XX, como sendo a única aceitável e foi ensinada nos seminários e igrejas por décadas, tendo como base o livro de J. M. Carrol, visto que esta era a posição defendida pelos batistas do Sul dos Estados Unidos, de onde vinham a maioria dos missionários para o Brasil. Salomão Ginsburg, um dos primeiros pastores batistas do Brasil escreveu um panfleto acerca da origem dos batistas onde afirma:

Ora, se Jesus foi batizado por pregador baptista e os pregadores da Igreja do Novo Testamento também foram batizados por pregadores baptistas, não é razoável, lógico, e de acordo com as Escrituras, afirmar que a Igreja no Novo Testamento, a Igreja de Jesus, foi Igreja Baptista?²⁰

Dr. Crabtree, um dos mais influentes missionários americanos que trabalhou no Brasil, sendo um professor do Seminário do Sul no século XX, afirmava nas suas aulas e em seus escritos que as igrejas apostólicas eram genuinamente batistas.²¹ Não obstante ser uma teoria muito admirada e detalhada, carece de confirmação por fatos históricos reais e reconhecidos por pesquisadores.

Tornou-se uma teoria insustentável historicamente, ainda que haja muitos defensores da mesma, apesar do questionamento. O livro de Carrol é reverenciado por muitos como verdadeira inspiração e devoção à fé batista.

Colaborando com esta teoria há os que defendem que esta igreja teria nascido logo no início do cristianismo, e não necessariamente com João Batista, e que os primeiros batistas foram os próprios apóstolos. Segundo Orchard, pastor inglês que escreveu uma história dos batistas²², estes existem desde o Pentecostes, e teria ocorrido uma sucessão apostólica desde então, o que daria credibilidade à crença de que esta é a verdadeira, a primeira igreja cristã.²³

²⁰ GINSBURG, S. L., Quem são os batistas?, p. 4-5.

²¹ CRABTREE, A. R., História dos batistas do brasil, p. 6.

²² PINHEIRO J. S. M., Os batistas, controvérsias e vocação para a intolerância, p. 15.

²³ PINHEIRO J. S. M., Os batistas, controvérsias e vocação para a intolerância, p. 15

2.1.1.2. Teoria Do Parentesco Espiritual Com Os Anabatistas

Uma segunda teoria defende a ideia do parentesco espiritual dos batistas com os Anabatistas. Surgiu no século XIX, apresentada por David Benedict, pastor e historiador americano, em 1848. Os defensores desta teoria falam de uma “Descendência Espiritual” de alguns anabatistas, no entanto não existiu uma continuidade histórica entre os dois grupos. Em 1884, Richard Cook publicou um livro intitulado “História dos Batistas em Todos os Tempos e Países”, no qual defendia esta ideia, e também o respeitado historiador Albert Henry, em 1987, que escreveu “História do Antipedobatismo”. Outro que concordava com essa teoria era o pastor Walter Rauschenbusch, conhecido como iniciador do Cristianismo Social.²⁴

Os que defendem esta teoria argumentam uma continuidade espiritual, pois uma das raízes dos Anabatistas foi o combate a tradição religiosa existente na época da Reforma, pensamento este próprio dos batistas.

Os anabatistas insistiam logicamente que aqueles que tinham sido batizados na infância, deviam ser batizados devidamente na forma própria, quando mais tarde na vida fizessem uma aceitável profissão de fé. Este fato era tido como rebatismo, e por isso lhes chamavam anabatistas.²⁵

O tema da separação Igreja-Estado, talvez seja uma das questões mais fortes na defesa desta teoria. Assim como os anabatistas, os batistas sempre lutaram por isso, o que muitas vezes chegou mesmo a influenciar a constituição de alguns países²⁶. No entanto, os batistas não concordaram com os anabatistas quanto à doutrina do sono da alma e da necessidade da sucessão apostólica para ministração do batismo. Os anabatistas tinham verdadeira aversão pelos juramentos e pelos cargos públicos e também defendiam o pacifismo.

Os anabatistas praticamente desapareceram na história depois da Reforma, dando origem aos Menonitas, dos quais os batistas se diferenciam em muitos pontos. O que alimenta esta teoria é o fato de John Smith, ter deixado a Inglaterra indo para a Holanda após ser influenciado pelos Menonitas. É uma teoria que, assim como a Teoria JJJ, carece de documentos que provem sua linha histórica, o que fez

²⁴ PEREIRA, J. R., Breve história dos batistas, p. 8.

²⁵ PINHEIRO J. S. M., Os Batistas, controvérsias e vocação para a intolerância, p. 19.

²⁶ BEZERRA, B.C., Interpretação panorâmica dos batistas, p. 43

com que muitos estudiosos também a rejeitassem.

2.1.1.3.

Teoria Da Origem Dos Batistas Nos Separatistas Ingleses Do Século XVII

A terceira teoria sobre a origem dos batistas é a que afirma que estes tiveram origem no separatismo inglês, que não aceitava a política e as práticas da Igreja Anglicana. O Pastor anglicano John Smyth, após contato com os menonitas²⁷, começou a questionar a forma de batismo e, estudando a bíblia, chegou à conclusão que deveria ser batizado com consciência. Batizou-se a si mesmo e depois batizou os demais de seu grupo: dava-se início à primeira igreja batista da história.²⁸

Das três teorias, esta é a que tem possibilidade de ser provada historicamente. Segundo esta teoria, os batistas são, de fato, um desdobramento do movimento separatista inglês, no início do século XVII. Os Separatistas eram um grupo que discordava da Igreja Anglicana e defendia igrejas descentralizadas e separadas do estado, como são as igrejas batistas atuais.

O pastor John Smyth e o advogado Thomas Helwys lideraram um grupo de trinta e seis dissidentes separatistas que, por questionar algumas doutrinas da Igreja Anglicana, foram perseguidos e fugiram para a Holanda. Em 1608 fundaram em Amsterdam a primeira igreja com doutrinas batistas, reconhecida historicamente.²⁹

Quando John Smyth faleceu, Thomas Helwys decidiu voltar à Inglaterra com alguns de seus seguidores e aquela igreja se desfez. Alguns de seus membros se uniram aos menonitas, que já eram uma forte influência desde o início. Thomas Helwys, com os remanescentes, organizou a Igreja Batista em Spitalfields, nos arredores de Londres em 1612. Esta é considerada a primeira igreja batista em território inglês.³⁰

O teólogo Augustus Hopkins Strong foi um defensor desta teoria. Em 1907, o professor Henry C. Vedder publicou “Breve História dos Batistas” na qual afirma que, depois de 1610 temos uma sucessão ininterrupta de igrejas batistas estabelecidas com provas documentais indubitáveis. Charles Spurgeon, que viveu

²⁷ Menonitas eram os anabatistas seguidores de Menon Simon.

²⁸ PEREIRA, J. R., Breve história dos batistas, p. 79

²⁹ DUBOIS, C., João bunyan, ensaio biográfico, p. 25

³⁰ DUBOIS, C., João bunyan, Ensaio Biográfico, p. 25.

no século XIX e conhecido como o “Príncipe dos pregadores” era um dos principais defensores desta teoria, suas pregações atraíam multidões ao “Tabernáculo de Spurgeon”. Seus escritos são muito apreciados ainda hoje, uma verdadeira referência para os batistas. Em 1950, um respeitado historiador batista chamado Robert G. Torbet, ex-presidente da Convenção Batista Americana, escreveu “História dos Batistas” no qual argumenta da veracidade desta linha histórica dos batistas.³¹

Esta teoria utiliza documentação e não permite manipulação da história para se defender nenhuma ideologia, qualquer que seja. Quando, em 1620, chegava à América do Norte a primeira leva de imigrantes ingleses, muitos deles eram batistas que escolheram o exílio para fugir das perseguições.³² Esse foi um marco muito importante na progressão desta igreja, que no novo continente, com o processo de colonização encontrou solo fértil para se expandir. O ambiente novo, sem as raízes familiares da Europa, era propício à criação e fortalecimento de novos laços sociais, especialmente para se achar conforto e esperança de um futuro melhor, o que a experiência religiosa poderia oferecer.

As três teorias são consideradas como importantes para os batistas. Não obstante a teoria JJJ, bem como a teoria da descendência espiritual dos anabatistas serem ambas improváveis documentalmente, há alguns elementos nelas que ajudam a identificar quem são os batistas. A teoria JJJ é uma inspiração para a igreja que aspira se identificar com a igreja cristã primitiva, suas doutrinas e características originais. A identificação com os anabatistas se dá principalmente no aspecto do rebatismo e antipedobatismo, sem, no entanto, compartilhar suas doutrinas radicais. Por fim, é reconhecida historicamente a origem dos batistas com os separatistas ingleses do século XVII, cujas características foram desenvolvidas através dos séculos, porém conservando seu perfil naquilo que é essencial.³³

2.1.2. Influências Recebidas

Ao se estudar sobre a história dos batistas e sua origem, faz sentido uma busca quanto às influências que contribuíram na formação da identidade deste povo.

³¹ PEREIRA J.R. Breve história dos batistas, p. 8.

³² DUBOIS, C., João bunyan, ensaio biográfico, p. 27.

³³ PEREIRA J.R. Breve história dos batistas, p. 8.

Certamente que o humanismo era a influência mais forte na época, em todas as áreas, inclusive a área religiosa, com ideias questionadoras e filosóficas como uma verdadeira tendência social e cultural. Daí os batistas serem considerados como muito individualistas. Pode se perceber três ideologias que influenciaram direta e profundamente a gênese do pensamento batista: o Puritanismo, o Fundamentalismo e o Landmarquismo.³⁴

2.1.2.1. A influência do Puritanismo

A Revolução Puritana foi um movimento que ocorreu na Inglaterra no século XVII³⁵. Este movimento calvinista rejeitava tanto a Igreja Romana, com sua liturgia, assim como o ritualismo e organização episcopal na Igreja Anglicana. Tinha a pretensão de purificar a Igreja Anglicana, retirando-lhe os resíduos do catolicismo, para tornar sua liturgia mais próxima do calvinismo. Defendia a doutrina da predestinação, baseada na soberania de Deus, que se tornou mais tarde ponto de grande polêmica, com a discordância dos que defendem a universalidade do evangelho.

A predestinação, uma das doutrinas calvinistas, é uma doutrina exclusivista, que entende a eleição como prerrogativa de Deus em escolher uns para serem salvos, os eleitos, enquanto rejeita outros para a condenação.³⁶ A pregação convidativa e obra missionária tem, nesta perspectiva, o propósito único de despertar os eleitos para atender ao chamado de Deus. Seria inútil qualquer forma de conversão dos que não foram eleitos.

Talvez esse fosse o ponto que tenha impedido uma influência de maior contundência desta ideologia entre os batistas, pois os mesmos desenvolveram posteriormente uma visão missionária, crendo na universalidade do evangelho e que a salvação em Cristo é para “todo aquele que crê”, de acordo como evangelho de São João, no capítulo três, verso dezesseis. As igrejas batistas são fruto desta visão missionária no século XIX. No entanto, para os batistas, crer na universalidade do evangelho não significa aceitar a teologia do universalismo, que defende que todos os homens estão destinados à salvação eterna, em virtude da bondade de Deus.

³⁴ PINHEIRO J. S. M., Os Batistas, Controvérsias e Vocação para a Intolerância, p. 13

³⁵ PINHEIRO J. S. M., Os Batistas, Controvérsias e Vocação para a Intolerância, p. 15

³⁶ AGOSTINHO, A Predestinação dos Santos, VI. P. 11

No início do século XX, o puritanismo se tornou a principal tradição religiosa dos Estados Unidos da América³⁷, enfatizando a pureza e integridade do indivíduo, igreja e sociedade. Buscava a purificação da igreja, chegando a descartar inclusive, elementos arquitetônicos, litúrgicos e cerimoniais, a maioria deles oriundos da tradição oral, conflitantes com a simplicidade e “puramente” bíblica. Uma grande influência desta ideologia é notada na rigidez da disciplina das igrejas batistas até o século XXI, além do dualismo que distanciou os batistas dos católicos de forma bastante polarizada.

No Brasil é grande o número de “católicos nominais”, pessoas sem nenhum compromisso com a igreja, mas que se automeiam católicos por uma tradição familiar ou porque um dia foram “batizados na igreja”. Seria justamente para se evitar que isso viesse acontecer também com os batistas, que a igreja primou tanto pela disciplina, pela qual, as pessoas que não atendessem à orientação e exortação da igreja, feita por comissão designada, seriam excluídas do rol de membros. Se esta prática, por um lado tenha ajudado a preservar o bom nome da igreja diante da sociedade, por outro lado deixou muito prejuízo.

O puritanismo exerce uma influência fundamental na doutrina batista, principalmente no que se refere à doutrina da disciplina. Pode-se dizer que o puritanismo foi mais um modo de ser da vida religiosa que se foi ajustando, nem sempre passivamente, às várias correntes de pensamento que vão desembocar na América e se prolongar pela história do protestantismo naquele país e pela sua área de influência missionária (leia-se no nosso caso específico, Brasil).³⁸

A intolerância e o radicalismo em algumas congregações, deixou muitos feridos pela estrada, pois a preocupação em provar para a sociedade que a igreja corrige o errado, se tornou mais importante que o ideal de a igreja mostrar que é capaz de amar os caídos e enfraquecidos na fé. Pecados como o adultério sempre eram sinônimo de exclusão indiscutível, por razões de provocar escândalo diante de uma sociedade, que também é intolerante com questões morais relativas a sexo, ainda que seja bastante tolerante com assuntos como corrupção e desonestidade.

³⁷ PINHEIRO J. S. M., Os Batistas, Controvérsias e Vocação para a Intolerância, p. 16

³⁸ MENDONÇA, A. G., A inserção do Protestantismo no Brasil, p. 42.

2.1.2.2. A Influência do Fundamentalismo

Este movimento religioso conservador, nasceu entre os protestantes dos EUA o início do século XX e enfatiza a interpretação literal da Bíblia como fundamental à vida e à doutrina cristã. Era uma reação ao grande crescimento do liberalismo, que estava ganhando força no início do século XX, quando crenças fundamentais do cristianismo estariam sendo negadas, inclusive por pessoas que se diziam cristãs!

O fundamentalismo surgiu como um movimento protestante para reafirmar os fundamentos da fé cristã.³⁹ Um dos pontos mais importantes para o fundamentalismo é a inerrância da Bíblia, que fortaleceu a doutrina batista de ter a Bíblia como única regra de fé e prática, somada e alinhada à posição da Reforma: “*Sola Scriptura*”. Segundo esse movimento, a Bíblia é a única autoridade quando se trata de ensino, doutrina e prática. Os batistas creem que a Bíblia não se contradiz e o Velho Testamento tem seu cumprimento no Novo Testamento.

O radicalismo do fundamentalismo perdeu espaço entre os batistas, quando os seminários que formam pastores, passaram a valorizar a Hermenêutica Bíblica na interpretação das Escrituras. Há alguns aspectos muito relevantes no estudo da Bíblia que não podem ser descartados em nome de um biblicismo exacerbado e literal. Questões como contexto, cultura e linguagem podem ser determinantes na compreensão da mensagem. A teologia bíblica provoca uma reflexão sempre profunda, que pode trazer maturidade e equilíbrio nas conclusões e posições da igreja quando ao que é essencial. Teologia é a maneira de falar sobre Deus.

Atualmente ainda correm embates entre fundamentalistas e neoliberais⁴⁰ os bastidores do ambiente teológico batista. Tais posições se manifestam nos púlpitos através das pregações que revelam a linha de pensamento dos pregadores/as, reproduzindo na vida dos fiéis comportamentos e práticas.

³⁹ O termo fundamentalismo surgiu na igreja norte-americana no início do século XX, como uma tentativa de reverter por meio da tolerância, alguns efeitos negativos fragmentadores do protestantismo.

⁴⁰ Neoliberais são os atuais defensores de antigas ideias liberais, porém sem enfrentamento aos opositores.

2.1.2.3. A Influência do Landmarquismo

Este termo é extraído da publicação de um panfleto de James M. Pendleton: *An Old Landmark Re-Set* (“Um Antigo Marco Divisório Recolocado”), uma alusão a Provérbios 22,28: “*Não removas os antigos limites que teus pais fizeram*”. O sistema de igreja congregacional é uma grande influência do Landmarquismo na tradição batista.⁴¹ Algumas posições do Landmarquismo soam bastante radicais, como, por exemplo, considerar que o batismo só é válido quando realizado por uma igreja batista local corretamente constituída.

Por muito tempo as igrejas batistas defenderam estas ideias, como é o caso da Ceia do Senhor. Inicialmente era só para os membros da igreja local. Algum tempo depois, considerou-se que a ceia deveria ser ministrada para membros da congregação local e também membros de outras igrejas de mesma fé e ordem.⁴² No final do século XX, esta prática passou a ser deixada de lado e a maioria das igrejas batistas já aceitam que outros evangélicos, batizados por imersão e em comunhão com suas respectivas igrejas também participem. Ainda não chegou o tempo de se aceitar a participação de católico. Talvez isso se deva ao fato de haver inúmeros “católicos nominais”, os quais nem mesmo se mostram ser religiosos. É possível que esse tempo chegue em breve.

A ênfase na igreja local como autônoma vem da compreensão de que as cartas de Paulo eram destinadas exclusivamente a igrejas locais. Cartas à igreja de Roma, de Corinto, de Éfeso e todas as demais parecem reconhecer as características e perfil de cada uma de maneira distinta, dando a impressão de que eram independentes umas das outras, pois são endereçadas na apresentação inicial que o Apóstolo Paulo faz. Os batistas não abrem mão desta característica, mas, também mantém uma visão de cooperação denominacional muito consistente desde o início, especialmente no que diz respeito à participação na obra missionária coordenada pela convenção e sustentada pelas igrejas. A Convenção Batista Brasileira tem hoje, milhares de missionários no território brasileiro e espalhados nos cinco continentes, inclusive nos países fechados, onde há grande risco para missionários cristãos.

No início dos trabalhos batistas nos Estados Unidos, e também nos Brasil,

⁴¹ PINHEIRO J.; SANTOS, M., Os batistas, controvérsias e vocação para a intolerância, p. 45.

⁴² SOUZA, M.A., O pastor, p. 96

onde estes implantaram a obra missionária, se defendia a ideia landmarquista de uma “linhagem” batista histórica que poderia ser traçada desde os tempos de João Batista: Sucessão Apostólica, a teoria JJJ. Isso era o que se ensinava nos seminários no início do século XX, porém um mínimo de senso crítico foi suficiente para se descartar esse pensamento, pois até uma ideia apaixonante precisa de confirmação histórica para ter credibilidade, o que não aconteceu com esta teoria.

O Landmarquismo influenciou também os batistas para uma visão exclusivista e independente de outros grupos⁴³. Se, os batistas não são protestantes, não devem aceitar ordenanças de outros grupos evangélicos. Por muito tempo, não reconheciam o batismo de outras denominações, mesmo que por imersão. A visão de que esta seria “A Única Igreja Cristã Verdadeira”, aquela que vem de forma ininterrupta desde de Jesus e João Batista, perdurou como uma forma de afirmação de uma pretensa superioridade espiritual, o que para alguns era motivo de um verdadeiro “santo orgulho”. Felizmente o amadurecimento da igreja fez com que esta visão fosse ultrapassada e rejeitada gradativamente.

Em 1791, um jovem pastor batista inglês chamado William Carey decidiu iniciar, com o apoio de vários pastores, um movimento para o envio de missionário para a Índia. Assim foi criada a Sociedade de Missões no Estrangeiro, que tem tido uma participação muito grande na expansão do cristianismo na Ásia e África, além de outros continentes e inclusive no Brasil. Também os batistas norte-americanos foram incentivados a evangelizar outros lugares fora do continente. Uma motivação era o desejo de se estabelecer igrejas batistas em todo o mundo.

O casal de missionários Adoniram e Ana Judson, enviados em 1812 pela Igreja Congregacional para realizarem missão na Índia, foi convencido pelo pastor William Ward de que o batismo era uma necessidade para adultos. O mesmo fato aconteceu com outro missionário congregacional, também enviado a Índia, Luther Rice, que igualmente foi batizado, tornando-se batista. Eles decidiram que Adoniram Judson permaneceria no Oriente e Luther Raice voltaria aos Estados Unidos para mobilizar os batistas para a obra missionária em outros lugares. Seu trabalho vingou e, em maio de 1814, foi fundada uma Convenção na Filadélfia com o nome de Convenção Geral da Denominação Batista nos Estados Unidos para Missões no Estrangeiro. Mais uma vez, aparece a intenção de se estabelecer igrejas

⁴³ PINHEIRO J. S. M., Os Batistas, controvérsias e vocação para a intolerância, p. 13.

batistas, enviar missionários batistas, fortalecer esse nome, pela convicção de se tera melhor definição do que seja ser cristão.

2.2. Aliança Batista Mundial

No início do século XX, os batistas se organizaram mundialmente. Em 1905, aconteceu em Londres o primeiro Congresso Batista Internacional, presidido pelo conhecido exegeta inglês Alexander Maclarem. Ao final desse congresso, foi organizada a Aliança Batista Mundial, que escolheu para seu primeiro presidente o pastor inglês John Clifford (1836-1923). Reis Pereira assim se refere ao evento:

No início do século 20 os batistas já eram suficientemente numerosos para pensar numa reunião de família batista mundial. De vários líderes da Inglaterra e dos Estados Unidos surgiu uma ideia da criação de um organismo internacional em que se representassem as organizações batistas do mundo inteiro e que fosse um instrumento de conagração, de estudo e de projeção da voz batista no mundo.⁴⁴

A Aliança Batista Mundial congrega 228 convenções e uniões de batistas de 125 países, com cerca de 42 milhões de membros de 177 mil igrejas de todo o mundo. Reúne-se em Celebrações a cada cinco anos e estaria no Brasil em julho de 2020⁴⁵, evento adiado devido à pandemia. A última vez que esse encontro ocorreu no Brasil foi em 1974, quando os batistas colocaram cerca de 250 mil pessoas no Estádio do Maracanã para ouvir as pregações de Billy Graham⁴⁶, reconhecidamente o maior pregador evangélico do século XX.

De 1995 a 2000, o presidente da Aliança Batista Mundial foi o brasileiro Nilson do Amaral Fanini, falecido em 2009, que também foi presidente da Convenção Batista Brasileira (CBB) por quatorze vezes. No seu mandato, ele fez uma visita ao Papa e este gesto ecumênico provocou muita crítica e reação dos batistas mais radicais e fundamentalistas. A visão ecumênica da Aliança Batista Mundial não é compartilhada pela maioria dos batistas brasileiros, que demonstram resistência à aproximação com outros grupos de cristãos, isso se deve à história desta igreja no Brasil no início do final do século XIX, que registra o distanciamento entre batistas e católicos com diversos conflitos.

Do ponto de vista da Aliança Batista Mundial, pode-se enxergar o

⁴⁴ PEREIRA, J. R., Breve história dos batistas, p. 110.

⁴⁵ JMM., Missões mundiais.

⁴⁶ BATISTAS lotam estádio do maracanã, p.15.

ecumenismo muito acima das divisões denominacionais com as quais se convive de perto, pois, diante de outras grandes religiões mundiais, não se vê católicos ou batistas, mas sim, cristãos. O ecumenismo cristão, diferentemente de um ecumenismo mundial⁴⁷, se é que se pode usar o termo nesta extensão, seria um fator favorável à obra missionária e à expansão do cristianismo no mundo, como bom testemunho de unidade. Divididos e concorrentes entre si, os cristãos perdem espaço diante do crescimento do Islamismo e outras religiões mais coesas. Talvez a dificuldade esteja na base, na compreensão do significado do termo ecumenismo e nas primeiras tentativas de se estabelecer o mesmo. A resistência encontrada seria um resultado de tantos conflitos anteriores, somados à falta de diálogo e intolerância de ambos os lados.

O que significa ser ecumênico? Quando uma pergunta de cunho ontológico, tal como essa, é lançada, sobrevém provável inquietação pela busca de respostas, pois desequilibra uma ordem constitutiva já estabelecida, ameaçando desconstruí-la. Redireciona a atenção para novos sentidos, novas perspectivas. Corresponder à pergunta proposta implica em auto identificação com princípios norteadores da fé, exprimindo-os de maneira concreta, manifestando-os por meio de uma forma de espiritualidade que traz consigo algumas peculiaridades. Ser ecumênico é nutrir sentimentos e observar atitudes inspiradas por uma espiritualidade ecumênica.⁴⁸

O tema do ecumenismo tem sido polêmico entre os batistas, especialmente entre os batistas brasileiros, provavelmente devido às dificuldades de relacionamento vividas no território brasileiro no início do século XX. No entanto, há situações em que se considera a possibilidade de cooperação com propósitos sociais e missionários.

2.3. A identificação com os postulados da reforma protestante

No início do século XVI, Lutero proferiu três sermões contra a venda de indulgências em 1516 e 1517. Em 31 de outubro de 1517 quando foram pregadas as 95 teses na porta do Castelo de Wittenberg, a intenção era fazer um convite aberto ao debate sobre elas. Historicamente, esse ato foi considerado o início da Reforma Protestante. O que essas teses condenavam: a "avareza e o paganismo" na Igreja.

⁴⁷ Ecumenismo mundial seria uma forma de ecumenismo que incluiria religiões não cristãs, enquanto ecumenismo cristão seria restrito às religiões identificadas como cristãs.

⁴⁸ PEREIRA, G. L., Direções para a espiritualidade ecumênica, p. 283.

Também pediam um debate teológico sobre o significado das indulgências. As 95 Teses foram traduzidas para o alemão, copiadas e impressas. Após um mês já haviam se espalhado por toda a Europa.⁴⁹

Atualmente há uma grande distância entre a Igreja Católica e algumas das Igrejas Protestantes no que diz respeito às práticas litúrgicas, com exceção da Igreja Luterana e algumas Igrejas Metodistas. Enquanto os católicos valorizam e conservam as práticas litúrgicas que foram sendo estabelecidas desde a igreja cristã primitiva e nos tempos dos pais da igreja, os protestantes, por sua vez, a partir da reforma do século XVI resistem à tradição oral⁵⁰, firmando suas bases doutrinárias unicamente nas Escrituras Sagradas. Se a Reforma Protestante foi um movimento que dividiu o cristianismo, com o passar dos anos as posições ficaram consolidadas e polarizadas.

O próprio Movimento da Reforma Protestante se dividiu. A reforma mais radical recebeu o nome de “Protestantismo Reformado”. De outro lado ficou o “Luteranismo”. Ambos os lados concordavam que o princípio central da Reforma era o sacerdócio de todos os crentes, mas as diferenças logo apareceram. Segundo o teólogo presbiteriano Dr Robert Hastings Nichols, o protestantismo reformado foi influenciado pelo movimento do Iluminismo, desenvolvendo-se na região da Europa onde houve maior progresso intelectual, por isso se afastou da igreja medieval.

O princípio básico do protestantismo reformado era de que a vontade de Deus, revelada na Bíblia, devia ser realizada. O principal objetivo do cristão, ensinava-se, era alcançar o cumprimento do propósito de Deus na sua vida. Mas o Luteranismo ensinava que o principal objetivo do cristão era manter a sua fé, sua confiança em Deus. Por esta razão, a tendência do Luteranismo era para o quietismo e a do Protestantismo Reformado era para a atividade, para a vivacidade. A principal função da igreja, segundo o Luteranismo, era oferecer o evangelho e ministrar os sacramentos.⁵¹

Os anabatistas foram outra tendência oriunda do Protestantismo Reformado⁵². A doutrina fundamental deste grupo era que a igreja é uma comunidade de pessoas regeneradas e que o batismo só deveria ser ministrado aos adultos, pois que, somente estes poderiam experimentar conversão, o credobatismo. Assim,

⁴⁹ MONDINI, D.SJ, E os cristãos se dividiram p. 23.

⁵⁰ Tradição oral aqui na forma preservada pela Igreja Católica Apostólica Romana.

⁵¹ NICHOLS, R. H. História da igreja cristã, p. 175.

⁵² McLAREN, B., Uma ortodoxia generosa, p. 220.

consideravam que o batismo que alguém tivesse recebido como criança não tinha significado e rebatizavam os que se filiavam a eles. Por isso foram chamados de anabatistas. Não somente rompiam com a tradição de sacramento do batismo, como também romperam com qualquer igreja, mesmo as reformadas que fossem reconhecidas pelo estado. Foram muito perseguidos, apesar de serem extremamente pacíficos e sossegados, pela igreja romana, e também pelos luteranos e Zuinglianos, por causa de sua rejeição ao batismo infantil.

O líder dos anabatistas, Menon Simons pastoreou por vinte e cinco anos de maneira tão profícua, que criou uma grande irmandade que levou o nome de “Menonitas”⁵³. Muitos fugiram da Inglaterra e outros viveram como peregrinos por causa da perseguição. Algum tempo depois, o movimento anabatista perdeu forças e se desvaneceu.

A Reforma Protestante é considerada como divisor de águas para os cristãos. Assuntos ligados à tradição oral, entre eles a liturgia, foram rejeitados radicalmente pelos reformadores mais radicais. A forma de cultuar seria diferente a partir daí, por várias razões doutrinárias, entre elas, o sacerdócio universal dos fiéis.⁵⁴ A formalidade foi substituída pela liberdade de culto, liberdade de consciência e com a valorização da participação dos leigos nas celebrações. Os “cinco solas” são uma síntese da proposta radical da Reforma: *Sola fide, sola scriptura, solo Christus, sola gratia e soli Deo gloria*.⁵⁵

Acredita-se que Lutero não tinha intenção de dividir a igreja ou formar uma nova denominação. Seu zelo pela igreja não permitia tal pretensão. No entanto, suas proposições iam de encontro com os interesses dúbios de alguns de seus superiores. A situação evoluiu na direção de choque, e Lutero foi classificado como herege e inimigo da igreja. Suas ideias prometiam ser perigosas e ele foi considerado inimigo da Igreja.

Toda a incompreensão que se sucedeu no andamento da Reforma, toda resistência e intolerância, depois de quinhentos anos talvez não ocorresse. Havia poder político em jogo, havia interesses pessoais que não suportariam ser questionados ou nem mesmos debatidos. Lutero questionava a autoridade, que não estava aberta ao questionamento; Lutero criticava, ao que tudo indica, de maneira

⁵³ PEREIRA J.R. Breve história dos batistas p. 69.

⁵⁴ MONDINI, D.SJ, E os cristãos se dividiram p. 31.

⁵⁵ VÁRIOS AUTORES, Uma nova reforma, p. 19.

rude, as decisões e atitudes dos que estavam em posição de liderança e comando. Ele importunava como crítico e não seria ouvido como quem dá sugestões. Provavelmente ele não nutria nenhuma expectativa de ser ouvido, dado o contexto que bem conhecia. Aparentemente houve hostilidade de ambas as partes. Talvez Lutero estivesse tão desiludido com o clero romano, do qual ele fazia parte que tenha se tornado agressivo, foi isso que mostrou quando expôs suas 95 teses ao público.

A repercussão do movimento o tornou um caminho sem volta. Em 1518 foi aberto um processo contra Lutero. A cúpula da igreja considerou seu comportamento inaceitável. Tal assunto deveria ser tratado internamente, e torná-lo público era uma demonstração clara de rebeldia. Lutero foi acusado de buscar poder político, outros o acusaram de querer casar-se, por isso se rebelara contra a igreja, já que criticava o celibato, entre outras coisas.

Há discordância entre os batistas, se ela é uma igreja protestante ou não. Aqueles que defendem a teoria JJJ rejeitam toda ligação da igreja batista com a Igreja Católica e também com as igrejas oriundas da Reforma Protestante. Neste entendimento, esta igreja sempre existiu paralelamente ao catolicismo romano e é anterior à Reforma. Também o que defendem a origem dos batistas nos Anabatistas, como também os que consideram tal origem nos separatistas ingleses, ambos concordam que os batistas não surgiram a partir da Reforma, contudo, há uma inegável identificação com os postulados da mesma.

Os batistas concordam plenamente com estes princípios, tornando-os como parte implícita ao seu corpo de doutrinas. Por essa razão são geralmente considerados como protestantes. A declaração doutrinária da igreja enfatiza salvação pela graça, por meio da fé (*sola fide* e *sola gratia*), posição defendida pela Reforma. Em destaque sempre está a doutrina que declara a Bíblia como única regra de fé e prática (*sola scriptura*), postura inegociável que radicaliza quando se trata de tradição oral e autoridade papal. Toda glória seja dada a Deus (*solus Deo gloria*), reflete a forma como a igreja lida com a questão da veneração e intercessão dos santos praticada pelo catolicismo.

Neste contexto ocorre um relaxamento quanto às práticas litúrgicas. Por conservar muitos conceitos oriundos da Reforma, pode-se perceber que é uma igreja que valoriza o indivíduo, justamente baseando-se na autonomia que dá liberdade de consciência e de exame das escrituras. Isto pode ser entendido por algum

pesquisador, como uma influência do iluminismo que prevalecia na ocasião.

A Reforma estimulou e promoveu o individualismo quando defendeu a autonomia do indivíduo frente à autoridade eclesiástica e às instituições religiosas, quando incentivou a alfabetização e colocou a fé acima das obras. A igreja detinha o monopólio de todo o ritualismo e liturgia do culto, o ministro celebrante, autoridade oficial, era uma figura imprescindível. As consequências dessa ênfase no indivíduo tiveram muitas consequências em diferentes direções, mas a questão do culto e adoração certamente ganhou novas formas de ser e a liturgia não seria mais a mesmanas igrejas reformadas. O protestantismo evoluiu muito com o passar dos anos, podendo inclusive se afirmar que o mesmo se distanciou sensivelmente da visão e das ideias dos primeiros reformadores. O movimento não era unânime em todos os sentidos e mais adiante surgiu o denominacionismo, com o calvinismo e o puritanismo. No entanto, a igreja que até os dias atuais carrega o nome de Martinho Lutero como referência, a Igreja Luterana, é que menos se distanciou da Igreja Católica com suas práticas e liturgia dos cultos. Um paradoxo?⁵⁶

Outra razão para essa identificação com a Reforma foi a grande influência causada pelos puritanos calvinistas, especialmente quando esta igreja se estabeleceu em território norte americano no início do século XVIII. João Calvino foi um dos teólogos de maior destaque na Reforma Protestante, e, mesmo que a igreja que mais tem ligação com sua teologia seja a Igreja Presbiteriana, os batistas foram muito influenciados pelas suas ideias. Houve tempos de grande polêmica e divisão no conflito entre calvinistas e arminianos. A questão central foi sempre a predestinação e este é um tema que ainda hoje gera dificuldades entre alguns grupos batistas.

O dualismo religioso que se estabeleceu a partir do século XVI colocou em lados opostos católicos e protestantes⁵⁷. Ser chamados de protestantes, foi muitas vezes um modo pejorativo de tratar os não católicos, incluindo os batistas, um estigma que gerou muito preconceito, aumentou a distância dos dois lados e tornou cada vez mais utópico o ecumenismo. A Igreja Católica demorou-se muito a reconhecer os cristãos “protestantes” como irmãos. Nesta conjuntura, os batistas naturalmente se posicionaram do lado protestante, que mais adiante passaram a ser chamados de evangélicos e não mais de protestantes.

Se as igrejas batistas são protestantes ou não, isso não faz nenhuma diferença quanto à sua identidade, pois que defende os motivos básicos da Reforma Protestante, assumindo proximidade com a maioria das igrejas reformadas, porém com um viés menos radical em alguns aspectos próprios desse grupo.

⁵⁶ PERRY, M., *Civilização ocidental*, p. 145.

⁵⁷ LANDERS, John. *Teologia dos princípios batistas*. p. 12.

2.4. Marcas Características das Igrejas Batistas

Algumas marcas das igrejas batistas são muito significativas quando se trata da identidade das mesmas. São questões das quais não se abre mão com o passar do tempo, mesmo quando há divergências doutrinárias. Grupos dissidentes doutrinariamente não deixam de ser batistas justamente por conservar essas características, o inclusive merece ser estudado mais detalhadamente numa possível pesquisa futura.

2.4.1. Princípios Batistas

A palavra “princípios”³¹ tem vários sentidos, mas, o sentido mais apropriado do enunciado dos Princípios Batistas é “o que dá conta de uma coisa, o que dela contém ou que dela faz compreender as propriedades essenciais e características”. Os princípios batistas distinguem os batistas das demais denominações. A maioria deles não é exclusividade dos batistas, porém são uma tradição, a verdadeira identidade deste grupo, mesmo quando não haja acordo em questões doutrinárias, como já ocorreu em diversas situações de conflitos citadas neste trabalho e que resultaram em surgimento de novas denominações. A CBB definiu e considera cinco princípios⁵⁸, que discorrem em várias ênfases diferentes. São estes:

1. A Autoridade

O primeiro princípio dos crentes batistas vem da autoridade que percebemos e respeitamos na pessoa de Jesus Cristo, o Senhor e Salvador do mundo; na Palavra de Deus, a única regra de fé e conduta; no Espírito Santo, como executor da vontade de Deus Pai e do Deus filho, junto aos crentes e a sua igreja. Jesus Cristo como Senhor é a fonte suprema de autoridade e toda a esfera da vida está sujeita à sua soberania que emana de sua eterna divindade e poder como unigênito filho de Deus Supremo, de sua redenção vicária e sua vitoriosa ressurreição.

2. O Indivíduo

O segundo princípio dos crentes batistas resume-se no valor, competência e liberdade que possui cada indivíduo. O valor do indivíduo foi estabelecido por ter sido criado por Deus racional e moralmente responsável à sua imagem e semelhança. Cada pessoa é competente e responsável perante Deus, nas suas próprias decisões e questões morais e religiosas. Os batistas consideramos como inalienável a liberdade de consciência, a plena liberdade de religião de todas as pessoas.

3. A Vida Cristã

O terceiro princípio é a vida cristã. Esta se inicia a partir da salvação pela graça. A

⁵⁸ convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina 21.

salvação é dádiva de Deus através de Jesus Cristo, condicionada, apenas, pela fé em Cristo e rendição à soberania divina. Ef 2.8-9. Prossegue através do discipulado que é o aprendizado e prática dos ensinamentos de Cristo. Cada cristão tem acesso direto a Deus através de Jesus Cristo, é seu próprio sacerdote e tem a obrigação de servir em benefício de outras pessoas para que também achem o caminho Jesus

4.A Igreja

O quarto princípio é a igreja. Entendemos que a igreja, no sentido local é companhia fraterna de crentes batizados, voluntariamente unidos para o culto, desenvolvimento espiritual e serviço. É composta de membros regenerados que voluntariamente aceitam o batismo e se entregam ao discipulado. A democracia é a forma de governo escolhida pelas igrejas batistas. A igreja é um corpo autônomo. O princípio governante para uma igreja local é a soberania de Jesus Cristo orientada pelo Espírito Santo. Na relação igreja e estado consideramos suas responsabilidades que ambos foram constituídos por Deus e devem permanecer distintos, mas têm a obrigação do reconhecimento e reforço mútuos, no propósito de cumprir-se à função divina.

5.A Tarefa Contínua

O quinto princípio é a permanente tarefa dos batistas. Esta tarefa é centrada no trabalho de nossas igrejas através das pessoas, O culto é a expressão mais aparente deste princípio e envolve uma experiência de comunhão com o Deus vivo e santo. Exige uma apreciação maior sobre a reverência e a ordem, confissão e humildade, a consciência da santidade, majestade, graça e propósito de Deus. Compõem também a tarefa permanente dos batistas o ministério cristão, evangelização, missões, mordomia, o ensino e treinamento, educação cristã, e a autocrítica que deixamos de detalhar por falta de espaço.

Algumas características das igrejas batistas estão diretamente ligadas à sua história e tradição. Pode-se dizer até que são marcas da igreja que não se perdem com o passar dos anos, pelo contrário, se aprimoram com o amadurecimento que o tempo proporciona. Os batistas consideram que “princípios” são determinantes de valores, norteiam comportamentos e que estão acima de doutrinas ou dogmas. Eles estão implícitos nos ensinamentos e intenções de Jesus, ainda que, de maneira subjetiva.

2.4.2. A Liberdade de Consciência

A liberdade de consciência é uma marca para esta igreja, dentro dos chamados “Princípios Batistas”⁵⁹. Este princípio foi raiz de discussões em várias ocasiões na história da igreja. Desde de o início, na Inglaterra, no século XVII, já polemizavam calvinistas (Batistas Particulares) e arminianos (Batistas Gerais). A questão da predestinação como prerrogativa da soberania de Deus, defendida pelos calvinistas, é rejeitada pelos arminianos. No entanto, ambos usavam textos bíblicos para defesa de suas posições. Só a hermenêutica pode ajudar a clarear a interpretação bíblica.

⁵⁹ Convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina 21.

A dificuldade para os calvinistas seria conciliar a visão missionária que sempre foi uma característica dos batistas, com essa compreensão de que Deus, pela sua soberania, escolheu alguns para a salvação e rejeitou outros definitivamente. Por sua vez, os que pensam diferente, consideram que o evangelho é para “todo aquele que crê” sem acepção de pessoas e qualquer pessoa neste mundo pode ser alcançada pela graça de Deus através de Jesus Cristo. A morte vicária de Jesus tem alcance universal e não seletivo. Os batistas consideram como inalienável a liberdade de consciência e a plena liberdade de religião de todas as pessoas.

O homem e a mulher são livres para aceitar ou rejeitar a religião, escolher ou mudar sua crença, propagar e ensinar a verdade como entenda, sempre respeitando os direitos e convicções alheios, cultuar a Deus tanto a sós como publicamente, convidar outras pessoas a participarem nos cultos e noutras atividades de sua religião e possuir propriedades e quaisquer outros bens necessários à propagação de sua fé. Tal liberdade não é privilégio para ser concedido, rejeitado ou meramente tolerado – nem pelo estado, nem por qualquer outro grupo religioso – é um direito outorgado por Deus.⁶⁰

A liberdade de consciência é o fator que oportuniza o aparecimento dos que discordam ou questionam o jeito de ser das igrejas, quando entendem de maneira diferente determinadas doutrinas. Aqui temos um paradoxo: Se é um princípio batista, a liberdade de consciência, por que então ocorreram tantos atos de intolerância quando houve divergências doutrinárias? Talvez seja justamente por amadurecer este conceito que a Convenção Batista tenha se tornado mais flexível nas últimas décadas. Não somente os batistas, mas o cristianismo tem histórico de intolerância através dos séculos, e muita perseguição e condenação já ocorreu em nome da defesa da verdade. Basta rever a forma como a Reforma foi tratada e as inúmeras mortes pela inquisição.

É necessário notar que o “herege” não se chama a si mesmo de herege. Sob o seu ponto de vista, ele proclama a verdade a uma instituição que se desviou da verdade. A heresia, portanto, na medida em que ela implica uma contestação de verdades cristalizadas por uma instituição, pressupõe o exercício do livre exame. O herege é aquele que crê na voz da sua consciência, assumindo o risco da liberdade. E esse risco se exprime na coragem de se desviar da normalidade cognitiva social. Ora, se assim é, qualquer instituição que tenha mecanismos para identificar e eliminar o desvio, está comprometida com a eliminação do livre exame e, portanto, da liberdade. “Herege” é um estigma criado pelas instituições eclesiásticas a fim de preservar sua

⁶⁰ CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, Princípios batistas, 21.

unidade cognitiva, e por esse mesmo ato elas declaram não haver lugar, no seu interior, para o pluralismo que surge inevitavelmente do livre exame e da liberdade.⁶¹

Como fruto da liberdade de consciência, na América do Norte, ocorreu uma divisão significativa dos batistas no século XIX, que resultou, inclusive na extinção da “Convenção Geral da Denominação Batista nos Estados Unidos para Missões no Estrangeiro”, conhecida como Convenção Trienal, porque se reunia de três em três anos. O ponto de discórdia era a escravidão. Os batistas do Norte defendiam a abolição total do sistema de escravos, enquanto os batistas do Sul temiam que isto levasse a economia à bancarrota, pois dependiam muito da força dos escravos. Desejavam uma transição lenta, ao invés de uma ruptura brusca.

Em 1845, a Sociedade de Missões radicalizou e não aceitou como missionário, um candidato que era dono de escravos.⁶² Os batistas do Sul reagiram e organizaram a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. Anos mais tarde, os batistas do Norte organizaram a sua convenção, a Convenção Batista Americana. Não obstante este começo polêmico, a Convenção Batista do Sul, progrediu muito e enviou muitos missionários, inclusive para o Brasil, que foi muito beneficiado pelos investimentos na obra missionária.

O problema da escravidão foi resolvido por Lincoln e a guerra. O Sul, arrasado em consequência da luta, conseguiu recuperar-se. O sofrimento aproximou muita gente de Deus, e medidas diversas concorreram para estimular as igrejas. O trabalho de missões no estrangeiro continuou, sendo a China o primeiro campo missionário. O apego à Bíblia caracterizou esses batistas sulistas e o amor à evangelização.⁶³

Finalmente, no século XX, O Concílio Vaticano II reconheceu o princípio da liberdade de consciência, dando um passo gigantesco na direção dos “protestantes”, especialmente dos batistas. É bom reconhecer que esse princípio não é exclusivo aos batistas, mas também é comum a outros grupos, inclusive aos católicos. Naturalmente que haverá muito a ser discutido até que esta prática se concretize, mas é inegável que já é visível algum resultado desta posição tomada. Manifestações de alguns padres sobre assuntos polêmicos ou sobre política às vezes surpreendem o público, como nunca acontecia anteriormente. Um exemplo é a atitude do Padre Fábio de Mello ao criticar na internet, o que ele chama de “devoções vazias”, confrontando a superficialidade:

⁶¹ ALVES, R. et al., Tendências da teologia no Brasil, p. 13.

⁶² PEREIRA J.R. Breve história dos batistas p. 90

⁶³ PEREIRA, J. R., Breve história dos batistas, p. 91.

O padre Fábio de Mello fez críticas ao que chamou de “devoções vazias” no meio da Igreja Católica, e citou o exemplo da devoção à virgem Maria, que em muitas ocasiões “toma o lugar do Cristo”. O padre-cantor afirmou que tem visto o cristianismo ser “nivelado por baixo, reduzido a medalhinhas”, e disse que a devoção mariana vem sendo “excessivamente” valorizada, colocando a mãe de Jesus “fora do lugar dela”.⁶⁴

A liberdade de consciência é essencial para os cristãos. O fato de um padre católico se manifestar dessa maneira não deveria ser surpresa, afinal ele, como qualquer outro cristão é um sacerdote com convicções pessoais que não devem ser tolidas por motivos que violem sua capacidade de pensar e interpretar a experiência religiosa.

2.4.3. A Autonomia da igreja local

A influência da ideologia do Landmarquismo na formação da identidade das igrejas batistas no Brasil é visível no que se refere à autonomia da igreja local. Estes entendem que as igrejas cristãs neotestamentárias eram igrejas locais autônomas às quais o Apóstolo Paulo enviou cartas de ensinamentos e recomendações. Esta autonomia é dada à congregação (nome dado ao grupo inicial que pretende se tornar igreja emancipada) quando passa por um concílio de pastores e diáconos, convocado para exame e organização da mesma em Igreja Local Autônoma.⁶⁵ É exigido que tenha a mesma, capacidade de auto propagação, auto sustento e auto- gestão. Assim que o Concílio dá parecer favorável, formaliza-se a organização de uma nova igreja local. Esta nova igreja escolhe, em sua primeira assembleia, o nome que passa a adotar, decide se deseja cooperar com a convenção ou não, e elege seu primeiro pastor.

Para que tudo isso aconteça, será preciso primeiramente uma decisão em assembleia geral da igreja maior, da qual o grupo que compõe a futura igreja é parte integrante. A autonomia pressupõe democracia e todos os membros tem direito a participar das decisões plenárias. As assembleias, que são previstas em estatuto, são regulares, mensais ou não, mas sempre com apresentação de atas e relatórios financeiros, pois essa autonomia da igreja, requer transparência em tudo que diz respeito a finanças e os relatórios serão aprovados mediante parecer de Conselho

⁶⁴ <https://noticias.gospelmais.com.br/padre-fabio-mello-critica-idolatria-cristo->

⁶⁵ MARTINS, J. G., Manual do pastor e da igreja, p. 112

Fiscal, ao mesmo tempo que é garantido aos membros o acesso a qualquer documento ou informação registrada. Podem ocorrer assembleias extraordinárias e assembleias solenes, para ocasiões especiais.

Quando uma igreja batista é organizada, ela se torna independente da igreja-mãe, adquirindo autonomia na sua administração e sustento.⁶⁶ O sistema é congregacional e as igrejas cooperam entre si e se arrolam à convenção por decisão própria. A autonomia da igreja local é uma marca dos batistas, que veem este modelo nas igrejas neotestamentárias. A autonomia da igreja local implica em responsabilidade legal de sua liderança e transparência em questões administrativas, especialmente no trato com finanças. O pastor não recebe dízimos ou ofertas pessoalmente, mas um valor de prebenda definido em assembleia, que é a maior autoridade administrativa, com seu estatuto registrado.

As igrejas batistas sempre pretenderam de se identificar com a igreja cristã de Jerusalém, mas há quem pense que a mesma tenha se distanciado daquela igreja de referência, especialmente na sua forma de praticar a liturgia. Naturalmente, não faltam aqueles que consideram que os batistas são o grupo de cristãos que mais se identifica e representa a igreja cristã do primeiro século, quem sabe, a única que possa reivindicar esta autenticidade. Não é o caso deste pesquisador, porém, não é preciso procurar muito para encontrar outros cristãos de outras denominações que pensam a mesma coisa e que defendem suas doutrinas como únicas verdadeiras.

Ainda que a autônoma da igreja local seja algo positivo na maioria das avaliações, há alguns aspectos que resultam em prejuízo para a preservação da identidade da igreja. Algumas caminham por caminhos independentes, às vezes seguindo liderança sem comprometimento denominacional, pode ocorrer até desvios doutrinários, ou práticas que não estejam de acordo com as demais.

No início no século XX foi criada a Convenção Batista Brasileira, a qual sempre teve por propósito não interferir na autonomia da igreja local, e logo em seguida foi criada a Junta de Missões Estrangeiras, depois renomeada Junta de Missões Mundiais. Algum tempo depois, criou-se a Junta de Missões Nacionais. Tanto a Convenção como as juntas missionárias são sustentadas pelas igrejas, sem nenhum fator de coação ou constrangimento, mas por uma cooperação espontânea e tradicional.

⁶⁶ MARTINS J.G. Manual do pastor e da igreja p 110

Desde o início convencionou-se que as igrejas enviariam um pequeno percentual de seus dízimos para o sustento da Convenção e fariam ofertas regulares para sustentar os missionários que as juntas enviassem ao campo. Saem das igrejas os missionários e estas contribuem para sustenta-los. Mesmo aquelas que não enviaram algum, se sentem responsáveis por todos.

2.4.4. O Sacerdócio Universal dos Crentes

Provavelmente esta seja uma questão que define a liturgia, a base de certas práticas que representem a relação do pecador com seu Deus e a reciprocidade d'Ele para com aquele almeja Seu perdão. A forma como se relaciona com Deus depende daquilo que se acredita e se entende. O que significa para os batistas acreditar que Deus outorgou a cada crente o direito de ter acesso a Ele sem precisar de intermediários? É mais que rejeitar fazer confissão a um padre, ou mesmo se recusar a rezar a Maria: “Rogai por nós”, como intercessorados crentes.

No momento da morte de Jesus na cruz, o véu do templo, aquele que fazia separação do lugar chamado “Santo dos santos”, se rasgou de alto a baixo.⁶⁷ O Santo dos santos era o lugar arca da aliança, da presença de Deus, onde apenas o sumo sacerdote poderia entrar uma vez por ano para oferecer incenso e sangue sobre o propiciatório. Isto significou a quebra da barreira que separava o ser humano de Deus, pelo sacrifício de Jesus, pagando o preço total pelos pecados da humanidade. Os batistas creem que, através de Jesus, e em nome de Jesus, agora se tem acesso a Deus e se pode falar diretamente a Ele, como sacerdotes de si mesmo, sem qualquer intermediário.

Esta posição é fortalecida na declaração de Jesus em João 14,6: “Eu sou o caminho, a verdade e vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”. São Paulo escreveu em I Timóteo 2,5: “Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo Homem”. Jesus disse em João 14,14: “Tudo que pedirdes ao Pai em meu nome, eu o farei”. Ele ensinou a ir direto ao Pai também na oração conhecida como “Pai Nosso”.⁶⁸

Jesus inaugurou uma nova forma de se relacionar com o Pai, sem nenhum

⁶⁷ Lucas 23,45.

⁶⁸ Mateus 6,9

intermediário.⁶⁹ Este é o sacerdócio universal dos crentes. Jesus é o sumo sacerdote. O crente é seu próprio sacerdote, não precisa confessar pecados a outra pessoa. Não precisa de outro mediador na sua relação com Deus além de Jesus Cristo.

A oração, para os batistas, segue um padrão litúrgico, mesmo sendo uma prática espontânea e não recitativa.⁷⁰ A oração deve ser dirigida a Deus, o nosso Pai que está nos céus, e somente a Deus.⁷¹ Deve ser expressão de louvor e adoração e não apenas petição, mas há orações de clamor, nas necessidades específicas. Pode ser pública, quando um levanta a sua voz, representando os demais, que dizem amém, concordando, em meio e ao final, ou silenciosa, mesmo na congregação. Deve ser de olhos fechados, para evitar de se distrair ou dispersar com qualquer movimento ao seu redor. Orar é falar com Deus, requer respeito e reverência.

Quando os discípulos de Jesus lhe pediram que os ensinasse a orar, Ele lhes disse que não deveriam fazer como os escribas e fariseus, que faziam orações em lugar público e em voz alta, para serem vistos pelos homens. Em vez disso ensinou que entrassem no seu aposento, fechassem a porta e falassem com o Pai em secreto (Mateus 6,6). A oração, então, é um relacionamento particular com Deus, como filhos falando com seu Pai. Esta é a prática do sacerdócio de si mesmo, sempre em nome de Jesus.

Um pastor não é sacerdote que oferece sacrifício pelos pecados dos homens, não ouve confissão de pecados dos homens, pois, não há necessidade de mais sacrifícios depois de Jesus. O pastor, para os batistas, exerce o papel de profeta que, diferente do sacerdote que leva os pecados do povo a Deus, traz a Palavra de Deus para o povo. No Velho Testamento a figura do sacerdote era imprescindível na liturgia do sacrifício diários. Jesus, porém, se ofereceu uma única vez e não há mais necessidade de se fazer outros sacrifícios, conforme está em Hebreus 10.11,12:

E assim todo o sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados; Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus.⁷²

⁶⁹ João 14,6

⁷⁰ MARTINS, J. G., Manual do pastor e da igreja, p. 120

⁷¹ Declaração doutrinária da CBB

⁷² Hebreus 10,11-12.

2.4.5. Dízimo e Ofertas como ato de Culto

A mordomia é uma doutrina muito interessante, pois tem muito a ver com culto e adoração, pois trata da consciência que os crentes têm, de que nada que possuem de fato seu: tudo pertence a Deus, cada um é mordomos, presta serviço ao Senhor. Essa consciência dá sentido à mordomia como liturgia no coração de quem reconhece a sua condição diante de Deus. Desde que Deus colocou Adão no Jardim do Éden, deu-lhe a incumbência de cuidar do jardim, mas não lhe deu posse do mesmo. Na verdade, os homens que se alvoroçam em ser “donos” de terras, não são donos de nada, pois, ao partir daqui para a eternidade, nada levarão.

No Salmo 24, se encontra a expressão: “Do Senhor é a terra e a sua plenitude!”. Por essa razão, quando se oferece algo em oferta a Deus, ninguém está dando nada que seja seu, mas algo que já pertence a Ele por direito e que entregou ao mordomo para cuidar. O mordomo, também chamado na bíblia de despenseiro, precisa sempre se lembrar que um dia prestará contas de tudo ao seu Senhor. Jesus contou mais de uma parábola usando figuras para ensinar sobre o Reino de Deus. Com essa compreensão, o ato de ofertar a Deus pode ganhar um novo significado, dependendo da atitude de gratidão.

O rei Davi tinha plena consciência disto quando convocou o povo a trazer ofertas para construção do templo de Jerusalém, ainda que Deus já lhe avisara que ele não seria o construtor, mas sim, seu sucessor. O povo se alegrou e trouxe ofertas em abundância, como também Davi deu sua oferta. Diante de tudo aquilo Davi louvou a Deus diante do povo dizendo:

Por isso Davi louvou ao Senhor na presença de toda a congregação; e disse Davi: Bendito és tu, Senhor Deus de Israel, nosso pai, de eternidade em eternidade. Tua é, Senhor, a magnificência, e o poder, e a honra, e a vitória, e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu é, Senhor, o reino, e tu te exaltaste por cabeça sobre todos. E riquezas e glória vêm de diante de ti, e tu dominas sobre tudo, e na tua mão há força e poder; e na tua mão está o engrandecer e o dar força a tudo. Agora, pois, ó Deus nosso, graças te damos, e louvamos o nome da tua glória. Porque quem sou eu, e quem é o meu povo, para que pudéssemos oferecer voluntariamente coisas semelhantes? Porque tudo vem de ti, e do que é teu to damos. Porque somos estrangeiros diante de ti, e peregrinos como todos os nossos pais; como a sombra são os nossos dias sobre a terra, e sem ti não há esperança. Senhor, nosso Deus, toda esta abundância, que preparamos, para te edificar uma casa ao teu santo nome, vem da tua mão, e é toda tua. E bem sei eu, Deus meu, que tu provas os corações, e que da sinceridade te agradas; eu também na sinceridade de meu coração voluntariamente dei todas estas coisas; e agora vi com alegria que o teu povo, que se acha aqui,

voluntariamente te deu.⁷³

No Salmo 116,12, o Autor indaga: “Que darei ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito?”⁷⁴ A conclusão a que chegou é que deveria prestar culto ao Senhor e fazer isto diante de toda a congregação. Mesmo que o Senhor tenha entregue tudo nas mãos dos homens, requereu que lhe fosse separado o dízimo. No livro de Gênesis encontramos Abrão entregando o dízimo de todo o despojo a guerra a Melquisedeque.⁷⁵

Não havia ainda uma lei sobre isto, logo, foi uma atitude espontânea de sua parte, como gratidão a Deus, reconhecendo que estava diante de um sacerdote do Altíssimo, que o abençoava. Depois, vemos Jacó, após ter uma visão de Deus, fazendo um voto, pelo qual se comprometia a dar o dízimo de tudo se Deus o abençoasse e o guardasse, sustentasse e o fizesse voltar em paz. Aquela pedra que era seu travesseiro seria a primeira pedra de um altar que faria.⁷⁶ Consagrar o dízimo seria uma forma de adoração.

Na Lei de Moisés, Deus passou a requerer o dízimo da terra, do gado e do rebanho, que seriam dados por herança aos levitas, que por sua vez, davam o dízimo dos dízimos. Eles não tiveram herança na divisão da terra de Canaã, a parte deles era o Senhor, por isso viviam do templo e dos dízimos. Em Levíticos o dízimo é santo ao Senhor, mas dízimo de tudo e deveriam entregar no lugar escolhido por Deus.⁷⁷

No Novo Testamento, os escribas e sacerdotes entregavam o dízimo até da hortelã e do cominho⁷⁸, mas há poucas referências ao dízimo na igreja cristã primitiva. O que ocorria era uma entrega de tudo, como no caso de Barnabé, que vendeu uma propriedade e depositou tudo aos pés dos apóstolos⁷⁹. Por isso, não havia necessitado algum entre eles.

O texto de maior impacto acerca do dízimo está em Malaquias, quando Deus acusa o povo de roubar nos “dízimos e ofertas alçadas”.

Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me

⁷³ I Crônicas 29,10-17.

⁷⁴ Salmo 116,12.

⁷⁵ Gênesis 14,20.

⁷⁶ Gênesis 28, 10-22.

⁷⁷ Levíticos 27,30-33.

⁷⁸ Mateus 23,23.

⁷⁹ Atos 4,37.

roubais, sim, toda esta nação. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes. E por causa de vós repreenderei o devorador, e ele não destruirá os frutos da vossa terra; e a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos.⁸⁰

Em contrapartida, Deus promete abrir as janelas do céu e repreender o devorador. Sem dúvida, este é um assunto delicado para os pastores que se sentem responsáveis pelo que pregam, diante de Deus. Isto porque há pastores inescrupulosos, que forcem o povo a contribuir com promessas de recompensas de Deus. Essa prática tem sido alvo de inúmeras críticas e até zombaria. Nessas pregações o dízimo é apregoado como moeda de troca com Deus, como um recurso para se exigir as bênçãos de Deus e não como forma de adoração como deveria ser. Edir Macedo disse em várias pregações que Deus “é obrigado a lhe dar tudo que você deseja, pois, o cristão está destinado a ser próspero, ser materialmente saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos”.⁸¹

Numa igreja batista, geralmente a coleta de dízimos é um momento solene de consagração de bens e vidas ao Senhor, de maneira que a consagração de dízimo seja associada à consagração da vida de quem o oferece como culto ao Senhor. No orçamento⁸² da igreja tudo é planejado cuidadosamente e com transparência, pois relatórios financeiros são apresentados à assembleia para serem aprovados mediante parecer de Conselho Fiscal. No orçamento, um pequeno percentual, normalmente é destinado ao Conselho da Convenção Estadual, o chamado “Plano Cooperativo”⁸³ para manutenção dos trabalhos administrativos, uma parte é destinada ao sustento do pastor, deliberada em assembleia como prebenda pastoral e são previstas despesas administrativas e obras sociais.

Uma das marcas do povo batista é a cooperação, facilmente perceptível quando se trata do sustento financeiro da estrutura nacional. Não há nenhum sistema de coerção ou subordinação por parte da liderança, nem há posição de autoridade das Convenções sobre as igrejas e, ainda assim, o compromisso do plano cooperativo é praticado por inúmeras igrejas. É um plano votado em assembleias

⁸⁰ Malaquias 3,8- 11.

⁸¹ MACEDO, E., Vida com abundância, p. 78.

⁸² MARTINS, J. G., Manual do pastor e da igreja, p. 287.

⁸³ As igrejas arroladas à CBB, voluntariamente contribuem com um percentual, ao seu alvitre, para a Convenção Batista Estadual, que por sua vez, repassa um percentual à CBB, a qual administra um orçamento que contempla suas diversas áreas, além de também contribuir com a Aliança Batista Mundial.

da CBB, pelo qual as igrejas cooperaram para o sustento do trabalho denominacional, com um percentual dos dízimos recolhidos nas igrejas locais, é sugerido o equivalente a 10%, ou, a critério da igreja local, que passou a ser chamado de “dízimo dos dízimos”. Tal contribuição é enviada à Convenção Estadual, que em orçamento repassa recursos para as diversas organizações filhas e uma parte percentual para a Convenção maior.

O Plano Cooperativo surgiu em 1957, durante a Assembleia Anual da Convenção Batista Brasileira, em Belo Horizonte. Nasceu para a manutenção do trabalho geral dos batistas brasileiros e como método eficiente e bíblico para desenvolver a obra de missões. O Plano Cooperativo foi apresentado em 1957, e dois anos depois, em 1959 foi colocado em prática para que os batistas brasileiros testemunhassem de Cristo “até os confins da terra”.⁸⁴

Ofertas alçadas são aquelas que a pessoa oferece a Deus além do seu dízimo, às vezes por um voto ou por motivo de gratidão, sempre voluntariamente. Além das ofertas missionária, que são encaminhadas diretamente para o sustento de missionários nas frentes de missões. Quando uma igreja batista se propõe a construir um templo ou reformar, também se faz campanha de ofertas de construção, pois estas igrejas não buscam recursos públicos ou empresariais para este fim. Tudo se faz com o esforço dos fiéis, que contribuem voluntariamente, para que o objetivo seja alcançado.

Considerando a dedicação como um ato de culto, esse há de ser sempre um momento litúrgico e solene. Há igrejas que não valorizam este momento, cada um entrega seu dízimo diretamente ao tesoureiro ou deposita na conta bancária da igreja, como cumprimento de um compromisso. Dessa forma se assemelham aos judeus que faziam as coisas apenas para cumprir uma lei, uma obrigação. Tradicionalmente, numa igreja batista, esse momento tem um significado especial para as pessoas e se faz reverentemente, ouvindo música ao instrumento ou cantando um hino de dedicação, para logo em seguida ocorrer uma oração de consagração dos recursos apresentados como santos ao Senhor, e que devem ser aplicados com grande responsabilidade.

Há hinos e cânticos especialmente feitos para este momento de culto, que expressam o sentimento de corações que humildemente se apresentam a Deus para adorar com seus dízimos e ofertas.⁸⁵ Para algumas pessoas esta é a melhor parte do

⁸⁴ http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?EVE_ID=49

⁸⁵ Cantor cristão n° 295, 296

culto, oportunidade particular de oferecer ao Senhor um gesto sincero de adoração e gratidão. Há situações em que a igreja faz desse momento, a hora especial da gratidão, quando alguns tem oportunidade de dar testemunho e outros de fazer menção de ser seu aniversário ou aniversário de casamento, conforme o caso. Certas igrejas fazem nessa hora, a apresentação de crianças recém-nascidas, como é costume da igreja batista, apresenta-las a Deus, com ação de graças. Tudo isso associado se torna uma linda parte litúrgica do culto.

2.5. Os Batistas no Brasil

Em 1860, os americanos enviaram ao Brasil o missionário Thomas Jefferson Bowen, que havia trabalhado na Nigéria com os nativos da tribo ioruba, porque sabia-se que muitos escravos brasileiros falavam este dialeto⁸⁶. Mas, cerca de oito meses depois, ele precisou voltar para os Estados Unidos, porque tinha problemas com as autoridades, que não permitiam que pregasse outra religião diferente da religião oficial do país, além disso, tinha problemas de saúde. Por causa dessas dificuldades, a intenção de evangelizar o Brasil foi adiada, mas alguns empresários que tinham negócios no Brasil, não deixavam que a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos se esquecesse desta terra.⁸⁷

Logo depois chegaram ao Brasil alguns colonos norte-americanos do Sul, que, derrotados na guerra que ocorreu por lá, buscavam viver em paz em outro país. Muitos deles eram protestantes e tinham permissão para fazer cultos em suas casas ou se reunir em templos que fossem semelhantes a uma casa residencial, sem permissão para fazer proselitismo. Em 10 de setembro de 1871, organizaram a primeira igreja batista em solo brasileiro, em Santa Bárbara do Oeste, sob coordenação do pastor Richard Ratcliff.⁸⁸ Como os cultos, que eram em inglês, afastavam os habitantes locais, mesmo porque era proibido convidar alguém para assistir. Foram apenas duas igrejas com esse perfil organizadas em São Paulo. Mas influenciaram para que as igrejas americanas enviassem outros missionários.

Os primeiros cultos batistas em português só aconteceram mais tarde. Os norte-americanos enviaram o casal William Buck Bagby e sua esposa Anne, que

⁸⁶ PEREIRA, J.R., Breve história dos batistas, p.93

⁸⁷ PEREIRA, J.R., Breve história dos batistas, p.94

⁸⁸ PEREIRA, J.R., Breve história dos batistas, p.93

passaram um tempo em Campinas para aprender português, e depois decidiram iniciar a primeira igreja batista de língua portuguesa no Brasil, que foi então organizada em Salvador, na Bahia, que contava com cerca de 250 mil habitantes. A igreja foi organizada no dia 15 de outubro de 1882, com dois casais de missionários e um “novo convertido”, chamado Antônio Teixeira de Albuquerque, que se tornou um bom auxiliar dos missionários. Depois ele voltou para Maceió, onde fora vigário, para ali formar uma nova igreja batista.⁸⁹

A igreja católica sempre se apresentou como sendo a primeira igreja cristã verdadeira, com sua origem na declaração de Jesus a Pedro no evangelho segundo S. Mateus 16, não obstante sua organização formal só ocorresse seis ou sete séculos depois. Mas, faz sentido, considerando a história sequente desde os tempos apostólicos, porém, não é reconhecida pelos evangélicos protestantes como representação da igreja primitiva. No entanto, este foi, no início do século XX, um forte argumento apologético contra os avanços protestantes proselitistas. Em oposição a este argumento, os batistas enfatizavam fortemente a teoria JJJ, pela qual a igreja batista seria ainda anterior à igreja católica, tendo sua raiz em João Batista, que batizou no próprio Jesus Cristo no Rio Jordão. Nessa linha de pensamento, Jesus teria sido batista.

Nos tempos do império, a igreja católica teve o privilégio de ser a religião oficial, o que só mudou na primeira constituição republicana. Nesse tempo, os documentos da igreja eram oficiais e os não católicos tinham muitas dificuldades documentais, desde registro de nascimento, certidão de casamento e até certidão de óbito para sepultamento. Mesmo não sendo o primeiro grupo protestante a chegar ao Brasil, os batistas lutavam pelo princípio de separação entre igreja/estado e pela liberdade religiosa, o que os teria colocado em posições opostas com o catolicismo desde o início. Estas questões tiveram reflexo na liturgia batista, que rejeitava qualquer prática que se assemelhasse com as práticas católicas.

Como todos os brasileiros eram católicos oficialmente, logo, eram o campo missionário dos protestantes, o que gerou atritos e conflitos, que resultaram em perseguição e hostilidade. De um lado, os protestantes acusando os católicos de idolatria, por causa da veneração aos santos e do culto a Maria, por outro lado, os padres promovendo queima de bíblias em praça pública e proibindo sua leitura.

⁸⁹ OLIVEIRA, S. O. (Org.), Pacto e Comunhão, p. 48.

Mais que nunca, a Tradição Oral, que justificava a veneração dos Santos e a Maria, foi valorizada como fator de identificação da Igreja Católica, ao mesmo tempo que era um dos pontos mais atacados pelos protestantes nas suas pregações. O batismo católico, considerado um sacramento, não tinha reconhecimento por parte dos protestantes, que rebatizavam os católicos prosélitos, provocando revolta nas famílias mais tradicionais.

As igrejas batistas conquistaram respeito e reconhecimento no Brasil em seus cento e quarenta anos de história. Consideradas “Igrejas de Missão” pela sua origem, são igrejas que aqui chegaram a partir do trabalho de missionários norte-americanos, os quais implantaram um modelo de igreja com muitas características próprias de suas origens e que no decorrer dos anos passaram por uma série de adaptações ao contexto brasileiro. Algumas práticas ainda persistem na grande maioria das igrejas, como por exemplo, a Escola Bíblica Dominical, uso de música nos cultos, a prática do evangelismo, cultos nos lares e dois cultos dominicais.⁹⁰

Quando o protestantismo tentou se estabelecer no país, pregando uma religiosidade tradicionalista, de padrões culturais norte-americanos, com uma ética bem definida a respeito do trabalho e do lazer e com o imperativo da exclusiva adoração a Jesus, encontrou estranhamento e hostilidade. Os elementos da matriz religiosa brasileira representavam paganismo, fetichismo, idolatria e superstição. Dessa forma, ao converter-se ao cristianismo, adotava-se uma moral estranha à realidade local. No entanto, mesmo com todas as adversidades encontradas no passado, as igrejas protestantes conseguiram se tornar relevante no cenário brasileiro e alcançar uma notável expansão. A realidade no século XXI, é bem diferente, pois, a conversão de alguém a uma igreja evangélica é algo perfeitamente natural.

Em toda a sua história as igrejas batistas tem sido igrejas missionárias, as quais incentivam e sustentam quem deseja ir aos campos missionários para expansão do evangelho. Esta vocação missionária despontou por ocasião da fundação da Convenção Batista Brasileira, em 1907, quando, naquela assembleia, uma das primeiras preocupações dos mensageiros foi a criação da Junta de Missões Estrangeiras, hoje Junta de Missões Mundiais, que se dedica a enviar pregadores a outros países, e da Junta de Missões Nacionais, cuja preocupação é evangelizar o

⁹⁰ Um exemplo é observado na Igreja Batista em Jabaraí, Guarapari, ES, como também nas demais igrejas da região, onde estas práticas persistem como normais.

Brasil. O evangelismo, a prática de compartilhar o evangelho com outras pessoas, é uma bandeira, e assim que se tem alcançado um crescimento perceptível.

A liturgia católica, no rito antigo, em latim favorecia o trabalho de proselitismo dos protestantes, cuja pregação era mais acessível e de fácil compreensão. Somente na segunda metade do século XX, o Concílio Vaticano II chamou atenção para isto e provocou uma mudança relevante. Dois movimentos que ocorreram dentro do catolicismo causaram grande efeito contra a evasão de fiéis para as igrejas evangélicas: as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a Renovação Carismática Católica (RCC). Ambos ocorreram nas décadas de 1960 e 1970, justamente na época que o Concílio Vaticano II flexibilizou algumas posições tradicionais.

As CEBs contribuíram para inibir a evasão de fiéis, quando proporcionaram ambiente de relacionamentos de pequenos grupos, fortalecendo vínculos. Nestes encontros a liturgia não era tão rígida, proporcionando participação e interação dos fiéis, o que proporcionou um novo vigor à igreja. Também caminhou na direção do ecumenismo, quando interagiu com alguns grupos evangélicos que se identificam com a visão social. No ano 2000, estimava-se que cerca de 1,8 milhões de católicos adultos eram atuantes nas CEBs⁹¹. As CEBs perderam força nos últimos anos, cedendo espaço à RCC, que cresceu robusta com uso da mídia e grande aceitação popular.

Com uma forte influência norte americana, a Renovação Carismática se identifica muito com alguns grupos evangélico pentecostais, com suas práticas litúrgicas nada tradicionais dentro do catolicismo.⁹² No entanto, a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) teve maior habilidade em lidar com a questão do que as Igrejas Batistas, e alimentou uma nova imagem da Igreja diante da sociedade. A força do movimento vem da legitimidade que recebeu, em 1973, de Paulo VI e de João Paulo II e proporciona uma experiência religiosa perceptível na vida dos participantes promovendo experiências inovadoras a quem desejava mudanças, sem, contudo, deixar de ser católico. Uma forma de ser “católico pentecostal”.

[...] rezar de braços elevados para o alto; [...] a emotividade, a afetividade e a espontaneidade atuando como meios de comunicação; a referência constante de sensações como indicativas de experiências místicas e a certeza da presença de Deus; a necessidade de milagres como prova da existência divina e, finalmente, o batismo

⁹¹ PIERRUCCI, A.F.; PRANDI, R. A realidade social das religiões no Brasil, p. 159.

⁹² CARRANZA, B., Renovação carismática católica, p. 32.

no Espírito Santo, manifestação que confere especificidade ao Movimento dentro da Igreja Católica.⁹³

Claro que, num estilo mais comedido dos rituais da Igreja Católica, as manifestações carismáticas ocorriam sob certo controle. Mas, os comportamentos carismáticos, com glossolalia e profecias, curas, milagres e exorcismos são comuns. É, no entanto, inegável o crescimento dos carismáticos e da sua coesão doutrinal e ritual, em todo o Brasil, e também o estilo de vida que tem produzido entre os fiéis, de testemunho, vida de oração, estudo da Bíblia e consagração a Deus. Reginaldo Prandi destaca que nas cidades e sua incidência é maior entre as classes médias.⁹⁴

Algumas figuras de padres cantores ligados à RCC, se tornaram expoentes nacionais entre os católicos, com grande difusão na mídia televisiva. Um deles, padre Marcelo Rossi, tem grande visibilidade na Rede Globo. Outra figura bastante conhecida é o padre Fábio de Melo, cujas pregações bíblicas agradam imensamente aos seus ouvintes, inclusive inúmeros evangélicos. Dessa forma, com um estilo litúrgico atraente ao público jovem, eles se tornaram grandes evangelistas católicos, ninguém pode negar. Eles mantêm uma relação sem preconceito com evangélicos, inclusive com parcerias na área musical, que pode ser visto como uma nova forma de ecumenismo prático.

Uma forte tradição litúrgica faz uma grande diferença na preservação da unidade de uma igreja. Haja visto, a experiência acima, que mostra que a Igreja Católica passou por uma experiência relativamente parecida com a experiência da Igreja Batista, com movimento de tendência pentecostal, sem se dividir. Enquanto os batistas, que sempre defenderam a liberdade de consciência, se mostraram intolerantes e não conseguiram ficar unidos na crise, os católicos se fortaleceram e adquiriram um perfil flexível, que projetou uma imagem muito positiva diante da sociedade. Ainda que os dissidentes batistas, permaneçam se identificando como batistas, o que se projetou foi uma imagem de igreja dividida por razões puramente doutrinárias.

Sem preconceito e resistência pode-se aprender pela observação. A história mostra a realidade vivida quando ocorreram conflitos e divergências e como as lideranças temporais reagiram e tomaram atitudes que terão desdobramentos futuros em outros momentos que refletirão a experiência do passado

⁹³ CARRANZA, B., Renovação carismática católica, p.24.

⁹⁴ PIERRUCCI, A.F.; PRANDI, R., A realidade social das religiões no Brasil, p. 159.

inevitavelmente.

2.6. Dificuldades pelo Caminho dos Batistas

Desde o início os batistas têm dificuldade em permanecer como um grupo compacto. Questionamentos e divergências fazem parte da história como resultado da liberdade própria da ênfase no indivíduo e seu livre pensar. No entanto, em decorrência dessa liberdade as manifestações divergentes nem sempre tem sido aceitas e resolvidas pelo diálogo e acolhimento. As manifestações de intolerância mostraram as dificuldades que esse grupo teve em superar as polêmicas, gerando diversas divisões.

2.6.1. Calvinismo e Arianismo

No início da história desta igreja, na Inglaterra no século XVII, já havia uma divisão em dois grupos: os batistas gerais e os batistas particulares⁹⁵. Enquanto os batistas particulares defendiam o Calvino, os batistas gerais seguiam Armínio. Esses cresceram mais e rapidamente, enquanto aqueles demoram mais a se desenvolver. A maior polêmica entre eles era a questão da predestinação dos eleitos, como registrado acima, mas havia outras questões doutrinárias envolvidas e a discordância os colocou em lados diferentes.

Os batistas particulares também cresceram, algum tempo depois, no entanto os batistas gerais, defensores das ideias de Armínio experimentaram uma expansão bem maior, porém nunca se distanciaram muito dos batistas particulares e as polêmicas provocadas pelas divergências voltaram mais tarde a prejudicar a união do grupo.

2.6.2. O Pentecostalismo

Os batistas sempre foram zelosos da sua doutrina, apesar de defenderem livre

⁹⁵ BEZERRA, B.C., Interpretação panorâmica dos batistas, p. 23

interpretação das Escrituras. Não obstante inexistir um comando central com autoridade para disciplinar os possíveis desvios doutrinários e éticos, as assembleias convencionais foram muitas vezes, lugar de debates e decisões disciplinares. As comissões de ética e outras nomeadas especialmente para tratar determinados casos de problemas doutrinários normalmente são ouvidas para julgamento de situações de desvio daquilo que a igreja considera a verdadeira doutrina bíblica. A Convenção Batista Brasileira tem uma Declaração Doutrinária⁹⁶, permeada por referências bíblicas, que é a base de aferimento para os desvios doutrinários e éticos.

Houve diferentes situações que provocaram decisões corretivas em assembleias de convenções na história dos batistas no Brasil, mas os mais destacados foram os casos que surgiram em nome de um pretense avivamento espiritual, o qual na verdade a igreja sempre almejou, mas não na forma de mudanças de práticas doutrinárias. Em nome do avivamento, tais situações provocaram verdadeiros cismas na igreja e surgimento de novas denominações, como se verá mais adiante. Algumas dessas novas denominações insistiram em continuar usando o nome “batista” acrescido de um adjetivo para diferenciar, como por exemplo, “Batista Renovada”, “Batista da Restauração”, “Batista Renna”, entre outros.

Os desvios da doutrina geralmente interferem na forma de culto, na liturgia da igreja. Ainda que a igreja batista não seja uma igreja apegada à liturgia tradicional, se considerando não litúrgica, sempre foi uma igreja que primou pela ordem e reverência nos cultos, dando muito valor à organização e planejamento das atividades e eventos. A pregação da Palavra é o referencial central e a música, bem como os demais elementos da liturgia, devem estar de acordo com o tema bíblico usado, para haver unidade na cerimônia. Quando ocorre um desvio doutrinário, principalmente os desvios de natureza pentecostal, perde-se logo esta característica, pois, geralmente se usa o argumento de “liberdade de ação do Espírito” para se abrir mão da organização de ordem de cultos.

As igrejas batistas sempre tiveram dificuldades em lidar com a questão da "glossolalia", um fenômeno que ocorre nos movimentos pentecostais, que geralmente são interpretados pelos mesmos, como sinal de que o fiel recebeu o batismo do Espírito Santo. Junte-se a isto a ênfase nos dons do Espírito, questões

⁹⁶ Anais da Convenção Batista Brasileira, Rio de Janeiro, 1986.

que os batistas interpretam de forma bem diferente. Para os batistas, falar em línguas estranhas não significa necessariamente sinal de recebimento do Espírito, ou uma ação do Mesmo, podendo ser uma experiência puramente emocional, puro êxtase de pessoas mais sensíveis e emotivas que outras. Porém, dado à importância que os pentecostais atribuem a estas experiências, cria-se uma expectativa e uma busca ansiosa pelas mesmas, ao ponto de se considerar que quem não alcançou tal objetivo é um crente de espiritualidade inferior aos que alcançaram.

O pentecostalismo clássico surgiu nos EUA no início do século XX,⁹⁷ mas pode-se localizar precedentes nos tempos mais antigos da história da igreja cristã. O Apóstolo Paulo precisou escrever à Igreja de Corinto para corrigir os erros que provocavam polêmica e divisões entre os crentes. Alguns acreditam que os montanistas eram os pentecostais do segundo século, sem considerar os exageros que cometiam e que foram rejeitados pela igreja por esta razão. Os quakers, no século XVII, seriam outros, entre os antecessores dos pentecostais atuais.

Mesmo os batistas defendendo a liberdade de consciência, houve tempos de difícil administração, quando ocorreram divergências doutrinárias e outros problemas que geraram tensão em meio à liderança e momentos de discussões fortes nos plenários das assembleias convencionais.

2.6.2.1. A Assembleia de Deus

No início do século XX muitos missionários norte americanos eram enviados para trabalhar no Brasil. Entre eles chegaram a Belém, no Pará, dois missionários sueco-americanos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Afirmavam ter então recebido uma profecia, que lhes atribuía a missão de levar a mensagem da Bíblia a um lugar chamado Pará. Estes missionários vieram para pregar numa igreja batista, foram acolhidos e hospedados nas dependências de uma igreja batista, mas traziam uma prática estranha ao padrão dessa igreja. Sua pregação enfatizava doutrinas e ênfases nos dons espirituais, especialmente dom de línguas, além de ensinar que os fiéis deveriam buscar uma segunda bênção, chamada de “Batismo do Espírito Santo” cuja evidência seria justamente a manifestação do referido dom de línguas estranhas.⁹⁸

⁹⁷ BLEDSOE D, A., Movimento neopentecostal brasileiro, p.27

⁹⁸ PEREIRA, J. R., Breve História dos Batistas, p. 192

Esse movimento provocou de imediato uma reação apologética da liderança denominacional batista, que contestou esse ensino como um desvio doutrinário e erro de interpretação das Escrituras. Foram muitas as tentativas de entendimento frustradas. Estavam sendo influenciados por um movimento que vinha dos Estados Unidos e já se manifestara em outros campos missionários. O Historiador Paul Freston denominou este movimento de “primeira Onda”⁹⁹, pois, segundo ele, não foi algo exclusivo da igreja batista, mas outras igrejas históricas viveram experiências parecidas.

Como insistissem com essa pregação, os dois missionários foram exortados e como não retrocederam, foram desligados da convenção em Assembleia Geral do dia 18 de junho de 1911. Fundaram, no mesmo ano, em Belém do Pará, juntamente com um grupo de simpatizantes, a Missão de Fé Apostólica, que só partir de 1918 adotou o nome de Assembleia de Deus. Se por um lado, as igrejas batistas alcançavam crescimento numa camada social de classe média, o movimento pentecostal se desenvolveu rapidamente entre as classes sociais mais baixas, nas periferias e teve grande aceitação em comunidades de gente sofrida, que, nos cultos teriam grande liberdade de manifestação e de experiência emocional.¹⁰⁰

Diferentemente dos batistas, essa igreja não dá importância à ordem de cultos nem à reverência. Não se pode identificar liturgia definida e padronizada nos seus cultos, pois insurgem manifestações inesperadas em meio à celebração e na hora da oração todos falam ao mesmo tempo em vozes altas e até gritos, choro e emoções extravasadas espontaneamente. Esse comportamento característico dificultaria o estabelecimento de qualquer sequência litúrgica nos cultos, além de receber constantes críticas e reclamações de vizinhos que se sentem incomodados pelo barulho exagerado provocado nos cultos.

A Assembleia de Deus, que iniciou com fiéis oriundos da Primeira Igreja Batista de Belém, no Estado do Pará e popularizava-se com um forte proselitismo entre os católicos, condenando o culto aos santos, às imagens e, principalmente, o culto a Maria. Também combatia o espiritismo e as religiões afro-brasileiras com forte ênfase no exorcismo. Logo se tornou a maior igreja de corte protestante do Brasil, principalmente no Norte e Nordeste, atrás apenas da Igreja Católica, de

⁹⁹ FRESTON, P., Uma Breve história do Pentecostalismo Brasileiro, p. 109

¹⁰⁰ MATOS, A. J. de, O Movimento Pentecostal, p. 41

acordo com Machado de Almeida.¹⁰¹ Um dos aspectos desta igreja que mais atraíram adeptos parece ser justamente a liberdade de manifestação de experiências emotivas associadas à vida espiritual.

Atualmente, essa igreja tem mudado nalguns aspectos para se contextualizar.¹⁰² Seus pastores não sentiam necessidade de estudar, pois as pregações eram basicamente emocionais e com ênfase nos dons espirituais e línguas estranhas. Sempre consideravam que o Espírito é que dá a mensagem na hora, alegando que teologia era coisa “da carne” e não “do Espírito”. Geralmente eram escolhidos entre os fiéis quando se destacavam como líderes. Despreparados que eram, não tinham uma compreensão bíblica de doutrinas e liturgia. Hoje, eles têm seminários, publicam muitos livros e têm bons teólogos. É claro que nas regiões mais remotas ainda prevalece o critério antigo, mas nos grandes centros esta igreja está mais elitizada, inclusive com mais elaboração litúrgica para os cultos.

2.6.2.2.

A Convenção Batista Nacional

Na década de 1960, as igrejas batistas no Brasil viveram uma nova fase de conflitos doutrinários com tendência pentecostal. O Estado de Minas Gerais foi a região onde mais se proliferou essa influência. A missionária americana Rosalee Appleby, uma avivalista que mantinha um programa de rádio em Belo Horizonte, contava com apoio de vários pastores batistas da cidade. Quando foi de férias aos EUA, deixou em seu lugar um jovem pastor, defensor da doutrina pentecostal e usou da oportunidade para divulgar e difundir essa doutrina, formando um grande grupo de discípulos que polemizavam e influenciaram as igrejas batistas tradicionais. Era a busca de um avivamento espiritual, com experiências de glossolalia, porém, trouxe mais problemas e conflitos que santidade.

O problema de irreverência e falta de ordem de cultos passou a quebrar a frágil liturgia dos cultos batistas, fazendo lembrar a Igreja de Corinto. Os “renovados” como eram chamados, transtornavam as igrejas, polemizavam com os conservadores tentando convencê-los da novidade e tratando quem discordava como frios na fé e carnais. Como resultado, um grande número de igrejas teve

¹⁰¹ ALMEIDA, R. R. M., A Universalização do reino de Deus, p. 338.

¹⁰² BLEDSOE D, A., Movimento neopentecostal brasileiro, p.30

situações de divergências doutrinárias e ocorreram diversas divisões e conflitos em nome de uma pretensa santificação. Houve problemas com o patrimônio das igrejas, rompimento de relacionamentos e hostilidade entre os grupos. O choque com os tradicionais, que resistiram para defender a doutrina e o patrimônio, foi inevitável. Na assembleia convencional de 1962 foi nomeada uma comissão formada por um grupo de líderes¹⁰³, para dar parecer sobre a doutrina do Espírito Santo, em função da eclosão do movimento chamado “Renovação Espiritual”, que dividia as igrejas e perturbava a vida dos batistas. O parecer foi extremamente conservador e como resultado foram excluídas dezenas de igrejas com divergência doutrinária nesse Assunto, com votação de maioria absoluta.

A Convenção Batista Brasileira (CBB), em consequência do parecer, aprovado por unanimidade, na 47ª Assembleia, delibera:

(1) desligar do seu rol de igrejas cooperantes todas as que foram excluídas das Convenções Estaduais por motivo de identificação com o movimento doutrinário prático-renovacionista pentecostal ora em curso no Brasil e que doravante passe a considerar para desligamento todos os casos em que venham a ser solicitados por Convenções Estaduais.¹⁰⁴

Na Assembleia da Convenção Batista Brasileira em janeiro de 1965, em Niterói, foram excluídas 32 igrejas dissidentes. Logo se organizaram e inicialmente criou-se a Ação Missionária Evangélica (AME). Somente em 16 de setembro de 1967 a AME passou a se chamar Convenção Batista Nacional, por ocasião da sua primeira Assembleia Geral, realizada na Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte. A Convenção Batista Nacional, se identificava, pela prática e forma de culto muito mais com a Assembleia de Deus que com uma Igreja Batista, porém, nunca abriu mão do nome de Batista, o que por vezes confunde os pesquisadores que não fazem distinção, ou os visitantes que se surpreendem com o estilo de culto que encontram.

Se numa igreja batista tradicional, o ritual e a liturgia se limitam a uma “ordem de Culto” e algumas formas mais organizadas de eventos especiais como ceia, ofertório, casamentos, batismos e cerimônias solenes, nestas igrejas nem ordem nos cultos havia. Em nome da liberdade de manifestação do Espírito Santo,

¹⁰³ A comissão foi composta por Rubens Lopes: Presidente, Werner Kaschel: Secretário, J. Reis Pereira: Relator, Achilles Barbosa, Harald Schaly, David Gomes, J. Rego do Nascimento, David Mein, João F. Soren, Delcyr S. Lima, Reynaldo Purim e Enéas Tognini.

¹⁰⁴ CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA., Livro do Mensageiro 1962, p. 351.

os cultos se tornaram cada vez mais irreverentes, barulhentos e sem controle. Com o passar do tempo, essas igrejas retrocederam e se tornaram mais parecidas com as igrejas batistas tradicionais no que diz respeito a ordens de culto, porém, seguem irreverentes.

Por outro lado, os batistas tradicionais, talvez por receio de novas divisões, se tornaram mais fechados e arredios às experiências emocionais e a qualquer atitude que parecesse pentecostal, quando nem sequer se fazia referência ao Espírito Santo. A formalidade aumentou nos cultos, o que proporcionou uma relativa liturgia com ordem de cultos rígida e previsível, principalmente nas igrejas de grande porte. Foram tempos difíceis, nos quais se tinha medo até mesmo de se falar “Espírito Santo” nas reuniões, para não ser interpretado como pentecostal. Foi a época que a liturgia se tornou mais valorizada e padronizada entre os batistas, como algo necessário à identidade da igreja.

Nas décadas de 60 e 70 os cultos nas igrejas batistas tradicionais se tornaram mais litúrgicos para impedir os movimentos que tendiam para o emocionalismo que caracterizavam os renovados que haviam provocado tanta polêmica e divisão. Esse clima prevaleceu por quase três décadas, quando o destaque quase sempre era o púlpito e figura pastoral, a referência. A indumentária pastoral e dos diáconos dava o tom solene das reuniões, como já acontecia anteriormente. Seria inadmissível um pregador que não usasse terno, tivesse seus cabelos em corte social e não se comportasse de forma elegante diante da igreja. O coro, geralmente com becas bem alinhadas e cantando hinos tradicionais era outra característica dos cultos, e o instrumento mais usado era o piano, tocado de forma clássica e solene.

Neste mesmo ano de 1965 a Convenção Batista Brasileira lançou uma grande campanha de evangelização, visando retomar o seu crescimento e envolvendo as igrejas de todo o Brasil.¹⁰⁵ A intenção era de desviar a atenção dos problemas recentes e promover um movimento que causasse uma motivação desafiadora às igrejas para dobrar o número de membros em um ano, reforçando também as características próprias da igreja tradicional. A ênfase no evangelismo seria uma evidência de um avivamento que não carecia de desvios doutrinários para dar bons resultados. Os cultos estariam retomando a liturgia da “decência e ordem” com rejeição ao emocionalismo pentecostal. Os efeitos desta campanha foram muito

¹⁰⁵ PEREIRA, J.R., Breve história dos batistas, p. 104

positivos e a Igreja retomou um ritmo saudável de crescimento, do ponto de vista da ala mais tradicional conservador em relação às divergências doutrinárias anteriores.

2.6.3. Conflitos da Liderança

O livre pensar, ou seja, a liberdade de consciência, oportuniza facilmente, o surgimento de dissensões entre os líderes. Infelizmente, a intolerância se manifesta com quem pensa diferente e as discussões dificultam o acordo que pode manter a união entre as partes. As assembleias da Convenção Batista Brasileira já foram muito acaloradas em alguns momentos mais delicados, especialmente em situações polêmicas, nas quais líderes proeminentes se colocaram em oposição ferrenha. Apesar de defenderem aquilo que acreditam ser a melhor interpretação bíblica, alguns se mostram muito radicais e inflexíveis diante de questões sociais, o que beira à falta de empatia e compaixão. Um olhar cristão sobre questões que envolve a pessoa humana, nunca deveria ser intolerante ou incompassivo.

Algumas situações geraram relativo desconforto nas assembleias da Convenção, as quais serão tratadas a seguir: Uma mulher pode ser pastora? Por que Deus escolheria ou rejeitaria o trabalho pastoral exercido por uma mulher, foi o tema discutido, mas de resultado ainda não conclusivo, pois os insatisfeitos, não se dão por vencidos e o assunto ainda gera polêmica entre os grupos.

A outra questão diz respeito aos pastores cujo casamento se desfez, seja por parte do marido ou por parte da esposa. Os líderes batistas têm posições antagônicas sobre isto até hoje, ainda que, o assunto já tenha sido superado. O pastor perde a autoridade pastoral com um divórcio? Deixa de ser uma referência para as famílias da igreja?

O fórum de discussões de assuntos polêmicos e doutrinários é a assembleia da Convenção, mas esta não decide pela igreja. As decisões convencionais servem como recomendações à igreja, que as segue ou não, de acordo com o que for conveniente e dependendo da posição de seus líderes, especialmente, do pastor, que, certamente poderá orientar as decisões da igreja local. No entanto, a autonomia da igreja prevalecerá, mesmo que o pastor queira impor seu pensamento, não será certo que o consiga, pois, a democracia estabelecida permite a participação e opinião de todos os membros com direitos iguais.

2.6.3.1. Ministério Feminino

É notório a todos o excelente trabalho que as mulheres prestam à igreja desde o início da história. Nem sempre elas são reconhecidas, mas não deixam de atuar por essa razão, porém, às vezes encontram dificuldades para liderar. Dificilmente vai se encontrar uma comunidade religiosa, especialmente cristã, em que as mulheres não sejam maioria. Se no judaísmo do primeiro século, as mulheres não eram valorizadas, Jesus surpreendeu a todos, na maneira como as tratava. A questão era cultural, mas houve situações na história de Israel em que mulheres desempenharam papéis muito importantes de liderança, inclusive como juízas e profetizas.

Desde o livro de Gêneses, encontra-se Rebeca, esposa de Isaque, com uma atuação decisiva para continuidade do plano de Deus na genealogia do povo escolhido. Deus escolheu Jacó e não Esaú e foi justamente no momento de receber a bênção do pai, que a mãe interferiu orientando seu filho a ocupar o lugar de primogenitura que, aliás, seu irmão lhe vendera por um prato de lentilhas anteriormente. Nota-se, que esta é uma das poucas referências a uma ação de mulher na história dos patriarcas. O destaque geralmente recai sobre o homem, e poucas estão inseridas na relação da genealogia de Jesus.

No livro de Juízes se destacou Débora, como profetiza e juíza, que derrotou os cananeus e a terra sossegou por 40 anos, conforme está no Livro de Juízes. Na ocasião, Baraque disse que só iria à guerra contra os filisteus se ela fosse com ele, caso contrário, não iria. Então ela foi e os cananeus foram derrotados; Hulda, foi uma profetiza à qual o Rei Josias mandou consultar, quando foi encontrado o Livro da Lei, que estava perdido, conforme registro no Segundo Livro de Reis, capítulo 22; Ester teve um papel importante quando arriscou a própria vida e livrou o seu povo.

No Novo Testamento, se encontra uma referência a uma profetisa chamada Ana, da tribo de Aser, que falou de Jesus a todos que esperavam pela redenção. Há registro de mulheres que serviam a Jesus com seus bens, porém quando formou seu grupo de apóstolos, só chamou homens, talvez pela questão logística, pois precisaria fazer viagens e até passar noites com eles. Não há casos de liderança de mulheres, mas foram elas as primeiras a vê-Lo ressuscitado e levar a boa notícia aos apóstolos.

Em Atos dos Apóstolos, no capítulo um, vemos que enquanto os discípulos ficaram em Jerusalém, após a ascensão de Jesus, no cenáculo, aguardando a promessa do Espírito Santo, em orações e súplicas, havia mulheres entre eles, incluindo Maria, mãe de Jesus.

No livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 18, encontramos a referência a Priscila e Áquila, um casal de missionários que foram grande apoio ao apóstolo Paulo. É interessante notar que o nome de Priscila aparece várias vezes à frente do nome de Áquila, seu marido, provavelmente indicando que ela se destacasse mais nas atividades que exerciam. Também há situações nas quais é citado o nome de mulheres sem uma referência aos respectivos maridos, como quando se relata sobre várias mulheres de Roma, da avó e mãe de Timóteo. Tudo indica que as mulheres eram muito ativas na igreja primitiva, mas nenhuma é chamada de pastora, nem ministravam nos cultos.

Paulo faz citação de vários nomes de mulheres, em reconhecimento pelo bom trabalho que elas prestaram. Entre elas, cita Evódia, Síntique e Priscila, às quais chama de cooperadoras. Cita também, Maria, Trifena e Trifosa, envolvidas na obra missionária. Wanda Deifelt afirma que “As mulheres estiveram presentes nas igrejas domésticas e também em ministérios públicos, atuando como diáconas, apóstolas, missionárias e pregadoras do Evangelho”.¹⁰⁶

Não obstante não haver nada que indique que as mulheres foram pastoras, é inegável que tenham desempenhado um papel muito relevante na consolidação das igrejas cristãs no Novo Testamento, inclusive na liderança. A citação mais antiga da função de diáconos no Novo Testamento, em Romanos 16,1 é de Febe, uma mulher, que Paulo recomenda aos romanos.

A questão de consagração de mulheres ao ministério pastoral tem sido muito polêmica entre os batistas. Mesmo assim, algumas igrejas, no uso da autonomia da igreja local, têm promovido consagração de algumas como pastoras, o que chegou à Ordem do Pastores, a agremiação de classe dos pastores batistas, como uma necessidade de tratamento do assunto em assembleia, visto que, agora há pastoras pedindo ingresso. A Instituição deveria tomar uma posição para orientar os pastores se devem ou não participar de concílios que visem a consagração de tais candidatas, se elas serão reconhecidas como pastoras batistas para ministrarem nas igrejas. No

¹⁰⁶ DEIFELT, W., *Mulheres pregadoras: uma tradição da igreja*, p. 254.

entanto, a Ordem não tem poder para determinar à igreja o que esta deve ou não fazer, apenas decide se as recebe nos seus quadros.

Ainda que as igrejas batistas tomam suas decisões em assembleia, sem interferência de nenhuma outra organização, esta situação extrapola os limites da igreja local. Quando alguém, seja homem ou mulher, é consagrado ao ministério pastoral, é pastor, ou pastora batistas em qualquer igreja em que se apresente. A única condição prevista para que se perca a investidura ministerial é deixar de ser membro de uma igreja batista por qualquer motivo. Por isso, o tema causa discussão e polêmica. O assunto vem sendo discutido a cerca de duas décadas. Em 2007, a Ordem dos Pastores Batistas do Brasil decidiu em Florianópolis, não aceitar pastoras no seu quadro, mas em 2014, reconsiderou o assunto e delegou às secções estaduais decidir para cada região.¹⁰⁷

Houve estado que decidiu aceitar e outros, por não aceitar a filiação de pastoras. A situação se complicou um pouco mais quando em assembleias nacionais seguintes houve eleição de pastoras na diretoria da própria instituição, gerando impotente descontentamento de alguns e regozijo de outros, defensores do ministério feminino. A razão da controvérsia não é apenas a filiação ou não de pastoras à Ordem, mas se é certo uma mulher assumir ministério pastoral, liderar uma igreja, tendo seu próprio marido como ovelha a ser liderada e pastoreada por ela no rebanho. Pode ser que alguns pensem que seja puro machismo e intolerância, mas está em jogo um importante princípio bíblico: “Vós mulheres sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor”, que se encontra em Efésios 5: 22. Não significa que mulheres sejam colocadas em inferioridade em relação a seus maridos, mas sim uma colocação harmoniosa de diferentes papéis dentro do lar.

Se discute se, biblicamente, é correto delegar a uma mulher o privilégio e a autoridade do ministério pastoral, a liderança litúrgica do culto, já que na bíblia, em I Timóteo 3, há referência a homens pastores, que governem bem a suas próprias casas e tenham a seus filhos em sujeição. Seria inverter o papel da mulher, de casa para a igreja, coloca-la como líder sobre o marido pois, lemos em Hebreus 13: 17: “Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles”. Dessa forma a igreja estaria criando um conflito em família, gerando uma crise de funções familiares entre marido e esposa.

¹⁰⁷ ORDEM DOS PASTORES BATISTAS DO BRASIL. Assembleia da OPBB 2014.

Há argumentos de quem é a favor e de quem é contra, em qualquer igreja, logo, há perigo de se enfraquecer a unidade do grupo com a polêmica. Contudo não há necessidade desse conflito, conforme foi tratado no V Congresso Brasileiro de Pastoras.

Ministério Pastoral, como a própria expressão sugere, não pode ser associado a poder, governo ou autoridade e sim com liderança, serviço, cuidado, exemplo e amor, seguindo o estilo de Jesus Cristo, que assim agiu e assim ensinou quando disse: este seja outro elemento que provoque a desconfiança daqueles que consideram que uma mulher não pode exercer o ministério pastoral, porque eles inverteram a lógica do ofício. A ideia não é a de superioridade ou de “mando” sobre os outros, mas a de servir, a de ser escravo de Cristo e servo do próximo.¹⁰⁸

Qualquer um reconhece a importância do trabalho das mulheres na obra de Deus, sejam as irmãs de caridade, as mães, sejam as missionárias das igrejas evangélicas, que se abstêm de um casamento e uma vida em família, para se dedicar ao evangelho, muitas vezes com sacrifício pessoal e sem nenhum conforto. No entanto, mesmo fazendo o trabalho duro, na linha de frente, estas mulheres não são autorizadas a fazer determinadas celebrações litúrgicas reservadas aos ministros do sexo masculino. Uma missionária batista que vai para o campo missionário sozinha, faz a evangelização, ensina às crianças, faz estudos com famílias, aconselha e conforta as pessoas. Porém, precisa convidar um pastor para fazer os batismos, celebrar a Ceia e fazer um casamento, a não ser que a igreja local, no uso de sua autonomia autorize um ou uma líder que não seja pastor a celebrar tais cerimônias.

É comum haver pastores bem sucedidos por ter uma boa esposa. É o que ocorre quando a mesma demonstra maior habilidade que ele, que recebe o reconhecimento e tem a honra de ser o ministro. Na verdade, ela dá as ideias, sugestões e alerta sobre os cuidados que deve ter com as ovelhas, além de lhe ajudar no preparo de sermões. Há pastores que não realizariam grande ministério sem a ajuda da esposa, muitas vezes formada em curso de seminário como ele, mas ela fica na sombra, humildemente. Uma esposa de pastor, geralmente atua como verdadeira pastora das ovelhas, principalmente outras mulheres que ficam mais à vontade conversando e se aconselhando com uma “pastora”. As pessoas percebem que na prática os resultados podem ser surpreendentes.

No mundo pagão do primeiro século, as mulheres deveriam usar véus e ficarem

¹⁰⁸ CBB. Anais do V Congresso Brasileiro de Pastoras Batistas e Vocacionadas da CBB, 2019, p. 12.

caladas. Hoje é bem o contrário. A sociedade que aceita mulheres como executivas de corporações e presidentes de universidades achará difícil ouvir uma igreja que as reduz ao silêncio.¹⁰⁹

Não se pode mais subjugar as mulheres a um papel secundário na igreja, quando elas se destacam cada vez mais na sociedade, onde já tem vencido inúmeros obstáculos e preconceitos. É verdade que ainda são tratadas com discriminação em muitas áreas, recebendo tratamento desigual, salários inferiores e até assédio, numa clara demonstração de falta de respeito que ainda prevalece em muitos ambientes. No entanto, se as mulheres mostram competência e responsabilidade em funções de grande importância na sociedade civil, já é tempo de a igreja repensar se as pode colocar em posição de ministério e à frente do culto. A experiência pode ser um fator positivo para a liturgia.

Como exemplo disso, pode-se citar o comando do Supremo Tribunal Federal, que, pela primeira vez na história do Brasil, foi presidido por uma mulher no biênio 2006-2008, Dra Ellen Gracie Northfleet. A Igreja Episcopal dos Estados Unidos escolheu, no dia 18 de junho de 2006, a bispa Katharine Schori, como sua nova líder. A Alemanha e a Finlândia (Europa), Líbia (África), Chile, Argentina e Brasil (América Latina) foram ou são comandados por mulheres. Vários estados do Brasil e um grande número de municípios brasileiros elegeram mulheres como governadoras e prefeitas. Seria só para a liderança das Igrejas que se fechariam as portas às mulheres?¹¹⁰⁶³

Os Batistas do Sul dos Estados Unidos têm pastoras desde que Addie Davies, em 1964, recebeu imposição de mãos para o Ministério da Palavra.¹¹¹ No Brasil, a primeira pastora batista foi em 1999, em São Paulo. O início foi complicado, com muita resistência dos pastores, mas a partir de 2016, a Convenção Batista Brasileira deu sinal verde para as igrejas que desejassem promover concílio consagratório para as candidatas a pastoras. Em 2017, já eram mais de 300 pastoras servindo a igrejas em quase todos os estados do Brasil.¹¹²

O tema não é ainda bem definido entre os batistas brasileiros, mas a celeuma tende a perdurar por muito tempo, mesmo que ambas as partes apresentem fortes argumentos defendendo suas posições. talvez porque os batistas tenham uma postura naturalmente propensa à intolerância ou que mantenham suas convicções bem arraigadas, esse é mais um dualismo entre os líderes, inda mais quando se leva

¹⁰⁹ CLOUSE, B.; CLOUSE, R.G., p. 280

¹¹⁰ STEPHANINI, V., Mulheres no ministério pastoral batista, p. 115.

¹¹¹ OLIVEIRA, Z. M. de, O Berço do Movimento Batista, p. 35.

¹¹² PASTORA ZENILDA. Blog da Pastora Zenilda.

em conta a autonomia da igreja local.

2.6.3.2. Pastores Divorciados

Quando o Congresso Nacional deliberou autorizar o divórcio no Brasil, em 1977¹¹³, já havia nas igrejas muitas pessoas separadas e desquitadas. Os membros e frequentadores das igrejas que tiveram seus casamentos frustrados, geralmente eram estigmatizados como “separados” e muitos se sentiam mesmo marginalizados no ambiente eclesial, ainda que vivessem uma vida irrepreensível. Algumas igrejas impunham restrições a que participassem até da liturgia dos cultos. Os filhos dos “separados” também sofriam discriminação, sem nenhuma culpa pelos problemas de seus pais.

Com o divórcio sendo legalizado, as igrejas passaram a ter uma nova dificuldade a administrar: o segundo casamento. Se os desquitados e separados aguardavam uma solução para seu problema, uma nova discussão estava formada entre os líderes das igrejas. Algumas igrejas aceitaram normalmente, considerando que devem se sujeitar às leis do país, enquanto outras resistiam, por considerar o segundo casamento totalmente antibíblico. Seria difícil resistir nesta posição por muito tempo, pois o tempo mostraria que as coisas tendem a se ajustar e a igreja não deve se omitir em apoiar a ajudar as famílias a superar suas desavenças e desencontros.

Dois aspectos do divórcio requeriam tratamento específico: se um casal de membros da igreja se divorcia, sem escândalo sexual, pois nesse caso, a disciplina seria imediata, a forma como seriam tratados poderia representar acolhimento ou exclusão. Seria ainda mais complicado se um dos ex-cônjuges, senão os dois, contraíssem novo matrimônio, permanecendo na convivência da igreja. Outro aspecto a ser considerado, tem a ver com o tratamento que se deve dar a um casal que se converte e deseja se tornar membro desta igreja, estando em seu segundo casamento. Nunca uma igreja poderia fechar as portas a um casal como este, mas, infelizmente, algumas igrejas chegaram a este extremo de radicalismo, e por estranho que pareça, houve quem aconselhasse dissolução do segundo casamento.

¹¹³ Sancionada em 26 de dezembro de 1977 pelo presidente Ernesto Geisel, a Lei Nelson Carneiro (6.515/77), Fonte: Agência Câmara de Notícias.

Inevitavelmente, logo apareceram pastores divorciados e a discussão predominante nas assembleias da Convenção Batista Brasileira era se as igrejas deveriam aceitá-los ou não à frente de uma igreja. Antes já havia no Brasil a situação de pastores desquitados, mas ainda era bastante restrita e não se falava em novo casamento. O divórcio trouxe o reconhecimento legal de um novo enlace, o que acendeu a polêmica quanto à aprovação bíblica ou não desse ato. No mínimo, é uma situação desconfortável para o pastor, que se vê exposto na sua intimidade e muitas vezes responsabilizado pelo fato de ser referência para famílias e ser conselheiro de casais entre o rebanho. Espera-se que um pastor seja um expert em relacionamento familiar.

O problema de pastores divorciados é questionamento quanto à autoridade que estes teriam, ou deixariam de ter diante da igreja, se estariam em condições de ministrar a liturgia do culto, ainda que os batistas não têm sacramentos, ou se perderiam a capacidade de ensinar sobre relacionamentos familiares, por haver falhado no seu próprio casamento. Houve quem considerasse o pastor divorciado como sem moral para comandar uma igreja, no entanto, ministério não tem de ser necessariamente ligado à questão de autoridade, pelo contrário, ministério é uma oportunidade de serviço antes de ser posição de comando.

Após quase meio século da problemática do divórcio e novo casamento entrar nas discussões convencionais, hoje parece ter sido esquecida e nem se insurge como problema na maioria das igrejas. Há grandes igrejas, que não lidam com isto como dificuldade, inclusive algumas, que contratam pastores para ministérios auxiliares específicos na área de família. Há muitos casais membros, em segundo casamento, os quais simpatizariam com a eventual situação do pastor. Até na liderança da Convenção já houve pastores que já passaram por tal experiência, sem, no entanto, encontrar resistência ou rejeição como outrora.

A vida particular de um pastor interfere diretamente na igreja, pois sua família é considerada como referência para as demais famílias e suas dificuldades chamam atenção inevitavelmente. Um pastor não é como um profissional secular que tem sua privacidade preservada da vida pública, ele serve à igreja juntamente com sua família e dificilmente se encontra um pastor batista cuja família não seja integrada à comunidade e cuja esposa não desempenhe algum papel de liderança.

2.7. Fatores que influenciam a Liturgia das Igrejas Batistas

É fácil identificar os fatores que foram minando cada vez mais a identidade e a liturgia da igreja batista. Serão destacados aqui apenas três, para se ter uma percepção de como as coisas acontecem gradativamente, sem que ninguém perceba e, aos poucos vão dando uma nova cara aos cultos, legitimando comportamentos, muitas vezes inadequados que acabam por serem aceitos naturalmente. São influências externas que a igreja não consegue evitar, por uma questão de contexto social e interação dos fiéis com grupos de outra orientação doutrinária. A internet tem sido um meio de comunicação que abre acesso a todo tipo de influência positiva ou negativa, o que ninguém pode coibir entre os fiéis.

2.7.1. O Estilo de Música

Um fator de efeito inegável na liturgia é o tipo de música usado nos cultos. A música é a forma mais evidente de adoração e também a mais agradável de se praticar. Há estudos que mostram que a música tem um efeito direto no comportamento das pessoas e que pode levá-las ao êxtase ou à euforia, ou até mesmo à depressão¹¹⁴. No Velho Testamento se encontra música no livro dos Salmos que sempre foi o hinário dos hebreus.

A música no culto cristão sempre foi algo controverso. Entre os batistas a sua inclusão não foi tão simples. Foi Benjamim Keach quem introduziu o canto nas igrejas batistas inglesas. Keach conseguiu em 1673, que a igreja em Horsley-down cantasse um hino no final da ceia, permitindo que os contrários se retirassem antes de ser cantado.¹¹⁵

Nos últimos anos, a adoração litúrgica, mais formal e tradicional tem sido substituída por estilos de adoração contemporânea mais informal e espontânea, em nome da liberdade. Nesse ponto perde-se muito a liturgia, justamente por ceder espaço à informalidade. Perde-se a solenidade e a reverência quando se abre mão do padrão litúrgico tradicional.

A razão de a adoração litúrgica ter sido rejeitada durante muitos séculos é que muitos

¹¹⁴ <https://www.cvv.org.br/blog/beneficios-da-musica-para-saude-mental/>

¹¹⁵ FREDERICO, D. C. de S. *Apud* FONSECA, E., Resgate da centralidade teológica no culto, p. 52.

cristãos evangélicos e protestantes associaram a solenidade e a formalidade ao catolicismo romano e ao anglicanismo não bíblicos, ou ainda a uma religiosidade que parecia existir à custa do cristianismo.¹¹⁶

A partir dos anos 90, as igrejas batistas da linha mais conservadora começam e experimentar mudanças no estilo de música do culto. Cresceu muito entre os evangélicos a divulgação e lançamento de álbuns musicais que eram acolhidos como boa forma de adoração. Os louvores, como eram chamados os cânticos, deram um novo perfil aos cultos, que passaram a ser mais atraentes aos jovens, justamente pelo estilo das músicas e a liberdade de adorar com palmas, levantar as mãos e danças. Sem que se percebesse, uma nova teologia foi se instalando no ambiente da igreja. Não uma teologia trazida por teólogos da academia, ou pelos pastores, mas advinda do meio musical, utilmente, nas letras e nas ministrações na introdução dos cânticos.

A predominância de jovens e a intenção de atrair outros, causou uma tendência de uso predominante de música da preferência desta faixa etária. Houve uma imensa proliferação de músicas pretensamente evangélicas, chamadas de música gospel, que invadiram as igrejas e se tornaram verdadeiros sucessos entre os fiéis. Tocadas nas rádios, pela internet em computadores e celulares, estas músicas ocupam a mente das pessoas e são cantadas nos cultos por todos, repetidamente. Dois problemas podem ocorrer: algumas contêm erros teológicos e doutrinários que as pessoas não percebem; outro problema é a intenção de agradar ao público frequentador, em detrimento de agradar a Deus a quem se presta o culto e adoração.

Nem sempre os compositores dos cânticos modernos têm formação bíblica suficiente ou experiência doutrinária. A tendência antropológica foi se desenhando com letras de músicas com ênfase nas bênçãos materiais, na vitória, na resposta de Deus e satisfação dos desejos do adorador. Vai prevalecendo a influência do neopentecostalismo, cuja ênfase está em usar o poder de Deus, a ação do Espírito Santo para se desfrutar do melhor de Deus “aqui e agora”¹¹⁷. É um reflexo da pregação imediatista da teologia da prosperidade, que tem a pretensão de promover bênçãos de Deus no momento presente e não na esperança do futuro.

As palmas e a movimentação às vezes se tornam um verdadeiro êxtase, o ápice do culto, levando os mais eufóricos à exaustão. Entre as músicas surgia um

¹¹⁶ ZAHL, P. Adoração ou Show? p. 27.

¹¹⁷ CESAR, W.; SHAULL, P., Pentecostalismo e futuro da igreja cristã, p. 201.

novo personagem do culto: o ministrador de louvor, o qual deveria falar algo sobre a música que seria cantada, preparando as pessoas para cantar com mais consciência. Mas, na prática, isto ganhou outros contornos. Em meio às músicas cantadas no culto ouvia-se pequenos sermões aleatórios, espontâneos, para não dizer geralmente despreparados, que enchem o culto, que vai se tornando como uma verdadeira colcha de retalhos.

Sem liturgia, sem centralidade na Palavra de Deus, como uma verdadeira celebração. Depois seria a vez do pregador trazer a Palavra. Aqueles dotados de um maior carisma conseguiam aproveitar o clima criado com emoção, para proferir a mensagem e manter seus ouvintes atentos, até mesmo conduzindo-os a uma experiência mais profunda com Deus. Outros, no entanto, pregavam o que haviam preparado independente do que acontecera antes. Em algumas situações se tem a impressão de dois cultos em um. Um culto de louvor e outro, diferente, da pregação da Palavra.

É comum ainda hoje se ouvir alguém dizer: Gosto muito do louvor desta igreja ou, Vou à igreja por causa do louvor, como se isto fosse algo preparado para as pessoas, para agradá-las e atraí-las à igreja. Um desvio do foco, do verdadeiro sentido do louvor e da adoração bíblica. Mas, se está atraindo gente, se as pessoas estão gostando, então vamos continuar fazendo assim, que está dando certo. Desta forma é a própria igreja tratando o público como clientes consumidores, mais preocupada em encher o templo, numa época de verdadeira concorrência pelos fiéis. Fazendo o que dá certo, sem se preocupar se está certo, usando a antiga máxima: os fins justificam os meios.

Uma das áreas que trazem mais debates no meio batista é a música. É através dela que, geralmente, as práticas litúrgicas são modificadas. Os chamados cânticos avulsos, que, em sua maioria e com expressão na mídia, são de origem neopentecostal, trazem forte ênfase emocional. As suas letras, geralmente curtas e repetitivas, trazendo ordens de prosperidade pela experiência com Deus, somadas a melodias ritmadas e envolventes, propiciam à comunidade um clima altamente alucinante, capaz de fazer a pessoa se desligar de possíveis problemas e, em alguns casos, até da opinião pública outrora observada, para ter as mais variadas reações.¹¹⁸

Enquanto isto estava acontecendo, houve um aumento de jovens nas celebrações, o que trouxe muita alegria e jovialidade ao meio da igreja. Só isto já justificaria a mudança da liturgia que estava ocorrendo, pois, num tempo em que

¹¹⁸ FONSECA, E., Resgate da Centralidade Teológica no Culto, p. 57.

jovens cada vez mais se envolvem drogas, festas promíscuas e violência, vê-los adorando a Deus no templo vale abrir mão de algum tradicionalismo que possa afastá-los de novo. Logo, é melhor dar espaço e liberdade a eles nos cultos. Dessa forma, a liturgia foi se modificando e o momento mais esperado e mais apreciado passou a ser o momento do louvor e não o momento da Palavra. Muitas vezes, ao terminar o “louvor” via-se grupos de jovens saindo do templo para ir tomar água e ir ao banheiro, deixando de ouvir a pregação. Alguns aproveitavam para ficar conversando do lado de fora para voltar no final do culto e cantar mais uma música.

Nesse tempo, os cultos passaram a ter uma ênfase mais antropológica, sem que ninguém atentasse para isto, e a primeira preocupação era que o culto fosse atraente e agradável, que as pessoas gostassem de estar no templo, gostassem das músicas e da pregação, e assim, permanecessem na congregação. A ênfase antropológica substituiu a pregação escatológica, e ainda que criticando a teologia da prosperidade, muitos pregadores tradicionais passaram a adotar pregações positivas, com jargões e temas de vitória e de bênçãos. Músicas com expressões de guerra e brados de vitória empolgavam as pessoas.

Muito dessa influência vinha de movimentos para-eclesiais, realizados com fins lucrativos. A indústria do gospel atraiu investidores e profissionais nem sempre comprometidos com o evangelho. As gravadoras e produtoras musicais viram que os cristãos, especialmente os evangélicos, se tornaram um grande filão consumidor. CDs, DVDs, roupas com estampas e jargões relativos à fé e a Deus se tornaram uma coqueluche como algo de aceitação geral, independente de identidade denominacional. Para incrementar ainda mais esse lado comercial se usou a estratégia do “Show Gospel”, eventos com cantores e bandas ditas evangélicas, que atrairiam multidões, principalmente de jovens. Algo no estilo dos shows de música popular, com grande estrutura, com ingressos pagos e muita badalação.

Quando era divulgado um show gospel, o que diminuiu bastante ultimamente, a chamada era para um “louvor”. O problema é que as duas coisas não combinam, show e louvor são distintos um do outro, pois o show é espetáculo e louvor é adoração. Muitas vezes se viu ginásios e até estádios lotados de jovens cantando as músicas com seus cantores preferidos, músicas que até poderiam ser adoração, mas que perdem completamente tal sentido quando se dá lugar a uma euforia que resulta em idolatria e paixão pelos “astros” da música gospel. O sucesso do cantor desviou para ele o que seria adoração ao Senhor. Alguns bateram recordes de vendas,

ultrapassando até grandes artistas populares. Alguns padres modernos estão entre eles.

Alguns comportamentos do público dos shows chegaram até às igrejas, inicialmente nos cultos jovens, onde há mais permissividade em nome da liberdade, para depois serem praticados no culto de domingo como algo normal de acontecer. Uma dessas práticas, por exemplo, deixou muitos idosos e conservadores constrangidos, quando em meio ao louvor, jovens saíam de seus lugares cantando e brincando em forma de “trenzinho” entre as cadeiras do templo. Outros começavam a pular, gritar e correr pelo templo, em nome de uma imensa alegria de adorar, quando na verdade, estariam mesmo se divertindo ou extravasando emoções contidas. Não há nada de liturgia nesses cultos. Muitas igrejas batistas se comportaram assim, mas foi ainda pior em outras denominações.

Se os batistas defendem que a bíblia é a única regra de fé e prática, se rejeita a tradição oral então deveria haver um cuidado maior acerca da forma de adoração, da liturgia dos cultos. “Por definição, a adoração é teológica, pois fundamentalmente se refere a Deus. De modo mais específico, diz respeito à maneira por meio da qual os seguidores de Cristo oferecem seu amor, gratidão e louvor a Deus”.¹¹⁹

A liturgia deve ser essencialmente bíblica e toda prática estranha à Palavra de Deus deveria ser rejeitada. Quando surgiram novidades e práticas introduzidas nos cultos, muitos aceitaram sem um questionamento sério. Assim como a música, outras práticas foram introduzidas nas últimas décadas, que descaracterizaram o culto tradicional batista. Um conhecido pregador neopentecostal chamado Romildo R. Soares começou nos seus cultos a pedir “uma salva de palmas pra Jesus” e isso se espalhou em meio a todo o povo evangélico e causou polêmica, mas parece que se estabeleceu como prática comum.

2.7.2. O Uso de Palmas

É claro que os mais conservadores rejeitam esse comportamento, mas alguns tornaram o culto como um verdadeiro evento de auditório. Os defensores das palmas alegam que é bíblico, nos salmos encontramos expressões como, “os rios

¹¹⁹ BASDEN P. (ed) Adoração ou show? P.12

batam as palmas” (Salmo 98,8), “todas as árvores do bosque batam as palmas” (Isaias 55,12), que, na verdade são figuras de prosopopeia. Mas se esquecem que as palmas aparecem em Números vinte e quatro como manifestação de ira e em Lamentações de Jeremias, capítulo dois, são demonstração de ironia. Em Ezequiel 21, como expressão de ódio e em Naum capítulo três, como forma de zombaria. Essa prática não tem precedentes na liturgia dos judeus, nem da igreja cristã primitiva como forma de adoração.

A única referência bíblica que aparentemente justifica os aplausos é o Salmo quarenta e sete: “Batei palmas, todos os povos”; uma análise hermenêutica vai mostrar que é um salmo profético, declaração que um dia toda a terra vai se render perante o Senhor, reconhecendo-o como Rei de toda a terra (verso 7). Há situações na bíblia em que os aplausos era forma de homenagear homens, um exemplo é o que está registrado no Segundo Livro de Reis, capítulo onze, quando o povo prestava homenagem ao novo rei com aplausos. Portanto, biblicamente não há base para uma adoração a Deus com aplausos, pois barulho e euforia não é sinal de reverência litúrgica, mas forma de homenagear homens.

Não obstante muitos pastores batistas usarem esta prática, como verdadeiros animadores de auditório, este assunto já foi inclusive tratado em assembleia da Convenção Batista Brasileira, numa tentativa de se conter essa tendência que estava inundando as igrejas. A CBB reunida em 1998 na sua 79ª assembleia em Goiânia aprovou o relatório do GT sobre práticas pentecostais nos cultos das igrejas batistas, que chamou as “palmas para Jesus” de práticas contrárias ao culto à luz da Bíblia.¹²⁰

O GT foi nomeado em consequência de diversos questionamentos acerca do que estaria acontecendo em diversas igrejas batistas naquela ocasião e que estaria descaracterizando a identidade das igrejas manifesta através de seus cultos dominicais. Infelizmente isto não mudou, especialmente quanto às “palmas para Jesus”, que continuam sendo solicitadas pelos pastores e dirigentes de louvor nos cultos. Isto não é ato litúrgico, pelo contrário. Quanto às palmas usadas junto aos cânticos, dando ritmo, não geram polêmica, nem quando insurgem espontaneamente em meio ao culto.

A preocupação da liderança batista com os desvios doutrinários e desvios da prática litúrgica do culto, não apenas quanto às palmas, mas também quanto a outras

¹²⁰ CBB. Livro do Mensageiro, 1998.

questões que careciam de uma posição, causou a formulação de um documento base para ser referência a quem tenha dúvidas:

O culto a Deus, pessoal ou coletivo, é a expressão mais elevada da fé e devoção cristã. É supremo tanto em privilégio quanto em dever. Os Batistas enfrentam uma necessidade urgente de melhorar a qualidade do seu culto, a fim de experimentarem coletivamente uma renovação de fé, esperança e amor, como resultado da comunhão com o Deus supremo. O culto deve ser coerente com a natureza de Deus, na sua santidade: uma experiência, portanto, de adoração e confissão que se expressa com temor e humildade. O culto não é mera forma e ritual, mas uma experiência com o Deus vivo, através da meditação e da entrega pessoal. Não é simplesmente um serviço religioso, mas comunhão com Deus na realidade do louvor, na sinceridade do amor e na beleza da santidade. O culto torna-se significativo quando se combinam, com reverência e ordem, a inspiração da presença de Deus, a proclamação do evangelho, a liberdade e a atuação do Espírito. O resultado de tal culto será uma consciência mais profunda da santidade, majestade e graça de Deus, maior devoção e mais completa dedicação à vontade de Deus. O culto – que envolve uma experiência de comunhão com o Deus vivo e santo – exige uma apreciação maior sobre a reverência e a ordem, a confissão e a humildade, a consciência da santidade, majestade, graça e propósito de Deus.¹²¹

Coisas aparentemente sem importância ganham relevância dependendo do contexto. Se as palmas, por exemplo surgem espontaneamente, como fruto de uma emoção intensa e incontida, poderiam ser compreendidas como expressão de adoração e louvor. Todavia, quando as mesmas são resultado de empolgação diante de artistas ou apenas de animação para se manter o ritmo e agitar o ambiente, o sentimento é diferente, a ênfase mudou de foco e deixou de ser adoração.

2.7.3. Tolerância e Flexibilidade

Ocorre ultimamente, que a liderança denominacional tem se mostrado mais flexível e tolerante com as práticas e os desvios doutrinários. Cada vez mais se tornou comum encontrar igrejas batistas nada tradicionais conservando a logomarca da Convenção Batista Brasileira, uma convenção reconhecidamente conservadora. Não existe um padrão de liturgia batista que possa ser referência de uma igreja para outra, logo, fica comprometida a identidade da igreja nas suas práticas de culto. Esse é um problema que preocupa parte da liderança denominacional, mas por vezes parece ser uma tendência fragmentadora, algo desolador.

Se há uma coisa que os batistas nunca foram no decorrer da sua história, é

¹²¹ Documentos Batistas, Princípios Batistas, O Culto 21.

tolerantes. Um professor de História da Igreja e História da Teologia, na apresentação de um livro sobre os Batistas afirma que estes tem uma “vocação para a intolerância”¹²². Esta marca os acompanha desde o início na Inglaterra, na América do Norte e não tem sido diferente no Brasil. São inúmeros os casos de cisões por questões muitas vezes banais e que poderiam ser resolvidas pelo diálogo para evitar divisões e enfraquecimento da unidade da igreja. Esta intolerância já não nos parece tão evidente ultimamente. A convenção que tratou com dureza situações no passado já não tem a mesma postura.

Em razão de ser intolerante no passado, as igreja batistas deixaram de desenvolver seu grande potencial de crescimento. Por essa razão há no Brasil, várias denominações batistas formadas por igrejas dissidentes que, mesmo praticando doutrinas um pouco diferentes, defendem os princípios batistas e não abrem mão do nome. Mas, como não houve acordo num determinado momento de conflito, novos grupos se formaram. Há “Batistas Bíblicos”, que são mais fundamentalistas, “Batistas Independentes”, que formam outra convenção, até “Batistas do sétimo Dia”, entre outros diversos.

Contudo, o mais interessante é que quase todos esses grupos estão filiados à Aliança Batista Mundial, que os acolhe pelo critério dos “Princípios Batistas”. Não se pode esquecer que a questão doutrinária geralmente é determinante da liturgia praticada, onde tange esse trabalho, o que define a identidade visível. Muito provavelmente por perceber os prejuízos causados pela intolerância do passado, as assembleias convencionais da Convenção Batista Brasileira têm mostrado um comportamento diferente.

Quase cinquenta anos depois da cisão dos anos 60, os líderes das duas convenções, a Convenção Batista Brasileira e a Convenção Batista Nacional, promoveram um momento solene, reconhecendo os exageros daquela ocasião e foi manifestado um pedido público de perdão de ambas as partes¹²³. Na realidade prática, as igrejas de uma ou de outra convenção não se mostram tão diferentes. As igrejas tradicionais, da Convenção Batista Brasileira, não são mais tão conservadoras, e as igrejas renovadas, da Convenção Batista Brasileira, não são mais tão pentecostais como antes. Quem sabe, se houvesse mais diálogo e flexibilidade a cisão teria sido evitada.

¹²² PINHEIRO, J.; SANTOS, M., Os Batistas, controvérsias e vocação para a intolerância, p. 11.

¹²³ CBB., Lição para os nossos dias. Perdão e Restauração, p. 4.

Contrariando alguns conservadores, dificilmente uma igreja com divergência doutrinária é excluída da convenção no século XXI. Há uma tolerância maior, talvez justamente pela falta de uma referência de liturgia padrão, já que as igrejas autônomas definem seu próprio perfil sem um controle de uma liderança geral.

Algumas igrejas ainda conservam a forma tradicional de cultuar, com hinos congregacionais sob regência de um maestro e usando instrumentos clássicos, como o piano e órgão, recitativo bíblico, orações formais e pregadores de terno e gravata. Outras igrejas, diferentemente, nem usam hinário, mas sim, cânticos espirituais projetados numa tela, instrumentos populares, como guitarra, contrabaixo e bateria, grupo de jovens ministrando e pregadores com roupa esporte.

Não existe um critério, para se julgar qual culto seja mais espiritual, se faz sentido o pregador usar terno e gravata para pregar em um ambiente de mais de trinta graus de calor, ou se os hinos clássicos são mais inspirativos que os cânticos. Os batistas apenderam o que sabem com os missionários norte-americanos, que sempre usaram ternos e gravatas, como um padrão de elegância e solenidade reverente. Mas também porque seu país de origem é de temperaturas baixas, diferente do Brasil. Durante cerca de um século os pastores e líderes batistas usaram que o terno como indumentária ideal para um pregador, pelo aspecto respeitoso que representa. No Brasil tem há um constante um questionamento quanto ao uso de ternos. Isso pode ter influenciado para que pastores se apresentem de maneira mais informal. Se isto influencia na liturgia ou não, é discutível, pois nem sempre a formalidade indica solenidade, mas, sem dúvida, interfere na sensação de reverência no culto.

Quando a igreja está mais preocupada em manter sua frequência, quando usa marketing e outros mecanismo para atrair as pessoas, corre o risco de abrir mão de valores essenciais. Doutrina e liturgia passam a ocupar lugar secundário. A pregação da palavra torna-se flexível para não desagradar ou agredir os frequentadores e a disciplina perde sua importância. É assim que acontece com igrejas que estão demasiadamente preocupadas e agregar os jovens se adaptam às circunstâncias que eles querem, como por exemplo, uma igreja que promove “balada gospel”, para que os mesmos tenham na igreja o que o mundo secular oferece.

Essas coisas não são consideradas como divergência doutrinária, mas são desvios de conduta. Será que o Deus de Isaias, Amós e Miqueias, aceitaria a

adoração litúrgica destes jovens? Quem nos deu autoridade para moldar a adoração a nosso bel-prazer?

Adoração é relação vertical do homem com Deus; é a homenagem prestada a Deus. Adoração a Deus é função primordial que a Igreja deve exercer na face da terra. Adorar significa cultuar, orar, rogar, venerar, homenagear. Deus deve ser adorado pelos seus filhos em vista de sua magestade, poder, santidade, bondade, retidão e providência em favor dos homens.¹²⁴

Se adoração é uma relação com Deus, torna-se tema teológico, que carece ser tratado com a seriedade de ser altamente relevante quanto à sua prática e formas de exercer, considerando que os princípios foram estabelecidos pelo próprio Deus no Velho Testamento, ainda que tenham sido muitas vezes esquecidos pela igreja na intenção de fazê-la também agradável aos homens que cultuam.

2.8. Relativa ausência de liturgia nos cultos

A diferença de uma igreja batista para outra é visível. Ainda há igrejas conservadoras, com uma liturgia rígida, nas quais se pode participar de um culto solene e reverente, desde o prelúdio até o poslúdio, com uma sequência de partes bem elaboradas. Nestas igrejas prevalece o estilo clássico, com instrumentistas bem preparados musicalmente, geralmente habituados a usar partituras e instrumentos tradicionais, como piano e órgão eletrônico. Nestas igrejas há corais e regentes congregacionais e normalmente se usa o “Hinário para o Culto Cristão” ou o antigo “Cantor Cristão”. Os pregadores se apresentam de maneira mais formal, elegantes, muitas vezes de terno, dando um aspecto de importância que o momento requer.

Há igrejas que tentam aplicar um meio termo de liturgia aos cultos, com uma parte solene e uma parte mais livre. Porém, o mais comum é igrejas que já aboliram qualquer ordem litúrgica de culto. A maioria dá espaço para participação dos membros, seja na direção do culto, seja na ministração do louvor ou fazendo os anúncios da semana. O pastor, geralmente se restringe a pregar e dar a bênção final. Esta tem sido a forma de culto mais encontrada quando se vai a uma igreja batista. A liturgia não é padronizada, considerando que as pessoas se apresentam e fazem cada parte como acham melhor. No entanto, esta situação é natural quando se leva em conta as virtudes da autonomia das igrejas locais.

¹²⁴ MARTINS, J.G. Manual do pastor e da igreja p.18

Pode-se concluir como certo que a parte mais tradicional do culto batista é pregação da Palavra de Deus. Mesmo que as pessoas gostem muito da música, mesmo não se importem de seguir uma ordem litúrgica, ninguém se conformaria se faltasse a mensagem pregada. É pela pregação que faz a conclusão de tudo que aconteceu no decorrer da celebração, quando se espera ouvir a voz de Deus. O púlpito é fonte de teologia, de ensino, doutrina e exortação.

O púlpito batista, em sua proclamação, possui uma linha eclesiológica e teológico-doutrinária comum, ou seja, a sua mensagem pauta-se num corpo comum de doutrinas, exarado no documento chamado 'Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira'. Via de regra, as igrejas batistas, em seu estatuto, declaram segui-lo.¹²⁵

Numa análise rápida no estilo de culto mais comum de se encontrar percebe-se quais as partes ocupam lugar de maior importância na prática. Costuma-se dizer que a mensagem é a parte mais importante do culto, mas, na prática, a música ocupa esse lugar. É o momento de louvor, como se somente com as músicas é que se adora, se louva a Deus. O mais preocupante nesta observação é que as músicas, ou como se diz, o louvor, é preparado com as canções que as pessoas mais gostam de cantar, com o propósito de envolver o público para que cante com entusiasmo e alegria. Ocorre uma situação em que pode acontecer de se esquecer por um momento, que o louvor deve ser para agradar a Deus, mais que aos adoradores.

É comum cantar com palmas rítmicas, levantar as mãos, balançar o corpo e às vezes dançando coreografias. Os instrumentos musicais preferidos são o popular violão, guitarra, contrabaixo e principalmente a bateria. Nem sempre os músicos conhecem teoria musical, mas tocam por cifras ou aprenderam "de ouvido", os autodidatas. Os pastores acompanham o estilo usando roupas informais, como camisas polo ou camisetas temáticas quando é ocasional.

Talvez esta possa ser considerada como uma liturgia informal, pois liturgia não tem de ser necessariamente formal. Se se entende que liturgia é o serviço que se presta a Deus, especialmente a adoração, a formalidade não é o mais importante. Ainda que seja necessário se apresentar em culto a Deus com reverência à sua santidade e majestade, não se despreze isto, porém, o Senhor dá mais valor à atitude do coração. Quando o povo de Israel fazia os sacrifícios com toda a liturgia e solenidade, sem, no entanto, um coração contrito, Deus o rejeitou. Assim, quando

¹²⁵ FONSECA, E., Resgate da centralidade teológica no culto, p. 52.

nos referimos à liturgia do culto, não se trata um momento solene apenas, mas sim, do momento solene que corresponde à vida cotidiana.

A falta de uma liturgia na ordem de culto, nas celebrações, pode ser vista como uma falta de respeito, falta de reverência para com Deus. No Velho Testamento há expressões que mostram que a reverência também é uma forma de adoração ao Rei dos Reis, Senhor dos Senhores. É difícil imaginar alguém entrar pulando e gritando diante de um rei. Mas há uma música, muitas vezes cantada nos cultos que diz: “quando estou em Tua presença dá vontade de gritar, dá vontade de pular”. Isso não harmoniza com o sentido de adoração bíblica, não corresponde à atitude de um reverente e respeitoso adorador.

Guarda o teu pé quando entrares na casa do Senhor; O Senhor está no Seu santo templo, cale-se diante dele toda a terra.¹²⁶

2.8.1. O Problema da Formação de Pastores

No século passado as igrejas batistas eram muito criteriosas ao enviar um candidato ao ministério para o seminário. Exigia-se que o mesmo, demonstrasse comprometimento com as atividades da igreja e com a posição doutrinária batista. Não poderia ser recém convertido ou alguém sob disciplina, além de ter o reconhecimento por parte da comunidade com evidente chamado de Deus, claro, também bom testemunho de conversão. Era uma forma de preservar a tradição e identidade da igreja. Haveria sempre continuidade das práticas de culto e zelo pelos ensinamentos recebidos. Dificilmente um jovem pastor traria novidades para o rebanho, que também se mantinha conservador. Ainda não havia tantos pregadores na televisão e na internet para oferecer influências externas.

A Convenção mantinha três grandes seminários para os quais convergiam alunos de todo o Brasil. Havia alguns outros menores ligados às convenções estaduais, mas os três grandes eram os mais respeitados como referência. Um no Rio de Janeiro: o Seminário Teológico do Sul do Brasil, cuja biblioteca teológica era considerada a maior da América Latina; outro, igualmente tradicional e respeitado, o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, em Recife, que por vezes superou o Seminário do Sul em número de alunos. O Seminário Equatorial,

¹²⁶ Eclesiastes 5,1, Habacuque 2, 20.

em Belém do Pará, pouco menor, mas, de igual importância para os batistas.

Até o final do século XX estes três seminários foram diretamente influenciados pelos missionários americanos da Convenção do Sul dos Estados Unidos. Eram a maioria dos professores, mesmo com um português sofrível, mas tinham seus salários pagos em dólar e traziam muitas verbas para os projetos. Pelo fato de trazer recursos financeiros eles tinham a prerrogativa de interferir ou até gerir as instituições. Daí se percebe o alcance da influência dos batistas norte americanos sobre os batistas brasileiros na teologia, na eclesiologia e na liturgia. A atuação desses americanos trouxe muitos benefícios à estrutura denominacional, inclusive na construção de prédios para os seminários, escolas e orfanatos em todo o Brasil.

A época que os missionários americanos abdicaram dos postos de gestão, quando foram cessando os recursos que antes fluíam em abundância, coincidiu com uma crise econômica no Brasil. Isso desencadeou um processo que só foi sentido algum tempo depois, quando a conta deixou de fechar. As mensalidades pagas pelos seminaristas eram subsidiadas. Agora, tendo de pagar salários ao corpo docente e administrativo, o que só ocorria antes em pequena parte, os custos se elevaram e foi ficando mais difícil manter a estrutura. Se os grandes seminários recebiam alunos de todo o Brasil, agora isso ficou caro para os alunos e alunas e para as igrejas que os mantinham.

Logo, começaram a surgir vários pequenos seminários nos estados oferecendo curso livre de Bacharel em Teologia, porém, sem o padrão e qualidade dos grandes seminários, não obstante todo esforço em manter os currículos mínimos. O acesso aos seminários se tornou mais fácil, já que os alunos e alunas poderiam manter suas atividades cotidianas e famílias sem necessidade de mudar para os grandes centros.

Nesse ponto pode-se sentir a queda de qualidade do ensino teológico, que nos grandes seminários tinha maioria de docentes mestres e doutores/as, americanos ou brasileiros que receberam bolsas de estudo para se especializar nos Estados Unidos. As grandes bibliotecas representavam oportunidade de pesquisa e leitura de grande abrangência e de um histórico acumulado incomparável. O ambiente acadêmico, os eventos e conferências favoreciam a atualização e crescimento contínuo do alunato, além da riquíssima experiência do convívio comunitário, poisque nestes seminários o sistema de internato prevalecia. Poucos eram externos. Ainda merece consideração o fato de que alunos que deixaram suas cidades para estudar nesse

ambiente, estavam isentos de preocupações do dia a dia, se dedicando integralmente aos estudos.

Não se pode negar que a descentralização era inevitável. A realidade econômica do Brasil com a economia sempre em crise e inflação, tornara a preparação de vocacionados e vocacionadas para o serviço ministerial e missionário nos grandes seminários, um privilégio para um grupo seletivo. Aqueles/as cuja família teria recursos para seu sustento estariam mais tranquilos, outros eram sustentados integralmente pela igreja de origem, que os recomendavam e assumiam seu sustento como uma forma de cooperação denominacional, mesmo sabendo que o obreiro depois de formado, provavelmente passaria a pastorear uma outra igreja, ou seria missionário e não traria retorno àquela que lhe proporcionara os estudos. É bom lembrar que as igrejas batistas são autônomas e independentes umas das outras. Mas, havia também, alunos e alunas que exerciam alguma atividade secular para sustentar seus estudos, mesmo vivendo no internato.

Novos seminários foram surgindo por iniciativa das convenções estaduais¹²⁷ ou das próprias igrejas. A demanda já existia. Havia vocacionados que nunca teriam oportunidade de se preparar nos grandes centros, muitos por questões financeiras, quando nem família nem igreja estariam em condições de serem patrocinadoras. Outros, que por falta de oportunidade já haviam desistido e estabelecido uma vida com família, que agora teriam chance de estudar sem mudar seu padrão de vida, trabalhando, sustentando família sem nem mesmo mudar de igreja ou cidade. Alguns já com idade avançada, que não se aprofundarão muito. São fatores que terão efeito na igreja e na liturgia mais adiante.

Geralmente esses cursos foram criados noturnos para atender uma clientela que trabalhasse o dia inteiro, um contraste com os grandes seminários que incentivavam a dedicação integral aos estudos.

Não faz parte da “cultura batista” o zelo pelo preparo acadêmico continuado, o que pode ser interpretado como uma ausência formal de reflexão teológica. São poucos os pastores que prosseguem estudando após passarem os anos de graduação num seminário teológico. Isso se deve também, obviamente, a fatores econômicos, mas, a falta de hábito de estudo é uma realidade uma realidade de ausência de reflexão teológica, formal, acadêmica, fica mais fácil para que outros “movimentos litúrgicos” adentrem no dia a dia das igrejas, sem qualquer análise crítica.¹²⁸

¹²⁷ Em 1980 foi criado o Seminário Teológico Batista do Espírito Santo, CETEBES, entre outros.

¹²⁸ FONSECA, E., Resgate da centralidade teológica no culto, p. 64, 65.

Seguindo, enumerando os fatores que fizeram cair o nível de preparo de lídees, entendendo que isto influenciou na quebra da pouca liturgia que havia nas igrejas batistas. Chama atenção a questão da demanda. Ainda que a demanda existia e um enorme contingente de potenciais candidatos e candidatas ao ministério não tinha oportunidade de fazer um curso teológico, em alguns lugares esse contingente não era suficiente para se formar novas turmas a cada ano, para compor um corpo discente que justificasse a criação de mais uma instituição de ensino teológico. Assim que veio à tona essa situação, deixou-se de exigir que só se matriculasse quem tivesse vocação ministerial, como era a intenção inicial.

Os seminários se propunham a preparar liderança para as igrejas, então vieram aqueles/as que nem haviam pensado em seminário e que aproveitam a possibilidade e se matriculam para conhecer teologia e bíblia, muitos deles/as sem uma vivência e tradição na denominação. O problema é quando, por terem estudado, se sentem preparados para serem pastores/as, relevando o critério do chamado, que é o mais importante. Líderes de jovens, professores de Escola Bíblica Dominical, pregadores leigos, muita gente que desempenhava um papel muito importante na igreja, se achou em condições de exercer o ministério pastoral, e tendo aceitação, formaram uma geração de pastores, dos quais uma grande parte não subsistiu na função, ou não teve oportunidade e hoje ocupam os bancos das igrejas como “pastores sem igreja”.

Não se pode generalizar, é claro, mas a passagem do tempo dos pastores/as preparados nos grandes seminários, estudando em regime de internato, com acesso a grandes bibliotecas, para um tempo em que se formam pastores com uma formação relativamente limitada, trouxe efeito direto sobre as igrejas e a forma de culto praticada. Para muitos desses pastores a tradição não é relevante, principalmente os que não tem histórico de atuação como membros integrados sendo discipulados por um pastor. Alguns nem sequer foram bons alunos da Escola Bíblica Dominical, mas, se destacaram pela habilidade de liderança que tenham demonstrado.

Como se esse processo de surgimento de seminários regionais como alternativa aos grandes seminários da denominação não fosse suficiente, nas últimas décadas surgiram seminários interdenominacionais¹²⁹. São seminários que não estão ligados a uma denominação, com proposta de atender a qualquer candidato

¹²⁹ A Faculdade Unida de Vitória é um exemplo.

que deseja estudar teologia sem nenhum compromisso confessional. Se propõe a ser independentes e neutros em questões doutrinárias que gerem conflitos de ideias, com o foco na teologia acima do partidarismo doutrinário. É uma ideia muito boa quando se pretende formar teólogos, mas deficitária para formar pastores. Porém, nesses seminários estão se formando muitos candidatos ao ministério pastoral, que provavelmente poderão influenciar igrejas ao descompromisso e isolamento, abandonando a prática litúrgica tradicional.

Não se justifica, mas provavelmente estes fatores em relação à formação de pastores seja uma das causas da perda da identidade da igreja batista na liturgia. Quando o pastor não tem uma noção profunda e espiritual do significado do culto e da liturgia, isso vai refletir na igreja, que aprenderá ou não aprenderá com ele como adorar o Senhor. Se ele não tem segurança doutrinária, e age motivado apenas pelo emocionalismo, sem profundidade, o reflexo imediato será no comportamento dos fiéis, que darão muito valor ao que sentem, sem sequer questionar se está certo ou é bíblico o que estão fazendo ou como o estão fazendo.

A igreja reflete a figura do pastor. Isso ocorre porque ele é formador de opiniões e de ideias, sendo o orientador espiritual que alimenta com suas pregações o rebanho. Portanto, se esse pastor tem posições conservadoras acerca de doutrinas bíblicas, assim será esta igreja, se porém ele tem posições liberais, é certo que formará discípulos liberais quanto à teologia e vida cristã prática. Por isso é imprescindível o cuidado que se deve ter na formação de pastores, quando está presente a preocupação com a identidade da igreja. Há sempre o risco de se criar um círculo vicioso onde pastores com formação questionável formem líderes e pastores sem comprometimento de continuidade da história identitária da igreja batista.

2.8.2. Por que uma Igreja Eclética

Quando se diz que a igreja batista se parece uma igreja eclética, não significa comparar qualquer outro grupo religioso eclético que se conheça, como, por exemplo, a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal fundada pelo Mestre Yokaanam, em 1946, na cidade do Rio de Janeiro: e que estabeleceu em Goiás, na cidade de Santo Antônio do Descoberto. É uma comunidade a cerca de 60 quilômetros do centro de Brasília, e sonha em construir uma cidade eclética, a Nova

Jerusalém e construir no Monte Tabor, a Igreja Universal Eclética Cristã¹³⁰. Mais que eclético, o grupo é um sincretismo religioso que mistura catolicismo, espiritismo, maçonaria e esoterismo e tem a pretensão de restaurar a igreja cristã primitiva e unir todos os religiosos cristãos.

O sistema congregacional requer uma visão particular quando se fala “Igreja Batista”. Alguns preferem dizer que não existe a “Igreja Batista” instituição, mas sim, igrejas batistas locais, comunidades autônomas independentes e que cooperam entre si com objetivos comuns a todas. Numa visão ampla, da igreja como um todo, pela variedade de estilos e perfis poderia ser adequado falar em “igreja eclética”. Contudo, este conceito não faz sentido nem se aplica à igreja como comunidade local, que se identifica com as demais por uma convenção de cooperação, aceitação da Declaração Doutrinária e compromisso com os Princípios Batistas. No final, sempre haverá alguma coisa em comum entre as igrejas batistas na sua prática litúrgica.

As igrejas batistas sempre enfatizam a Palavra de Deus como central nos cultos, mesmo que não seja de maneira uniforme a pregação ocupa um lugar central, considerado geralmente como o momento mais importante da celebração.

¹³⁰ BURATO, G.R.M., Os peregrinos ecléticos cristãos.

3 O lugar da Liturgia entre as igrejas batistas

A liturgia pode não ter um padrão rígido, mas sempre será considerada importante nas igrejas batistas. “Fazei tudo com decência e ordem” (I Coríntios 14,40) é um texto constantemente repetido quando se trata de reverência e solenidade nos cultos. Este é claramente um sinal da preocupação dos batistas em que não se perca completamente o senso liturgico da adoração.

Definir liturgia não é tarefa fácil. Sempre se buscou uma resposta satisfatória, contudo, isto está relacionado à visão teológica de cada pessoa bem como do contexto em que se busca referendar as respostas. A hermenêutica pode favorecer tendências no sentido apologético da interpretação, quando se chega a conclusões a partir da tradução de palavras hebraicas e gregas que se referem ao culto e ao serviço cristão para se entender o que realmente é essencial para uma adoração agradável a Deus. Liturgia foi uma palavra tomada do secular, significando serviço público voluntário, para ser usada com significado de serviço e adoração a Deus. É um termo que pode ser interpretado como adoração ou como serviço, especialmente serviço a Deus, dependendo do contexto e do sentido que ganha significado de adoração.

Desde o Velho Testamento até ao Novo, encontram-se textos que dão a ideia de que a Liturgia que Deus quer e espera vai além do que é ritual e solene, é também vida de serviço agradável a Ele de forma ampla e abrangente e não apenas eventual. Segundo Marsili, na tradução dos LXX, do Velho Testamento, as palavras gregas usadas para Liturgia podem ter praticamente o mesmo sentido.

Para saber o que é “Liturgia” no AT era necessário percorrer o texto grego da Bíblia, e foi possível observar:

- a) Que dos dois termos cultuais *sheret* e *abhodáh*, o primeiro sempre é traduzido por “Liturgia”; no segundo, ao contrário, faz-se uma distinção, no sentido de que com muita frequência é traduzido por “Liturgia”, mas também por *latréuein-latρεία* e *douleúein-douleía*;
- b) Que por “Liturgia” entende-se sempre – salvo os poucos casos que não refletem o plano religioso – o *serviço de culto como é feito pelos sacerdotes levíticos*;
- c) Que *latréuein-latρεία* e *douleúein-douleía* servem, ao contrário para exprimir tanto a ideia ou o fato do *culto em geral*, como o *culto do povo* enquanto distinto do *culto sacerdotal*, considerado no seu desenvolvimento concreto *ritual e*

*cerimonial.*¹³¹

Latreia (λατρεία) no léxico grego se traduz como culto, serviço ou sacrifício, enquanto douleia (δουλεία) é traduzido com serviço, de onde se deriva a palavra δουλος, servo. Ambas são usadas no Novo Testamento com o sentido de culto, mas associado ao serviço a Deus. Λατρεία aparece cerca de cinco vezes traduzida como culto e cerca de dezessete vezes com sentido de servir. Δουλεία aparece cinco vezes traduzida por servidão, além de outras variantes com o mesmo sentido, mas δουλος aparece pelo menos cento e vinte vezes traduzido como servo¹³². Assim, pode-se deduzir que adoração e serviço são termos indissociáveis no Novo Testamento.

Consta na Enciclopédia Mirador Internacional, que as formas e conceitos básicos da liturgia cristã se estabeleceram inicialmente, numa transição entre o cristianismo original e o mundo greco-romano no qual se desenvolveu. As festas judaicas ainda eram observadas nas primeiras comunidades judaico-cristãs. As primeiras formulas litúrgicas surgiram nas assembleias dominicais que substituíram o sábado judaico. Cantavam-se hinos, eram lidos os profetas e os evangelhos, homilias e confissões, distribuía-se pão e vinho e eram levantadas ofertas para os pobres. A crença na ressurreição de Cristo fortalecia a igreja cada vez mais e o número dos fiéis se multiplicava. A partir do século III e IV desenvolveu-se uma forma litúrgica diferente em Roma, que acabou por predominar no ocidente, por haver uma certa hegemonia por parte da igreja romana sobre as demais.¹³³

JJ. von Allmen, em seu livro “Culto Cristão” faz menção da igreja como assembleia litúrgica, considerando que o uso do termo ekklesia, nem se deve tanto à etimologia, mas sim, pelo fato de a septuaginta usar este termo para traduzir o termo hebraico qâhâl. “Qâhâl Yahweh é assembleia do povo salvo do Egito e confirmado enquanto povo santo, ao pé do Sinai. (Deut. 4: 10)”.¹³⁴ As assembleias do povo de Israel em diversas ocasiões proporcionavam a sensação de pertença, de ser povo escolhido e propriedade de Deus. O Apóstolo Pedro associa essa experiência à experiência da Igreja(I Pedro 2, 9-10).

Estas referências do Velho Testamento não devem ser desprezadas quando se estuda o termo igreja no Novo Testamento, pois o vocábulo traz consigo conotações

¹³¹ MARSILI, S., A Liturgia, p. 45.

¹³² PETTER, H.M.(Comp.),La nueva concordancia greco-española del nuevo testamento, verbete Δουλεία.

¹³³ ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional., verbete Liturgia

¹³⁴ ALLMEN, J.J. von, O Culto Cristão, p. 47.

litúrgicas, já que a igreja é povo reunido por iniciativa de Deus. O culto como assembleia traz a memória a ideia de povo, povo de Deus reunido para adoração. Essa ideia está presente na mente de muitos fiéis, que desejam sinceramente agradar a Deus e não apenas praticar atos litúrgicos repetidamente como obrigação. O Apóstolo Pedro ensina isto de forma nítida:

Vos também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo. Por isso também na Escritura se contém: Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; e quem nela crer não será confundido. E assim para vos, os que credes, é preciosa, mas, para os rebeldes, a pedra que os edificadores reprovaram, essa foi a principal da esquina, E uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o que também foram destinados. Mas vos sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; Vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia.¹³⁵

Para se adquirir uma consciência eclesial, não adianta apenas estudar textos dogmáticos, confissões de fé ou disciplina eclesiástica. É indispensável ir à igreja e viver o seu culto. O culto é o momento maior da epifaniada igreja. Karl Barth afirmou: “No culto e por meio dele a igreja se mostra como uma comunidade que exprime a eleição, vocação, unidade e salvação dos seus membros”.¹³⁶

O culto necessita de formas litúrgicas, já que reúne pessoas em assembleias, como comunidades. Talvez seja mais fácil entender isto do ponto de vista sociológico, onde a comunhão terá efeito direto na espiritualidade dos participantes. Vivenciando os valores espirituais juntamente com outras pessoas que pensam da mesma maneira, dá-se a experiência da igreja se sentir como corpo, sendo uns, membros dos outros, ligados e unidos. Quando o Cristo se encarnou, também passou a viver em comunidade, se relacionou com pessoas de todos os níveis sociais e ensinou pelo exemplo.

John Knox, professor do Seminário Unido de Nova York, quando escreveu “A Integridade da Pregação” defendeu a ideia de que a pregação bíblica, além de ser ensino, é também ato de culto e um sacramento, o que a torna um ato litúrgico. “Deus fala ao homem através da pregação”¹³⁷. Para ele, culto é algo que inclui vários movimentos, ou disposições, como ação de graças, confronto com a vontade de

¹³⁵ I Pedro 2,5-10.

¹³⁶ BARTH, K. citado por ALLMEN, J.J. von, O Culto Cristão, p. 49.

¹³⁷ KNOX, J., A Integridade da Pregação, p. 75.

Deus, confissão de pecados, procura de perdão, afirmação de fé e consagração. É a Palavra ocupando lugar realmente relevante na liturgia do culto.

3.1. A Liturgia na Bíblia

Estudar liturgia no Velho Testamento é passar pela história da religião judaica e seu desenvolvimento. O povo de Deus, escolhido e separado, foi preparado pelo próprio Deus para Lhe prestar culto e adoração litúrgica desde o início. Sempre que ocorria algo marcante, logo naquele lugar edificavam um altar para adoração. Este gesto demonstrava que o povo reconhecia que Deus é quem lhes dava vitórias e livramentos. Eles davam nomes ao Senhor de acordo com o tipo de ação que Deus manifestava, como por exemplo, “El Shadai”, “El Elion” e outros.¹³⁸

A religiosidade do povo hebreu evoluía à medida que acontecia a auto revelação de Deus e a metodologia litúrgica se formava enquanto mais se conhecia a Deus, seus atributos e suas exigências. A questão da fé, da espiritualidade e da adoração se desenvolviam através dos tempos que se passavam à proporção que o povo recebia aprovação de Deus, ou, outras vezes o povo aprendia pela repreensão quando o Senhor usava até mesmo reis gentios para discipliná-los. A relação do povo com Deus era integral, com governo teocrático, o que significa que não havia separação entre o sagrado e o secular. As leis religiosas eram as leis sociais.

Quando Deus criou o homem e o colocou no Jardim do Éden, as coisas fluíam naturalmente. Ele lhe deu uma incumbência, uma primeira responsabilidade a cumprir. Ali também estabeleceu o primeiro limite a ser respeitado:

E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar. E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.¹³⁹

Adão estaria prestando um serviço ao próprio Deus ao obedecer, o que no sentido mais amplo da palavra seria uma prática litúrgica, considerando que liturgia não tem de ser necessariamente ato de culto no templo ou diante de um altar, seu significado está além do que é visível, na atitude do coração. O relacionamento do homem com Deus envolvia o compromisso de obediência e respeito aos limites que

¹³⁸ Gênesis 14,20 e 17,1

¹³⁹ Gênesis 2,15-17.

foram estabelecidos. Se ele cumpria sua responsabilidade de cuidar do jardim, contudo, não respeitou os limites dados por Deus e pecou justamente ao comer da única árvore que lhe fora proibida. As consequências dessa desobediência foram desastrosas para toda a humanidade, o pecado entrou no mundo, quebrando a comunhão da pessoa com Deus. Tem início a partir daí o plano de Deus para recuperar o homem de sua condição de caído.

No Jardim do Éden, tudo indica que ocorria um encontro diário de Deus com Adão e Eva. Este seria um momento muito especial de adoração apreciado pelo próprio Deus, tanto que, no dia que Adão faltou, Deus o procurou, chamou por ele, que havia se escondido com vergonha por causa do pecado cometido. Esse encontro que acontecia antes do pecado era um encontro prazeroso, mas agora deixou de o ser. O pecado produziu vergonha e distanciou a criação de seu criador, impedindo sua condição de adorador. A liturgia que acontecia na comunhão foi interrompida pelo pecado. O profeta Isaías descreve bem isto:

Eis que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem agravado o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que não vos ouça.¹⁴⁰

São Paulo escreveu aos Efésios que “Deus criou o homem para o louvor da Sua glória”.¹⁴¹ É fácil imaginar como estava sendo perfeita esta relação da criatura com o criador, uma vez que o homem fora criado por Deus à Sua imagem e semelhança, dotado de características que possibilitavam comunhão e relacionamento pessoal consigo mesmo. No Jardim do Éden acontecia a adoração como prevista por Deus, como Ele mesmo havia preparado, até que o pecado entrou em cena e a comunhão foi quebrada e a adoração foi interrompida. Quando o pecado acontece, não há ritual ou liturgia que resista. A pessoa não consegue por si mesmo recuperar esta comunhão, somente uma ação de Deus pode tirá-lo da alienação da culpa e da vergonha em que se encontra. Então o Senhor proporcionou o primeiro sacrifício pelo pecado, o primeiro derramamento de sangue para resolver o problema do homem: “E fez o Senhor Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu”.¹⁴²

¹⁴⁰ Isaías 59,1, 2.

¹⁴¹ Efésios 1,12.

¹⁴² Gênesis 3,21

Um animal foi morto para que sua pele vestisse Adão e Eva. Eles tentaram se cobrir com folhas, mas esta solução foi apenas paliativa. Deus cobriu a sua nudez, para que pudessem se apresentar diante dele. Um estudioso da bíblia facilmente vê neste ato do criador, o protótipo do sacrifício de Jesus Cristo, cujo sangue inocente foi derramado na cruz para solução do problema do pecado do homem. Assim como no Éden, somente a ação de Deus é suficiente para religar a criatura ao Criador, para recuperar a comunhão perdida. “E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão”.¹⁴³

O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, passou a ter em si mesmo uma inquietação e uma insatisfação implícita pela ausência do relacionamento que tinha antes com o criador. A maior evidência disto é que a religião está presente em todos os povos da humanidade, com tentativas de aproximação e busca de maneiras de se agradar a um Ser Superior, com diferentes práticas litúrgicas. Há diferentes conceitos quanto ao “ser superior” em várias culturas, por isso algumas formas de adoração são baseadas no medo, outras na ignorância e muitas vezes usadas como instrumento de dominação. Liturgia não é exclusividade dos cristãos.

Os sacrifícios se tornaram parte significativa da relação litúrgica do homem com Deus no decorrer da história. Durante séculos, inúmeros cordeiros foram sacrificados em lugar de pecadores, como forma de remissão de seus pecados. Um ritual litúrgico era seguido com padrão de qualidade e cerimônias de purificação, para que fossem aceitáveis diante de Deus. É provável que o povo de Israel, ao sacrificar cordeiros em adoração a Deus, ainda não alcançasse o entendimento do significado profético desse sacrifício. O cordeiro, cujo sangue era derramado era sempre um tipo de Jesus Cristo.¹⁴⁴

João Batista entendeu bem isto, e quando viu Jesus chegar para ser batizado, declarou: “Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.¹⁴⁵ Naquele momento era feita a identificação do “Cordeiro de Deus” com o cordeiro dos sacrifícios oferecidos pelo povo repetidamente no altar. A diferença é que o sacrifício de Jesus, o Cordeiro de Deus nunca mais precisaria ser repetido. Sua suficiência total, seu valor sem precedentes foi pagamento completo pelos pecados de toda a humanidade, conforme o autor da carta aos Hebreus destaca:

¹⁴³ Hebreus 9,22.

¹⁴⁴ João 1, 29

¹⁴⁵ João 1,29.

Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez. E assim todo o sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados; Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus.¹⁴⁶

Encontra-se no Livro de Gêneses, Caim, trazendo a Deus uma oferta do fruto da terra e Abel, trazendo ao Senhor uma oferta dos primogênitos das suas ovelhas e da sua gordura. A intenção de ambos era litúrgica, apresentar uma oferta ao Senhor, prestar uma adoração. Eles ofereceram o que tinham, conforme o fruto de seu trabalho, estariam servindo ao Senhor. Ambos se apresentaram diante de Deus com sua oferta, mas aconteceu algo inesperado: oferta de Caim não foi aceita, enquanto a oferta de Abel agradou ao Senhor.

Qual foi a diferença entre a oferta de um e a oferta de outro? Aparentemente eram ofertas equivalentes, uma vez que não havia nada explícito até então, se deveriam trazer ofertas ou mesmo como estas deveriam ser. Mais adiante se verá que ofertas dos produtos da terra eram apreciadas por Deus, tanto quanto as ofertas de animais sacrificados. Contudo, nem Caim ou Abel teriam uma referência, pois eram pioneiros no ato de ofertar. Porém, a intenção, o desejo de oferecer algo a Deus parece ser algo inerente à natureza humana desde o início, e é isso que dá significado à liturgia. Não se trata apenas de fazer, mas sim, fazer de coração.

Uma observação mais atenta vai apontar um registro que diferencia a oferta de um e do outro. A oferta de Caim era simplesmente uma oferta do fruto da terra,¹⁴⁷ porém, a oferta de Abel, tinha um diferencial: não era simplesmente uma de suas ovelhas, mas “dos primogênitos, e da sua gordura”. Abel separou o que tinha de melhor para oferecer, Deus atentou para sua oferta por causa do sentimento demonstrado, pela atitude de oferecer o melhor e não apenas oferecer algo comum. O sentimento e atitude dão significado à oferta e é isto que o Senhor vê, e não apenas o que é ofertado. Isto não pode ser apenas como cumprimento de obrigação. Caim não entendeu, se revoltou e o relato bíblico nos mostra Deus questionando sua atitude:

E aconteceu ao cabo de dias que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura; e atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta. Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o semblante. E o Senhor disse a Caim: Por

¹⁴⁶ Hebreus 10, 10- 12.

¹⁴⁷ CHOURAQUI, A., Bíblia, A.T. no princípio, p. 67

que te iraste? E por que descaiu o teu semblante? Se fizeres bem, não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele deves dominar.¹⁴⁸

Caim não dominou o pecado, que foi consumado quando ele matou seu irmão Abel. Sua atitude confirmou que não trazia oferta com coração amoroso e que não recebeu a rejeição de Deus como disciplina para melhorar, se corrigir para uma próxima vez, mas, pelo contrário, se revoltou por ver que a oferta de seu irmão fora aceita. Incomodou-se por ver a oferta de seu irmão ser aceita mais do que por ver a sua própria oferta rejeitada. Deus não havia rejeitado a sua pessoa, mas sim, a sua oferta. Com humildade ele poderia redirecionar seu comportamento para fazer diferente. Com orgulho, ele foi dominado pelo pecado para cometer um homicídio”.E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou”.¹⁴⁹

Há uma relação de polarização entre adoração perfeita e o pecado. De um lado, a adoração que reflete comunhão direta com Deus, proximidade e aceitação. Ser aceito por Deus, no ato de ofertar é decorrência de ser agradável a Ele não apenas por ofertar, mas por demonstrar atitude de devoção, de prioridade e importância. Há uma incompatibilidade entre pecado e adoração, pois o mais importante é a pessoa e não a oferta. Deus sabe o que se passa no coração do adorador e não atenta apenas para o que é oferecido.

Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.¹⁵⁰

Os verdadeiros adoradores/as devem considerar que Deus não mudou desde os dias de Caim e Abel, nos tempos do Novo Testamento e até os dias de hoje. Se Abel agradou ao Senhor com sua oferta, diferente de Caim, Deus julgou a atitude de cada um e não foi injusto, pois Seus critérios estão focados no adorador, e não no objeto oferecido. Deus não precisa de nada que se Lhe possa oferecer, mesmo porque, tudo pertence a Ele mesmo. Adoração é algo que tem a ver com a maneira como se quer agradar e se relacionar com Deus. Abrão foi chamado de “amigo de Deus” e Enoque andou com Deus e “Deus o tomou para Si”.

Por outro lado, um ato de ofertar puramente formal e por obrigação, nem

¹⁴⁸ Gêneses 4, 3-7.

¹⁴⁹ Gêneses 4, 8.

¹⁵⁰ João 4: 24, 25.

mesmo pode ser considerado ato litúrgico. Não faz sentido para Deus, pelo contrário, reflete um coração distante, que ainda não conhece o Senhor o suficiente para entender que isto não Lhe é agradável ou aceitável. É claro que Caim não tinha a intenção de enganar ou zombar de Deus,¹⁵¹ todavia, não fez o melhor que poderia fazer. Tal atitude ocorreu por não valorizar a adoração e a oferta como algo da maior importância como deveria ser. Caim não “fez bem”, como Abel, que escolheu entre os primogênitos o melhor para oferecer. Seu coração não estava posto ali, e como consequência o pecado o dominou para pecar. Se “fizesse bem” não haveria espaço para o ódio e o pecado no seu coração. Segue-se que a adoração verdadeira e sincera nos aproxima de Deus, além de ajudar a dominar o pecado, que “jaz à porta”.

Antecede ao ato, a intenção. Antecede à oferta material, a oferta do coração, o desejo de se fazer o melhor para agradar a Deus, mesmo que a oferta visível não tenha o maior valor material. Foi o que Jesus afirmou quando observava as pessoas trazendo ofertas ao altar e chamou atenção dos discípulos, dizendo que uma viúva pobre que dera algumas moedas havia dado a maior oferta de todas, porque havia dado tudo o que tinha, enquanto os ricos davam o que lhes sobejava.¹⁵²

Quando há a intenção de enganar a Deus, esta já é deplorável e pecadora, como nos dias de Malaquias, quando o povo trazia ovelhas defeituosas e doentes¹⁵³. Cumpriam a obrigação da lei, mas esse comportamento aborrecia ao Senhor e O aborrecia ainda mais que seus sacerdotes aceitassem tais sacrifícios e não repreendessem ao povo para que se acertassem. Os sacerdotes que deveriam ensinar o povo, se tornaram coniventes com tal procedimento e Deus cobrou deles.

No Livro de Atos dos Apóstolos, encontramos o casal Ananias e Safira, que ao vender uma propriedade para ofertar ao Senhor, trouxe apenas uma parte da venda afirmando ser tudo¹⁵⁴. O pecado de Ananias não foi trazer apenas metade do valor, mas mentir dizendo que ofertava tudo. Deus não se deixa enganar, de Deus não se zomba. Este episódio se torna ainda mais relevante quando se considera o Deus do Novo Testamento como outro distinto do Deus do Velho Testamento. David Stern, um exegeta bíblico afirma:

Às vezes se apresenta como uma doutrina cristã uma heresia do século II proposta

¹⁵¹ Letrônica, RevistaseletronicasPUCRS-julho-dezembro 2015, v8 n2 - a literatura sob o signo de caim: os gênios malditos p.496.

¹⁵² Lucas 21, 3.

¹⁵³ Malaquias 1, 8.

¹⁵⁴ Atos dos Apóstolos 5.

por Marcião. Segundo ele, o Novo Testamento prega um Deus de amor que é superior, enquanto o Deus do Antigo Testamento é uma divindade inferior que se preocupa com julgamento, ira, justiça e que executa os detalhes da lei.¹⁵⁵

Quando há dúvidas acerca da identidade de Deus, quando o adorador não tem clareza e conhecimento de Deus, certamente terá dificuldade em prestar culto e adoração. A Liturgia reflete uma relação com o criador a partir da consciência de sua superioridade e grandeza, do conhecimento da sua magestade que resulta em homenagem solene diante de sua realeza.

3.1.1. O altar

Quando o Senhor ordenou a Noé que construísse uma arca, ele creu e obedeceu. Tudo aconteceu como Deus havia dito e veio o dilúvio que dizimou toda a vida sobre a terra, exceto Noé, sua família e os animais que recolhera na arca. Durante quarenta dias choveu sobre a terra e finalmente chegou o dia em que a arca repousou em terra firme. Ao sair da arca Noé tinha certeza de quem era Deus para ele e o adorou.

Então saiu Noé, e seus filhos, e sua mulher, e as mulheres de seus filhos com ele. Todo o animal, todo o réptil, e toda a ave, e tudo o que se move sobre a terra, conforme as suas famílias, saiu para fora da arca. E edificou Noé um altar ao Senhor; e tomou de todo o animal limpo e de toda a ave limpa, e ofereceu holocausto sobre o altar. E o Senhor sentiu o suave cheiro, e o Senhor disse em seu coração: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem; porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice, nem tornarei mais a ferir todo o vivente, como fiz. Enquanto a terra durar, sementeira e sega, e frio e calor, e verão e inverno, e dia e noite, não cessarão.¹⁵⁶

Noé edificou um altar e ofereceu holocausto ao Senhor. É a primeira vez que aparece a palavra altar na Bíblia. Seria um lugar especialmente preparado para o holocausto. O altar passou a ser conseqüentemente parte integrante do culto, pois, Abrão, Isaque, Jacó, Moisés, bem como muitos outros personagens da história bíblica edificaram altares para adorar a Deus. No Êxodo, mais precisamente em Refidim, o povo murmurou contra Deus, por não ter água para beber. Como conseqüência da murmuração do povo, levantou-se Amaleque contra eles. Mas o Senhor os livrou e após vencer os amalequitas, Moisés edificou um altar, ao qual

¹⁵⁵ STERN, D. H., Comentário Judaico do Novo Testamento, p. 265.

¹⁵⁶ Gêneses 8, 18-22.

chamou “Jeová-Nissi”, que significa o Senhor é minha bandeira.¹⁵⁷

Aconteceu algo interessante com Abrão, com Isaque, com Moisés, assim como com Noé: a edificação do altar está associada a um juramento de Deus. Desta vez Deus prometeu “riscar a memória de Amaleque de debaixo dos céus”. Assim, o altar se tornou, não somente integrante, mas parte importante na adoração, compondo o ambiente litúrgico para os sacrifícios. Até Jesus se referiu ao altar como lugar de consagração de ofertas, quando ensinava acerca da responsabilidade no relacionamento entre os irmãos para uma perfeita liturgia.

As primeiras instruções com respeito ao levantamento de um altar, em conexão com a Lei, acham-se em Êx 20.24,25. Devia ser de terra, ou de pedra tosca, e sem degraus. Havia dois altares em relação com o tabernáculo, um no pátio exterior, e outro no Santo Lugar. O primeiro chamava-se altar de bronze, ou do holocausto, e ficava em frente do tabernáculo. Era de forma côncava, feito de madeira de acácia, quadrado, sendo o seu comprimento e a sua largura de sete côvados, e a altura de três côvados

– estava coberto de metal, e provido de argolas e varais para o fim de ser transportado nas jornadas do povo israelita pelo deserto. Em cada um dos seus quatro cantos havia uma saliência, a que se dava o nome de ponta. Não havia degrau, mas uma borda em redor para conveniência dos sacerdotes, enquanto estavam realizando o seu trabalho. Pois que os sacrifícios eram oferecidos neste altar, a sua situação à entrada do tabernáculo era para o povo de Israel uma significativa lição de que não havia possível aproximação de Deus a não ser por meio do sacrifício (Êx 27.1 a 8 – 38.1).¹⁵⁸

Quanto ao holocausto de Noé, note-se que foi uma oferta de “todo animal limpo e de toda ave limpa”. Ele selecionou o que havia de melhor para oferecer ao Senhor com o zelo e a intenção de agradar. E a Bíblia diz que Deus sentiu o “suave cheiro”, sinal de que a adoração de Noé Lhe foi aceitável e então fez aliança com Noé para não mais amaldiçoar a terra por causa da maldade do homem.

Aquele foi um novo começo na história da humanidade. Uma nova geração tinha início e, uma nova aliança foi firmada entre Deus e seus adoradores. De um lado um holocausto agradável a Deus e por outro lado, o mesmo Deus demonstrando boa vontade para com o ser humano, dando um sinal nos céus. Pode-se dizer que ocorreu uma relação de reciprocidade, quando o homem fez o melhor para agradar a Deus, sendo aceito por Ele, achou então, graça diante de Deus, que demonstrou seu grande amor fazendo promessas.

Um teólogo inglês, B. H. Carrol, em seu livro “Uma interpretação da Bíblia Inglesa” cuja primeira publicação foi em 1932, discorrendo sobre a palavra altar,

¹⁵⁷ Êxodo 17, 15.

¹⁵⁸ BÍBLIA.com.br., Dicionário Bíblico, verbete Altar.

afirma que: “A condição que Deus exige do homem é que se apresente diante dele e se justifique por meio de uma propiciação, e a fé do homem naquela propiciação constitui a razão de Deus fazer pacto com ele”.¹⁵⁹

O holocausto oferecido por Noé se assemelha ao holocausto de Abel, não apenas por ser oferta de animais, mas principalmente pela atitude do coração de ambos. A liturgia na adoração que caracterizava tanto um como outro estava na intenção, no coração que desejava agradar ao Senhor espontânea e voluntariamente com o que tivesse de melhor para oferecer. Naquele momento Deus se alegrou ao ver que tais adoradores haviam entendido o que Ele desejava sem que fosse preciso uma ordem, um preceito determinando um padrão. A natureza humana tem essa capacidade implícita na sua formatação inicial, pois Deus criou o homem se relacionar e para ser agradável a Ele, conforme o Apóstolo Paulo ensina aos cristãos efésios:

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, Para louvor da glória de sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado.¹⁶⁰

O pecado descaracterizou a criatura humana e fez com que o homem perdesse a intimidade com o criador. Adão teve vergonha de se apresentar diante de Deus e em seguida foi expulso do jardim da comunhão, mesmo após receber uma roupa que cobrisse sua nudez. Não obstante o ocorrido, Deus Prometeu que “da semente da mulher nasceria um que esmagaria a semente da serpente”. Jesus promoveu a reconciliação desejada pelo Pai, proporcionando novamente condições ao homem/mulher de ser aceitável perante Deus.

Descobrimo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade; Com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós os que primeiro esperamos em Cristo; Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa; O qual é o penhor da nossa herança,

¹⁵⁹ CARROL, B.H., Una Interpretacion de La Bíblia, p. 237.

¹⁶⁰ Efésios 1,3-6.

para redenção da possessão adquirida, para louvor da sua glória.¹⁶¹

O altar tem significado simbólico no Novo Testamento¹⁶², não mais como o altar no templo dos judeus, mas uma representação espiritual do momento de culto e de consagração de vidas diante de Deus, onde apresentamos nossos corpos em sacrifício vivo santo e agradável a Deus(Romanos 12,1)

3.1.2.

O sacerdócio levítico

O sacerdócio já existia antes de Moisés, mas, o sacerdote era o patriarca da família, ele dava a bênção. A primeira referência a sacerdote na bíblia está no livro de Gêneses, quando apresenta Melquisedeque, rei de Salém, como sacerdote do Deus altíssimo, que abençoou Abrão e a quem este entregou o dízimo de tudo que angariara na guerra. Depois encontramos a instituição do sacerdócio levítico em Êxodo 28, 1-3, Levítico 8, 6- 13, Números 3, 5-7 e 8, 4 e em Deuteronômio 10, 8. Os levitas formavam uma classe ou grupos encarregados do serviço do templo, sendo sistema de governo era teocrático, o sumo sacerdote detinha o poderreligioso e civil sobre o povo. Havia sacerdotes e os levitas, que formavam 24 grupos que eram escalados por sorteio para o serviço e conheciam todos os requisitos para o sacrifício. Eram tidos em alta posição e muito respeitados pelo povo. Somente eles eram autorizados a oferecer sacrifícios e queimar incenso sobre o altar. Quando rei Uzias tentou queimar incenso, foi acometido de lepra, começando ela testa.

Mas, havendo-se já fortificado, exaltou-se o seu coração até se corromper; e transgrediu contra o Senhor seu Deus, porque entrou no templo do Senhor para queimar incenso no altar do incenso. Porém o sacerdote Azarias entrou após ele, e com ele oitenta sacerdotes do Senhor, homens valentes. E resistiram ao rei Uzias, e lhe disseram: A ti, Uzias, não compete queimar incenso perante o Senhor, mas aos sacerdotes, filhos de Arão, que são consagrados para queimar incenso; sai do santuário, porque transgrediste; e não será isto para honra tua da parte do Senhor Deus. Então Uzias se indignou; e tinha o incensário na sua mão para queimar incenso. Indignando-se ele, pois, contra os sacerdotes, a lepra lhe saiu à testa perante os sacerdotes, na casa do Senhor, junto ao altar do incenso. Então o sumo sacerdote Azarias olhou para ele, como também todos os sacerdotes, e eis que já estava leproso na sua testa, e apressuradamente o lançaram fora; e até ele mesmo se deu pressa a sair, visto que o Senhor o ferira. Assim ficou leproso o rei Uzias até ao dia da sua morte; e morou, por ser leproso, numa casa separada, porque foi excluído da casa do

¹⁶¹ Efésios 1, 9- 14.

¹⁶² Hebreus 13,10

Senhor. E Jotão, seu filho, tinha o encargo da casa do rei, julgando o povo da terra.¹⁶³

Oitenta sacerdotes liderados por Azarias resistiram ao rei Uzias, que insistia em queimar incenso sobre o altar do Senhor. Quando o rei se indignou, Deus Mesmo feriu com lepra, e as consequências da lepra, incluíam o isolamento social. Era um sinal do grande prestígio que Deus dava à casta dos sacerdotes, aos quais Ele escolhera para a liturgia do templo com exclusividade. A tradução da septuaginta aparece o termo liturgia como uma atividade praticada pelos sacerdotes levitas.

Portanto, na intenção dos LXX, a palavra “Liturgia” adquiria o valor de termo técnico para indicar o “culto levítico” enquanto tal, isto é, uma forma cultural determinada por um cerimonial próprio fixado nos livros da Lei e reservada a uma categoria particular.¹⁶⁴

A exclusividade atribuída aos sacerdotes em realizar os sacrifícios foi quebrada quando o Senhor rejeitou os filhos de Eli, para uma continuidade e levantou Samuel como seu profeta. Samuel ainda era criança quando teve a responsabilidade de falar a Eli o recado de Deus sobre seus filhos, que também eram sacerdotes. Seriam julgados pelo Senhor. “Eram, porém, os filhos de Eli filhos de Belial; não conheciam ao Senhor. Porque eujá lhe fiz saber que julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque, fazendo-se os seus filhos execráveis, não os repreendeu”.¹⁶⁵

O sistema sacrificial judaico havia sido estabelecido por Deus e funcionava através da atuação dos sacerdotes, aos quais competia a ablação de sacrifícios. No entanto, com a rejeição dos filhos de Eli, não havia sacerdotes oficiais. Deus tinha grande zelo pelas funções sacerdotais, a ponto de castigar o rei Uzias com lepra quando o mesmo tentou usurpar para si tal função. Mas agora Samuel se viu na situação de tomar uma atitude. Ainda que fosse muito jovem e não estivesse investido da função sacerdotal, se viu pressionado pelo povo, que sofria nas mãos dos filisteus, então sacrificou ao Senhor.

Então tomou Samuel um cordeiro de mama, e sacrificou-o inteiro em holocausto ao Senhor; e clamou Samuel ao Senhor por Israel, e o Senhor lhe deu ouvidos.

E sucedeu que, estando Samuel sacrificando o holocausto, os filisteus chegaram à peleja contra Israel; e trovejou o Senhor aquele dia com grande estrondo sobre os

¹⁶³ II Crônicas 26, 16- 21.

¹⁶⁴ MARSILI, S. A Liturgia, p. 42.

¹⁶⁵ I Samuel 2,12, 3. 13.

filisteus, e os confundiu de tal modo que foram derrotados diante dos filhos de Israel.¹⁶⁶

Deus aceitou a oblação pelas mãos de alguém que não era um sacerdote, pois era uma situação muito especial, assim como também aceitou quando Elias enfrentou os profetas de Baal no Monte Carmelo.

Sucedeu que, no momento de ser oferecido o sacrifício da tarde, o profeta Elias se aproximou, e disse: Ó Senhor Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, manifeste-se hoje que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo, e que conforme à tua palavra fiz todas estas coisas. Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo conheça que tu és o Senhor Deus, e que tu fizeste voltar o seu coração. Então caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego. O que vendo todo o povo, caíram sobre os seus rostos, e disseram: Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!¹⁶⁷

Ao invés de usar sacerdotes Deus estava usando profetas, os quais levantou para levar sua mensagem e corrigir os extravios daqueles. O sacerdócio estava corrompido em vários momentos da história do povo de Israel e Deus não estava satisfeito com o comportamento daqueles que deveriam orientar o povo sobre a maneira certa de gradar ao Senhor.

Os seus chefes dão as sentenças por suborno, e os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro; e ainda se encostam ao Senhor, dizendo: Não está o Senhor no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá.¹¹⁰ Agora, ó sacerdotes, este mandamento é para vós. Se não ouvirdes e se não propuserdes, no vosso coração, dar honra ao meu nome, diz o Senhor dos Exércitos, enviarei a maldição contra vós, e amaldiçoarei as vossas bênçãos; e também já as tenho amaldiçoado, porque não aplicais a isso o coração. Eis que reprovarei a vossa semente, e espalharei esterco sobre os vossos rostos, o esterco das vossas festas solenes; e para junto deste sereis levados.¹⁶⁸

O sacerdócio levítico teve papel imprescindível no seu tempo, era essencial na Liturgia dos sacrifícios e Deus deu especial relevância a esses sacerdotes, porém, juntamente com os profetas contemporâneos de Malaquias, não se comportaram de modo digno da função que tinha a desempenhar. Com esse comportamento não comprometiam apenas seu culto pessoal, mas o culto do povo diante do qual deveriam servir bem.

¹⁶⁶ I Samuel 7, 9, 10.

¹⁶⁷ I Reis 18,36- 39.

¹⁶⁸ Malaquias 2,1- 3.

3.1.3.

O padrão de Deus para os sacrifícios no Velho Testamento

Podemos destacar vários atos de adoração que podem ser considerados litúrgicos na bíblia, envolvendo sacrifícios e ofertas a Deus, desde o princípio com Caim e Abel, passando por Noé, Abrão e os outros patriarcas. No entanto a partir da saída do povo de Israel do Egito, foi se estabelecendo um padrão litúrgico dado pelo próprio Deus a Moisés. É o que entendemos lendo os escritos do professor Luiz Fernando, Professor da PUC-Rio que ministra na área de Liturgia:

No tempo do êxodo que começa a se verificar uma ritualidade institucionalizada nas práxis de Israel, em que história e culto se entrelaçam intimamente. Neste sentido podemos citar a importância da ceia pascal (Êxodo 12:1 – 13: 6) e da assembleia do Sinai (Êxodo 19-24).¹⁶⁹

Quando o povo de Israel saiu do Egito, iniciou-se uma nova era no projeto de Deus, pois tudo fazia parte de um plano muito abrangente que tivera início com Abrão, o qual é considerado como o primeiro patriarca entre muitos outros. Durante a jornada pelo deserto, o povo chegou ao Monte Sinai, e ali Deus apresentou a Moisés os Dez Mandamentos. A partir desta lei foram desenvolvidas outras e Deus mesmo deu os critérios e as formas como desejava ser adorado e cultuado.

Os sacrifícios eram litúrgicos e a forma como tudo deveria acontecer era bem detalhada, desde as roupas dos sacerdotes até à escolha dos animais para o sacrifício. A solenidade seria sempre algo compatível com a santidade do Deus Altíssimo, por esta razão era requerida muita disciplina litúrgica. Nos dias de hoje nos torna impossível vislumbrar tanto requinte e detalhamento como está previsto nos livros da lei. A Lei Cerimonial era o padrão litúrgico. Até nos tempos de Jesus esses detalhes eram considerados muito importantes e chegaram mesmo a ser razão de conflito com o próprio Cristo, pelo excesso cometido pelos fariseus.

Qual seria essencialmente a intenção de Deus? Que expectativa Ele nutria em relação ao povo escolhido para O adorar?¹⁷⁰ Certamente seria uma forma de aproximação, quando o povo se santificasse e se purificasse de seus maus caminhos para estar na presença de um Deus santo, doutra forma seria impossível tal aproximação. A adoração não teria sentido como mera formalidade, mas como uma identificação crescente do povo com Deus, que possibilitasse o relacionamento

¹⁶⁹ SANTANA, L. F. R., Liturgia no Espírito, p. 52.

¹⁷⁰ Oséias 6, 6

entre o humano e o divino.

Provavelmente o Senhor desejava que o povo percebesse o quanto Ele mesmo considerava importantes esses atos de adoração. Nunca deveriam ser banalizados ou realizados de maneira negligente, o que significaria uma afronta ao Rei do Universo. Mais adiante será destacado que Deus rejeitou os atos de culto do povo de Israel, quando os mesmos não correspondiam à sinceridade e fidelidade que se faziam necessárias. Deus nunca esteve interessado em formalidade aparente e exterior, mas sim, que as formalidades e liturgia fossem sintomas e fruto de corações sinceros e verdadeiros. Pode-se entender melhor isto com a leitura de Hebreus 13,15: “Portanto, ofereçamos sempre por ele a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome”.

Quando era apresentado um sacrifício no altar pelos pecados de alguém, deveria haver, no mínimo, uma atitude de arrependimento e contrição. Um cordeiro sendo imolado no altar, seu sangue inocente sendo derramado precisava ser visto com sensibilidade e reconhecimento de culpa para confissão. Tal atitude seria imprescindível a quem desejasse estar em comunhão com Deus, que, sendo santo, nunca tolerou o pecado diante de Si. A santidade é algo incompatível com o pecado. O livro de Êxodo e Levítico é onde há mais detalhes no que diz respeito da liturgia e dos sacrifícios que deveriam ser apresentados a Deus. Desde o início há instruções sobre ofertas e sacrifícios, inclusive os termos se misturam e se confundem por vezes. A partir de Êxodo, capítulo 20, encontramos Moisés recebendo as leis das próprias mãos de Deus, inclusive sobre adoração e a construção de altares para os holocaustos.

Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeia. Então disse o Senhor a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: Vós tendes visto que, dos céus, eu falei convosco. Não fareis outros deuses comigo; deuses de prata ou deuses de ouro não fareis para vós. Um altar de terra me farás, e sobre ele sacrificarás os teus holocaustos, e as tuas ofertas pacíficas, as tuas ovelhas, e as tuas vacas; em todo o lugar, onde eu fizer celebrar a memória do meu nome, virei a ti e te abençoarei.¹⁷¹

Deus começava a estabelecer a forma como Ele desejava que o povo O adorasse. Não seria uma adoração semelhante ao que o povo teria visto no Egito ou

¹⁷¹ Êxodo 20, 4, 5, 22-24.

como outros povos faziam, por isso deixaria bem claro logo de início cada detalhe. Qual não foi a decepção de Moisés ao descer do Monte onde recebera toda orientação de Deus e encontra o povo adorando um bezerro de ouro. No entanto, seria compreensível aquela cena, porque o povo ainda não tinha sido instruído acerca da adoração correta e eles estavam acostumados a conviver com os ídolos no Egito, logo, tentaram criar uma representação de Deus para adorar.

Na sequência, Deus deu a Moisés instruções para construir o tabernáculo e para organizar toda a liturgia dos sacrifícios e ofertas. A construção do tabernáculo e dos altares seriam algo muito especial, com o material mais caro e valioso, e tudo feito com ofertas voluntárias. Interessante notar que Deus tinha expectativa que o povo desejasse ofertar espontaneamente. “Então falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel, que me tragam uma oferta alçada; de todo o homem cujo coração se mover voluntariamente, dele tomareis a minha oferta alçada”.¹⁷²

No tabernáculo haveria um lugar para a arca da aliança, separado por uma cortina, o “Santo dos santos”. O lugar santo é onde deveria ficar a mesa de ouro com os pães da Presença e o candelabro de ouro, além do altar do incenso. No pátio, um altar de bronze para os holocaustos diferente do primeiro altar, este seria com alto requinte. Os sacerdotes teriam roupas especiais com colete sacerdotal e peitoral.

No livro de Levítico os primeiros sete capítulos normatizam as ofertas e sacrifícios. São diferentes tipos de ofertas que o povo deveria ofertar. Os holocaustos, as ofertas de cereais e as ofertas de comunhão seriam ofertas voluntárias. Porém o Senhor requeria do povo ofertas obrigatórias também, as ofertas pelo pecado e as ofertas pela culpa.

No entanto, os rituais litúrgicos pretendiam ter um significado prático para o ofertante. Quando oferecia ofertas voluntárias, deveria demonstrar reconhecer a bondade e providência divina e se consagrar inteiramente ao Senhor. Quando oferecia sacrifício pelos seus pecados e pela culpa, estes deveriam sensibilizá-lo ver um animal inocente sendo morto em seu lugar. Deus não queria apenas a morte dos animais, mas sim, a contrição e arrependimento do pecador.

Os sacrifícios representariam remissão, pagamento, redenção e resgate do

¹⁷² Êxodo 25, 1, 2.

pecador, que, por pecar se distanciara do Deus justo. O sacrifício propiciaria condições de se reatar a relação e dar condições da pessoa se aproximar de Deus. Sem um pagamento pelos pecados seria impossível ao pecador permanecer diante da santidade de Deus sem ser fulminado. Foi essa sensação que Isaias teve quando entrou no templo e, numa visão extraordinária, viu o Senhor. Ele imediatamente pensou que iria morrer, sendo um homem de lábios impuros, viu o Senhor.

No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchem o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça. Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!¹⁷³

O temor do senhor, que não é o mesmo que medo do Senhor, é sempre um princípio extremamente importante na relação do homem/mulher com Deus. Por isso a liturgia refletia reverência e grande respeito à majestade e grandeza do criador. O reconhecimento da majestade e da grandeza de Deus seria motivação natural para adoração. A gratidão, a humildade e o amor haveriam de provocar um sentimento espontâneo se prostrar diante do Senhor para prestar culto. Deveria ser iniciativa docoração e não uma exigência do Todo Poderoso.

3.1.4.

O problema em Isaias, Amós e Malaquias: a decepção de Deus

No decorrer da história de Israel, o povo muitas vezes se desviou dos propósitos de Deus. Algumas vezes por influência de outros povos e suas religiões, outras vezes por displicência de seus líderes que abandonaram as práticas litúrgicas originais que agradavam ao Senhor. Nesses desvios houve assimilações e incorporação de costumes e práticas que passaram a fazer parte da liturgia da religião judaica. Os profetas tinham a tarefa de combater os desvios e exortar o povo a voltar a agradar a Deus.

Diversas vezes na história a idolatria foi um problema no meio dos israelitas. Desde a saída do Egito o povo queria ter ídolos à semelhança dos deuses egípcios e levaram Arão a construir um bezerro de ouro no deserto para adorarem, como se

¹⁷³ Isaias 6, 1- 5.

precisassem de algo visível e não conseguissem adorar um Deus Espírito. Moisés ficou profundamente irado com o que encontrou quando desceu do monte com as tábuas da lei. E as quebrou diante do povo. Eles precisavam aprender ainda a se relacionar com o Deus Todo Poderoso que não é semelhante às imagens criadas pelos homens. A liturgia diante do Deus Espírito seria um diferencial dos cultos idólatras que eles conheciam.

O Espírito do Senhor é, de maneira particular, o lugar de comunhão de Iahveh com o seu povo [...] De certa forma, podemos crer que, já no antigo pacto, o Espírito é o *locus* em que Iahveh se revela como um ser *ek-stático*, isto é, “fora de si” e sempre polarizado no homem, à criação e à história.¹⁷⁴

Esse problema foi recorrente e muitas vezes provocou a ira de Deus contra seu povo e trouxe consequências desastrosas sofridas. No tempo dos Juízes, Deus ordenou que Gideão destruísse os altares construídos a Baal, e o povo se revoltou contra ele. O profeta Elias combateu duramente a idolatria trazida para o meio de Israel por Jezabel, com quem o Rei Acabe se casara. A vitória memorável sobre os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, os quais Elias matou a espada, provocou à ira a Rainha que ameaçou mata-lo e ele fugiu para o deserto, onde Deus o tratou e encorajou.

A consequência mais dramática que sobreveio ao povo de Israel por causa da idolatria, foi o exílio da Babilônia. Derrotados e humilhados, os israelitas viram sua cidade invadida, seu templo e muros destruídos e seus jovens levados cativos. Durante setenta anos estiveram exilados e sofreram grande humilhação. O povo chorava ao saber de notícias de como a cidade estava desolada e o povo disperso, os profetas traziam conforto do Senhor e esperança, mas eles tinham de entender a razão de tudo que estava acontecendo: era consequência de seu pecado de idolatria.

Em Isaías no capítulo primeiro, se encontra a seguinte situação: Deus demonstrando duramente sua rejeição à adoração litúrgica de Israel. Tal liturgia havia se tornado uma formalidade, uma obrigação e não uma adoração verdadeira. De que serviria todo aquele ritual, se o coração do povo não estivesse sendo sincero? Se a vida real desagradasse a Deus? As ofertas se tornaram vãs por causa da contradição entre o que o povo praticava e o que apresentava a Deus. Desde o tempo de Samuel, quando ungiu a Davi como rei de Israel, Deus já deixara claro que não se impressiona com aparências, mas sim, vê o coração.

¹⁷⁴ SANTANA, L. F. R., Liturgia no espírito, p. 61.

Ouvi a palavra do Senhor, vós poderosas de Sodoma; daí ouvidos à lei do nosso Deus, ó povo de Gomorra. De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o Senhor? Já estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados; nem me agrado de sangue de bezeros, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem requereu isto de vossas mãos, que viésseis a pisar os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e as luas novas, e os sábados, e a convocação das assembleias; não posso suportar iniquidade, nem mesmo a reunião solene. As vossas luas novas, e as vossas solenidades, a minha alma as odeia; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer. Por isso, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; e ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer mal. Aprendei a fazer bem; procurai o que é justo; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas. Vinde então, e argui-me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã.¹⁷⁵

Deus repreende o povo para que não trouxesse mais “ofertas vãs” que, ao contrário de agradar a Deus, se tornaram em abominação. “já estou cansado de as sofrer”.¹⁷⁶ Tudo era feito de forma solene, certamente com liturgia impecável, porém, não teriam valor se eles não vivessem de um modo correspondente. A lista de atitudes que se segue, “Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos”¹⁷⁷ vem acompanhada de uma promessa de perdão e purificação, o que poderia recuperar uma condição necessária para que o Senhor, então aceitasse a adoração litúrgica de seu povo. Enquanto fosse uma formalidade sem uma vida de obediência a Deus, seria tudo em vão. Mais adiante, no capítulo 59, novamente o Senhor volta a repreender o povo que insiste em viver uma vida de pecados: “vossos pecados fazem separação para que vos não ouça[...]”.¹⁷⁸

O Profeta Jeremias foi mais um que lutou com o povo para tentar recuperar o sentido do culto litúrgico agradável a Deus, segundo o comentário do Pe Gregório Luiz.

Lemos isso explicitamente no profeta Jeremias: “Assim disse Iahweh dos exércitos, Deus de Israel: [...] Eu não disse nem prescrevi nada a vossos pais, no dia em que vos fiz sair da terra do Egito, em relação ao holocausto e ao sacrifício. Mas eu ordenei isto: Escutai a minha voz, e eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo. Andai em todo caminho que eu vos ordeno e vós sereis o meu povo” (Jr 7,21-23). Evidentemente o profeta se refere aqui à liturgia do templo, que não era expressão da atitude e da vida do povo. Existia um divórcio entre a vida do povo e os sacrifícios oferecidos no templo. Israel não obedecia à palavra de Deus, e assim os sacrifícios

¹⁷⁵ Isaías 1,10-18.

¹⁷⁶ Isaías 1,14

¹⁷⁷ Isaías 1,16

¹⁷⁸ Isaias 59,1, 2.

não eram expressão de entrega de si a Iahweh.¹⁷⁹

Uma situação semelhante encontra-se em Amós, capítulo 5, quando Deus novamente mostra seu aborrecimento com o ritual litúrgico do povo, com seus sacrifícios e sua música. O povo de Deus o aborrecia quando apresentavam uma adoração formal e sem uma devoção verdadeira, sem um coração quebrantado e arrependido de seus males praticados e especialmente pelo pecado da idolatria.

Odeio, desprezo as vossas festas, e as vossas assembleias solenes não me exalarão bom cheiro. E ainda que me ofereçais holocaustos, ofertas de alimentos, não me agradarei delas; nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais gordos. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias das tuas violas.¹⁸⁰

Neste relato do livro de Amós, há expressões muito fortes, como “odeio, desprezo, que refletem o grau de insatisfação do Senhor com a adoração formal apresentada pelo povo”.

Em Malaquias, também no capítulo 1, mais uma vez Deus questiona o povo sobre o relacionamento que Ele espera de seu povo e o que de fato está recebendo e mais uma vez, rejeita os sacrifícios e a adoração que fazem, ainda que estejam obedecendo a liturgia e ao ritual estabelecido para os sacrifícios desde o início. O povo fazia os sacrifícios por obrigação e não trazia mais o melhor do rebanho, muitas vezes trazia cordeiros aleijados e dentes. Apenas cumpria a obrigação de trazer um cordeiro para sacrificar e Deus se aborrece com os sacerdotes, que compactuavam com essa atitude negligente do povo. Se apresentassem esse tipo de oferta ao governador, ele ficaria satisfeito?

O filho honra o pai, e o servo o seu senhor; se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o meu temor? Diz o SENHOR dos Exércitos a vós, ó sacerdotes, que desprezais o meu nome. E vós dizeis: Em que nós temos desprezado o teu nome? Ofereceis sobre o meu altar pão imundo, e dizeis: Em que te havemos profanado? Nisto que dizeis: A mesa do Senhor é desprezível. Porque, quando ofereceis animal cego para o sacrifício, isso não é mau? E quando ofereceis o coxo ou enfermo, isso não é mau? Ora apresenta-o ao teu governador; porventura terá ele agrado em ti? Ou aceitará ele a tua pessoa? Diz o Senhor dos Exércitos. Agora, pois, eu suplico, pedi a Deus, que ele seja misericordioso conosco; isto veio das vossas mãos; aceitará ele a vossa pessoa? Diz o Senhor dos Exércitos.¹⁸¹

Como na situação em que Samuel confrontou o Rei Saul, Deus sempre

¹⁷⁹ LUTZ, G., Vida pastoral, p. 10.

¹⁸⁰ Amós 5,21-23.

¹⁸¹ Malaquias 1,6-9.

desejou que o povo entendesse que ritual e liturgia só fazem sentido quando praticados com obediência e sinceridade. Deus não tem prazer em formalidades e aparência de solenidade apenas ritual, mas sim, em corações sinceros e obedientes. Deus não quer apenas mais atos de adoração, Ele a tem perfeita nos céus, mas o que Ele deseja é que a adoração seja mais que isso, seja demonstração de reconhecimento de Sua santidade e rendição incondicional diante de Sua vontade.

Porém Samuel disse: Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do Senhor? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros. (1 Samuel 15:22).¹⁸²

Vê-se que a liturgia e o ritual fazem sentido para Deus quando correspondem a uma vida dedicada a Ele em sua totalidade e não apenas em alguns momentos de culto. Desde os tempos do Velho Testamento, o povo de Deus é chamado a ser verdadeiramente aquilo que apresenta na adoração e não apenas a representar algo formal preestabelecido. Quando Saul deixou de obedecer, alegando intenção de fazer sacrifícios para agradar a Deus, foi rejeitado. Samuel faz a confrontação com uma pergunta de significado teológico acerca do que agrada ou não ao Senhor.

Teria o Senhor tanto prazer na formalidade do sacrifício a ponto de relevar a desobediência a uma ordem que dera? A liturgia do sacrifício formal, estabelecida pelo próprio Deus, seria mais importante que uma relação de obediência? A expressão que Samuel usa é uma demonstração de escala de valores, de ordem de importância, que Saul não estava entendendo: “obedecer é melhor do que sacrificar”. O sacrifício em si, não teria significado, não deveria ser apenas uma formalidade, mas, sim, manifestação de um coração pronto a obedecer. Quando Saul pensava que estivesse agradando a Deus, na verdade o estava aborrecendo, como ocorre também em Isaías capítulo um.

No Salmo 51, Davi demonstra todo seu arrependimento por ter pecado e decepcionado a Deus e no seu lamento, chega um momento que mostra como é sua relação com Deus. Ele conhece ao Senhor e sabe o que o Mesmo espera dele: um coração quebrantado e contrito. Reconhece que sacrifício ritual não é o que Deus deseja se não houver arrependimento e quebrantamento pelo pecado cometido. Ele tem certeza de que Deus não desprezará o coração quebrantado e contrito. Não está tudo bem quando se encobre o pecado. O profeta Natan já havia lhe dito isto, quando

¹⁸² 1 Samuel 15,22.

ele havia tentado seguir com sua vida depois de ter adulterado e cometido um homicídio contra Urias, como se nada houvesse acontecido.

Pode-se dizer que a manifestação de Deus rejeitando a adoração do povo com sacrifícios que não correspondiam ao mesmo comprometimento com a obediência, era o culminar da contrariedade. O aborrecimento de Deus cresceu e transbordou à proporção que o povo fazia os sacrifícios pensando agradar ao Criador e não entendiam o que Ele realmente desejava. Não conheciam a Deus o suficiente para saber o que Lhe agradaria.

3.2. Liturgia no Novo Testamento

Jesus nasceu num lar judeu e, por certo, aprendeu desde criança a cultivar como um judeu, inclusive foi apresentado no templo e circuncidado logo depois que nasceu e era levado à festa da páscoa em Jerusalém todos os anos. Porém, na sua prática Ele não se tornou um judeu ortodoxo, pelo contrário, sempre que teve oportunidade demonstrou um desejo de mudanças no culto judeu nalguns aspectos que depois se confirmaram no culto dos cristãos. Certamente que os judeus não aceitaram que Jesus fizesse mudanças na sua forma de cultivar, eles estavam convencidos que faziam certo e não aceitariam interferência de alguém que não reconheciam com autoridade para isto.

Um dos choques que Jesus provocou com os judeus foi acerca da forma de observar o sábado. Ele apontava para uma interpretação da Lei que não seria radical como eles queriam que fosse, como por exemplo, quando os discípulos colheram espigas na seara e escandalizou seus observadores. Jesus citou para eles uma experiência de Davi, que quando estava com fome, comeu os pães da proposição, os quais só os sacerdotes poderiam comer, segundo a Lei, inclusive os que estavam com ele também comeram. Está registrado em Marcos 2, 23- 28. Jesus conclui dizendo “O Filho do homem, até do sábado é Senhor”.

O templo era, para os judeus, o único lugar de adoração, por isso ficaram surpresos quando Jesus disse: “Não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada!” (Marcos 13,2). Eles não imaginavam sua religião sem o templo, o lugar sagrado, símbolo da presença de Deus entre eles, onde estava a Arca do Concerto”. Era no templo que os sacerdotes recebiam as ofertas para o holocausto, onde faziam

os sacrifícios e cumpriam todo o ritual das celebrações tradicionais. Seria uma grande novidade para qualquer judeu pensar na presença ou manifestação de Deus fora do templo. Mais a frente Jesus volta a este tema com a mulher samaritana.

Era um escândalo para os judeus alguém participar das refeições sem antes se purificar, principalmente lavar as mãos. Os ritos ganharam importância excessiva para eles, e comer sem lavar as mãos seria quebrar a tradição dos anciões, pela qual, se não pudessem lavar as mãos, nem comeriam. Jesus confronta o grupo, em Marcos 7,1- 23, mostrando que não é o que entra pela boca do homem que o contamina, mas sim, o que sai, pois o que o homem come não vai para o seu coração, mas, para seu ventre. As coisas erradas saem do interior do coração e esses males é que contaminam. O ritual não faz sentido.

Jesus ensinou seus discípulos a orar de forma diferente da oração dos judeus. Eles oravam em lugares públicos para serem vistos pelos homens e se exaltavam em suas orações, geralmente humilhando quem os ouvia orando, por não ter uma “vida perfeita” como eles aparentavam ter. Os discípulos de Jesus deveriam entrar no seu quarto, fechando a porta, orar em secreto, pois quem ora em voz alta para ser ouvido pelos homens, já recebeu a sua recompensa. Em Mateus 6, 7, Jesus diz que não devem usar de “vãs repetições, como os gentios”. Jesus está trazendo um jeito novo de orar para ser ouvido por Deus, que “vê em secreto”.

Da mesma forma que faziam orações, os fariseus também davam esmolas, sempre querendo que os homens vissem seus “atos de bondade” e os admirassem. “Já receberam sua recompensa”. Um dia alguém lhe perguntou “quem é meu próximo?” Jesus estava ensinando que se deve amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Ele então contou a história do “Bom samaritano”, que está em Lucas 10,25- 37, terminando com a frase: “Vai e faz da mesma maneira”. Havia vários ensinamentos implícitos nesta parábola acerca da forma de amar ao próximo e pelo menos um deles mostra que, do jeito que eles faziam esmolas, não era.

Entregar o dízimo era para os judeus uma prática de cumprimento da Lei, na qual mostravam o quanto eram zelosos. Eles traziam o dízimo até da hortelã e do cominho que colhiam em suas hortas, para que ninguém os criticasse de falhar em nenhum ponto. Jesus, em contraste à ostentação desses religiosos deu um destaque muito significativo à oferta que uma viúva pobre colocou na arca do tesouro: “Ela

deu mais que todos”!¹⁸³ Apenas duas moedas, e Jesus diz que deu mais que todos, porque Ele sabia que ela estava dando tudo o que possuía, enquanto os mais ricos davam o que sobejava. Talvez os administradores do templo nem prestassem atenção àquela viúva pobre com suas moedas, mas Jesus está ensinando aos seus discípulos um novo sentido de adoração com dedicação de bens. Deus avalia pelo que sobra e não pelo que se dá.

Uma evidência de que o culto estava perdendo sentido entre os religiosos judeus era o comércio que ocorria no templo. Eles já estavam acostumados e não viam nada de errado nisso, inclusive havia cambistas que trocavam o dinheiro romano para quem quisesse pagar os impostos do templo que seriam pagos com moeda judaica. Havia aqueles que vendiam pombos e forneciam animais para o sacrifício a quem não trazia de casa, de maneira que o holocausto não era mais como Deus estabelecera no início. Jesus expulsou todos os vendedores e cambistas e eles fugiram apavorados pela autoridade como Ele agiu: “A minha casa será chamada casa de oração!”.¹⁸⁴

Nos ensinamentos de Jesus dá para ter uma compreensão da proposta de culto que Ele trazia. A visão de culto de Jesus não era de evento isolado, mas de prática, de vivência daquilo que se crê. Ele não separava a vida do adorador/a de seus relacionamentos, e liga culto ao amor e perdão do irmão, conforme está em Mateus 5, 23, 24 e 15, 5- 9; em João 4, 20- 24, Ele mostra que aceita mulheres adorando; Ele acolheu as crianças, conforme Lucas 18,16, fez sinais e maravilhas e curou enfermos em várias situações. Sendo Ele o Messias, o próprio Deus encarnado, não discriminava os pecadores afirmando que “os sãos não precisam de médicos”.

¹⁸⁵Estão algumas características do culto de Jesus. Se a igreja cristã está fazendo assim, será aceita por Ele.

O crescimento da igreja cristã primitiva era surpreendente. Os cristãos se reuniam nas sinagogas, porém, encontravam grandes dificuldades face à perseguição promovida pelos judeus. Logo passaram a se encontrar nas casas, o que chamaríamos hoje de pequenos grupos ou células. Esses encontros eram diários e neles acontecia a verdadeira comunhão, onde as pessoas podiam se conhecer e

¹⁸³ Marcos 12, 42

¹⁸⁴ Mateus 21, 13

¹⁸⁵ Mateus 9, 12

conhecer as necessidades uns dos outros, eles “tinham tudo em comum”¹⁸⁶. O “partir do pão”, que acontecia nas casas é o que a Igreja entende como a Eucaristia dos dias atuais, e eles perseveravam também nas orações e na doutrina dos apóstolos, eram unânimes entre eles.

Naturalmente, a reunião nas casas deveria ser mais informal e talvez não tivesse uma liturgia de culto muito rígida, mas sabe-se que havia ensino, oração e comunhão, além da eucaristia. A experiência das pessoas era profunda e impactante, o testemunho era tão visível que a igreja caía na graça de todo o povo e cada dia mais gente desejava fazer parte dessa comunidade de salvos. Não havia necessitado algum entre eles e os que tinham maiores recursos vendiam suas propriedades e bens e os repartiam entre todos.

Os cultos na igreja primitiva eram cristocêntricos,¹⁸⁷ ainda não havia o Novo Testamento por isso, era muito importante o testemunho daqueles que foram contemporâneos de Jesus e aprenderam diretamente com Ele. Esses cultos eram nos lares e no primeiro dia da semana, a celebração da eucaristia, com jejuns, orações e cânticos. Aconteciam batismos com muita frequência e, com a perseguição, muitas reuniões passaram a ser secretas, muitas vezes nas catacumbas, onde estavam enterrados seus mártires.

Pode-se enumerar várias razões por que não há uma forma litúrgica mais elaborada nos primeiros capítulos do Livro de Atos, onde está registrada a história inicial da igreja. Primeiramente, eles não receberam de Cristo nenhum roteiro de culto, nenhum escrito ou ordem de celebração. Apenas estavam com Ele no momento em que instituiu a eucaristia, no final de uma refeição pascal, que era uma festa costumeira dos judeus. Talvez por isso se tenha dado tamanha importância a esta celebração e a mesma tenha se tornado a principal, em seus encontros. Jesus não estava mais presente fisicamente com eles e dessa maneira estariam revivendo a lembrança para que ela não se apagasse na memória da igreja.

Outra razão para não se preocuparem em uma organização mais detalhada do culto, ou mesmo em formar uma estrutura de igreja, era a crença na iminente volta de Cristo ainda na sua geração.¹⁸⁸ Era tão evidente esta fé, que nem mesmo os apóstolos se preocuparam em escrever seus testemunhos para que outra geração

¹⁸⁶ Atos 4, 32

¹⁸⁷ I Coríntios 2,2

¹⁸⁸ Mateus 24,34

pudesse conhecer a Cristo futuramente. Eles viviam esta expectativa de tal maneira, que não demonstravam nenhum apego aos bens materiais, e alguns, algum tempo depois, chegaram a padecer necessidades, sendo socorridos pelas igrejas coirmãs. Isso aconteceu por um equívoco na interpretação das palavras de Jesus.

Além disso, o fato de a igreja não ter templos, contribuía para a simplificação dos encontros nas casas, onde o ambiente seria mais propício a cerimônias mais informais, provavelmente com grupos menores que estariam participando de uma refeição em comum, como era a tradição dos judeus, que faziam uma oração de consagração com pão e vinho ao final desta refeição semanal, e também de acordo com o Paulo escreveu aos coríntios. Por isso é difícil encontrar detalhes litúrgicos nos registros de adoração das igrejas no Novo Testamento. Isso não significa que não existissem, mas sim, que não existia uma elaboração modelo para a igreja que se organizou posteriormente, criando os rituais necessários à organização dos cultos.

Quando os cristãos filipenses enviaram Epafrodito, com ofertas para socorrer Paulo, ele considerou que aquela atitude era uma forma de liturgia, um auxílio valioso e amoroso da parte daqueles irmãos. No final do capítulo dois da carta de Paulo aos Filipenses, ele reconhece que o carinho da igreja por ele, era motivado pelo amor cristão, por isso ganhou um significado especial e agradável a Deus. Epafrodito, mesmo doente se esforçou com risco de sua saúde, para suprir as necessidades do Apóstolo, o que ele considerou como um sacrifício agradável a Deus.

Ainda na carta aos filipenses aparece a palavra liturgia, no capítulo dois, com o sentido de serviço, numa alusão à dedicação do apóstolo no trabalho com esses irmãos que lhe dão muita alegria por permanecer firmes nos seus ensinamentos. Ele se regozija de não ter corrido ou trabalhado em vão e afirma que, “ainda que seja oferecido por libação e serviço”,¹⁸⁹ isto é uma liturgia pela qual todos deveriam se alegrar. Paulo se refere ao sacrifício espiritual, o serviço de ministrar o evangelho aos filipenses, como forma de adoração a Deus.

Algo parecido ele diz aos romanos, quando se apresenta como ministro de Jesus Cristo entre os gentios. O ministério é para ele uma forma de liturgia, uma forma de adorar a Deus através do serviço de pregar o evangelho aos gentios, uma

¹⁸⁹ Filipenses 2, 17

delegação especial de Deus. Nesse caso, ele espera que a vida dos gentios convertidos seja uma oferta agradável a Deus, santificada pelo Espírito Santo. É com essa intensidade e com esta atitude que ele realizava seu ministério, como um culto incessante ao Senhor mesmo quando estava nas prisões ou sendo perseguido por inimigos que o quisessem morto. Aos anciãos de Éfeso, em Mileto ele deu testemunhos de sua dedicação.

E, logo que chegaram junto dele, disse-lhes: Vós bem sabeis, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, como em todo esse tempo me portei no meio de vós, Servindo ao Senhor com toda a humildade, e com muitas lágrimas e tentações, que pelas ciladas dos judeus me sobrevieram; Como nada, que útil seja, deixei de vos anunciar, e ensinar publicamente e pelas casas, Testificando, tanto aos judeus como aos gregos, a conversão a Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. E agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer, Senão o que o Espírito Santo de cidade em cidade me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações. Mas de nada faço questão, nem tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus.¹⁹⁰

Na segunda carta de Paulo aos coríntios, capítulo nove, Paulo faz um apelo para que os irmãos levantem uma oferta para socorrer os crentes de Jerusalém, o que, parece que já faziam por outros. Ao fazer isto, eles estariam prestando uma liturgia aos cristãos de Jerusalém, um serviço considerado até como devido, pois, através deles o evangelho chegou a eles, e seria uma forma de compensá-los com bens materiais na sua necessidade, o que poderia resultar em muitas bênçãos e muitas graças a Deus, ou seja, adoração através do serviço cristão.

Na carta aos Hebreus, capítulos seis e oito, encontra-se uma referência à liturgia de Cristo como mediador da nova aliança, superior à primeira aliança com promessas melhores. Trata-se de uma nova liturgia, superior à liturgia terrena, pois Cristo está assentado à destra do trono da majestade, Ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo. A velha aliança está perto de acabar, por isso se diz nova aliança, à qual Jesus se referiu quando tomou o cálice na celebração da páscoa e disse: “Este é o sangue da nova aliança”!¹⁹¹ Esta aliança estava sendo selada o sangue do cordeiro de Deus.

Em Atos 13,2, aparece a palavra liturgia, que pode ser interpretada como culto ritual, mesmo que a maioria das traduções bíblicas não detalham a forma como acontecia. O termo é traduzido com expressões tais como, “faziam culto”, “servindo

¹⁹⁰ Atos 20,18- 24.

¹⁹¹ Lucas 22, 20

ao Senhor”, “ministravam ao Senhor”, “adoravam ao Senhor”, “celebravam culto ao Senhor”. Provavelmente estivessem cultuando na forma de uma celebração judaica, pois pelo menos duas vezes por semana era costume os judeus celebrarem com jejum, como citado no texto.

Ainda que o texto não especifique em que consistia a “liturgia” em apreço, o importante está no fato de que a celebração cristã é chamada “Liturgia”. Se este é um dado positivo ou negativo para o culto cristão, deverá ser posteriormente verificado; o que mormente importa é constatar que numa reunião cultural cristã, celebrada na primeira comunidade antioquena e na qual com toda probabilidade não estavam presentes “sacerdotes” hebraicos, é chamada contudo com o nome técnico que designava o “serviço cultural levítico”.¹⁹²¹²⁴

A igreja cristã de Jerusalém era a principal das igrejas apostólicas, pois, além de congregar a maioria dos apóstolos, também era onde se encontravam as principais testemunhas do ministério terreno de Jesus, onde haveriam mais pessoas que tenham tido o privilégio de aprender diretamente de Jesus, ver seus milagres e conviver com Ele. Logo, é natural que se procure no modelo de culto dessa igreja a referência a ser seguida por todas as igrejas cristãs espalhadas pelo mundo, mesmo no século XXI.

3.2.1. O Sacerdócio no Cristianismo

Biblicamente, o Messias viria para cumprir todo o Velho Testamento, realizando n’Ele, todas as promessas e profecias e se tornaria o único sacerdote da Nova Lei, logo, anular-se-ia o Sacerdócio Levítico.¹⁹³ O acontecimento principal da vida de Jesus estava na sua morte vicária e ele seria julgado justamente pelos sacerdotes. Jesus tinha consciência de sua missão e tentou preparar os seus discípulos para isto, mas eles não entenderam, não conseguiam imaginar seu mestre sendo morto. “Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muitas coisas dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia”.¹⁹⁴

Quando Jesus entendeu que seu ministério havia atingido seu ponto mais alto, que havia chegado sua hora, a hora de sua morte, preparou-se para ir a Jerusalém.

¹⁹² MARCHAL, S., A liturgia, momento histórico da salvação, p. 48.

¹⁹³ Hebreus 8, 8-13

¹⁹⁴ Mateus 16,21.

Os sacerdotes eram as figuras de maior destaque na sua condenação, mesmo assombrados com os sinais que Ele fazia e com o que as pessoas falavam d'Ele, por Ele se declarar Filho de Deus, seria réu de morte, pois consideravam isso, uma blasfêmia. “Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e condená-lo-ão à morte”.¹⁹⁵

Os sacerdotes estavam envolvidos com política, desde muito tempo atrás, e mesmo com o domínio do Império Romano, eles faziam Parte Sinédrio, o Supremo Tribunal Judaico, que julgava os casos de blasfêmia e violação da Lei, que não eram tratados pela jurisdição romana, por isso, o sumo sacerdote, o chefe do Sinédrio tinha grande poder, como uma assembleia eclesiástica e secular. Eles seriam encarregados de julgar e condenar Jesus, pois as acusações contra Ele não seriam um problema para os romanos. Mas o sinédrio não tinha poder para aplicar a pena de morte, precisaria de uma acusação suficiente para entregá-lo à magistratura romana.

Foram apresentadas duas testemunhas contra Jesus, o mínimo exigido pelo Deuterônomo, mas seu testemunho não era coerente o suficiente, pois diziam que Ele afirmara “E não o achavam; apesar de se apresentarem muitas testemunhas falsas, não achavam. Mas, por fim chegaram duas testemunhas falsas, E disseram: Este disse: Eu posso derrubar o templo de Deus, e reedificá-lo em três dias”.¹²⁷

Como Jesus permanecia em silêncio e Caifás, o sumo sacerdote, precisava força-lo a se manifestar, para que tivessem um argumento forte para acusa-Lo diante dos romanos para que fosse condenado à morte. Esta seria a principal razão da existência do sacerdócio levítico, tudo se completaria com o sacrifício final do cordeiro de Deus, como um ato derradeiro de sua história.

Jesus, porém, guardava silêncio. E, insistindo o sumo sacerdote, disse-lhe: Conjuraste pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Disse-lhe Jesus: Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do homem assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu. Então o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou; para que precisamos ainda de testemunhas? Eis que bem ouvistes agora a sua blasfêmia. Que vos parece? E eles, respondendo, disseram: É réu de morte.¹⁹⁶

Era o suficiente para sua condenação, Ele admitiu sua divindade diante do Sinédrio e isso causou grande reboliço! É réu de morte! Por ser Filho de Deus

¹⁹⁵ Mateus 20, 18.

¹⁹⁶ Mateus 26, 63- 66.

deveria morrer! Justamente condenado pelo sumo sacerdote, que ignorava completamente os desígnios de Deus, que pelas mãos daqueles que estavam acostumados a manchar suas mãos com o sangue de inúmeros cordeiros inocentes pelos pecados do povo, até que finalmente não houvesse mais necessidade deles. O sacrifício de Jesus era o ápice da história do povo de Israel e também da história do sacerdócio levítico.

Se o propósito da lei e até da existência do povo de Israel era preparar as condições para Jesus vir ao mundo e morrer em sacrifício vicário, ao cumprir-se este propósito, cessa a razão de ser dos mesmos. Assim sendo, se o sacerdócio levítico está associado a lei cerimonial, também cessaria o seu ofício. Chegara o tempo do sacerdócio universal dos crentes. Por isso dois acontecimentos ganharam grande significado: o primeiro foi Caifás, o sumo sacerdote rasgar as suas vestes; o segundo, o véu do templo se rasgar de alto a baixo.

Rasgar as vestes era um sinal de choque, pesar¹⁹⁷ ou de indignação e protesto que ocorreu várias vezes na história do povo de Israel. Todavia, neste momento, era como que Caifás estivesse se despojando da dignidade sacerdotal, seria o final de uma função que cumprira seu objetivo determinado por Deus desde a sua criação. O costume de rasgar as vestes, ocorria geralmente quando alguém, neste gesto rasgava suas vestes de baixo para cima, numa demonstração de forte expressivo sentimento, às vezes em grupo ou individualmente. Algo oposto aconteceu com o véu do templo no momento da morte de Jesus. Enquanto rasgar as vestes eram uma atitude do homem, rasgar o véu do templo era uma ação de Deus, de profundo significado espiritual e teológico.

O véu do templo separava o lugar chamado “Santo dos Santos”, cobria a Arca do Testamento e ocultava o propiciatório, onde o sacerdote aspergia o sangue das vítimas do sacrifício. O véu rasgou-se de alto a baixo, significando o fim do Concerto Antigo, com seus sacrifícios e seu Sacerdócio. Não foi rasgado pelas mãos de um homem, como as vestes do sumo sacerdote, mas pela mão de Deus. O autor da carta aos Hebreus, compara o véu com a própria carne de Jesus, que abriu um novo e vivo caminho para o santuário.

Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, Cheguemo-nos com verdadeiro coração,

¹⁹⁷ BOYER O.S. Pequena enciclopédia bíblica, p. 640

em inteira certeza de fé, tendo os corações purificados da má consciência, e o corpo lavado com água limpa, Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu. E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras, não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando- nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia. Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectativa horrível de juízo, e ardor de fogo, que há de devorar os adversários. Quebrantando alguém a lei de Moisés, morre sem misericórdia, só pela palavra de duas ou três testemunhas. De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue da aliança com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da graça? Porque bem conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu darei a recompensa, diz o Senhor. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo.¹⁹⁸

Depois do sacrifício de Jesus, não resta mais sacrifícios pelos pecados, isto significa que a única expiação pelos pecados da humanidade foi feita por Jesus na cruz de maneira irrepitível,¹⁹⁹ é a única forma de se obter perdão. Não havendo mais sacrifícios, era dissolvida a casa sacerdotal de Levi e estabelecida a Ordem de Melquisedeque, anterior à Ordem Levítica.

De sorte que, se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (porque sob ele o povo recebeu a lei), que necessidade havia logo de que outro sacerdote se levantasse, segundo a ordem de Melquisedeque, e não fosse chamado segundo a ordem de Arão? Porque, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei. Porque aquele de quem estas coisas se dizem pertence a outra tribo, da qual ninguém serviu ao altar, visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá, e concernente a essa tribo nunca Moisés falou de sacerdócio. E muito mais manifesto é ainda, se à semelhança de Melquisedeque se levantar outro sacerdote, que não foi feito segundo a lei do mandamento carnal, mas segundo a virtude da vida incorruptível. Porque ele assim testifica: Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque.²⁰⁰

Jesus não desprezou os sacerdotes, antes, os honrou, apesar de se oporem a Ele e O perseguirem. Quando cobraram o imposto do templo, Ele pagou, quando curou e quando curou um leproso, mandou que fosse ao templo, se mostrasse ao sacerdote e apresentasse a oferta ordenada por Moisés. Eles tiveram um papel importante no culto dos israelitas.

O sacerdócio do Velho Testamento deixou de fazer sentido no Novo Testamento, após Jesus estabelecer com seu sangue a nova aliança, na qual não há mais necessidade de mediador. Jesus, o mediador da nova aliança é o sumo sacerdote e propicia ao adorador a possibilidade de ser seu próprio sacerdote, tendo acesso direto a Deus.

¹⁹⁸ Hebreus 10, 19- 30.

¹⁹⁹ Hebreus 10,12

²⁰⁰ Hebreus 7. 11- 17.

3.2.2. O Dia de Cultos dos Cristãos

Logo de início, os cristãos passaram a se reunir no primeiro dia da semana para adoração, isto é muito significativo por várias razões. Primeiramente aponta uma descontinuidade do judaísmo, no qual o sábado era essencial, por razões da Lei, logo, os cristãos não se sentiram submissos à lei, como os judeus. O próprio Jesus já ensinara que “o sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado”.²⁰¹ Mesmo que alguns cristãos judeus gostariam de conservar as práticas judaicas no cristianismo, fica evidente o rompimento. Cristianismo e judaísmo não seriam a mesma coisa, ainda que o judaísmo fosse a base, o cristianismo surgia com um aspecto novo em relação aos motivos de adoração a Deus. Não seria mais pela Lei.

O primeiro dia já fazia parte na ordenação das festas judaicas, mas o sábado era o “Dia do Senhor”. Quando Jesus fez cura no sábado, escandalizou os judeus radicais, ainda mais quando ele mandou que o paralítico curado carregasse a sua cama. Não parece que Jesus quisesse apenas confrontar os judeus, mas lhes ensinar que há coisas mais importantes a serem observadas, e que amar a Deus amar ao próximo resume toda a Lei, como Ele mencionou quando Lhe perguntaram qual o maior dos mandamentos. Os mandamentos e Lei cerimonial tinham um objetivo então eram um fim em si, assim como o sábado não seria mais importante que o homem.

Desde a ressurreição de Jesus os seus discípulos passaram a se reunir no primeiro dia da semana, pois suas aparições se sucederam neste dia da semana e eles continuaram assim depois, além dos encontros diários nas casas.²⁰² Uma das razões é que não havia lugar disponível no sábado, que era o dia oficial dos judeus, e provavelmente as sinagogas estariam disponíveis do primeiro dia. O encontro dos discípulos no primeiro dia da semana, quando Jesus ressuscitou não fora programado para ser dia de adoração. Tudo indica que, por esse motivo, agora teriam um motivo especial para adorar e cultuar nesse dia, pois a lembrança seria sua maior motivação.

Nesse dia eles estavam extremamente motivados pela notícia alvoraçadeira

²⁰¹ Marcos 2, 27.

²⁰² João 20, 15, 19, 26, Atos 20,7, I Coríntios 16,2

da ressurreição do Mestre pela manhã, todos foram ao cenáculo para conferir uns com os outros o que acontecera. Estavam com medo dos judeus, de portas fechadas e Jesus apareceu no meio deles e disse: “Paz seja convosco!”²⁰³ e mostrou-lhes as feridas e todos se alegraram. Como Tomé não estava com eles, duvidou do que lhe contaram, mas, oito dias depois, novamente om primeiro dia da semana, eis que o Mestre lhes aparece mesmo estando as portas fechadas e lhes diz: “Paz seja convosco!” Logo chamou Tomé e lhe mostrou as feridas para que conferisse e cresse também: “Não sejas incrédulo, mas crente!”²⁰⁴

Jesus não indagou a razão de se reunirem no primeiro dia e não no sétimo dia como era a Lei, mesmo porque, Ele ressuscitou no primeiro dia da semana, que seria um grande motivo de encontro para comemorar. Além disso, eles se sentiam ameaçados pelos judeus e por medo, mantinham as portas trancadas. Tudo indica que os apóstolos permaneceram morando neste cenáculo,²⁰⁵ conforme registrado no primeiroparágrafo do livro de Atos dos Apóstolos, ali fizeram a escolha do substituto de JudasIscariotes e ali ocorreu o fenômeno do derramamento do Espírito Santo.

O capítulo dois começa com a expressão “Cumprindo-se o dia de pentecostes[...]”. ou seja, o início da festa, que ocorria sete semanas depois da páscoa, no quinquagésimo dia, que era o primeiro dia da semana. Assim se confirmava a importância que o primeiro dia da semana iria ganhando para os cristãos. Como eles desejavam pregar Jesus aos judeus, continuavam indo às reuniões dos judeus nos sábados, quando debatiam com eles e muitos se convertiam. Quando surgiram dúvidas sobre o que deveria ser exigido dos cristãos gentios quanto à Lei, fizeram uma assembleia e na decisão não foi incluída a guarda do sábado.¹³² Cada vez mais o cristianismo se tornava distinto do judaísmo, caminhava numa direção mais livre.

Paulo estava em Trôade e se reuniu com aqueles irmãos para o “partir do pão”, uma cerimônia litúrgica que se tornara comum para os cristãos, esse encontro foi no primeiro dia. Pode-se ver que a prática de se encontrar no primeiro dia da semana estendeu-se aos cristãos não judeus e quando se reuniam, celebravam a liturgia aproveitavam a oportunidade de ouvir os ensinamentos do Apóstolo. Nessa ocasião, como ele iria embora no dia seguinte, estendeu a fala até meia noite,

²⁰³ João 20, 21

²⁰⁴ João 20, 19- 27.

²⁰⁵ Atos 1, 13,14

quando aconteceu um incidente de um jovem cair da janela, do terceiro andar e aparentemente teria morrido, mas Deus fez um milagre e subiram para partir o pão. Com nova empolgação, prosseguiram até o amanhecer.²⁰⁶

A igreja em Corinto também se encontrava no primeiro dia da semana, pelo que indica a recomendação de Paulo, que fossem recolhidas as ofertas nesse dia, assim como já teria ordenado às outras igrejas da Galácia²⁰⁷. Considerando que o ato de levantar ofertas é uma forma de adoração, pode-se deduzir sem dificuldades que isso seria parte da liturgia da igreja no primeiro dia da semana. Se essa prática chegou até nós é por que houve uma continuidade na medida que as igrejas cristãs se espalharam e levavam suas características que cada vez mais se confirmavam e se tornavam naturais.

Quando Constantino, em Nicéia, oficializou o domingo, primeiro dia da semana, como dia do Senhor, dia de culto oficial da Igreja, isso não seria uma novidade a ser imposta, mas o reconhecimento oficial de uma prática de quase três séculos. A grande diferença entre o domingo e o sábado, está no motivo. Se o sábado era um dia a ser guardado por exigência da Lei, o domingo seria o dia da celebração, da festa dos cristãos que amam ao Senhor e desejam adorar e cultuar num dia especial.

As polêmicas quanto ao dia de culto dos cristãos ainda acontecem, quando se confronta grupos que insistem na guarda do sábado como Dia do Senhor, que era uma exigência da Lei dada por Deus aos judeus. O que define o dia de adoração não é mais uma questão de obrigação, obediência á Lei, mas sim de devoção e celebração da vitória de Jesus sobre a morte, ressuscitado no primeiro dia da semana.

3.2.3. O Estabelecimento das Práticas Litúrgicas

No início dos evangelhos se encontra João Batista batizando no Rio Jordão. É certo que havia uma prática semelhante entre os judeus, que circuncidavam e batizavam os seus prosélitos. Sabe-se que também outras religiões praticavam o batismo ou alguns ritos de iniciação, porém, o batismo de João acontecia quando havia arrependimento. As pessoas vinham a ele para serem batizadas quando

²⁰⁶ Atos 20,11

²⁰⁷ I Coríntios 16: 1, 2.

ouviam sua pregação e seu apelo. No entanto, quando ele percebeu que alguns queriam ser batizados apenas por causa da tradição judaica, sem demonstrar arrependimento, ele os contestou:

E, naqueles dias, apareceu João o Batista pregando no deserto da Judéia. E dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus. Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, Endireitai as suas veredas. E este João tinha as suas vestes de pelos de camelo, e um cinto de couro em torno de seus lombos; e alimentava-se de gafanhotos e de mel silvestre. Então ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judéia, e toda a província adjacente ao Jordão; E eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados. E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão.²⁰⁸

O ritual litúrgico do batismo não teria significado sem demonstração de arrependimento. Haveria de ser ato representativo de uma experiência maior e anterior. Aquelas pessoas precisavam entender que a tradição por si só não teria valor, nem o batismo como simples ritual. Um pouco mais adiante vê-se Jesus vindo a João para ser batizado por ele. Ao reconhecer o salvador, João Batista, inicialmente se recusa a batizá-lo, mas Ele insiste e ele atende. Era uma situação muito especial e João entendeu e obedeceu.

Então veio Jesus da Galileia ter com João, junto do Jordão, para ser batizado por ele. Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim? Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o permitiu.²⁰⁹

O único entre todos os homens que não precisava de arrependimento quis ser batizado para “cumprir toda a justiça”. Com essa atitude, Jesus demonstrou que o batismo seria algo importante a ser cumprido por Ele mesmo para futuramente, na grande comissão ser ordenado. Jesus ordenou que os discípulos convertidos fossem batizados (Mateus 28,19). Assim Ele deu um elevado grau de importância ao batismo dos que creem.

O batismo se tornou um ritual litúrgico de muito valor para a igreja cristã primitiva e até aos dias de hoje,²¹⁰ uma prática de testemunho para os cristãos convertidos. É a forma de alguém se tornar parte da igreja, pela identificação com

²⁰⁸ Mateus 3, 1- 9.

²⁰⁹ Mateus 3, 13- 15.

²¹⁰ TAYLOR, W.C. Batismo bíblico, p. 241

Cristo, quando passa a ser parte do corpo de Cristo, que é a igreja e assim pode confirmar na eucaristia esta sua identificação e completar sua experiência. O batismo antecede à participação da eucaristia e participar da mesma sem ser batizado não faz sentido. A igreja cristã primitiva oficializou o batismo como sacramento e porta de entrada para a igreja. As igrejas batistas não consideram o batismo como sacramento, mas como ordenança de Jesus.

Não há detalhes nos registros do Novo Testamento de uma forma litúrgica de batismos da Igreja Primitiva, além da ordem de Jesus de se batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Os vários casos de batismos dos novos cristãos sempre foram precedidos por um testemunho de conversão, alguns foram públicos, outros não. Contudo, os registros históricos no livro de Atos dos Apóstolos são simples e objetivos.

Em Atos, “Capítulo 2” há o relato dos primeiros convertidos com a pregação de Pedro no dia de pentecostes, que eram quase três mil, que foram batizados e perseveraram na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão, e nas orações. Como teriam sido batizados tantos convertidos de uma vez? Qual a forma litúrgica? Quem fez os batismos? São perguntas que o escritor do livro de Atos do Apóstolos não respondeu. Tudo leva a entender que a igreja não estava preocupada com a formalidade, mas sim com as pessoas. O mais importante é que sua experiência se confirmasse com a perseverança na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão, e nas orações.

No capítulo oito está Felipe batizando o eunuco, ministro da rainha Candace, que se converteu em meio à sua viagem de volta à Etiópia e pediu para ser batizado. “É lícito se creres de todo o coração”, foi o que disse Felipe, ao que o homem respondeu: “Creio que Jesus Cristo é o filho de Deus”! Na mesma hora foi batizado sem testemunhas da igreja para um possível reconhecimento posterior. O texto bíblico apenas registra que “desceram ambos à água, e Felipe o batizou”! Os batistas acreditam que havia água suficiente para um batismo por imersão.²¹¹

O batismo de Saulo, em Atos nove, também não pareceu ter cerimônia, pois estava na casa de Judas e Ananias o batizou assim que o mesmo recuperou a visão. Deus falou e deu testemunho a Ananias que Saulo era um “vaso escolhido” por isso ele não teve dificuldades em batizá-lo. Ainda que Ananias tivesse alguma dúvida

²¹¹ Atos: 8,36- 39.

antes de ir visita-lo, agora sua conversão era inegável. O batismo ocorreu ali mesmo. Se houve uma liturgia, se havia um padrão, provavelmente era algum costume herdado do judaísmo, que já praticava o batismo anteriormente.

Da mesma forma aconteceu o batismo do carcereiro de Filipos, no meio da noite em sua própria casa. Após aquela manifestação do poder de Deus com um terremoto que abriu as cadeias e o testemunho de Paulo, o carcereiro se converteu:

E, perto da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam. E de repente sobreveio um tão grande terremoto, que os alicerces do cárcere se moveram, e logo se abriram todas as portas, e foram soltas as prisões de todos. E, acordando o carcereiro, e vendo abertas as portas da prisão, tirou a espada, e quis matar-se, cuidando que os presos já tinham fugido. Mas Paulo clamou com grande voz, dizendo: Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos. E, pedindo luz, saltou dentro e, todo trêmulo, se prostrou ante Paulo e Silas. E, tirando-os para fora, disse: Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar? E eles disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa. E lhe pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa. E, tomando-os ele consigo, naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi batizado, ele e todos os seus.²¹²

Ele foi batizado após dar testemunho prático de sua conversão, cuidando das feridas de Paulo e Silas, provocadas pelos açoites que haviam recebido anteriormente. O texto bíblico não mostra detalhes deste batismo ou mesmo a forma litúrgica, se foi seguindo algum padrão, se foi aspersão, o mais provável, por estarem em casa, ou não. A ênfase está no testemunho de conversão que propiciou condições para o batismo acontecer. Os batistas entendem que a forma de batismo pode depender das circunstâncias, mas o seu significado está diretamente relacionado à morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo, por essa razão praticam o batismo por imersão, pois a própria palavra na língua grega se traduz mergulho.

Em Atos 19, há um detalhe interessante: doze discípulos de João que não conheciam Jesus e nunca teriam ouvido fala acerca do Espírito Santo. A experiência deles antecedeu ao ministério de Jesus e não tiveram oportunidade de conhecê-Lo nem de aprender com Ele acerca do Espírito Santo. Haviam recebido o batismo do arrependimento que João praticava.

E sucedeu que, enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo tendo atravessado as regiões mais altas, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos, perguntou-lhes: Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes? Responderam-lhe eles: Não, nem sequer ouvimos que haja Espírito Santo. Tornou-lhes ele: Em que fostes batizados então? E eles disseram: No batismo de João. Mas Paulo respondeu: João administrou

²¹² Atos 16, 25- 33.

o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que após ele havia de vir, isto é, em Jesus. Quando ouviram isso, foram batizados em nome do Senhor Jesus. Havendo-lhes Paulo imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e falavam em línguas e profetizavam. E eram ao todo uns doze homens.²¹³

Seria esta prática uma mudança na liturgia? Não parece, pois esse é o único caso em que alguém, ao ser batizado, tenha recebido o Espírito Santo por imposição de mãos e falado em línguas, no Novo Testamento. Este é considerado um sinal de identificação do ministério de João Batista com o ministério de Jesus. “foram batizados em nome do Senhor Jesus” e não em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Se para alguns, essa pode parecer uma mudança na liturgia do batismo, na verdade é apenas uma questão de ênfase da centralidade de Jesus na experiência dos cristãos.

Na carta de São Paulo aos Romanos, no capítulo seis, ele ensina à igreja o significado do batismo. Ele faz a ligação do simbolismo com seu significado de identificação com a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus Cristo.

Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição.²¹⁴

Aqui faz sentido o batismo por imersão por razão exegética, pois a palavra batismo vem da língua grega e significa literalmente mergulho.²¹⁵ A imersão representa o sepultamento, a emersão, a ressurreição para uma nova vida. Sendo assim, batismo sem mergulho se torna um símbolo do símbolo. A prática litúrgica do batismo mediante declaração de fé, sendo realizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é testemunho público de novo nascimento.²¹⁶ Quando se usa o batismo por aspensão, ou por infusão, se aplica a interpretação simbólica. O mais importante é que representa o início de uma nova vida, conforme São Paulo diz aos Coríntios: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo”.²¹⁷

A Eucaristia é a expressão litúrgica mais importante para a igreja e foi instituída pelo Senhor Jesus. Os batistas a interpretam como memorial estabelecido

²¹³ Atos 19: 1- 7.

²¹⁴ Romanos 6, 3- 5.

²¹⁵ McKIBBEN, J.F. Nuevo léxico griego-español, p. 55.

²¹⁶ TAYLOR, W.C. Batismo bíblico p. 251.

²¹⁷ II Coríntios 5, 17.

pelo próprio Jesus, na noite em que foi traído é carregado de profundos significados e pode ser considerado como o centro de toda a mensagem do evangelho. Jesus, que o Apóstolo Paulo diz que é a “nossa páscoa” (I Coríntios 5,7), assumiu o lugar do cordeiro, ao mesmo tempo sendo o sacerdote ofertante do sacrifício. A Páscoa teria, até aquele momento, um significado profético, e estaria se cumprindo n’Ele. Ele ofereceu-se a si mesmo como sacrifício único e suficiente, para que, depois dele não houvesse mais necessidade de sacrifícios pelos pecados dos homens (Hebreus 9,28).

Se a páscoa trazia à memória o livramento de Deus quando tirou o seu povo da escravidão do Egito, seu significado agora se aplica à vida espiritual, desta vez o livramento é da escravidão do pecado. O sangue de Cristo é muito mais poderoso que o sangue de cordeiros. Se um dia um pouco de sangue de cordeiro aspergido nos umbrais das portas livrou da morte os primogênitos dos filhos de Israel, muito mais agora, o sangue de Cristo derramado na cruz do calvário nos livra da morte e condenação eterna.

Ao celebrar a páscoa com seus discípulos, Jesus anunciou a sua morte: “Esta é minha carne, Este é meu sangue” (Mateus 26). Se na celebração da páscoa, a história de libertação do Egito é revivida, muito mais agora, recobrava no povo o sentimento de consciência de ser povo de Deus. Jesus, pois, estava fazendo uma associação entre a ideia de um povo escolhido por Deus, desde os tempos antigos, com o que seria agora a sua igreja, povo que adora e serve a Deus. Ao tomar o cálice, Jesus faz referência ao sangue da nova aliança. Nova aliança que Deus prometeu através do profeta Jeremias:

Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que farei uma aliança nova com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porque eles invalidaram a minha aliança apesar de eu os haver desposado, diz o Senhor. Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. E não ensinará mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conheci ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor; porque lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados.²¹⁸

Era a instituição da igreja, povo com o qual Deus faz agora uma nova aliança selada com o sangue precioso de Jesus. A velha aliança fora invalidada. Este

²¹⁸ Jeremias 31, 31- 34.

momento traz para a igreja o significado especial de ser o momento solene em que Cristo declarou um novo tratamento que Deus passaria a dar ao seu povo. “Nunca mais me lembrarei de seus pecados”, era a promessa de Deus, pois Jesus estaria pagando por eles um preço completo e total na cruz. Não haveria mais necessidade de outros sacrifícios. Celebrar a Ceia do Senhor, ou Eucaristia como memorial é celebrar a assinatura da nova aliança. Neste sentido a Eucaristia passa a ser também a celebração da instituição da igreja como povo de Deus.

Para se compreender o valor e importância do sacrifício de Jesus, faz-se necessário o reconhecimento de Sua encarnação como homem histórico. Não era apenas teofania ou uma manifestação docética. Seu corpo era real, sua dor foi real e sua morte também. Quando celebrou aquela última páscoa, já visualizava seu sofrimento que se aproximava (Mat. 26, 18), sabia que seria difícil. No Getsêmane Ele viveu antecipadamente a angústia de sentir sobre Ele o pecado de todos. Amorte-o assustou a ponto de pedir ao pai, se fosse possível afastar dele aquele cálice. Quando distribuiu o pão e vinho a seus discípulos, Jesus podia antever o futuro, e deu ao evento também um significado profético: “ [...] desde agora, não beberei deste fruto da vide, até aquele dia em que o beba novo convosco no reino de meu Pai” (Mateus 26,29). A igreja cristã passou a celebrar a Eucaristia como memorial, mas não apenas como lembrança, pois a cada celebração podiam sentir a presença de Cristo entre eles, pois ele prometeu: “Eis que eu estou convosco todos os dias”. No princípio as celebrações eram nas casas, conforme vemos em Atos 2, 46: “partiam o pão de casa em casa[...]”. Mais tarde a igreja estabeleceu formas e padrões para a celebração. Para a Igreja Católica é um sacramento precioso, porém para os batistas é um memorial de profundo significado, mas não um sacramento.

A palavra Eucaristia significa dar graças²¹⁹ e ganhou profundo significado na teologia da igreja cristã primitiva, vindo depois a receber o tratamento de “sacramento”, apesar de não aparecer nas escrituras. Logo no princípio, a celebração se tornou parte indispensável, o centro do culto. Nestes tempos se fazia uma grande refeição, chamada de “festa ágape” e num determinado momento, passava-se à parte solene. A prática litúrgica da eucaristia se tornou expressão de representação da entrega de Jesus para o sacrifício do calvário.

Mais de um autor fazem referências a alguns elementos litúrgicos, expressões

²¹⁹ BOYER O. S. Pequena enciclopédia bíblica p. 301

comunitárias de louvor a Deus ou a Cristo que aparecem como que de uso constante e repetitivo no culto público das igrejas primitivas. Nos escritos Paulinos, os elementos litúrgicos que aparecem comumente são: confissões de fé, hinos, doxologias, bênçãos e aclamações de oração. Provavelmente, as confissões de fé tinham a intenção evangelizadora ou de defender o Evangelho frente às acusações. Geralmente eram usadas em momentos de culto público ou em cerimônia batismal.²²⁰

A música aparece em várias situações e eram expressões espontâneas de louvor a Deus. Filipenses 2, 6-11, mostra a pessoa de Cristo exaltada como exemplo prático de humildade e obediência. Também as Doxologias, eram uma forma de oração usada especialmente para louvar a Deus e foram trazidas do culto judaico para uso no culto público cristão. As saudações iniciais e finais do apóstolo em suas cartas, eram comuns como Bênçãos, geralmente uma referência à graça e à paz de Deus. Algumas expressões litúrgicas de oração, eram ligadas a orações, como, “*Abbá Pai*” e “*Marana tá*”.²²¹

3.2.4. A Dificuldade da Igreja no Novo Testamento

O Novo Testamento é a referência doutrinária para os cristãos. Porém, a igreja cristã nasceu dentro do judaísmo, e herdou muitas práticas do Velho Testamento, que compõem grande parte dos seus atos litúrgicos. No entanto, o cristianismo não é uma reedição do judaísmo e nem se propõe a ser uma continuação do mesmo. A religião judaica deveria ser o ambiente para receber a revelação de Deus em Jesus Cristo, mas tornou tão importante seu padrão religioso que não comportou os novos paradigmas do Messias. A lei se tornara mais importante que seu próprio propósito e os padrões cerimoniais, mais importantes que os adoradores.

As dificuldades do cristianismo foram inicialmente conciliar a tradição judaica com os ensinamentos de Jesus. Justamente por questionar essa religiosidade formal, Jesus foi rejeitado pelos judeus. Eles não entenderam a novidade de uma prática religiosa que antecede a forma e a cerimônia, e que começa no coração e na intenção. Jesus dizia: “está escrito, ... Eu porém vos digo”²²², mostrando o quanto

²²⁰ WU, J. L., Elementos litúrgicos, p. 444.

²²¹ CULLMANN, O., Cristologia do novo testamento, p. 278-279.

²²² Mateus 5, 38-47

seus ensinamentos superavam a lei na sua limitação, apontando para uma nova motivação de se cumprir aquilo que estava escrito e não apenas obedecer. Ele trouxe novidade acerca do amor ao próximo, do perdão, da oração, das esmolas e da adoração, entre outras.

Se surgiu uma nova igreja com os ensinamentos de Jesus, que era um judeu, seria natural que algumas práticas continuassem sendo exercidas, mas não repetidas. Tudo estaria ganhando novo significado, associado à uma nova experiência de relacionamento com Deus. No entanto, como sendo o mesmo Deus, o cristianismo deveria entender qual teria sido o ideal proposto por Deus no Velho Testamento, o qual os judeus perderam de vista quando tornaram a lei e as cerimônias excessivamente importantes. Eles eram zelosos da lei, entregavam o dízimo até da hortelã e do cominho, tinham regras e normas quanto ao que seria violar o sábado e à purificação. Toda a lei tinha um propósito e não era um propósito em si mesma.

A palavra *Ekklesia*, do grego, geralmente era usada para se referir a reuniões de cidadãos nas quais eram tratados assuntos cívicos. Na Septuaginta aparece se referindo a Israel como “congregação” do Senhor (Deuteronômio 23,2). Os judeus não tinham costume de usar esse termo, talvez por isso os cristãos passaram a usar, justamente para diferenciar dos judeus, os seus cultos.²²³ Desde que Jesus apresentava seus ensinamentos confrontando os fariseus, seus discípulos percebiam a inevitável separação que se formava entre os dois grupos, principalmente pela hostilidade demonstrada pelos fariseus e escribas ao resistir aos questionamentos de Jesus.

Jesus aparentemente deixou de seguir alguns rituais que o judaísmo considerava muito importantes, o que provocou revolta entre os escribas, fariseus e doutores da lei. Ainda que eles tivessem boa intenção e acreditassem firmemente que estariam agradando a Deus, toda aquela liturgia se tornara formalidade. Jesus provocou choque frontal com a tradição em várias ocasiões, sempre mostrando que Deus espera mais que rituais e o que agradar a Ele é mais que simplesmente fazer cerimônias.

Quando ele curava no sábado ou quando seus discípulos não lavavam as mãos antes das refeições, qualquer ação que contrariava a lei cerimonial se tornava um motivo a mais para que os judeus o rejeitassem, então Jesus preparou os seus

²²³ HURTADO, L. W., *As origens da adoração cristã*, p. 72.

discípulos para serem rejeitados e serem perseguidos. Assim aconteceu. A igreja cristã primitiva teve muitos problemas porque não se sujeitava à imposição da lei judaica. Como eles não se sentiam mais presos ao judaísmo, sua religiosidade era cada vez mais espontânea e não seguiam as exigências das leis cerimoniais.

A igreja também tinha problemas internos. Muitos dos convertidos eram oriundos do judaísmo e entendiam que o cristianismo deveria preservar os costumes anteriores. Os rituais e as práticas litúrgicas do cristianismo precisavam de definição e de clareza. Os cristãos judeus conservavam os costumes tradicionais das festas, das dietas radicais e da circuncisão, mas o cristianismo não se propunha a ser uma religião somente para esses. Logo haveria de se expandir entre os prosélitos, gentios convertidos ao judaísmo e aos demais gentios, nunca teriam sido iniciados no judaísmo.

Quando o Apóstolo Pedro foi enviado por Deus a Cesaréia para pregar aos gentios na casa de Cornélio, o Espírito de Deus precisou trabalhar o coração dele para que ele aceitasse essa ideia, porque, como judeu que era, os considerava como impuros. Ele lhes disse isto quando lá chegou, e que Deus mesmo o mandara ali para pregar. A manifestação do Espírito Santo, que aconteceu em seguida, foi suficiente para Pedro aceitar que todos eles fossem batizados. A liturgia do batismo praticada com gentios, era algo sem precedentes e teria de ser explicada à igreja em Jerusalém mais tarde. Esta experiência está registrada no capítulo 10 do livro de Atos dos Apóstolos e no capítulo 11, a explicação de Pedro diante da igreja:

E ouviram os apóstolos, e os irmãos que estavam na Judéia, que também os gentios tinham recebido a palavra de Deus. E, subindo Pedro a Jerusalém, disputavam com ele os que eram da circuncisão, dizendo: Entraste em casa de homens incircuncisos, e comeste com eles. Mas Pedro começou a fazer-lhes uma exposição por ordem, dizendo: estando eu orando na cidade de Jope, tive, num arrebatamento dos sentidos, uma visão; via um vaso, como um grande lençol que descia do céu e vinha até junto de mim. E, pondo nele os olhos, considerei, e vi animais da terra, quadrúpedes, e feras, e répteis e aves do céu. E ouvi uma voz que me dizia: Levanta-te, Pedro; mata e come. Mas eu disse: De maneira nenhuma, Senhor; pois, nunca em minha boca entrou coisa alguma comum ou imunda. Mas a voz respondeu-me do céu segunda vez: Não chames tu comum ao que Deus purificou. E sucedeu isto por três vezes; e tudo tornou a recolher-se ao céu. E eis que, na mesma hora, pararam, junto da casa em que eu estava, três homens que me foram enviados de Cesaréia. E disse-me o Espírito que fosse com eles, nada duvidando; e também estes seis irmãos foram comigo, e entramos em casa daquele homem; E contou-nos como vira em pé um anjo em sua casa, e lhe dissera: Envia homens a Jope, e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro, o qual te dirá palavras com que te salves, tu e toda a tua casa. E, quando comecei a falar, caiu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós ao princípio. E lembrei-me do dito do Senhor, quando disse: João certamente batizou com água; mas vós sereis batizados com o Espírito Santo. Portanto, se Deus lhes deu

o mesmo dom que a nós, quando havemos crido no Senhor Jesus Cristo, quem era então eu, para que pudesse resistir a Deus? E, ouvindo estas coisas apaziguaram-se, e glorificaram a Deus, dizendo: Na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida.²²⁴

Nesta ocasião aconteceu algo parecido com o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes, pois Pedro se refere ao que viu com a expressão: “receberam com nós o Espírito Santo”. Foi um evento único, que representou uma quebra de barreira entre cristãos judeus e os novos cristãos não judeus. O próprio Pedro teve grande resistência em ir até eles. Agora não lhes nega o batismo. Interessante notar que eles receberam o Espírito Santo como credencial para serem batizados, como se verá mais adiante, enquanto aqui focamos na questão do conflito.

Algo parecido ocorreu com o Apóstolo Paulo, que depois de convertido se tornou um grande pregador itinerante e sua pregação era centrada em Jesus Cristo e em seus ensinamentos. Muita gente se convertia e as novas igrejas se fortaleciam. Logo alguns daqueles cristãos que conservavam as práticas judaicas começaram a visitar os novos convertidos ensinando que deveriam se circuncidar, observar as festas e as dietas tradicionais. Eles eram chamados judaizantes pela sua atitude de querer impor aos novos cristãos não judeus aquilo que traziam do judaísmo. Isso gerou problemas e dúvidas e Paulo os combateu duramente quando escreveu sua carta aos Gálatas.

A igreja precisou realizar uma assembleia em Jerusalém para definir se essas práticas e liturgias judaicas seriam ou não impostas aos cristãos não judeus, ainda que alguns cristãos judeus as quisessem conservar. A liturgia da igreja cristã estava se definindo à proporção que iam ocorrendo esses conflitos. Em Atos capítulo 15 a igreja chegou a uma conclusão sobre o assunto:

E, havendo-se eles calado, tomou Tiagoa palavra, dizendo: Homens irmãos, ouvi-me: Simão relatou como primeiramente Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome. E com isto concordam as palavras dos profetas; como está escrito: Depois disto voltarei, e reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído, levantá-lo-ei das suas ruínas, e tornarei a edificá-lo. Para que o restante dos homens busque ao Senhor, e todos os gentios, sobre os quais o meu nome é invocado, diz o Senhor, que faz todas estas coisas, conhecidas são a Deus, desde o princípio do mundo, todas as suas obras. Porisso julgo que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus. Mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da fornicção, do que é sufocado e do sangue. Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pague, e cada sábado é lido nas sinagogas. Então pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos, com toda a igreja, eger homens dentre eles e enviá-los com Paulo e Barnabé a Antioquia, a

²²⁴ Atos 11, 1-18

saber: Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens distintos entre os irmãos. E por intermédio deles escreveram o seguinte: Os apóstolos, e os anciãos e os irmãos, aos irmãos dentre os gentios que estão em Antioquia, e Síria e Cilícia, saúde. Porquanto ouvimos que alguns que saíram dentre nós vos perturbaram com palavras, e transtornaram as vossas almas, dizendo que deveis circuncidar-vos e guardar a lei, não lhes tendo nós dado mandamento, pareceu-nos bem, reunidos concordemente, eleger alguns homens e enviá-los com os nossos amados Barnabé e Paulo, Homens que já expuseram as suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais por palavra vos anunciarão também as mesmas coisas. Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias: Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da fornicação, das quais coisas bem fazeis se vos guardardes. Bem vos vá.²²⁵

A igreja cristã começava a estabelecer suas próprias características naturalmente, as coisas fluíam enquanto os fiéis se multiplicavam em todas as cidades. A orientação que as igrejas recebiam eram as epístolas dos apóstolos, que, mesmo sendo destinadas a determinadas igrejas, eram lidas também nas outras, de forma que as doutrinas e a liturgia iam se definindo sob a mesma diretriz. Porém, algumas dificuldades e diferenças foram inevitáveis, e as cartas dos apóstolos precisavam conter exortações para se corrigir distorções e combater as heresias que surgiam em algumas comunidades. Um exemplo disto foi o ensino do Apóstolo Paulo na primeira carta aos coríntios sobre a celebração da eucaristia.

A Igreja de Corinto havia banalizado a celebração da eucaristia. Não era mais uma celebração, mas uma festa, que deveria ser festa do amor, no entanto, se tornara oportunidade de discriminação e de contendas. Deveria ser uma refeição de comunhão, porém alguns comiam sua ceia antecipadamente e outros tinham fome. O Apóstolo passa a instruir a igreja sobre a forma de celebração da eucaristia, afirmando que a recebera do próprio Senhor Jesus:

Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha. Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice. Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor.²²⁶

²²⁵ Atos 15, 13- 29.

²²⁶ I Coríntios 11,23- 29.

Os ensinamentos que ele dá a esta igreja são esclarecedores quanto ao significado da cerimônia. Mais adiante haverá maiores detalhes sobre a Eucaristia. A igreja de Corinto tinha outros problemas com a liturgia. Paulo escreve para que organizem o culto com “decência e ordem”²²⁷. No capítulo 14 da primeira carta de Paulo aos Coríntios, a impressão é que os fiéis estavam vivendo momentos de euforia com o que entendiam ser dons espirituais e com isso o culto se tornara uma balburdia. Havia desordem com gente se levantando com profecia, salmos, revelação e outros falando em línguas estranhas. A liturgia estava perdida, então Paulo enfatiza que tudo deve ser feito para edificação da igreja e o melhor resultado para isto se alcança pelo dom da profecia, a Palavra de Deus para os homens.

As dificuldades que foram surgindo no início da história da igreja cristã seriam perfeitamente compreensíveis, considerando o contexto envolvido. Uma igreja nova, que não poderia conviver interna ao judaísmo, não dispunha de uma estrutura eclesial de organização, e nem sequer planejava se organizar para permanecer por longo prazo. O fator de união e identificação com as novas igrejas que iam surgindo era a crença em Cristo e seus ensinamentos que permaneciam bem vivos nas mentes e nos corações dos fiéis, que os compartilhavam com os que se convertiam.

3.2.5.

A tradição oral e a incorporação de práticas litúrgicas

Em paralelo com as Escrituras, a Tradição ganhou grande importância na história do cristianismo, inclusive recebendo alto grau de autoridade quanto aos ensinamentos e à liturgia.²²⁸ Esse foi um dos temas questionados pela Reforma Protestante, que reconhece apenas a Bíblia como autoridade e regra de fé. Provavelmente a rejeição à Tradição tenha ocorrido devido à incorporação de algumas práticas litúrgicas, que ocorreram nos primeiros séculos e que foram reforçadas pelos dogmas e decretos papais.

Os primeiros cristãos enfrentaram muitas heresias e desvios doutrinários no seio da igreja. Como ainda não possuíam o Novo Testamento como temos atualmente, a autoridade que tinham para combater tais ideias era apoiada na

²²⁷ I Coríntios 14, 40.

²²⁸ McLAREN, B., Uma ortodoxia generosa, P. 250

Tradição, nos ensinamentos recebidos de uma geração anterior, que consideravam que eram transmitidos com fidelidade. Mesmo os apóstolos que escreveram as cartas às igrejas precisaram recorrer às primeiras testemunhas dos ensinamentos de Jesus que ainda estavam vivas, e às informações de que se lembravam. A maioria dos escritos do Novo Testamento foi escrita posteriormente e não no tempo imediato dos acontecimentos.

Após o fechamento do Canon do Novo Testamento, houve concílios, documentos pontifícios e produções de textos pelos Pais da Igreja, que formaram um compêndio de diretrizes e normas que automaticamente foram incorporados à igreja e definiram as práticas litúrgicas. Questões como dogmas oriundos da autoridade papal, crença na transubstanciação, veneração de Maria e oração pelos mortos se tornaram parte integrante da liturgia da igreja naturalmente com o passar do tempo, sem questionamentos, já que a liberdade de consciência dos fiéis, que só foi considerada no Concílio Vaticano II.

Não obstante a Tradição oral receber tanta importância, a liturgia da Igreja nunca foi considerada imutável, desde que as mudanças não comprometessem a verdade revelada. Houve situações e debates que resultaram em alterações e adaptações que se fizeram necessárias. As mais relevantes ocorreram com a Constituição Sacrosanctum Concilium.²²⁹

Missa e Eucaristia são termos que não aparecem diretamente na Bíblia, mas que ganharam significado para a igreja primitiva, aplicados à compreensão da entrega de Jesus, sua morte e ressurreição. Inácio de Antioquia, no ano 110 DC, pela primeira vez usou o nome Eucaristia, que já havia se tornado o centro do culto dos cristãos, juntamente com a leitura de textos sagrados. Ambrósio, mais ou menos no ano 397DC, teria sido o primeiro a usar a palavra missa no sentido atual. Muitos entendem que missa e eucaristia tem o mesmo significado, outros entendem que a “Santa Missa” tem duas dimensões, a de sacramento e a de sacrifício. Neste trabalho consideramos os dois termos equivalentes.

O Catecismo da Igreja ensina que a Eucaristia é a fonte e ápice de toda a vida cristã. Na prática, a Eucaristia tem duas partes, a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística. A Missa é a celebração do mistério pascal de Cristo e sua liturgia foi

²²⁹ CONCÍLIO VATICANO II., Constituição conciliar sacrosanctum concilium (sobre a sagrada liturgia).

formada e desenvolvida a partir da celebração da última ceia.²³⁰ O próprio Jesus anunciou a sua morte quando disse, isto é o meu corpo, este é o meu sangue! Não há detalhes de liturgia na narrativa bíblica, além das palavras de Jesus ao dar o pão e o cálice aos discípulos. A igreja se viu na necessidade de estabelecer um padrão para esta celebração de forma solene.

Uma interpretação, rejeitada pelos chamados evangélicos, que prevaleceu na prática da Eucaristia foi a crença na transubstanciação,²³¹ que significa a conversão detoda a substância do pão na substância do Corpo de Cristo e de toda a substância do vinho na substância do Seu Sangue. Esta transformação, segundo esta interpretação, ocorre no momento da consagração do pão e do vinho. A origem desta doutrina seria, então, nas palavras de Jesus, na última celebração que fez com seus discípulos.

Outros consideram que a origem deste conceito está na Tradição da Igreja, quando Santo Inácio de Antioquia no ano 107 D.C, ao confrontar os docetas do primeiro século, que não acreditavam que Jesus teria tido um corpo físico, apresentou essa ideia como interpretação literal das palavras de Jesus. Tal pensamento gnóstico, defendia que toda matéria é má e o corpo é uma prisão do espírito. Eram considerados como um grupo herege no meio da igreja.

Esta doutrina foi defendida no Quarto Concílio de Latrão em 1215²³², e mais adiante confirmada pelo Concílio de Trento (1551). A Reforma Protestante rejeitou essa ideia, considerando que a mesma teria sido incorporada à eucaristia pela Tradição e não com base bíblica, sendo correta a celebração memorial. Mesmo entre os reformadores houve controvérsias acerca do tema. Uns optaram por considerar os elementos da Ceia como símbolos, colocando ênfase na experiência pessoal como centro de significado. Outros defendem a consubstanciação, crendo que os elementos não se transformam, contudo, Jesus se faz presente nos mesmos, que conferem graça aos participantes.²³³ Na Tradição, a liturgia do batismo e da eucaristia estão associadas aos Sacramentos, que trazem a ideia de Mistério.

A palavra latina *sacramentum* também apresenta às vezes as mesmas conotações de um mistério escondido e inescrutável. Contudo, no uso comum latino, também se referia a um juramento, em especial, ao juramento que uma pessoa fazia de servir a

²³⁰ Didaqué, XIV,1

²³¹ MARTINS, J.G. Manual do pastor e da igreja, p. 83

²³² GONZÁLEZ J.L. Uma breve história das doutrinas cristãs, p. 193

²³³ PINHEIRO, J.; SANTOS, M., Manual da história da igreja e do pensamento cristão, p. 255.

outros indivíduos.²³⁴

Para participar da Eucaristia, primeiro é preciso passar pelo batismo, no qual está implícito o compromisso necessário para se viver em comunhão. O batismo é a porta de entrada para a igreja, e isto não é uma coisa exclusiva da Igreja Católica, pois, ainda que de forma um pouco diferenciada, as igrejas da Reforma e as chamadas igrejas evangélicas, também insistem que participar da “Ceia do Senhor” é um privilégio dos batizados, que um dia assumiram compromisso de fazer parte da igreja. Desde o Didaqué já se previa esta compreensão. “Que ninguém coma nem beba da Eucaristia sem antes ter sido batizado em Nome do Senhor, pois sobre isso o Senhor disse: 'Não deem as coisas santas aos cães’”.²³⁵

Os sete sacramentos²³⁶ representam as diferentes fases da vida cristã do indivíduo, começando pelo batismo, pelo qual ele se torna parte da igreja e indo até o matrimônio. Sacramentos são ritos litúrgicos, reconhecidos como sinais da graça de Deus, pelos quais se concede vida, por isso são de valor inquestionável.

os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, mediante os quais nos é concedida a vida divina"(n. 224). "Os sacramentos não apenas supõem a fé, como também, através das palavras e elementos rituais, a alimentam, fortificam e exprimem. Ao celebrá-los, a Igreja confessa a fé apostólica. Daí o adágio antigo: *lex orandi, lex credendi*, isto é, a Igreja crê no que reza" (n. 228).²³⁷

Se liturgia e sacramento caminham juntos, segue-se que liturgia adquire um aspecto ainda mais relevante, como meio de se alcançar a graça da salvação, posição contestada pelos reformadores que defendem que ninguém pode alcançar a graça da salvação a não ser pela fé.

3.3 . O desenvolvimento da igreja no decorrer da história

A história da Igreja Cristã desde o início até o século XXI é a maior prova da graça e do cuidado de Deus com seu povo. Nos tempos em que foi mais combatida, a igreja mais se formava e crescia. Foi assim nos dias do Novo Testamento, depois da morte do primeiro mártir, Estêvão e nos primeiros três séculos, quando as

²³⁴ GONZÁLEZ, J. L., Uma breve história das doutrinas Cristãs, p. 175.

²³⁵ DIDAQUÉ, Cap. IX, nº 5.

²³⁶ GONZÁLEZ, J. L., Uma breve história das doutrinas Cristãs, p. 177

²³⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA.

perseguições eram intensas.

Durante os três primeiros séculos de sua existência, no entanto, a igreja sujeitou-se aos surtos de violência e de perseguição das autoridades romanas. No início, a perseguição era predominantemente local, esporádica e geralmente mais um produto de ação popular do que o resultado de uma política definida. Com o passar do tempo, as autoridades civis e o próprio povo, antes indiferentes, demonstraram-se logo hostis à nova religião, porque os cristãos recusavam o culto ao imperador e a adoração às divindades pagãs de Roma.²³⁸

As igrejas cristãs eram perseguidas por várias razões difíceis de compreender com a visão que se tem atualmente. Eram perseguidos porque não se adequavam aos padrões das religiões do seu tempo, não tinham templos, nem altares nem faziam sacrifícios. O cristianismo era considerado uma religião ilícita e seus inimigos não entendiam como perseveravam mesmo em meio a tanto sofrimento e martírios, crendo num Deus invisível, que se tornou humano e ainda morreu numa cruz. Isso lhes parecia absurdo e incomodava que insistissem em compartilhar com outros, que também criam de maneira que o número de cristãos se multiplicava.

O imperador Nero, que havia mandado incendiar Roma, convenientemente, culpou os cristãos pelo incêndio, e provocou a primeira onda de perseguição contra a igreja, no ano 64. Nesta época o Apóstolo Tiago foi martirizado e Pedro e Paulo sofreram com esta perseguição. Depois que Nero morreu, a igreja teve paz por cerca de trinta anos. Domiciano foi outro que promoveu grande perseguição²³⁹ à igreja e no seu tempo sofreram muito o Apóstolo João e Timóteo. A tradição conta que João foi lançado numa caldeira de azeite fervente, da qual saiu ileso, sendo depois exilado na ilha de Patmos.

Os primeiros quatro séculos da igreja cristã foram marcados por muitas perseguições até o ano de 313, quando foi ditado o Edito de Milão,²⁴⁰ que assinala o início de uma aliança entre Igreja e Estado, através do Imperador Constantino.²⁴¹ No entanto, mesmo em meio às perseguições, a Igreja cresceu e se expandiu, chegando a ser uma parte significativa da população no ano 215, quando cessou o período de perseguições. “No Império Romano, em 200 d.C., havia cerca de 186 milhões de habitantes, dos quais 6,32 milhões eram cristãos (isto equivale a 3,4%

²³⁸ PINHEIRO, J.; SANTOS, M., Manual de história da igreja e do pensamento cristão, p. 61.

²³⁹ GONZÁLEZ, J. L., Uma breve história das doutrinas Cristãs, p. 51

²⁴⁰ [https://www.infopedia.pt/\\$constantino](https://www.infopedia.pt/$constantino)

²⁴¹ KNIGHT A., ANGLIN W., História do cristianismo P. 54

da população). Em 315, equivaliam a 10,4 % da população”.²⁴²

Alguns fatores foram muito importantes neste período histórico da igreja e influenciaram decisivamente no crescimento da mesma, não obstante tanta perseguição e sofrimento. Entre estes fatores se destacam alguns, entre outros, que contribuíram para preservar as características doutrinárias e litúrgicas da igreja em meio a inúmeros ataques, não apenas de fora, de perseguidores, mas também, de dentro da própria igreja, com o surgimento de heresias que tentavam desvirtuar a verdadeira fé cristã. Os escritos dos Pais Apostólicos foram preciosos para a igreja no final do primeiro século e início do segundo.

Entre esses escritos não eram tratados teológicos, mas que enfatizavam a necessidade de comunhão e cuidado entre os cristãos, e a fidelidade frente às perseguições, temas que fortaleciam a igreja em tempos muito difíceis, no final do primeiro século e início do segundo. Pais Apostólicos eram aqueles que sucederam os Apóstolos e escreviam cartas pastorais, voltados para a necessidade imediata da Igreja. Havia na Igreja primitiva outros escritores, os Apologistas, que defendiam a igreja diante das autoridades romanas e diante de intelectuais e usavam um discurso filosófico e racional pelo qual expunham a verdade do evangelho a uma elite intelectual.

Até o final do primeiro século a igreja viu surgir inúmeras heresias em seu meio, sendo uma delas, o gnosticismo, uma mistura da cabala dos judeus com a filosofia de Platão e dos misticismos orientais. Nesse tempo, outros escritores apologistas surgiram, os anti-gnósticos, também chamados de polemistas. Havia um mestre de filosofia em Alexandria, juntou a tudo isto, que chamava de ciência, uma parte do evangelho e atraiu a muitos nesse engano. No entanto os ensinamentos do Apóstolo Paulo já advertiam a igreja que estas coisas haveriam de acontecer.

Os Pais da Igreja (no catolicismo são chamados “Padres da Igreja”) reforçaram a Tradição Oral, e nos primeiros séculos, pois sendo pastores, escritores ou teólogos, eram considerados como testemunhas autorizadas da fé. Deveriam ter três características: ortodoxia de doutrina, santidade de vida e antiguidade. Os principais foram Eusébio de Cesaréia, Cipriano de Cartago, Ambrósio, João Crisóstomo e Jerônimo, que traduziu a Bíblia para o latim, entre outros. Seus ensinamentos também contribuíram para fortalecer os dogmas da igreja. Como tinham dificuldade

²⁴² PINHEIRO, J.; SANTOS, M., Manual da história da igreja e do pensamento cristão, p. 65.

em defender a igreja diante das heresias, pois os hereges facilmente distorciam as Escrituras, criaram então o Credo Apostólico, como regra de fé, a qual era conservada desde os dias dos apóstolos. O Credo seria uma declaração simples, acerca da qual não se admitia nenhuma discussão. O credo como é conhecido hoje, teve origem mais tarde, entre os séculos VI e VII, mas tem partes do original do segundo século. Outro fator decisivo²⁴³ para consolidação e fortalecimento da igreja nos primeiros séculos foi a canonização do Novo Testamento. Ainda que todos os livros já estivessem escritos no final do primeiro século, o processo só foi devidamente concluído algum tempo depois e surgiram muitos livros que foram considerados apócrifos, mesmo que pudessem ser úteis historicamente. Para formalizar o cânon do Novo Testamento, foram definidos cinco critérios: Apostolicidade, pois deveriam ser escritos por um apóstolo ou alguém do círculo apostólico; Receptividade, deveria ser de leitura nas reuniões públicas da igreja desde o início; Universalidade, além de ter aceitação das igrejas deveriam ser escritos todos e não para uma igreja exclusiva; Ortodoxia doutrinária, deveria ser fiel aos ensinamentos de Jesus e dos apóstolos e Inspiração, quando seriam julgados pelo seu próprio conteúdo.²⁴⁴

O segundo século da era cristã também foi marcado por sofrimento e pelo martírio de seus líderes. A igreja ficou livre das perseguições por algum tempo depois da morte de Domiciano, quando reinou Coccei Nerva, mas ele morreu logo, e Trajano, seu sucessor, voltou a perseguir os cristãos, numa tentativa inútil de exterminar esta religião.²⁴⁵ Durante esta época Inácio foi martirizado em Roma, na arena, devorado pelos leões. O sucessor de Trajano, Adriano, continuou com as perseguições, mas depois dele, Antônio Pio deu uma trégua à igreja e o evangelho se expandiu para o oriente e para o ocidente.

Quando Marco Aurélio se tornou imperador, cresceu novamente a perseguição e nesta época o bispo de Esmirna, Policarpo foi martirizado.²⁴⁶ Diferentemente de Irineu, que se expunha, Policarpo tentou evitar seus perseguidores, mudando para uma aldeia próxima, onde continuou seu trabalho, assim fazendo por diversas vezes como errante, até que entendeu através de um sonho que deveria glorificar a Deus sofrendo a morte de mártir. Ele era um velho

²⁴³ II Timóteo 3, 1-5

²⁴⁴ PINHEIRO, J.; SANTOS, M., Manual da história da igreja e do pensamento cristão, p. 68, 69.

²⁴⁵ KNIGHT A., ANGLIN W., História do cristianismo P. 19

²⁴⁶ KNIGHT A., ANGLIN W., História do cristianismo P. 23

bispo, muito respeitado e até o governador tentou convencê-lo a mudar de opinião, inutilmente. Como havia passado da hora e ele não poderia ser morto pelos animais, resolveram queimá-lo. Diz a tradição que mesmo com o fogo aceso, as chamas não tocaram seu corpo e ele foi morto à espada.

As perseguições continuaram com Sétimo Severo, Maximiano, Décio, Valeriano, Aureliano e Diocleciano, que foram terríveis contra os cristãos, que não cessaram de crescer, apesar de tantas falsas acusações que sofriam. Basicamente eles eram odiados porque se recusavam a adorar o imperador e seus deuses. Ainda que a perseguição não tenha sido contínua, pois houve tempos de tréguas, os três primeiros séculos da história da igreja foram regados pelo sangue de seus mártires. Entre os muitos mártires, vale destacar Irineu,²⁴⁷ que foi degolado, Perpétua, uma jovem senhora convertida do paganismo, cujo pai, um homem pagão fez grande esforço para demovê-la de ser cristã inutilmente, Leônidas, morto em Alexandria, Orígenes, Cipriano, Cirilo, Lourenço, diácono de Roma e muitos outros que inspiram os cristãos ainda hoje.

Antes de 313, os cristãos se reuniam nas catacumbas de Roma, onde, além de realizarem os cultos a Deus, também enterravam seus mortos. Ao final do período, os cristãos começaram a construir igrejas modeladas a partir da basílica romana. A basílica era uma construção retangular com um pórtico ou vestíbulo na extremidade oeste, onde os catecúmenos cultuavam, uma abside semicircular na parte leste, onde ficavam o altar e o trono do bispo, e uma longa nave central com galerias em ambos os lados.²⁴⁸

No quarto século da era cristã, a história registra uma mudança radical. Chega ao trono Constantino, acerca do qual sempre se questionou se se converteu de fato ao cristianismo ou não, que foi portador de novotempos para a igreja.

Tinha agora chegado um tempo muito extraordinário para o povo de Deus [...] A religião de Cristo, saindo do deserto e das prisões, tomou posse do mundo. Até nas estradas principais, nos íngremes cumes dos montes, nos fundos barrancos e nos vales distantes, nos tetos das casas e nos mosaicos dos sobrados se via a cruz. A vitória era completa e decisiva. Até nas moedas de Constantino se via o lábaro com a monograma de Cristo levantando-se acima do dragão vencido. Do mesmo modo o culto e o nome de Jesus se exaltaram acima dos deuses vencidos do paganismo. De fato, começava uma ordem de coisas inteiramente nova, e o imperador romano tornou-se o principal da igreja.²⁴⁹

Provavelmente Constantino tenha visto o potencial político que a igreja

²⁴⁷ KNIGHT A., ANGLIN W., História do cristianismo P. 34

²⁴⁸ CAIRNS, E. E., O Cristianismo através dos séculos, p. 103.

²⁴⁹ KNIGHT, A. E., História do cristianismo, p. 54.

passou a representar e importância do papel dos bispos diante da comunidade cristã. A assinatura do Edito de Milão, proibia a perseguição aos cristãos. Constantino favoreceu a liberdade religiosa as pessoas poderiam seguir a religião que quisessem e os sacerdotes cristãos foram colocados no mesmo nível dos sacerdotes de outras religiões. Mas, o que mais favoreceu o clero foi o fato de os bispos da Igreja passarem a gozar dos mesmos privilégios dos magistrados e demais autoridades civis do Império e os cristãos puderam ocupar cargos e posições de confiança no Estado.

Os cristãos passaram a ter privilégios, como por exemplo, quando os Sacerdotes passaram a ser dispensados de pagar impostos e taxas e aos poucos, os bispos tornaram-se conselheiros do Estado. Nesta época, os templos pagãos começaram a ser confiscados e doados aos cristãos. O estado se cristianizava e a igreja se estatizava. Foi o tempo das catedrais construídas pelo estado e de oficialização do domingo como dia de culto dos cristãos. O Imperador criou seus filhos como cristãos, apesar de só ser batizado próximo de sua morte.

Constantino convocou o primeiro Concílio Ecumênico para julgamento de Ário, que levantara uma questão polêmica, acerca de Jesus Cristo, considerada como heresia e blasfêmia. Os bispos produziram então um documento de reafirmação da fé, o Credo de Nicéia e condenaram Ário²⁵⁰ e seus discípulos ao desterro, considerando que a divulgação de suas ideias era uma ofensa ao Senhor. No entanto o Imperador não acompanhou a decisão dos bispos, pois ouviu conselhos de sua irmã Constância, que simpatizava com as ideias de Ário. Esta interferência gerou outros problemas posteriores para os bispos.

Constantino morreu no ano 337, com sessenta e quatro anos. Seu reinado foi cheio de acontecimentos importantes para o cristianismo provocou mudanças definitivas para a igreja. Entre os fatos mais importantes de seu reinado vale destacar a destruição dos ídolos e a exaltação de Cristo. Também no seu tempo, os etíopes e os ibérios receberam o evangelho. O império ficou dividido entre os três filhos de Constantino e logo aconteceu uma guerra religiosa na qual os cristãos estavam divididos entre ortodoxos e arianos.

No ano de 390, o Imperador Teodósio tornou o cristianismo a única religião do Império e, com isto, de agora em diante, todos seriam obrigados a professar a fé

²⁵⁰ KNIGHT, A. E., História do cristianismo, p. 57

cristã. O império passaria a se intrometer na vida da Igreja e a organização do estado aos poucos vai sendo assumida pela Igreja. Não existe nesse período, separação entre Igreja e Estado, pelo contrário, uma fusão na qual o uso da força está agindo a favor da imposição da igreja como religião oficial, como um braço do estado, sendo usada para atingir seus objetivos políticos.

A Liturgia da Igreja no período do Império, foi marcada pela institucionalização e hierarquização. Os sacerdotes ocupavam cargos públicos e tinha autoridade política. A Missa passou a ser “Liturgia Oficial” com a instituição da hóstia e o latim, passou a ser considerado como língua litúrgica. Foi o tempo da construção de templos e das peregrinações. Alguns julgam que esse tempo foi um tempo em que a igreja influenciou o Estado e a política, enquanto outros entendem que foi um tempo em que a igreja se permitiu ser usada pelos imperadores em troca de privilégios comprometedores da verdadeira essência do cristianismo.

No final do século IV, houve uma controvérsia que marcou a igreja. Chamada de controvérsia pelagiana,²⁵¹ que aconteceu quando Pelágio leu os escritos de Agostinho e não concordou fazendo duras críticas ao seu posicionamento. Mas como Pelágio já era considerado como herege, por sua interpretação acerca de Adão e Eva, suas críticas provocaram intenso combate por parte de Agostinho. Este era um fiel e piedoso servo de Deus, cujo tema favorito era sempre a livre graça de Deus. Ele se dedicou com tanto zelo em combater as ideias de Pelágio, que alguns afirmam que ele chegou ao fanatismo.

As disputas pelo poder corromperam o clero no início do V século, o que marcou uma fase de decadência da igreja. Neste período de secularização da igreja surgiu o movimento do monasticismo,²⁵² um movimento de reação e busca de santidade. Antônio, conhecido como Santo Antão, é reconhecido como o primeiro monge, ainda que tenha havido outros antes dele, foi o primeiro que viveu uma vida de claustro, isolando-se completamente do mundo. Nem todos os monges faziam parte do clero, mas eram muito respeitados pela vida santa que levavam. São Pacômio, que viveu doze anos como eremita, fundou o primeiro mosteiro e chegou a ter sete mil monges sob seu controle.

Não é o foco deste trabalho fazer um detalhamento histórico da igreja, mas tentar entender o desenvolvimento da mesma, as ocorrências práticas que

²⁵¹ KNIGHT A., ANGLIN W., História do cristianismo P. 67

²⁵² KNIGHT A., ANGLIN W., História do cristianismo P. 72

interferiram direta e indiretamente na liturgia dos cultos. Merece destaque a realização de vinte e um concílios em dois mil anos de história da igreja, nos quais foram decididos os assuntos que requeriam definições e tomada de posição do clero, mediante debates e esclarecimentos. As doutrinas e a liturgia evoluíram e amadureceram dentro do contexto histórico de cada um desses concílios. A questão da liturgia foi discutida no Concílio de Nicéia II, mas, o ápice desta “evolução” foi o Concílio Ecumênico Vaticano II.²⁵³

No século V, em meio à disputa semipelagiana, um leigo muito culto e respeitado e com bom tramite com os papas, escrevendo em defesa da posição de Agostinho, cunhou o adágio que ficou conhecido como um axioma teológico “*lex orandi – lex credendi*”, que tem muito a ver com o tema deste trabalho. Ser o que se celebra, pretende ser uma reflexão sobre a relação direta entre o que se crê ou o que se demonstra ser na adoração e o que de fato se é na realidade do dia a dia. Ou o que se é determina como se adora ou a adoração determina o modo de ser na vida cotidiana. O momento litúrgico não se restringe a um ato, um evento, tem implicações na postura e prática diária.

Na celebração litúrgica, a igreja vive o encontro da oração da fé que conduz à crença e normatiza a forma de viver. Esse caminho entre *lex orandi-lex credendi* é uma via de mão dupla: quanto mais a norma de orar estabelece a norma de crer, assim também quanto mais se crê com entendimento, mais se ora. É a crença que ganha sentido prático na vida.²⁵⁴

O desenvolvimento da igreja com o passar dos séculos, sua consolidação indiscutível é uma visível evidência de sua base sólida. Foram tempos difíceis de ameaças, rejeição e perseguições, inúmeras tentativas de extinção mas nada impediu sua trajetória. As igrejas cristãs do século XXI são resultado de muitas intempéries, razão pela qual se compreende as dificuldades de se manter coesa e única.

3.4.

A Reforma Protestante Como divisor de águas Quanto à Liturgia

Um olhar mais abrangente mostra uma insatisfação com os rumos que a igreja tomava desde alguns séculos anteriores à Reforma,²⁵⁵ o que se estuda como pré-

²⁵³ CHRISTOPHER M. B., História dos 21 concílios da igreja(resumo).

²⁵⁴ FONSECA, E., Resgate da centralidade teológica no culto, p. 36.

²⁵⁵ PEREIRA J.R. Breve história dos batistas p. 49

reforma. Não obstante as dificuldades de pesquisa da época, é bem provável que nos monastérios e nos seminários, Lutero e seus companheiros tivessem acesso a conteúdo e materiais de estudo que lhes dessem conhecimento acerca dos críticos da igreja que haviam se levantado anteriormente, sem, contudo, provocar ruptura ou divisões que entrassem para a história como ocorreu com a Reforma.

Após a grande cisão da igreja no século XI, começaram a surgir aqueles que ousavam condenar os erros dentro da poderosa igreja ocidental. Desde o século XII, com os Valdenses, há registro de movimentos do que se estuda como pré-reforma. Destaca-se Pedro Valdo²⁵⁶, um comerciante de Lyon que se converteu ao cristianismo em 1174. Ele encomendou uma tradução da Bíblia em linguagem popular e começou a pregar mesmo sem ser sacerdote. A sua autoridade estava no fato de seu desapego aos bens materiais, pois vendeu tudo que tinha e distribuiu aos pobres.

Seus seguidores, os valdenses foram perseguidos pela igreja e se reuniam nas casas e nas grutas, porque insistiam na autoridade única da Bíblia, ensinavam que cada um tinha direito de ter uma bíblia, negavam a autoridade do Papa e condenavam o culto às imagens, afirmando que isso é idolatria. Eles foram excomungados em 1184. Os valdenses, de fato, se tornaram uma denominação que ainda hoje existe na Itália, no Uruguai, na Alemanha, nos Estados Unidos e na França.

Outros merecem destaque como John Tauler (1300-1361), cuja edição impressa de seus sermões em 1508 foi lida por Lutero que admirava sua defesa de uma completa submissão à vontade de Deus. John Wycliffe (1328 – 1384) fez primeira tradução completa do Novo Testamento para o Inglês.²⁵⁷ Combateu a autoridade papal, afirmando Cristo, e não o papa, como chefe da Igreja; ensinava que a Bíblia, e não a Igreja, é a única autoridade para o crente. Desejava que a Igreja estivesse dentro dos padrões do Novo Testamento. Seus seguidores foram chamados de “Lolardos”.

John Huss (1373-1415) reitor na Universidade de Praga, na Boêmia.²⁵⁸ Suas pregações reformistas foram influenciadas pelos ensinamentos de Wycliffe. Pregava que a autoridade é a Bíblia e não o Papa. Foi excomungado pelo Papa Leão XXI e

²⁵⁶ KNIGHT A., ANGLIN W., História do cristianismo P. 142

²⁵⁷ KNIGHT A., ANGLIN W., História do cristianismo P. 181

²⁵⁸ KNIGHT A., ANGLIN W., História do cristianismo P. 190

levado à fogueira usando uma coroa de papel decorada com diabinhos enquanto seus livros sendo queimados pelo caminho. Jerônimo Savonarola (1452-1498), suas pregações contra a sensualidade e o pecado da cidade e os vícios do papa atraíram multidões à Catedral. Morreu enforcado e queimado na praça de Florença cerca de duas décadas antes de Lutero afixar suas 95 teses na porta da Catedral de Wittenberg.

Agostinho era patrono desta Universidade e seu pensamento marcou a Ordem dos Agostinianos Eremitas, onde Lutero foi formado. Dos ensinamentos de Agostinho Lutero retirou alguns elementos fundamentais para sua teologia, dentre eles, o neoplatonismo e a doutrina do pecado e da graça, que influenciaram muito sua antropologia. Agostinho é considerado um dos maiores teólogos de toda a história do cristianismo e sem dúvida sua influência sobre Lutero se deu principalmente na elaboração da doutrina da graça. A visão de Agostinho no comentário de Romanos 1, foi fundamental para Lutero chegar à sua compreensão quanto à justificação somente pela fé, que foi como um gatilho acionado para todo questionamento que se seguiu.

Segundo Fabricio Veliq²⁵⁹, num artigo para a Revista Eletrônica Espaço Teológico da PUC-SP(2015), para se entender o pensamento de Lutero, faz-se necessário passar pelo pensamento de Santo Agostinho. Lutero foi um grande estudioso da Bíblia desde que teve acesso à mesma. Ele ficava impressionado com cada novidade que aprendia e se inspirava profundamente com a Palavra de Deus. Era para ele uma referência pela qual avaliava tudo que havia aprendido na Tradição Oral da igreja, assim como faziam os bereanos, dos quais Paulo fala em Atos 17, 11. Ele se identificava com eles no seu zelo em obedecer a Deus mais que aos homens.

Quando chegou ao texto de Romanos 1,17, Lutero parou para refletir sobre sua teologia, seus conceitos e preconceitos e encontrou luz para sua inquietação quanto às coisas que questionava na igreja: “no evangelho se descobre a justiça de Deus de fé em fé ... o justo viverá pela fé”.²⁶⁰ O conceito de justiça de Deus era uma grande descoberta para Lutero, e o levou a cunhar mais à frente a expressão “Sola

²⁵⁹ VELIQ, F., Graça e livre arbítrio, p. 144.

²⁶⁰ Romanos 1, 17

Gratia” quando ele chegou à conclusão sobre a suficiência do sacrifício de Cristo na Cruz. Graça é favor imerecido e não há nada que o ser humano possa fazer para compra-la ou mesmo merecer, sejam obras ou indulgências. Conforme Efésios 2,8-10, a salvação é pela graça, por meio da fé e não pelas obras, mas fomos criados para as boas obras, ou seja, as obras vêm depois da salvação, como testemunho e não como troca.

Até o século XVI, historicamente só havia uma igreja cristã no ocidente, poderosa e influente em todo o mundo. Tinha poder político, jurídico e falava em nome de Deus. A Reforma Protestante quebrou esta hegemonia eclesiástica e mudou a configuração do mapa do mundo religioso nos anos que se seguiram. O momento foi oportuno do ponto de vista cultural e social, ao mesmo tempo que atendia a uma demanda também política, ainda que isso não fizesse parte dos objetivos iniciais, aliás, pode-se dizer que a Reforma não foi planejada nem intencional na forma como aconteceu, mas as coisas transcorreram em decorrência da reação da própria Igreja Católica, que se viu ameaçada pelas ideias dos reformadores. A Contrarreforma acirrou ainda mais os ânimos posteriormente, tornando inviáveis quaisquer tentativas de reaproximação.

Depois de 500 anos, tudo parece diferente, as reações não são mais tempestivas, as críticas não são mais tão ferozes, e católicos e protestantes nem parecem tão distantes. Porém, este evento foi um significativo marco histórico, não apenas no campo religioso, como também no social e no político.

Alguns estudiosos associam Renascimento Artístico e Reforma Protestante como as principais transformações do período de transição cultural e teriam marcado o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna. O Renascimento estava voltado para a modernidade. Seu objetivo era superar a Idade Média e seu pensamento filosófico e teológico, a Escolástica. A ideia de voltar às origens, “às fontes”; propunha que a antiguidade renascesse e se tornasse modelo de concepção de vida, com ênfase no ser humano, na natureza, nas ciências naturais, nas pesquisas históricas. Muitos renascentistas/humanistas tornaram-se estudiosos do latim e do grego e alguns tornaram-se também especialistas em hebraico.

O Renascimento favoreceu o ambiente para o surgimento da Reforma,²⁶¹ justamente porque provocava o interesse pela antiguidade, que inclui a igreja dos

²⁶¹ MATOS A.S. et al, Uma nova reforma, p. 17

primeiros séculos. A Reforma provocou uma revolução religiosa, na Alemanha, e que se estendeu pela Suíça, França, Países Baixos, Reino Unido, Escandinávia e algumas partes do Leste europeu, principalmente os Países Bálticos e a Hungria. A Igreja Católica Romana reagiu com a Contrarreforma, a partir do Concílio de Trento, o que aumentou ainda mais as proporções do evento. Pelo fato de alcançar outros países além da Alemanha, a Reforma causou impacto em toda a Europa, chegando depois à América e a todas as partes do mundo religioso.

3.4.1. A repercussão da Reforma Protestante

A Reforma Protestante está inserida no contexto histórico da época. Em abril de 1983, o jornalista Limeira Tejo²⁶², colocou o alemão Martinho Lutero ao lado do alemão Johannes Gutenberg (1397/1400-1468), o inventor da imprensa com tipos móveis – uma invenção que facilitou enormemente a divulgação da Reforma -, do genovês Cristóvão Colombo(1450/51-1506) que abriu o caminho para as Américas, e do português Vasco da Gama (1468[?]-1524), o primeiro a chegar à Índia pelos mares. Foi a época das navegações e dos assim chamados descobrimentos, a época da grande expansão europeia mundo afora, a época de uma primeira globalização dentro das condiçõesdaquele tempo. Este era o quadro ou cenário da época da Reforma, que propiciou as condições para o avanço e propagação das ideias dos reformadores.

No início do século XVI, Lutero proferiu três sermões contra a venda de indulgências em 1516 e 1517. Em 31 de outubro de 1517 quando foram pregadas as noventa e cinco teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, a intenção era fazer um convite aberto ao debate sobre elas. Historicamente, esse ato foi considerado o início da Reforma Protestante. O que essas teses condenavam: a "avareza e o paganismo" na Igreja. Também pediam um debate teológico sobre o que o significado das indulgências. As noventa e cinco Teses foram traduzidas para o alemão, copiadas e impressas. Após um mês se haviam espalhado por toda a Europa.

Lutero não tinha por intenção dividir a igreja ou formar uma nova denominação. Seu zelo pela igreja não permitia tal pretensão. No entanto, suas

²⁶² TEJO, L., O século que viu colombo, p. 8.

pretensões não foram bem interpretadas, mesmo porque, suas proposições iam de encontro com os interesses dúbios de alguns de seus superiores. A situação evoluiu na direção de choque e Lutero foi classificado como herege e inimigo da igreja. Suas ideias prometiam ser perigosas e era preciso impedir que repercutissem e recebessem apoio de outros religiosos e de governantes, já que a Igreja ocupava imenso espaço político na época.

Toda a incompreensão que se sucedeu no andamento da Reforma, toda resistência e intolerância, no século XXI talvez não ocorresse. Havia poder político em jogo, havia interesses pessoais que não suportariam ser questionados ou nem mesmos debatidos. Lutero questionava a autoridade que não estava aberta ao questionamento; Lutero criticava, ao que tudo indica, de maneira rude, as decisões e atitudes dos que estavam em posição de liderança e comando. Ele importunava como crítico e não seria ouvido como quem dá sugestões. Provavelmente ele não nutria nenhuma expectativa de ser ouvido, dado o contexto que bem conhecia.

Aparentemente houve hostilidade de ambas as partes. Talvez Lutero estivesse tão desiludido com o clero romano, do qual ele fazia parte que tenha se tornado agressivo, foi isso que mostrou quando expôs suas noventa e cinco teses ao público. A repercussão tornou o caminho sem volta. Em 1518 foi aberto um processo contra Lutero. A cúpula da igreja considerou seu comportamento inaceitável. Tal assunto deveria ser tratado internamente, e torna-lo público era uma demonstração clara de rebeldia. Lutero foi acusado de buscar poder político, outros o acusaram de querer casar-se, por isso se rebelara contra a igreja, já que criticava o celibato, entre outras coisas.

Os proclamados “cinco solas” são uma síntese da proposta radical da Reforma: *Sola fide, sola scriptura, solo Christus, sola gratia e soli Deo gloria*. Com essas ênfases, houve uma quebra de toda uma tradição da Igreja Católica Apostólica Romana. Assim, se insurgia um conceito esquecido de salvação pela graça e da centralidade de Cristo no culto. *Sola Scriptura* foi determinante na rejeição à autoridade da tradição, o que interferiu diretamente na liturgia. Lutero considerava que a Tradição Oral estivesse comprometida com influências pagãs e que, no decorrer da história teria recebido inserção de práticas e costumes contrários à Palavra de Deus, que deve ter supremacia quanto à Teologia e à Liturgia da Igreja. Nenhuma outra autoridade seria reconhecida em igualdade com a Palavra.

Houve também acusações de que Lutero seria um místico rebelde, sem

convicções reais e profundas. Se isto fosse verdade sua influência seria inócua e sem efeitos tão extensos e permanentes e não causaria tamanha repercussão na história. Sabe-se que interessava à igreja que ele fosse desacreditado, para que o movimento enfraquecesse, porém, a insatisfação com o momento histórico da Igreja não era um privilégio de Lutero, pois juntou-se a ele um grande número de insatisfeitos não somente com a prática eclesiástica, mas também com ação política da Igreja.

Segundo afirma Marvim Perry, um historiador inglês, a Reforma estimulou e promoveu o individualismo quando defendeu a autonomia do indivíduo frente à autoridade eclesiástica e às instituições religiosas, quando incentivou a alfabetização e colocou a fé acima das obras.²⁶³ A igreja detinha o monopólio de todo o ritualismo e liturgia do culto, o ministro celebrante, autoridade oficial, era uma figura imprescindível. O culto e adoração certamente ganhou novas formas de ser e a Liturgia não seria mais a mesma nas igrejas reformadas.

O protestantismo evoluiu muito com o passar dos anos, podendo inclusive se afirmar que o mesmo se distanciou sensivelmente da visão e das ideias dos primeiros reformadores. O movimento não era unânime em todos os sentidos e mais adiante surgiu o denominacionalismo, com o calvinismo e o puritanismo. No entanto, a igreja que ainda carrega o nome de Martinho Lutero como referência, a Igreja Luterana, é que menos se distanciou da Igreja Católica com suas práticas e liturgia dos cultos.²⁶⁴ Talvez Lutero não fosse tão radical como alguns de seus seguidores, que deram rumos mais extremistas ao que se seguiu com o desencadeamento da Reforma.

Houve uma modalidade de liturgia diferente nas igrejas ditas protestantes, a partir da publicação do livro “O Cativo Babilônico da Igreja”, de Martinho Lutero. O Culto agora tinha uma ênfase na leitura e pregação da Bíblia, e sempre com música solene, como Lutero apreciava. Os rituais eram simples e com participação coletiva da congregação. Era proibida a adoração ao sacramento e todos participavam da comunhão com o pão e o vinho e as pessoas usavam vestes comuns. As imagens e os altares laterais foram destruídos e era usada a língua popular nas celebrações. A Liturgia girava em torno de dois focos: o púlpito, pela pregação e a mesa da comunhão.

²⁶³ PERRY, M., *Civilização Ocidental*, p. 175.

²⁶⁴ KNIGHT A., ANGLIN W., *História do cristianismo* P. 306

3.4.2. As igrejas protestantes e a liturgia

É relativamente diferente a forma como a Igreja Católica pratica a Liturgia, das Igrejas Protestantes. Enquanto os católicos valorizam e conservam as práticas que foram sendo estabelecidas desde a igreja cristã primitiva e nos tempos dos Pais da Igreja, os protestantes, por sua vez, a partir da reforma do século XVI resistem à tradição oral, firmando doutrinas e práticas apenas nas Escrituras. Os conflitos que se sucederam fizeram firmar ainda mais as posições opostas e a resistência como uma verdadeira “queda de braço” que ganhava grandes proporções com a atitude da Igreja ao aplicar a inquisição, o “Santo Ofício” para jogar e condenar os adeptos da Reforma.

Logo depois da Reforma, o movimento se dividiu. A reforma mais radical recebeu o nome de “Protestantismo Reformado”. De outro lado ficou o “Luteranismo”. Ambos os lados concordavam que o princípio central da Reforma era o sacerdócio de todos os crentes, mas as diferenças logo apareceram. Alguns estudiosos acreditam que o protestantismo reformado foi influenciado pelo movimento do Iluminismo, desenvolvendo-se na região da Europa onde houve maior progresso intelectual, por isso se afastou da igreja medieval.

Outros movimentos radicais foram surgindo depois, a partir do Protestantismo Reformado. Os Puritanos, lutavam por uma reforma mais radical na Inglaterra, onde a Rainha Isabel pretendia manter uma situação intermediária entre os extremos. A reforma inglesa pretendia manter a forma de culto da igreja e o mesmo sistema de governo. O partido dos Puritanos não queria romper ou abandonar a igreja, mas desejava muito modelar a igreja às suas ideias. Eram homens de moral rígida, muito firmes em suas convicções e muito estudiosos da Bíblia.

Aconteceu, depois da morte da Rainha, por parte de seus sucessores uma grande tirania, que provocou grande movimento de reação popular e fortaleceu o espírito nacional do povo, o que os aproximou dos ideais puritanos. O movimento puritano começou na Escócia, mas dominou a Inglaterra e não era apenas religioso, mas político. A igreja da Escócia resistia a tudo que considerava “papismo” e de lá veio para a Inglaterra, onde os puritanos usaram o poder para remodelar a igreja anglicana. Do movimento Puritano surgiu a Igreja Presbiteriana.

Os anabatistas foram outra tendência oriunda do Protestantismo Reformado. A doutrina fundamental deste grupo era que a igreja é uma comunidade de pessoas regeneradas e que o batismo só deveria ser ministrado aos adultos, pois que, somente estes poderia experimentar conversão. Assim, consideravam que o batismo que alguém tivesse recebido como criança não tinha significado e rebatizavam os que se filiavam a eles. Por isso foram chamados de anabatistas. Não somente rompiam com a tradição de sacramento do batismo, como também romperam com qualquer igreja, mesmo as reformadas que fossem reconhecidas pelo estado.

Foram muito perseguidos, apesar de serem extremamente pacíficos e sossegados, pela igreja romana, e também pelos luteranos e Zuinglianos, por causa de sua rejeição ao batismo infantil. O líder mais célebre dos anabatistas foi Meno Simons²⁶⁵ que pastoreou por vinte e cinco anos de maneira tão profícua que criou uma grande irmandade que levou o nome de “Menonitas”. Muitos fugiram da Inglaterra e outros viveram como peregrinos por causa da perseguição. Algum tempo depois, o movimento anabatista perdeu forças e se desvaneceu.

Por rejeitar a ideia de sacramento, as igrejas protestantes se afastaram relativamente da tradição e houve um esvaziamento do significado da liturgia para as mesmas, provocando inegavelmente uma perda da solenidade que a celebração requer. O nome eucaristia deixou de ser usado na maioria das igrejas ditas evangélicas e passou-se a usar a expressão Ceia do Senhor ou Santa Ceia, de acordo com a teologia de cada grupo. Liturgia deixou de ser determinante quanto à forma de culto e adoração, e com isso, outros elementos passaram a ser introduzidos nas cerimônias naturalmente e espontaneamente.

A partir de um conceito diferenciado de liturgia, a prática do culto ganha contornos particulares nas diferentes igrejas cristãs. O conceito tradicional católico de liturgia como celebração da missa e eucaristia não encontra espaço entre os Protestantes, que partem de uma compreensão de liturgia como todo serviço prestado a Deus, incluindo o culto de adoração litúrgico, mas não somente este, pois que este mesmo culto não se limita a uma cerimônia no templo. O considerar liturgia como algo que ultrapassa o evento cultural, amplia-se o conceito para alcançar a vida cristã como um todo, sem separação entre o espiritual e o secular, entre o estar no templo ou nas atividades diárias. A liturgia passa a ser adoração em sentido integral, em

²⁶⁵ PEREIRA J.R., Breve história dos batistas p 69

Espírito e em verdade.

Se se considerar Liturgia a partir do conceito praticado pelo catolicismo, poucas igrejas protestantes a tem. No entanto, isso não significa que estas igrejas não valorizam a liturgia, mas sim, que tem uma maneira diferente de entendê-la e de praticar atos, ou atitudes que sejam considerados litúrgicas. As igrejas que não se prendem a um ritual litúrgico nos seus cultos, talvez o façam por querer fugir de tudo que seja formal, optando por um comportamento mais espontâneo e livre, onde as pessoas se sintam mais à vontade para se manifestar seus sentimentos e emoções

Não é mais comum se usar o nome de “protestante” ao se referir a esta ou aquela igreja, pois essa expressão caiu em desuso, mesmo porque, nem todas as igrejas evangélicas, como são tratadas hoje em dia, vem da Reforma Protestante do século XVI. No conjunto de igrejas cristãs não católicas estão incluídas as protestantes históricas, as igrejas históricas pós-reforma, além das igrejas pentecostais e neopentecostais, que são as mais recentes no contexto religioso atual. Algumas, como a Igreja Batista, destacada neste trabalho, são consideradas protestantes pela identificação com os postulados da Reforma, mas seu surgimento histórico reconhecido ocorreu cerca de um século mais tarde. Mas, sem dúvidas o impacto da Reforma teve influência decisiva e encorajadora sobre os seus fundadores.

A interpretação que os reformadores trouxeram sobre questões teológicas e doutrinárias, interferiu diretamente na prática litúrgica de diversos grupos religiosos, inclusive na própria Igreja Católica, que não se negou a repensar algumas posições controversas e aparentemente pétreas, no Concílio Vaticano II, sem, entretanto, tocar em nenhum de seus dogmas. Teologia não se define como doutrina, está em um patamar mais elevado, mais abstrato, contudo, nunca pode incoerente com aquilo que se pratica. A Teologia é a referência para compreensão da vida espiritual da igreja, norteando as pregações, que orientam o rebanho, alimentando-lhe a fé e dando direção quando à adoração litúrgica. Pode-se dizer que a teologia dos reformadores os levou a tomar atitudes e posições radicais, em harmonia com suas consciências. “Ser o que se celebra”.

A questão da Liturgia não é tratada como um problema entre as igrejas protestantes, a independência entre as igrejas resulta em variadas formas litúrgicas entre as mesmas. O contexto cultural e a evolução da sociedade tem provocado adaptações e novos modelos de culto não padronizado, sem porém deixar de ser

cristão.

3.5. O Concílio Ecumênico Vaticano II

Um dos acontecimentos mais importantes para a igreja cristã no século XX foi o Concílio Ecumênico Vaticano II, convocado em 25 de dezembro de 1961, pelo Papa João XXIII. Foi um marco histórico, teológico e eclesial para a Igreja Romana, pode-se dizer inclusive que tenha sido um divisor de águas no que diz respeito a vários temas polêmicos e especialmente em relação à liturgia. Antônio Sagrado Bogaz, considera que a intenção do Papa João XXIII era de promover um novo Pentecoste na vida da Igreja²⁶⁶ e refazer os caminhos da mesma, ao mesmo tempo em que criaria um ambiente de aproximação com cristãos não católicos, sejam ortodoxos ou protestantes.

Em vez de fugir dos não católicos, os católicos devem dar os primeiros passos em direção de seus irmãos. A unidade não deve ser pensada em termos de conversão ou de retorno, mas como um aprofundamento do mistério da igreja, em diálogo com as igrejas irmãs.²⁶⁷

Este Concílio foi realizado em quatro sessões e só terminou em 1965, quando o Papa era então Paulo VI, que com seu carisma e determinação, foi extremamente importante na consolidação das intenções propostas.

Algumas questões que já anteriormente eram defendidas pelos evangélicos e rejeitadas pela Igreja Católica foram revistas e consideradas com ênfase. Algumas delas merecem destaque, como por exemplo, a liberdade de consciência, que tornaria a igreja mais democrática, o sacerdócio universal dos fiéis, que passaria a dar maior importância à experiência individual dos fiéis, a centralidade da Palavra de Deus e a participação dos leigos na liturgia. Do Concílio resultaram quatro constituições e a natureza da liturgia foi um dos pontos altos, resultando na constituição *Sacrossanctum Concilium*.²⁶⁸

A *Sacrossanctum Concilium* é considerada como o ponto de chegada da renovação da Liturgia Católica, resultado de muitos debates e estudos, no esforço de se voltar às origens da mesma. Ela é estudada e citada sempre que o assunto

²⁶⁶ BOGAZ, A. J.H., Liturgia no vaticano II, p. 5.

²⁶⁷ MONDINI, D.SJ, E os cristãos se dividiram p.190

²⁶⁸ MONDINI, D.SJ, E os cristãos se dividiram p.188.

requer uma referência, pela autoridade que um concílio representa além da grande relevância que adquiriu ao atender à grande demanda dos fiéis. Contudo, não se pode ignorar que, ao contrário, os mais conservadores argumentaram que tais reformas causaram a perda de muitos para a Igreja Romana.

A *Sacrosanctum Concilium* estrutura-se em sete capítulos, precedidos de um próêmio de caráter geral e concluídos por um apêndice. O documento conciliar contém não apenas alguns princípios doutrinários de grande importância e as linhas fundamentais da renovação litúrgica, mas sim indicações concretas relativas ao desenvolvimento ritual.²⁶⁹

Esta constituição assume as Sagradas Escrituras como “norma e juízo”, enfatizando o amor pelas mesmas, chegando mesmo à conclusão que o conhecimento da liturgia não é outra coisa senão o conhecimento das Escrituras e o aprofundamento nelas. Se a inspiração da liturgia, segundo esta constituição está na Bíblia, também está na tradição patrística, que é considerada de igual importância como base na formulação da estrutura e dos conceitos.

A *Sacrossanctum Concilium* inicia, após um próêmio de cerca de quatro páginas, com uma visão enfática quanto à natureza da liturgia e sua importância para a Igreja. Na sequência propõe uma reforma da prática litúrgica como necessária para uma renovação espiritual da Igreja nestes tempos atuais. Essa, provavelmente tenha sido a urgência maior levantada pelo Concílio. Traz também normas acerca da natureza hierárquica, da natureza pastoral e também para uma adaptação da liturgia da igreja às tradições culturais de outros povos, sugerindo flexibilidade.

É muito interessante o destaque que esta Constituição dá ao Mistério da Eucaristia, a centralidade do *paschale mysterium*. A igreja, convocada em assembleia litúrgica busca promover a participação dos fiéis no mistério pascal. Neste caso, a relação entre o movimento descendente da santificação e o movimento ascendente do culto é de unidade indissolúvel, segundo entende Leandro Martins, que escreveu em resenha para o site Recanto das Letras.²⁷⁰

O documento ainda trata do Ofício Divino, do Ano Litúrgico, da Música e Das Artes Sacras, inclusive considerando possibilidade do uso de música popular nas celebrações, quando estas representam a cultura de um povo.

²⁶⁹ JESUS, L. M., Resumo sobre a *Sacrosanctum Concilium*.

²⁷⁰ JESUS, L. M., Resumo sobre a *Sacrosanctum Concilium*.

A Igreja considera com benevolência tudo o que nos seus costumes não está indissolivelmente ligado superstições e erros, e, quando é possível, mantém-no inalterável, por vezes chega a aceitá-lo na liturgia, quando se harmoniza com o verdadeiro e autêntico espírito litúrgico.²⁷¹

A importância do *Sacrosanctum Concilium* não está apenas nas reformas propostas, mas na sua ampla abrangência e alcance. Se desenvolve na dimensão teológica, na dimensão eclesial e na dimensão pastoral, dessa forma atendendo as expectativas e embasando suas formulações de maneira conclusiva. Mesmo tendo grande aceitação da igreja, que ansiava por mudanças, uma pequena parte de conservadores demonstrou alguma resistência, acusando os participantes do Concílio de hereges, mas não o suficiente para gerar dificuldades.

Na prática algumas deliberações se tornaram logo aplicadas nas congregações, surpreendendo muitos fiéis. A reorganização da missa, que sempre aconteceu com rito romano, agora trazia a novidade de se ver o padre de frente para os fiéis e falando na língua do povo e não mais em latim. Os leigos são convidados a participar mais ativamente no canto, na leitura, além do ofertório. A ênfase na Palavra de Deus e o significado que a mesma passou a ter, valorizou ainda mais a liturgia. Também ajudou os fiéis a entender melhor todo o simbolismo usado na liturgia, que também passou a ser mais explicado para uma participação mais consciente do público.

É claro que nenhuma mudança se consolida com rapidez, especialmente quando se trata de mudança de prática religiosa. A igreja pode ser comparada a um grande transatlântico que precisa retornar ao porto de origem. O comandante não poderia dar uma guinada rápida como o piloto de uma pequena embarcação faria, mas precisaria realizar uma manobra longa e demorada para não causar outros problemas com uma mudança de direção brusca. Além disso, toda mudança gera desconfiança e críticas por parte dos insatisfeitos, até que se reconheça sua eficácia, apesar de não haver nenhuma mudança nos dogmas.

Um dos aspectos mais relevantes do Vaticano II está no sentido ecumênico, pois representou um gigantesco passo na direção dos “irmãos separados”. Gerson Lourenço Pereira escreveu “Direções para a espiritualidade ecumênica: um olhar de um não católico sobre *Unitatis Redintegratio*”:

Duas observações se mostram pertinentes ao tomarmos em consideração os 50 anos

²⁷¹ SC, 37b.

do término do Concílio Vaticano II (1965). A primeira está contida na afirmação de que tal evento, sob a inspiração do Espírito Santo, representou um marco histórico com profundo impacto não apenas em particular para a Igreja Católica Romana, mas ao cristianismo ao redor do mundo em geral. A segunda observação a ser feita corresponde, em termos específicos, ao diálogo ecumênico com o protestantismo propiciado ao longo da sua realização, assim como após a promulgação das suas constituições, decretos e declarações. Essa porta aberta permite que hoje uma acessível e sensível relação entre os dois universos eclesiásticos ocorra, tanto nos níveis institucionais como eclesiais. Mesmo gozando de indubitável relevância para a unidade entre as igrejas, no campo do diálogo interinstitucional e doutrinário as proposições conciliares são passíveis de incorrer nos riscos da incompreensão, da distorção das suas intencionalidades, da negação e, não raro, do repúdio. Claros são os movimentos possíveis nesse campo de diálogo: do avanço ou do retrocesso [...] [...] Podendo afirmar que o Vaticano II contribuiu com significativos avanços institucionais e doutrinários para o ecumenismo, é verdadeira também sua contribuição legada à espiritualidade cristã necessária para o diálogo com outros referenciais cristãos.^{272 173}

O tema do concílio Vaticano II é muito interessante para ser cohecido pelos não católicos. Toda resistência que existe acerca de Ecumenismo merece ser avaliada em seus motivos. Há sentimentos do passado que dificultam o diálogo e a interação. Há posições radicais que bem poderiam ser revistas de ambos os lados, como aconteceu em parte esse Concílio Ecumênico, que sinalizou com corajosa abertura a uma possível aproximação.

²⁷² PEREIRA, G. L., Direções para a espiritualidade ecumênica, p.282.

4

A busca por uma relação significativa entre igreja e culto

Igreja e culto são inseparáveis. Ainda que o culto possa ser individual, seu verdadeiro sentido se concretiza na comunidade, no evento da adoração como corpo de Cristo que se reúne justamente para ser igreja viva e dinâmica. O culto é expressão manifesta do sentimento da igreja em relação ao seu Senhor. Por essa razão é fundamental que haja coerência entre o que a igreja se propõe a ser e o que expressa através do culto que realiza.

Quando se enfatiza a necessidade de se voltar aos princípios neotestamentários da igreja, é preciso olhar para as igrejas do século XXI, entender o que significa ser igreja originalmente e em que as igrejas cristãs se desvirtuaram como organizações, pois essa não era uma preocupação das igrejas cristãs no Livro de Atos dos Apóstolos. Aquelas igrejas estavam centradas no Senhor Jesus Cristo, nos seus ensinamentos e na expectativa da sua volta, portanto, não sobrava espaço nem tempo para preocupações materiais e temporais, a ênfase era prioritariamente espiritual em todos os sentidos, até que começaram a surgir as primeiras demandas terrenas, como por exemplo, a necessidade de se distribuir tarefas e cuidados na ação social, por causa das murmurações quanto ao atendimento das viúvas, o que levou à organização do primeiro Corpo Diaconal, um grupo de sete diáconos escolhidos para atender à demanda social da igreja.

Daí por diante muita coisa foi incorporada à igreja, uma parte por necessidade de organização, mas nem tudo. A igreja foi criando estruturas que se tornaram a própria igreja algum tempo mais tarde, e não parte da mesma. Paul Ricoeur²⁷³ argumenta que uma coisa é falar em termos de Igreja Bíblica, daquilo que é bíblico em seu sentido exegético, outra é falar em termos de Igreja Cristã, daquilo que é cristão em seu sentido histórico. No fundo, parece que a própria história da igreja tem dificuldade com a filosofia da história que busca constantemente, em forma apologética, argumentar em favor do seu sentido bíblico quando, muito provavelmente, trata-se de coisas que tem a ver com a Bíblia, mas são de longe coisas não bíblicas.

Cada denominação procura definir seu próprio conceito de igreja, talvez mais

²⁷³ RICOEUR, P., Leituras 3, p. 32.

para justificar seu funcionamento e organização do que mesmo para se ajustar ao que seja essencialmente a igreja no sentido bíblico original. Os batistas se preocupam com o tema e se debruçaram a estudar o que a Bíblia diz sobre isto, bem como sobre outras questões que definem o conjunto doutrinário da igreja, De acordo com a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, esta definição de igreja é baseada na Palavra de Deus.

Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. É nesse sentido que a palavra “igreja” é empregada no maior número de vezes nos livros do Novo Testamento. Tais congregações são constituídas por livre vontade dessas pessoas com finalidade de prestarem culto a Deus, observarem as ordenanças de Jesus, meditarem nos ensinamentos da Bíblia para edificação mútua e para propagação do evangelho [...] Cada igreja é um templo do Espírito Santo. Há também no Novo Testamento um outro sentido da palavra “igreja” em que ela aparece como reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida por Jesus Cristo e sobre ele edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus.²⁷⁴

Igreja é muito mais que instituição religiosa formal, pois sua existência não depende de uma estrutura organizacional, física ou documental. Assim como nos tempos da igreja cristã de Jerusalém, não se pode afirmar que o endereço da igreja sejam endereço de seu templo, não se resume o funcionamento da igreja às suas reuniões cultos presenciais, nem se pode avaliar o alcance de sua mensagem pelas pregações de seus líderes nas reuniões de adoração ou de estudo bíblico. A vida dos membros da igreja no cotidiano é a igreja em atividade, através do testemunho e das práticas do amor cristão nos relacionamentos. Esta é a pregação que chega às pessoas, o que se vê mais do que o que se ouve. Da mesma forma, o endereço real da igreja é o endereço de seus membros, com suas famílias diante de seus vizinhos e comunidade.

Assim era as igrejas nos primeiros séculos, quando ainda não possuíam templos, mas, a partir do século III, começou a se desviar desse ideal quando começou a se reunir em prédios e a centralizar sua vida em estruturas. No século IV, a igreja passou a ser uma estrutura ligada ao poder político, se tornando igreja oficial do império, os padres se tornaram profissionais remunerados pelo estado e a igreja iniciou um caminho de distanciamento de muito difícil regresso ao ideal original. O que parecia ser bom, na verdade era problema, enquanto o que era

²⁷⁴ DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, cap. VIII.

problema, dava resultados abençoadores, como por exemplo, as perseguições, que tornaram a igreja fortalecida e inabalável. Os tempos de favoritismo junto ao poder político trouxe vantagens que, historicamente, se tornaram motivos de acomodação para a igreja.

A igreja é o corpo de Cristo, criada por Ele mesmo, viva e dinâmica, enquanto o culto é o ato de adoração e de serviço, exercido pela igreja no seu propósito de existir para o louvor da glória de Deus. A relação entre igreja e culto é tão significativa quanto mais ela conhece o Senhor, quanto mais entende a expectativa d'Ele quanto à adoração que a Ele se presta. Essa adoração deve ser mais que um evento, um expresso desejo sincero de agradá-Lo em tudo. A igreja que adora deve ser a igreja que testemunha ao mundo, que reflete diante da comunidade quem é o seu Deus, vivendo na prática os seus mandamentos, principalmente amar a Deus acima de todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.

Já está dito que, dado à origem, as igrejas batistas caminharam na direção diferente daquelas que conservaram uma prática litúrgica ligada à tradição. A formalidade e o estilo de solenidade deram lugar a um culto onde a pregação da Palavra se tornou o centro e a prioridade. Durante muito tempo se conservou, principalmente nas igrejas mais bem estruturadas, uma ordem de culto com alguns elementos rituais, como prelúdio, processional, interlúdio, poslúdio, bem como, uma ordem de culto padronizada. A música seria, nestes casos, usada com efeito litúrgico programado. A recitação de Salmos é muito comum nos cultos, mas sem chegar a ser uma leitura ritual. A tendência, no entanto, vai na direção da espontaneidade.

As igrejas batistas se identificam e se declaram como igrejas não litúrgicas, entendendo que a formalidade litúrgica contraria a liberdade de culto. Há, porém, algumas cerimônias que requerem certa liturgia que tem sido conservada. O momento de celebração da Ceia do Senhor segue sempre uma sequência padronizada, uma ordem e até mesmo as expressões que se repetem como rito, o que sempre proporciona um aspecto solene e reverente. A realização de batismos também é um momento solene e já se espera ouvir de quem esteja ministrando: “Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, sempre após perguntar ao candidato/a se ele/a crê que Cristo o salvou de seus pecados, quando responde afirmativamente em voz audível por todos. Cerimônia de casamento é outra ocasião que se pode observar uma ordem litúrgica, ainda que, frágil. Mesmo que alguns

pastores/as o façam de maneira muito informal, geralmente se conserva a prática de uma parte tradicional, que dá sentido solene à celebração.

Eventualmente se verá numa igreja batista um culto mais litúrgico. Quando se lança pedra fundamental para construção ou quando se inaugura um novo santuário. Quando da posse de um novo pastor e também em cerimônias fúnebres. Todavia, são eventos, momentos especiais e não o cotidiano da igreja. A raiz desta rejeição à prática litúrgica está num dos pontos da Reforma: “Sola scriptura” que é o princípio segundo o qual a Bíblia tem absoluta primazia ante a Tradição legada pelo magistério da Igreja Cristã, quando, os princípios doutrinários entre esta e aquela forem conflitantes. A liturgia é considerada uma criação dos pais da igreja, mantida pela tradição portanto, foi incluída no conjunto de doutrinas e práticas. O batismo e Ceia do Senhor foram conservados como “ordenanças” criadas pelo próprio Senhor Jesus Cristo. No seu livro “O Pastor”, Manoel Avelino de Souza, professor do Seminário do Sul, no Rio de Janeiro e pastor da Primeira Igreja Batista de Niterói, uma das maiores do Brasil, no início do século XX, afirma: “O Novo Testamento nos ensina que o Senhor Jesus deixou com sua igreja duas ordenanças, a saber, o batismo e a Ceia do Senhor. Estas são ordenanças permanentes do evangelho. O pastor deve revestir o batismo e a ceia de toda solenidade”.²⁷⁵

Qual é a principal função da Igreja? A resposta pode ser diferente, dependendo da perspectiva de quem responde, mas dificilmente alguém vai afirmar que o papel principal da igreja não seja adoração. A liturgia dos cultos é fator essencial para que a adoração seja reverente e agradável a Deus, que estabeleceu os padrões desde o início. Os tempos mudam, os costumes se adaptam às mudanças e as igrejas seguem tendências, quando deveriam estabelecer as de antemão, na vanguarda e não na retaguarda. Adoração é uma ação coletiva e particular ao mesmo tempo, mesmo quando estão reunidos num culto litúrgico, os fiéis se apresentam individualmente a Deus, no íntimo de suas almas. A liturgia é importante na celebração coletiva, porém, proporciona ambiente favorável à devoção individual. A palavra liturgia vem do grego *leitourgos*, e descreve uma pessoa que faz serviço público ou dirige uma cerimônia religiosa.²⁷⁶ No sentido mais amplo, se aplica a todo serviço que se presta a Deus e ao próximo, motivado pelo amor cristão. Daí se entende que liturgia se torna mais que um evento, é toda expressão de adoração que

²⁷⁵ SOUZA, M. A., O pastor, p. 89

²⁷⁶ BARCLAY, W. Palavras chaves do novo testamento, p. 125

se possa dedicar ao Senhor, seja em atos de culto, seja uma vida que glorifique a Deus, ou a prática do amor sincero ao próximo, fazendo o bem. É claro que liturgia ganha um sentido de solenidade como evento de louvor e adoração, não se perca isto de vista, pois dá sentido ao culto, quando disciplina a forma de adoração da igreja. Quando crê que Deus está presente em cada coração por tempo integral, quando se passa a viver “para o louvor da sua glória”²⁷⁷, liturgia é a própria vida consagrada.

Houve uma mudança de foco do Velho para o Novo Testamento. Enquanto os judeus compreendiam que o templo é o lugar de adoração, lugar da presença de Deus, os cristãos vivem uma nova dimensão, na qual não se considera apenas o templo, mas os templos, que são os santos, como presença de Deus. Não é mais apenas algo momentâneo, eventual, mas que engloba a totalidade de vida, desde que se adore “em espírito e em verdade”, com vida correspondendo àquilo que se declara a Deus. O encontro de adoração, a celebração, há de ser fruto de uma vida de consagração, “o fruto dos lábios que confessam o nome do Senhor”²⁷⁸. Nada forçado, nada teatral, expressão da realidade. Assim deve ser.

Ebenézer Ferreira, reconhecido pelos batistas pela autoria de vários livros, entre eles, o “Manual da Igreja e do Obreiro”, que na primeira edição chamava-se “Vade –Mecum”, afirma que:

Liturgia é palavra de origem grega. É usada com referência à forma prescrita de culto. Algumas igrejas são litúrgicas. Como exemplo citamos a Católica Apostólica Romana, a Luterana, a Episcopal. Outras são semilitúrgicas, como as Presbiterianas e Metodistas. As Igrejas Batistas, os Discípulos de Cristo, a Igreja de Cristo, os “Holiness”, etc., não usam liturgia no culto. Realizam um culto bem simples, mas com ordem e reverência. Algumas realizam um culto com muita ostentação, mas não apresentam vida.²⁷⁹

Percebe-se nos autores e teólogos batistas, que se justifica a ausência de liturgia nos cultos como forma de valorizar a liberdade de culto, uma ênfase no sacerdócio universal dos crentes que não precisam de outro sacerdote, ou de um trabalho sacerdotal no culto além do próprio Senhor Jesus. Nesse se entende que liturgia é muito maior que ato ou evento cerimonial, mas é uma questão de atitude integral e testemunho diário de vida cristã e serviço.

²⁷⁷ Efésios 1,11-13

²⁷⁸ Hebreus 13,15

²⁷⁹ FERREIRA, E. S., Manual da igreja e do obreiro, p. 53.

4.1. Tendências das igrejas no século XXI

Quais as tendências da igreja nos próximos anos? Que rumos tomará em função das mudanças que a sociedade experimenta? O século XXI promete grandes variações no campo religioso, quando as pessoas se tornam cada vez mais superficiais nos relacionamentos e compromissos sociais. A ética do consumismo chegou às igrejas, de maneira que as pessoas mudaram sua maneira de ver e tratar os compromissos e responsabilidades com as coisas espirituais. A facilidade com que se muda de igreja é reflexo dos critérios egoístas e imediatistas próprios de quem trata religião como item de consumo.

A religião foi transformada em um item de consumo delicadamente embalado, assumindo seu lugar entre outras tantas mercadorias que podem ser compradas ou rejeitadas de acordo com os caprichos de consumo de cada um. Também o cristianismo em grande medida sucumbiu ao consumismo. Há uma frenética busca por novidades, seguindo a tendência do espetáculo de luzes e cores. Enquanto a interioridade é relegada a um plano secundário há uma espécie de ditadura do novo que se impõe. Considerada como boa é aquela igreja que mais novidades têm a oferecer e os fiéis transitam entre uma igreja e outra com uma agilidade impressionante, em busca de novas ofertas. Neste contexto também se percebe a presença da lógica da exclusão que resulta em fortes e fracos. Os que são bem-sucedidos, assim são considerados por serem portadores das benesses e da graça de Deus. Os desafortunados são acusados de terem pouca fé, e de serem merecedores de maldição. Com isso, também as pessoas são mercantilizadas [...] assim, a religião que poderia ser um fator agregador e libertador do ser humano, acaba por se transformar em mais um elemento causador de desencanto para a humanidade.²⁸⁰

Um conjunto de fatores, entre eles, o consumismo, compôs o ambiente para a aceitação e crescimento das igrejas chamadas neopentecostais no Brasil e no mundo. A adesão de verdadeiras multidões aos seus templos parece confirmar esta percepção. Difícil saber se o movimento neopentecostal causou esta tendência, ou se é fruto da mesma, como um produto bem elaborado da indústria do *marketing* religioso da atualidade. A verdade é que o perfil desses novos crentes, que se destacam nas últimas três décadas, com um comportamento visivelmente voltado para o “aqui e agora” aponta uma tendência que descaracteriza o cristianismo tradicional. Liturgia passa a ser, para tais religiosos, uma forma de conquistar bênçãos e vitórias, consagrar uma oferta, se tornou uma negociação com Deus.

Esta tendência que as igrejas têm aceitado, é uma influência do mundo pós-

²⁸⁰ GREUEL S., *Religião e religiosidade na pós-modernidade*, p. 39.

moderno, um mundo de superficialidade, onde prevalecem as relações virtuais das redes sociais com a justificativa que encurtam distancias, no entanto, são elas mesmas que distanciam as pessoas mais próximas, as quais podem se isolar dos familiares dentro de uma mesma casa, ao mesmo tempo que interagem com amigos que não podem ver, tão distantes que estão.²⁸¹ É mais fácil descartar relacionamentos virtuais, basta um click, enquanto os relacionamentos presenciais requerem maior responsabilidade e correspondência.

É o tempo da pós-modernidade, que afeta os valores, comportamentos e referências das pessoas. Mesmo as igrejas influenciadas por essas mudanças de comportamento, pois as pessoas se relacionam muito mais fora do que dentro dos círculos da igreja. O mundo experimenta variações em todas as áreas de conhecimento e se torna difícil sintetizar e harmonizar com clareza um conceito abrangente do que seja pós-modernidade. Fala-se no perfil do homem/mulher pós-moderno e seu modo de agir em face à realidade que vai se configurando e como ele vai reagindo às pressões e ocorrências que provocam uma nova maneira de viver e interagir para se adequar.

A pós-modernidade ainda é um tema bastante controverso na atualidade. Talvez o que traga mais desencontros quanto ao que seja de fato considerado como pós-moderno é a questão de sua abrangência interdisciplinar. Não há unanimidade entre filósofos, sociólogos, políticos, religiosos ou artistas, já que cada grupo tem seus próprios parâmetros e critérios para entender e descrever as tendências da atualidade. Tudo isso acaba por afetar e interferir na perspectiva religiosa, que tem um papel de alento e esperança num mundo repleto de desilusões.²⁸²

O ideal seria que a igreja se apresentasse como resposta à ansiedade das pessoas nesse tempo, que seria, de fato o seu papel, mas, infelizmente, surgem igrejas que alimentam ainda mais esse comportamento, estimulando a busca por satisfação nas coisas materiais e não nos valores espirituais, desviando o olhar do céu para a terra.

Pesquisadores/as têm vislumbrado algumas tendências das igrejas evangélicas no século XXI. Nem sempre as tendências anunciadas se concretizam de fato, pois houve quem apontasse que o cristianismo tinha uma visível tendência de se desfazer no final do século XX, porém, o que ocorreu foi um crescimento que surpreendeu até os mais otimistas. Tendências são projeções feitas com base em

²⁸¹ FERNANDES W., Jesus cristo é o senhor, p. 16

²⁸² FERNANDES, W., Jesus cristo é o senhor, p. 16-19.

algumas observações e pesquisas a partir de uma perspectiva sociológica, no entanto, a experiência religiosa pode fugir a esta expectativa sem se sujeitar a regras e estatísticas.

O pastor e autor americano Ed Stetzer ousou afirmar que há três tendências importantes²⁸³ para a igreja evangélica nos próximos dez anos. A primeira seria o declínio das igrejas tradicionais, entre elas a igreja batista. A segunda é o crescimento do pentecostalismo e o movimento carismático; a terceira, é que as redes de igrejas irão aumentar em número e influência, em lugar das tradicionais denominações, ainda que algumas dessas redes tenham evoluído se tornando denominações de fato, mesmo que o neguem.

Outro que emitiu opinião foi Thom S. Rainer, especialista em igrejas da Church Answers, uma plataforma para ajudar líderes religiosos, que listou sete tendências para igrejas a partir de 2020, numa entrevista ao Christian Post. A primeira, é que os cultos se tornem menores; a segunda, Cultos em outros horários; a terceira, que os templos sejam menores; a quarta, que haverá maior participações nas igrejas; a quinta, o evangelismo voltará a ser importante; a sexta, haverá menos pastores remunerados em tempo integral e por último, as igrejas tendem a deixar o alinhamento denominacional.²⁸⁴

Uma pesquisa feita pelo Instituto Barna com pastores evangélicos nos Estados Unidos apontou um grande crescimento da influência da internet na maneira de conduzir as igrejas, elaborar sermões e até na forma de interagir com os fiéis²⁸⁵. Tudo indica que este é um caminho previsível para a igreja nos próximos anos, uma tendência atual. Isso acontece pela necessidade de se contatar e acompanhar as pessoas que estão cada vez mais conectadas e fazendo mundo virtual seu principal campo de interação. Uma igreja que não usa redes sociais corre o risco de ficar alienada no tempo. A pandemia Covid 19 provou isto. “Nos dias de hoje, 47% dos pastores acredita que há uma tendência crescente quanto ao número de pessoas que preferirão manter contato com a fé somente através da internet daqui a alguns anos”.²⁸⁶

Outra pesquisa feita nos Estados Unidos, com mais de mil congregações, pelo

²⁸³ <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/pastor-lista-3-tendencias-para-ig>.

²⁸⁴ <https://portogente.com.br/noticias>.

²⁸⁵ <http://churchtechexpo.com.br/internet-e-o-futuro-das-igrejas-evangelicas-ap>

²⁸⁶ <http://churchtechexpo.com.br/internet-e-o-futuro-das-igrejas-evangelicas-ap>.

“Protestante Digital”,²⁸⁷ resultou numa lista de mudanças litúrgicas no meio evangélico e católico. Entre elas, a primeira constatação é que os coros estão desaparecendo. Cada vez menos igrejas tem corais ativos nos cultos. As vestimentas têm se tornado mais casuais e é cada vez mais raro o uso de roupas sociais. Basta um olhar mais atento para se ver que esta tendência se confirma também aqui no Brasil, onde geralmente se repetem as inovações norte americanas.

As igrejas passaram a usar telões nos cultos, o que antigamente era visto como profanação, hoje tem sido usados até em igrejas católicas. Os sermões se tornaram cada vez mais curtos, muitas vezes com recursos visuais. As igrejas evangélicas têm adotado um estilo de envolvimento das pessoas através de atividades que vão além do culto, como grupos de estudo da bíblia, reuniões de família, ou de apoio a problemas de formação específicos. A idade média dos líderes evangélicos é cada vez mais baixa, o que torna as congregações mais progressistas.²⁸⁸

Augustus Nicodemus, tem escrito sobre os rumos que a igreja evangélica tem tomado e acerca da perda da perda de referência litúrgica. Em um de seus livros, aborda o conflito de ortodoxos com os liberais. Os liberais, segundo ele, são os causadores da derrocada da igreja, quando, com seu liberalismo teológico minam a fé essencial à sobrevivência da igreja.

Geralmente seu método de estudo é o histórico-crítico, porém, os neoliberais não são como os antigos liberais, que debatiam, escreviam livros e defendiam suas ideias. Os neoliberais não assumem posição, preferem o relativismo, o pluralismo e findam por lançar dúvidas sobre aquilo que o cristianismo sempre considerou intocável. Temas como, inspiração da Palavra de Deus, divindade de Jesus Cristo e sua obra de redenção, Espírito Santo sendo Deus presente, são determinantes na liturgia da adoração.

Os neoliberais não são radicais nem criativos. Não tomam posição. Não se exprimem com clareza. Preferem o caminho da ambiguidade, da incerteza, da mornidão, do crepúsculo. Você nunca sabe em que realmente um neoliberal acredita, nem quando fala nem quando escreve.²⁸⁹

O relativismo próprio dos neoliberais, que não se mostram claramente que o

²⁸⁷ Protestante digital faz parte do Areópago Protestante, una iniciativa promovida pela Alianza Evangélica de España, com propósito de fomentar o encontro e o diálogo entre o protestantismo a sociedade.

²⁸⁸ <https://noticias.gospelmais.com.br/confira-10-principais-mudancas-igrejas>

²⁸⁹ NICODEMUS, A., O que estão fazendo com a igreja, p. 35.

são, se torna uma tendência de risco à liturgia à proporção que influenciam na formação de novos líderes com uma visão corporativista acerca das novidades que insurgem gradativamente no ambiente eclesial. Quando a liderança não tem posição teológica segura, a identidade doutrinal fica comprometida e o padrão de culto se esvazia de qualquer tradição. É como se a igreja esperasse para ver em que rumo os ventos estão soprando, para seguir, se adaptando às circunstâncias, se moldando à sociedade para se fazer aceita. O papel da igreja neste mundo é de ser sal da terra e luz do mundo, é influenciar e não ser influenciada.

4.2.

A necessidade de uma revisão de conceitos e padrões

Jesus disse um dia que ninguém pode guardar vinho novo em odre velho, ou colocar remendo novo em tecido velho²⁹⁰. Tudo indica que ele se referia a se manter conteúdo novo em estrutura velha, pois que toda estrutura velha e ressequida não comportaria um conteúdo novo e se romperia. Alguns costumes são de mudança inevitável e às vezes forçam a igreja a acompanhá-los, mesmo que, com alguma resistência. Exemplo disso é a moda de vestuário. Até as roupas mais básicas são variáveis de acordo com as estações do ano e também pelo meio comercial.

Cores, estampas e modelagem são tendências manipuladas e exploradas nas campanhas de *marketing*, para estimular o consumo e a vaidade das pessoas. Há situações em que as celebrações da igreja são o ponto de encontro de pessoas que desejam mostrar que estão antenadas nas atualizações modais, especialmente onde o poder aquisitivo seja mais elevado. A igreja não pode estabelecer padrão de vestimenta. Quando acontece de se estabelecer normas e limites sobre esta questão, corre-se o risco de se aplicar um legalismo inadequado, que trará mais prejuízo que solução do problema. Mas não se pode negar que quando as pessoas vão ao templo para cultuar com roupas inconvenientes demonstram pouca importância e reverência a esta cerimônia e até mesmo descaso.

Outro aspecto do modismo que afeta a igreja é o corte de cabelos. Homens de cabelos longos e barba crescida tem causado estranheza, especialmente quando estão em destaque à frente atuando na música e, pior ainda, quando estão em posição de ministrar. Sem dúvida que isso afeta a questão da solenidade das

²⁹⁰ Mateus 9,17

cerimônias e a reverência. Mas, se isto é apenas questão de aparência, não importa como está a barba do ministro ou se seus cabelos foram pintados, se os usa presos como “rabo de cavalo” ou bem penteados. Contudo, ainda prevalecem cabelos com corte social e barba bem tratada para os homens e roupas discretas e elegantes para mulheres, considerado como padrão tradicional conservador. Mas podemos encontrar figuras exóticas cantando, tocando instrumento ou mesmoministrando a Palavra. Tudo isso é transitório, mas a igreja precisa suportar mudanças sem comprometer a essência.

Para que sobreviva bem a toda essa pressão social de se adaptar, a igreja precisa ter com clareza, o que de fato sejam conceitos e padrões imexíveis e os que sejam flexíveis. Quando essas coisas são definidas de forma dogmática podem gerar dificuldades no acompanhar a história. Há uma igreja pentecostal no Brasil que não permite ir à praia, homens não podem jogar futebol e as famílias são proibidas de ver televisão²⁹¹. Não obstante esse radicalismo, esta igreja tem um grande número de adeptos em todo o Brasil. Há uma outra igreja não abre mão do uso do véu pelas mulheres quando estão no templo cultuando.²⁹²

Essas coisas acontecem justamente por que estas igrejas parecem estar num tempo que passou e ficaram paradas sem acompanhar o que aconteceu ao seu redor. Um exemplo de atualização pode ser visto nas igrejas Assembleia de Deus, por muito tempo não aceitavam mulheres usando calças compridas, que consideravam ser roupa de homem, alegando uma proibição bíblica em Deuteronômio 22. Depois que seus pastores passaram a estudar em seminários, aprendendo e usando mais recursos para interpretar a bíblia, entenderam que não é bem assim o que está na bíblia, e que roupa de homem nem sempre foi calça comprida. O mesmo aconteceu com a questão do cabelo das mulheres, que não poderia ser cortado.

As igrejas batistas foram muitas vezes criticadas pelos pentecostais por ser flexível nestas questões de modismo, ainda que, algumas mais antigas se pareçam com as Assembleias de Deus.. No final do século passado, teve início um grande movimento musical entre os jovens e houve os primeiros casos de conjuntos musicais de jovens, nos quais alguns eram “cabeludos e barbudos” e tocavam músicas em estilo barulhento com guitarras e baterias. Os batistas foram um dos primeiros a aceitá-los participando dos cultos, abrindo espaço para uma geração que promoveu muita

²⁹¹ A igreja Pentecostal “Deus é Amor” é rígida em proibições aos seus membros.

²⁹² A igreja “Congregação Cristã do Brasil” conserva o uso de véu pelas mulheres nos cultos.

inspiração e consagração de vidas. A influência maior veio dos Estados Unidos, onde começou todo o movimento que visava evangelizar o “Hippies” um grupo marginalizado pela sociedade.

A dificuldade das igrejas é viabilizar e compatibilizar mudanças e atualização com liturgia. Sempre será necessário manter uma liturgia significativa que dê sentido à adoração agradável a Deus, e não apenas manter uma cerimônia que cative as pessoas. É um grande desafio. Nunca se deve passar a impressão que Deus é antiquado e inflexível e que não se agrada da adoração dos mais jovens e inovadores. Definir os limites do ritualismo conservando a reverência devida ao Rei do universo é a difícil missão dos/as ministros/as, por isso, estes devem ser os mais entendidos do assunto e os que devem ensinar a igreja como adorar. Tudo vai depender da perspectiva e visão que esses líderes nutrem quanto à adoração verdadeira.

Se Liturgia é todo serviço prestado a Deus, especialmente o serviço de adoração e culto, a mesma pode ser encontrada nas mais variadas formas de celebrações, e pode-se perceber sinceridade e devoção nas coisas mais simples e espontâneas. Nem sempre o ritual e as cerimônias do povo de Israel eram aceitos por Deus. De nada valiam e o Senhor até as abominou, quando o coração do povo não correspondeu ao que apresentavam. Deus desejava mais que ritual, desejava obediência aos seus preceitos, corações sinceros que vivessem de acordo com suas leis e não apenas de aparências. Fazer por fazer, cumprindo obrigação não é liturgia.

Os batistas experimentaram mudanças desde o início de sua história. A princípio os cultos eram pregação e oração, só depois foi introduzida a música²⁹³, mesmo que com alguma resistência daqueles/as que pensavam que a música era uma prática mundana. Interessante que essa atitude se repetiu muitas vezes em relação à introdução de alguma novidade musical nos cultos. Os missionários americanos trouxeram para o Brasil o seu hinário, que foi traduzido como “O Cantor Cristão”²⁹⁴ sendo hinário oficial por quase todo o século XX, mesmo contendo melodias que em nada se identificam com a cultura brasileira, algumas são melodias de hino oficial de alguns países como Alemanha e Estados Unidos com poesia adaptada para o culto. Para alguns mais tradicionais conservadores, na prática, o Cantor Cristão era considerado tão inspirado como a Bíblia.

²⁹³ Benjamim Keach introduziu o canto nas igrejas batistas inglesas, em 1673

²⁹⁴ O hinário cantor cristão é usado nas igrejas batistas desde 1891.

Num determinado momento, o clamor por um hinário mais apropriado chegou à assembleia da Convenção Batista Brasileira que decidiu fazer uma revisão no Cantor Cristão para corrigir alguns erros teológicos, fazer adaptações de detalhes musicais inadequados e incluir algumas músicas produzidas por compositores nacionais, que poderiam ser reconhecidos como de verdadeira inspiração divina. Foi lançado em 1991, o “Hinário para o Culto Cristão”, que incluía também textos da Palavra de Deus em harmonia com os hinos para promover uma prática litúrgica padronizada. Um excelente trabalho de cinco anos de estudos, que tinha a pretensão de ser a nova coletânea oficial das igrejas batistas do Brasil.

Infelizmente tal intenção não se concretizou na prática das igrejas. É que, ocorria ao mesmo tempo um processo, já referido em capítulo anterior, de introdução dos “Cânticos Espirituais” nos cultos. Geralmente mais fáceis de cantar, com letras simples e repetitivas, além de ritmo animado, esses cânticos se tornaram preferidos da maioria. E essa nova modalidade de músicas ganhou espaço quase que inteiramente, passando a predominar em todas as reuniões da igreja. O Hinário para o Culto Cristão seria usado quase que eventualmente com um regente congregacional, às vezes apenas uma vez no culto, enquanto muitos “cânticos” eram cantados com entusiasmo. Praticamente caiu em desuso na maioria das igrejas.

Se o Hinário para o Culto Cristão foi uma tentativa da Convenção Batista de reestabelecer um pouco mais de prática litúrgica nos cultos, não deu o resultado esperado. Quem sabe seja o tempo de uma nova forma de liturgia, pois não se pode pensar que não precisamos dela, mas isso requer habilidade para fazê-la acontecer neste contexto atual de maneira relevante e aceitável diante de Deus. Há pastores inovando, buscando encontrar uma forma que junte o agradável e o certo, o que a igreja precisa fazer e o que precisa ser.

No entanto, o mais importante é ser, num mundo que supervaloriza o ter e o fazer. A igreja não precisa se preocupar com ativismo eclesial, com movimentos que ocupem as pessoas em inúmeras atividades para que se sintam envolvidas e sendo parte da mesma. Quando a igreja experimenta uma comunhão profunda com Deus, as coisas fluem naturalmente, o Espírito trabalha no coração das pessoas proporcionando uma consciência cada vez maior daquilo que é essencial. Ninguém convencer as pessoas, esse é um trabalho do Espírito Santo, pois Jesus disse que ele

convenceria o mundo “do pecado, da justiça e do juízo”²⁹⁵. É preciso crer naquilo que se prega, crer no poder da Palavra.

4.3. Tentativas de se encontrar o melhor jeito de ser igreja

Num esforço para se voltar às características da igreja primitiva, vários modelos de igreja tem surgido como alternativas ao tradicionalismo. Muitos pensam que a igreja atual só poderá recuperar o ideal proposto por Jesus Cristo, se voltar a ser semelhante à igreja cristã primitiva. Pode parecer uma pretensão utópica, dado às diferenças culturais e contexto social, porém, na tentativa de se voltar aos princípios, vários modelos de igreja têm sido desenvolvidos e alguns, com grande crescimento numérico em várias partes do mundo. Basicamente, quase todos esses modelos emergentes aplicam a estratégia de pequenos grupos, considerando que os cristãos primitivos se reuniam “no templo e nas casas”.

Novos modelos eclesiológicos tem sido criados, que significam novas propostas de ministérios, mais contextualizados, que visam não só o crescimento numérico, através do evangelismo, mas também o atendimento da membresia através de um processo de discipulado dinâmico e criativo, sobretudo com o estabelecimento de pequenos grupos como estratégia para o exercício da mutualidade cristã, onde cada membro é cuidado pelo outro, a liderança da igreja é descentralizada, envolvendo muitos líderes no pastoreio do rebanho.²⁹⁶

Em várias partes do mundo emergiram megagregas evangélicas que desenvolvem pequenos grupos, que se multiplicam e se espalham pelas regiões, mudando o perfil da igreja local para ser igreja metropolitana. Uma que tem se destacado como referência é a igreja da Coreia do Sul, que experimentou um grande avivamento nas últimas décadas. Há igreja lá, que reúnem dezenas de milhares de membros que se encontram semanalmente nos pequenos grupos para uma experiência de comunhão e estudo bíblico, de maneira que ninguém, entre tantos, fique isolado ou sozinho. Nessas igrejas, os líderes de pequenos grupos pastoreiam seus liderados, enquanto são pastoreados por outros líderes, formando uma verdadeira rede de discipulado, comparada a uma pirâmide, na qual os novos agregados são treinados para serem discipuladores. “John Wesley foi o pioneiro da evangelização em pequenos grupos modernos. No final do século XVIII Wesley

²⁹⁵ João 16,8

²⁹⁶ STEPHANINI, V., Assim nasce uma igreja, p. 201.

desenvolveu mais de 10.000 células, também conhecidas como classes de estudo”.²⁹⁷

Nessa variedade de modelos, suas propostas de gestão, adoração e doutrinação, alguns acabam por provocar alguns desvios da essência bíblica. Na verdade, o crescimento numérico se torna uma busca ansiosa de alguns líderes, que priorizam métodos e estratégias que prometem maior resultado, em detrimento da fidelidade à verdade. Há casos de prática de marketing de rede e manipulação que faz aumentar o número de adeptos, sem uma experiência de aprofundamento e amadurecimento espiritual, desfigurando a igreja que pretendia se parecer com a igreja primitiva. Infelizmente a vaidade de alguns líderes compromete a prática, quando fazem o que dá certo, sem se preocupar se isto está certo. Liturgia deixa de ser uma prioridade.

Para Simson, a grande maioria das igrejas da atualidade possui estruturas não-funcionais:

[...] estruturas que impedem o desenvolvimento natural da igreja. Para que essa funcionalidade exista é necessário, entre outras coisas, voltar a viver o cristianismo como estilo de vida e não como sucessão de eventos religiosos; voltar a ser igreja nas casas; criar comunidades com no máximo 20 pessoas, para proporcionar espaço para comunhão; passar do sistema de um pastor único para a estrutura de equipe.²⁹⁸

A visão de Simson é de igreja nas casas, e é claro que na realidade atual seria inviável uma igreja sem estruturas funcionais, elas são importantes e necessárias, no entanto é preciso considerar qual é a relação entre organização e organismo. A organização deve estar a serviço do organismo e não o contrário. O organismo pede organização para atingir melhor seus objetivos e, como consequência se faz necessária a estrutura funcional que nunca deve superar em importância o organismo que é dinâmico e vivo. A igreja organismo é maior que a organização estrutural.

Uma história que já se tornou bastante conhecida, usada por Howard J. Clinebell em seu livro "Aconselhamento Pastoral" ilustra bem o que ocorre com muitas igrejas na atualidade:

[...] numa perigosa costa marítima havia um pequeno posto de salvamento. Os membros desse posto eram poucos, mas muito dedicados. Muitas vidas foram salvas por eles. Com o tempo, o posto foi crescendo e se sofisticando, mas a vontade de sair

²⁹⁷ STEPHANINI, V., Assim nasce uma igreja, p. 202.

²⁹⁸ SIMSON, W., Casas que transformam o mundo, p. 10.

ao mar para salvar pessoas arrefeceu. Um dia aconteceu um grande naufrágio e muitas pessoas foram salvas, mas o posto ficou todo sujo. Por causa disso, alguns membros propuseram o encerramento das atividades de salvamento, enquanto que outros argumentaram que se tratava de um posto de salvamento e, portanto, essa deveria continuar sendo sua atividade principal. Como não houve acordo, parte do grupo abriu um novo posto mais abaixo naquela mesma encosta. Com o passar dos anos, o novo posto de salvamento passou pelas mesmas transformações, tanto que hoje em dia encontram-se vários clubes exclusivos ao longo daquela praia. Pessoas continuam naufragando, mas não há quem as salve.²⁹⁹

Uma revisão das estruturas eclesiais poderá surpreender, ao se descobrir como se pode enxugar a “máquina” chamada igreja para que ela possa ser realmente relevante e produtiva. A igreja batista tem experimentado diferentes tentativas de se tornar cada vez mais atual e relevante e, com tem surgido muitos novos modelos de igreja, esses encontram aceitação nas diferentes comunidades autônomas. O que muitos não perceberam ainda, é que não existe uma fórmula mágica que se aplica em qualquer ambiente, pois o que funciona em uma comunidade pode não dar resultado em outra, gerando frustrações e decepções. Cada comunidade local tem suas próprias características que carecem de ser conhecidas e trabalhadas para que se aplique o melhor método de trabalho.

4.3.1. Modelo de Grupos Familiares

Esse foi o modelo que surgiu na Coreia do Sul, em 1958. O Pr Paul Yonggi Cho teve a ideia de usar as mulheres como líderes dos grupos familiares. Os resultados foram surpreendentes e o crescimento causou impacto em toda a comunidade, atraindo grande atenção e adesão numerosa. Paul Yongg Cho escreveu vários livros sobre sua experiência, que foram traduzidos para diversas línguas e lidos em todo o mundo. Sua igreja, a Igreja Yoido do Evangelho Pleno, é uma igreja pentecostal e se expandiu tanto que em 2018 já agregava cerca de 800.000 membros e hoje estima-se em mais de 1.000.000 de membros.³⁰⁰

O testemunho de Paul Yonggi Cho, que depois mudou seu nome para David Yonggi Cho, despertou interesse de líderes preocupados com a estagnação de seus ministérios, que ficaram muito interessados em aprender com ele acerca de seu método. Vários pastores estiveram visitando a Igreja Yoido do Evangelho Pleno,

²⁹⁹ CLINEBELL, H. J., Aconselhamento pastoral, p. 13-14.

³⁰⁰ <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao>

observando como funcionava esta igreja e aprendendo como formar liderança, para desenvolveram outros modelos a partir dessa prática adaptados ao seu contexto cultural. Entre eles, Cesar Castellanos, Mario Veja, Sergio Solórzano e Ralph Neighbour Jr, que organizaram igrejas com excepcional crescimento em seus países, com algumas características diferentes umas das outras. Mas a ideia principal, os pequenos grupos, foi a grande contribuição vinda da Coreia do Sul.

4.3.2. Ministério Igreja em Células

Ralph Neighbour Jr, foi visitar Paul Yongg Cho e conhecer seu trabalho tão expansivo na Coreia do Sul e voltou profundamente impactado. Estava determinado a fazer algo parecido nos Estados Unidos. Juntou-se ele, Joel Comiskey, um estudioso de igrejas, que fez pesquisa com as oito igrejas que mais crescem no mundo, entrevistou inúmeros líderes bem-sucedidos. Ele passou a ser o braço direito de Neighbour Jr, escrevendo livros que passaram a ser referência no assunto igreja em células, traduzido em diversas línguas em todo o mundo.

Nos livros de Joel Comiskey, percebe-se o grande entusiasmo do autor pelo modelo de Igreja em Células. Sua experiência de ministério confirma os resultados. Não é uma reedição da igreja em casas, mas um modelo de igreja que tem como referência as igrejas que mais crescem numericamente em todo o mundo. Sua ênfase não está puramente no modelo de células, mas, a salvação dos pecadores, aqueles que precisam conhecer e aceitar a salvação em Cristo. Segundo ele, a igreja em células é o melhor meio de alcançar os perdidos. Comiskey apresenta o conceito que diferencia igreja em células da igreja nas casas:

O que é exatamente uma igreja em células? Na terminologia do dia a dia, é simplesmente uma igreja que colocou os grupos pequenos de evangelismo no centro de seu ministério. O ministério em células não é “mais um programa”; é o coração da igreja [...] As células são grupos pequenos abertos focalizados no evangelismo que estão embutidos na vida da igreja. Elas se reúnem semanalmente para que os seus participantes se edifiquem uns aos outros como membros do corpo de Cristo, e para anunciar o evangelho àqueles que não conhecem Jesus. O objetivo final de cada célula é multiplicar-se à medida que o grupo cresce por meio do evangelismo e das conversões que seguem. Dessa maneira os novos membros são acrescentados à igreja e ao Reino de Deus. Os membros das células também são encorajados a participar do culto de celebração da igreja inteira, quando as células se encontram para adoração.³⁰¹

³⁰¹ COMISKEY, J., Crescimento explosivo da igreja em células, p. 17.

Robert Lay é pastor da Igreja Menonita em Curitiba, Paraná e é o principal promotor do Ministério de Igrejas em Células.³⁰² Realiza seminários, num total de cinco módulos cada, em todo o Brasil. Pastor da Igreja Menonita em Curitiba, Paraná, ele é um apaixonado pelo modelo de igrejas em células, mas adverte: Assim como não se pode dar uma volta rápida num transatlântico em alto mar, não se pode dar uma guinada numa igreja tradicional para células. É preciso um período médio de três anos para se fazer o estudo dos módulos, treinar a liderança e mudar gradativamente, fazendo uma verdadeira reciclagem dos membros.

Alguns não vão se adaptar, é melhor que se vão para outra igreja. Todos que chegarem daí por diante, se não forem novos convertidos, deverão ser reciclados. Os novos serão discipulados nos valores da célula. Cada célula terá um líder e um líder em treinamento, que se separarão quando houver duplicação da célula que terá crescido³⁰³. A célula é um pequeno grupo que proporciona oportunidade muito favorável à integração das pessoas. Constitui-se num grupo de amigos que ora juntos, estudam a bíblia, ajudam-se nas suas dificuldades e exercitam o pastoreio mútuo³⁰⁴, além de cooperarem com o evangelismo de seus amigos (oikós).

Há bastante material disponível a quem deseja estudar o assunto ou implantar o modelo, inclusive para reciclagem e treinamento de liderança. A estrutura é hierárquica à proporção que aumenta os membros, passando pelo líder de célula, pastor de células, pastor de congregação e pastor presidente. Uma mudança que este modelo propõe, é a descentralização da liderança eclesial, que passa a ser dividida entre o pastor e outros líderes, principalmente o líder de célula que pastorea o pequeno grupo diretamente.

A igreja em células geralmente tem dois encontros semanais, um no pequeno grupo (célula) e outro na grande congregação, a celebração do domingo. Dada à importância que ganha o pequeno grupo, ou célula, a liturgia ganha novo significado, para que haja uma maior integração e participação da membresia. O encontro da célula tem uma liturgia própria, com intenção de valorizar a interação entre as pessoas. Geralmente começa com um quebra gelo, para todos fiquem bem à vontade para falar sem constrangimento, segue com prestação de contas e oração em duplas, para no momento de reflexão todos participarem. É diferente do grande

³⁰² <http://www.cacp.org.br/roberto-lay-o-pastor-do-movimento-em-celulas>

³⁰³ COMISKEY, J., Crescimento explosivo da igreja em células, p. 71

³⁰⁴ NEIGHBOUR, R. W., Manual do líder de célula, p.147-148.

encontro no templo.

4.3.3. Modelo G 12

O Grupo de 12, como é conhecido este modelo, considera como referência o grupo de 12 apóstolos de Jesus. Em 1998 o movimento chegou ao Brasil, trazido pelo Apóstolo Renê Terra Nova, fundador do Ministério Internacional da Restauração, após participar de um encontro da Missão Carismática Internacional (MCI) em Bogotá. O ministério G12 poderia ser considerado como mais um modelo de Igrejas em Células, mas merece um destaque por ser um modelo bem conhecido e bastante polêmico. Teve grande aceitação nos meios pentecostais, mas seus métodos foram em grande parte rejeitados pelas igrejas tradicionais. É um modelo de igreja em célula, mas estruturado de forma diferente primeiro.

O evangelismo ou, colheita, se dá geralmente através do “Encontro Com Deus”, um retiro espiritual com um programa único com palestras e recheado com dinâmicas de impacto no qual os participantes fazem voto de silêncio para falar unicamente com Deus. São encontros aos quais os crentes trazem seus convidados na expectativa que se convertam. Acontecendo a conversão, e geralmente acontece, o “novo convertido” já volta do encontro arrolado em uma célula, na qual é incentivado insistentemente a ganhar mais 12 pessoas, podendo ser através do encontro, e assim formar uma nova célula.³⁰⁵ Alguns que não conseguem “ganhar” outros 12, abandonam a igreja, mas, muitos permanecem e crescem na estrutura que se assemelha ao *marketing* de rede.

Muitas igrejas no Brasil aderiram ao Modelo dos 12 (M-12), pela sua promessa de crescimento rápido, tão almejado por muitos líderes. No entanto, este movimento deixa de ser apenas um método de crescimento de igreja, quando coloca crescimento numérico como a maior prioridade e introduz, pelos seus métodos, doutrinas e práticas como, batalha espiritual, quebra de maldições, cobertura espiritual, atos proféticos e cura interior, que nem mesmo são bem aceitas nos meios pentecostais. São práticas muito comuns nos processos de manipulação emocional, geralmente adotados nos “Encontros”.

No Encontro, além de palestras de cunho espiritual, são utilizadas técnicas

³⁰⁵ COMISKEY, J., Crescimento explosivo da igreja em células, p. 106.

para trabalhar a transformação do caráter do indivíduo. Há ainda um sistema de progressão, chamado “Escada do sucesso”, pelo qual ele pode se tornar líder de célula, coordenador ou supervisor. A estrutura é preparada objetivamente para estimular o crescimento através de constante incentivo à progressão dos líderes. O Encontro tem sido alvo de inúmeras críticas, inclusive de se aplicar doutrinas místicas, como, por exemplo, a rota de oração, que se assemelha aos 12 signos do zodíaco.

A igreja batista rejeita o Movimento G 12 por várias razões que estão no Documento Batista Pacto & Comunhão, como segue:

Rejeitamos o Movimento G 12 quanto ao modelo e conteúdo dos Encontros alvitados em sua filosofia (pré-encontro, encontro e pós-encontro), pois seus métodos e procedimentos vêm ao arrepio dos princípios ensinados nas Santas Escrituras. Com efeito, ensinados e práticas por ele adotados opõem-se claramente à Palavra de Deus.

Destacamos, a propósito:

- a) A ênfase na maldição hereditária, com esquecimento do teor geral da Bíblia sobre o assunto;
- b) A prática da chamada confissão positiva;
- c) Práticas de regressão psicológica;
- d) Ensino e prática da chamada “nova unção”;
- e) Prática do sopro espiritual
- f) Ensino do batismo do Espírito Santo como “segunda bênção”, tendo línguas como evidência
- g) Prática do segredo;
- h) Urros e palavras de ordem nos cultos.³⁰⁶

O modelo G12 se tornou uma opção para igrejas que enfrentam dificuldades para se desenvolverem, especialmente aquelas que se encontram isoladas, cujos pastores encontram apoio da organização para implantar o modelo, se sujeitando à liderança.

4.3.4. Rede ministerial

Bill Hybels, criador desse modelo, promoveu grande crescimento na igreja Willow Creek Community Church, em Chicago, EUA. Este modelo foi uma grande inovação para as igrejas tradicionais no que diz respeito à escolha de líderes, que normalmente era feita em forma de eleição para todos os cargos da igreja, uma estrutura pesada, que agora passou a ser dividida em ministérios de acordo com a

³⁰⁶ SOUZA, S. O de (Org)., Pacto e comunhão, p. 3.

aptidão de cada um que participa onde se sente melhor, voluntariamente. Ministério, biblicamente é o mesmo que serviço, logo, quem encontra o seu lugar para servir, encontrou um ministério. Na Rede Ministerial, não existe uma hierarquia de importância deste ou daquele cargo, todo serviço prestado a Deus é uma forma de adoração, logo, uma liturgia agradável a Deus.

Neste modelo de igreja, não há cargos para serem preenchidos, os ministérios surgem a partir do momento que se percebe uma necessidade e alguém se propõe a atender, conforme o dom que Deus lhe tenha dado, pois todos receberam algum dom de Deus e precisam de oportunidade para exercê-lo. Quando surge um novo ministério, os outros membros, que também tem afinidade com tal área, aderem ao líder, formando a equipe ministerial naquela função. O número de ministérios da igreja não é limitado, podendo surgir um novo desde que haja alguém com dom específico naquela área, não sendo criado nenhum ministério para depois se procurar um líder. Ministérios existem como oportunidade de serviço e não como exigência da estrutura.

O nome “Rede Ministerial traz consigo a ideia de um grande trabalho em equipe, com intensa interação entre as pessoas de maneira que ninguém se sinta inativo por falta de opção. Cada um deve descobrir o seu dom, como peça de um quebra-cabeças, onde ninguém é mero expectador, todos são participantes. As habilidades que uma pessoa possui na sua vida secular, no trabalho ou família, pode uma capacitação de Deus para contribuir na propagação do evangelho e na adoração, desde as pessoas estejam dispostas a colocar tais habilidades a serviço do Reino de Deus.

Jesus tomou uma decisão proposital e estratégia ao convidar Pedro Tiago e João e outros discípulos para que o ajudassem a propagar as novas do Reino. Ele poderia ter construído seu ministério de outras formas. Poderia ter continuado a agir sozinho. Poderia ter insistido para que todos os seus seguidores fizessem um estágio em missões, por dois ou três anos em tempo integral, durante sua primeira década de discipulado. Entretanto, Jesus preferiu promover sua obra contando, primeiramente, com pessoas comuns que viviam no mundo real da família, dos negócios e da comunidade. Ele acreditava que as mesmas habilidades usadas para fazer vasos de barro, arrebanhar animais e assar pão poderiam promover o reino de Deus.³⁰⁷

Este modelo chegou ao Brasil como uma grande novidade no final dos anos 90 e provocou grande interesse dos pastores. O momento indicava a necessidade de mudanças na forma de desenvolver as atividades eclesiais e envolver as pessoas

³⁰⁷ HYBELS, B., A Revolução do voluntariado, p. 31

de forma voluntária. Mesmo quem não implantou o modelo aproveitou alguns aspectos práticos e benéficos, como, por exemplo o sistema de eleição de liderança da igreja local.

4.3.5. Igreja com Propósito

Este é outro modelo alternativo de igreja ao qual muitas igrejas tradicionais têm aderido mais frequentemente. É derivado do modelo de igreja em rede ministerial e tem sua base no Bestseller “Igreja com Propósito” de Rick Warren, com mais de 40 milhões de exemplares vendidos no mundo inteiro. O livro é usado como manual para implantação do modelo, pois trabalha a visão dos crentes quanto aos valores do reino de Deus. É um modelo de mais fácil implantação, com pequenos grupos e uma estrutura de ministérios organizada a partir de cinco propósitos, Adoração, Serviço, Testemunho, Comunhão e Discipulado. Todas as áreas da igreja são orientadas na direção destes cinco propósitos.³⁰⁸

Há no Brasil um centro de acompanhamento e apoio às igrejas que aderem a este modelo, promovendo congressos, seminários, treinamento de liderança e fornecendo material padronizado para ser usado. Há uma vasta literatura à disposição dos pastores e igrejas quanto ao assunto, além do site do ministério. Algumas igrejas se desenvolveram com muito êxito neste modelo, alcançando grande crescimento numérico, além de um excelente resultado na integração e interação dos crentes, à proporção que se sentem úteis, servindo de acordo com o propósito de Deus, para o qual cada um foi criado. O devocional “Uma vida com propósito” é uma ferramenta muito usada neste modelo de igreja, ajudando os fiéis a entender com profundidade a missão que Deus tem para cada um.

A referência deste modelo é a Igreja de Saddlback³⁰⁹, nos EUA, pastoreada por Rick Warren de onde partem instruções para os promotores em várias partes do mundo. Este modelo contribuiu efetivamente na maneira como as pessoas executam suas tarefas nos trabalhos eclesiais. A visão do serviço cristão como privilégio causou o que se chamou de “revolução do voluntariado”, quando as pessoas deixam de se preocupar com o título ou o cargo que ocupam para valorizar toda oportunidade de serem úteis. O efeito chegou à liturgia dos cultos, na alegria de

³⁰⁸ WARREN, R., Uma igreja com propósitos, p. 147.

³⁰⁹ WARREN, R., Uma igreja com propósitos, p. 31.

servir em cada oportunidade, independente se ocorre não, algum destaque público da atividade realizada.

Igreja com Propósitos é um modelo de igreja que proporciona crescimento em dois sentidos: qualidade e quantidade. Uma coisa não exclui a outra, ou, melhor, uma coisa resulta na outra.

As pessoas são atraídas por igrejas com adoração de qualidade, boas mensagens, ministério eficaz e comunhão. Qualidade atrai quantidade [...] Descobrimos que desafiar as pessoas a terem compromisso sério acaba atraindo mais pessoas em vez de afugentá-las.³¹⁰

O primeiro dos cinco propósitos da igreja é amar a Deus com todo o seu coração. Interessante a maneira com neste modelo de igreja, destaca como primeiro propósito a adoração, partindo do princípio que adorar vem em antes de servir. Aqui a liturgia é definida como uma prioridade para a igreja, que não adora como uma obrigação, mas por amar a Deus acima de tudo. Igreja com propósitos é um dos modelos que mais valorizam a adoração litúrgica de qualidade, por isso tem tido grande aceitação entre os batistas.

4.3.6. Modelo MDA

MDA são as iniciais de Modelo de Discipulado Apostólico, que tem obtido êxito de crescimento em muitas regiões do Brasil, sob a coordenação de uma associação de igrejas ligadas entre si, através de um sistema de supervisão espiritual. Nestes modelos todos são discípulos/as e discipuladores/as, inclusive os pastores, que se submetem à liderança espiritual de outro pastor. Também chamado de modelo do MDA: Meu Discípulo Amado, neste sistema, cria-se um forte laço entre discipulador e discípulo, um vínculo permanente que permite acompanhamento para não se perder ninguém de vista, ao mesmo tempo treinar novos discipuladores pela prática.

Na visão do MDA, é possível à Igreja Local ganhar multidões para Jesus sem deixar de cuidar bem de cada cristão – é o modelo de discipulado um a um em ação. O MDA abrange diversos fatores desenvolvidos na Igreja Local. Sem dúvida, o fator central do Modelo de discipulado Apostólico é o discipulado um a um que todos na igreja recebem. Porém, este modelo (MDA) fala da visão geral de como cremos que

³¹⁰ WARREN, R., Uma igreja com propósitos, p. 65-69.

a Igreja Local deve funcionar.³¹¹

As igrejas batistas tradicionais rejeitam este modelo porque interfere na estrutura ministerial, colocando o pastor da igreja sob autoridade espiritual de outro pastor, podendo inclusive ser de outra denominação, gerando possíveis problemas doutrinários. Como proliferou muito mais em igrejas pentecostais, os encontros acontecem com predominância de práticas estranhas aos batistas, com manifestações de línguas estranhas, revelações e outros comportamentos que terminam por chegar aos cultos, afetando a já frágil liturgia batista, com falta de ordem e disciplina nas celebrações. Ainda que dê bons resultados na atividade discipuladora, traz consigo desvios doutrinários e influência externa nem sempre aceitáveis. Além disso, o MDA pratica também o Encontro nos moldes do G 12, o que por si, já é problemático para os batistas.

O cuidado que cada um deve ter com o outro, como aplicado no modelo MDA, deve fazer parte da vida dos crentes em qualquer igreja cristã. Não haveria feridos pela estrada, não haveria tanta gente afastada de igrejas e com dificuldade em retornar, ainda que desejando, pois o ambiente da igreja seria sempre de acolhimento e afeto. Se Jesus não desiste de ninguém, assim deveria ser o relacionamento entre os fiéis, para que cada um se sentisse responsável pelo seu irmão, ao mesmo que se sentisse também cuidado por outros.

4.3.7. Igreja multiplicadora

A igreja batista, preocupada com interferência de vários modelos diferentes na eclesiologia tradicional, baseados na metodologia de pequenos grupos, buscou desenvolver seu próprio modelo, aproveitando características de todos eles. Na verdade, isto não é uma novidade no meio batista, pois há décadas que já foi trabalhado um sistema de evangelismo chamado NEB's, Núcleo de Estudo Bíblico nos lares, que seria um formato de célula, porém, sem uma continuidade de consolidação. A visão de Igreja Multiplicadora é uma estratégia de crescimento baseado nos princípios da igreja cristã primitiva. Igreja Multiplicadora, a princípio era um método aplicado na obra missionária, visando multiplicação de igrejas a partir de novas frentes de trabalho.

³¹¹ <https://www.visaomda.com/>.

Não é apenas um modelo de igreja, mas de multiplicação intencional baseada em cinco princípios extraídos das igrejas do Novo Testamento e que busca fazer o maior número de discípulos de Jesus. Cada um dos princípios tem um sentido:

1. *Oração* – A oração não era apenas para as horas difíceis nem eventual para os primeiros discípulos. Ela fazia parte do estilo de vida das igrejas. As pessoas oravam sem cessar. Hoje ora-se pouco em comparação com as igrejas do Novo Testamento. A Visão de Igreja Multiplicadora busca desenvolver a prática da oração de forma mais intensa e contínua, pois sem oração nada acontece.
2. *Evangelização Discipuladora* – Os discípulos compartilhavam as boas-novas em tempo e fora de tempo, estabelecendo relacionamentos discipuladores e usando várias estratégias. O processo de evangelização estará incompleto se não andarmos algumas milhas com as pessoas, compartilhando-lhes verdade e vida. A Evangelização Discipuladora é o relacionamento intencional de um discípulo com outra pessoa, visando torná-la outro discípulo.
3. *Plantação de Igrejas* – A multiplicação de igrejas foi uma ação estratégica coordenada pelo Espírito Santo logo no início da expansão da igreja. Vemos isso claramente em Paulo e Barnabé, por exemplo. Esse princípio traduz uma estratégia necessária também para hoje, a fim de que, assim como foi lá no início, multipliquemos o número de igrejas em Goiânia, Goiás, Brasil e pelo mundo.
4. *Formação de Líderes* – A formação de líderes multiplicadores é chave dentro dos planos do Senhor de chegar até os confins da terra com o evangelho. A igreja com líderes sem visão e que não investe na formação de novos líderes dificilmente passará de uma geração. Durante suas viagens missionárias, Paulo sempre focava a formação e a capacitação de novos líderes para que a igreja continuasse no seu crescente desenvolvimento e multiplicação.
5. *Compaixão e Graça* – O Senhor Jesus, em vários momentos, encheu-se de compaixão diante da multidão que perecia como ovelhas sem pastor (Mateus 9.36). A igreja, noiva de Cristo, não pode fechar os olhos para as necessidades das pessoas dentro de seu raio de alcance, e até mesmo em lugares mais distantes.³¹²

A Visão de Igreja Multiplicadora não é criação de uma organização, mas as bases sobre as quais a igreja foi plantada, cresceu e se desenvolveu no período do Novo Testamento e chegou ao século XXI. Na busca de uma maior fidelidade aos princípios bíblicos, este método se propõe a empreender uma “volta aos princípios”, para se reencontrar o jeito bíblico de ser igreja. A intenção não é tanto de identificar a Igreja Batista com a Igreja Primitiva, mas aprender como a prática daquela igreja funcionava tão bem, que foi impossível aos inimigos da igreja destruí-la ou impedir seu crescimento através dos séculos. Os princípios bíblicos não são algo estranho que não possam ser aplicados à igreja cristã no século XXI.

Para desenvolver a ideia de pequenos grupos, os estudos evoluíram para PGM, Pequeno Grupo Discipulador, para gerar uma atividade de evangelismo seguido de discipulado Relacionamento discipulador(RD), onde o discipulador

³¹² BRANDÃO F., (Org.), Igreja multiplicadora, p. 15-24.

acompanha o novo convertido até que seja batizado e se torne um discipulador, sem porém, abandoná-lo depois. Um conjunto de PGMs se torna uma congregação que se juntando a outras formarão uma nova igreja. No PGM é proposta uma atividade de prestação de contas entre os participantes em duplas, geralmente entre discipulador e discípulo, com o intuito de uma inter-relação que estimule uma atividade espiritual pessoal mais intensa, da qual se preste relatório no encontro do grupo.

Como o método Igreja Multiplicadora tem ênfase no discipulado e no crescimento da igreja através do evangelismo pessoal pelo RD, em nenhum momento trata da questão da liturgia nem da adoração nos cultos. Considera-se que esta é uma questão estrutural da igreja, por isso não deve ser tratada quando se enfatiza em discipulado, porém, os encontros nos lares, os PGMs funcionam com uma liturgia própria. Mas, num Relacionamento Discipulador é indispensável que se viva o que se crê, para ser exemplo para aquele a quem que se deseja compartilhar a fe, logo, RD não é um evento, mas vida integral. Então se torna adoração o tempo todo, vida de testemunho.

Com uma proposta de ser um encontro de integração de novos crentes, tende a ser o mais informal possível para haver liberdade e descontração a quem está chegando. O líder se prepara para conduzir a reunião dentro de uma sequência prevista, da qual não perderá o controle, com tempo para cantar, orar e estudo da Palavra, com participação de todos, uma vez que, na celebração do templo, só o pastor prega. Se Liturgia é um evento, não a teremos muito elaborada, mas se ultrapassa o evento do culto para ser vivida no templo do Espírito Santo, que são os fiéis, ela ganha proporções muito maiores. Ser o que se celebra o tempo todo!

4.4.

Seria preciso reinterpretar a mensagem da igreja?

Andrés Queiruga³¹³ provoca uma crise muito interessante quando discute, a maneira como a igreja interpreta os milagres de Jesus e os fatos narrados no evangelho. Ainda que sua reflexão pareça a este pesquisador, um tanto quanto liberal, o tema merece ser considerado como relevante. Mesmo sem chegar a extremos de negar os milagres de Jesus, a forma de interpretar cada situação pode trazer um pouco mais de luz para o difícil diálogo com os questionadores pós-

³¹³ QUEIRUGA, A., O fim do cristianismo pré-moderno, p. 35.

modernos.

O mesmo pode ser aplicado quanto à narrativa da criação, à qual Queiruga se refere como um obstáculo à aceitação da mensagem bíblica³¹⁴. Como superar este dilema? Em seu livro *Repensar a ressurreição*, ele fala sobre “dar um voto de confiança ao decurso temporal”³¹⁵ que poderá trazer mudanças de critérios quanto à aceitação ou não de interpretações que sejam polêmicas. Pode-se abrir mão da interpretação tradicional, sem comprometer a essência da mensagem? Há recursos hermenêuticos suficientes? Quem está autorizado a fazer tais ponderações? Estas respostas não podem esperar.

Pode parecer difícil, mas talvez seja necessário quebrar alguns paradigmas. Contudo, isto não será novidade na história da igreja. Nos tempos da modernidade os evangélicos foram muito influenciados e há quem diga que, as instituições protestantes significativas dos últimos 150 anos são produto da modernidade. Os seminários, que preparam os pregadores, verdadeiros centros de formação do pensamento teológico e de onde se derivam os conteúdos da pregação, nunca foram isentos da cultura e tendências da sociedade. Os evangélicos sempre utilizaram os instrumentos da modernidade, tais como o método científico, a abordagem empírica da realidade e o realismo do senso comum.

Deste ponto de vista, pode-se considerar que, da mesma forma, será possível usar instrumentos da pós-modernidade para se fazer uma possível reinterpretação da mensagem da igreja para torná-la compreensível ao seu tempo. Isso poderá afetar diretamente a forma de adoração, a liturgia dos cultos, que caracteriza e identifica a igreja. Porém, surge uma nova dificuldade: A tendência da pós-modernidade aponta muito mais para a falência de uma civilização que para o surgimento de outra. Logo, se torna um tanto quanto trabalhoso escolher quais “ferramentas” poderão ser úteis neste delicado processo.

Os paradigmas não podem simplesmente ser quebrados precipitadamente, antes devem ser examinados cuidadosamente, tendo em mente que esta é uma época de transição e os valores culturais que ainda não estão bem definidos e claros. Não se pode correr riscos desnecessários. Neste momento é preciso ter fé na mensagem da Palavra de Deus, que mesmo com roupagem antiga, é a verdadeira mensagem de Deus, que não precisa desesperadamente da apologia humana. Pelo contrário, a

³¹⁴ QUEIRUGA, A., *O fim do cristianismo pré-moderno*, p. 36

³¹⁵ QUEIRUGA, A., *Repensar a ressurreição*, p. 33

Palavra é: “[...] Viva e eficaz, mais penetrante que espada alguma de dois gumes, que penetra até à divisão da alma e do espírito [...]”.³¹⁶

O problema precisa ter o foco certo, pois a realidade do terceiro milênio, chamada pós-modernidade, trouxe mudanças no comportamento das pessoas que não tem de afetar a mensagem da igreja. A mensagem é a mesma, o poder é o mesmo, emanado do mesmo Deus, portanto, infalível. Se o comportamento das pessoas se tornou superficial, tendente ao sensacionalismo e aos aspectos emotivos e sem profundidade de fé, mais do que nunca carecem da Palavra de Deus como ela é, e não adaptada ao contexto social. O mundo perdeu as referências, descreditou das meganarrativas, logo, a mensagem da igreja, a Palavra de Deus, precisa ser um porto seguro para aqueles/as que se sentem desorientados espiritualmente.

Uma coisa que chama atenção dos/as pesquisadores/as da religião na pós-modernidade, é o fenômeno crescimento do neopentecostalismo. A Igreja Universal do Reino de Deus, principal representante desse grupo, surpreendeu a todos com sua expansão no Brasil e no mundo nos últimos 40 anos. Ao contrário da liturgia protestante tradicional, na IURD, numa reunião de 90 minutos, não mais de dez minutos é o que dura a reflexão do texto bíblico, isto é, a pregação. A maior parte do tempo é dedicada aos cânticos, às orações, pedidos de ofertas, rituais de curas e exorcismo. As variações na maneira de conduzir o culto ficam a critério da criatividade dos pastores, que mais parecem animadores de palco e fazem de tudo para manter seu auditório atento e participativo. Alguns realizam peripécias muito espetaculares. Mário Justino, ex-pastor, diz que fazia coisas difíceis de imaginar nos seus tempos áureos em Salvador, afinal, dizia ele, “o povo gosta de pão e circo”.³¹⁷

Quando Edir Macedo diz que sua igreja é um “pronto socorro”, parece que esta é claramente sua intenção: uma igreja disponível para atender as pessoas que a procurem a qualquer hora do dia ou da noite, um verdadeiro “pronto atendimento espiritual”, ocupando um vácuo imenso que as demais igrejas não tiveram percepção para atentar. Além dos cultos em vários horários do dia, é nestas madrugadas quando ocorrem inúmeras cenas de violência e suicídios, que a igreja funciona como PS. Claro que se trata de uma perspectiva diferente de outras igrejas, principalmente das históricas, mas independente das críticas, esta igreja está

³¹⁶ Hebreus 4,12

³¹⁷ JUSTINO, M., Nos bastidores do reino, p. 47.

desempenhando um papel muito importante junto aos que sofrem.

A IURD prega uma religião apropriada para excluídos e pessoas inseguras, geralmente revoltadas, desenganadas, mas que ainda não perderam toda a esperança. Prega o advento de uma utopia terrena, inserida no interior de uma sociedade centrada num mercado excludente e pouco interessado na inclusão dos “sobrantes”. É um convite para que as pessoas passem da teologia da resignação à teologia da prosperidade, que não se conformem com a pobreza e que lutem para sair dela.

Sua pregação é direcionada às pessoas pobres, excluídas do processo de produção, desempregadas ou subempregadas, pessoas doentes e afastadas do sistema público de saúde, pessoas solitárias e tristes, idosos e deprimidos, mas também empresários falidos ou endividados. Seriam aqueles a quem Jesus chamava de “ovelhas sem pastor”. A estas pessoas, é direcionada uma forte mensagem de apelo que soa como a solução: “pare de sofrer!”

Para Edir Macedo, “a teologia emerge dos ritos, cânticos, sermões e estudos [...] religião é algo diabólico”³¹⁸. Bonfatti, citando Macedo, descreve o seu conceito de salvação: “Deus planeja que o homem seja próspero, saudável e feliz e, se não viver dessa forma, está indo contra os planos de Deus, isto é, estará à mercê do diabo”³¹⁹. A soteriologia é imanente à prática, é a tomada de posse e o gozo dos bens deste mundo, pois o ser humano vive num caos provocado pela presença de forças satânicas. A ênfase nos demônios é tão grande que na IURD se gasta mais tempo falando dele do que falando de Jesus.

Difícil entender a liturgia do culto nesta igreja, pois a certa altura, as pessoas são convidadas para ir à frente para que sejam exorcizados os demônios de suas vidas, e os pastores os desafiam a se manifestarem para que sejam expulsos. Não raras vezes os pastores entrevistam os demônios, fazem pilhérias sobre eles, colocam-nos de castigo num canto do templo para depois expulsá-los dos corpos das pessoas que estão usando. Toda a igreja ajuda o pastor no exorcismo gritando em coro: “sai, sai, sai!”, e cantando música que declaram a derrota do inimigo. Parece realmente um espetáculo para motivar o público, que fica convencido que esta é uma igreja de poder e que estando ali, estão protegidas dos demônios que são causadores do infortúnio e da enfermidade.

³¹⁸ CAMPOS, L., Templo, teatro e mercado, p. 328.

³¹⁹ BONFATTI, P., A expressão popular do sagrado, p. 79.

Há estudiosos/as que veem nesta prática um significado terapêutico muito interessante. Enquanto o pastor faz no palco toda a encenação de exorcismo, ele sugere que as pessoas nos seus lugares coloquem as mãos sobre suas próprias cabeças, como em um auto exorcismo dos demônios que atormentam suas vidas, entendendo que alguma coisa as oprime e faz enfrentar lutas e problemas. Ao final do exorcismo, quando os demônios são expulsos, a multidão irrompe em aplausos: o bem triunfou mais uma vez sobre o mal! Mário Justino narra que este é um momento de glória, quando o pastor se sente poderoso para vencer o diabo, a figura do herói. Há uma sensação de alívio e de esperança nas pessoas.³²⁰

Esta centralidade do exorcismo na IURD é defendida com a seguinte argumentação: Cristo passou mais tempo expulsando demônios do que pregando. Edir Macedo assim defendeu esta prática: “o próprio Cristo, segundo os evangelhos, passou mais tempo expulsando demônios e curando miraculosamente as pessoas do que pregando sermões ou distribuindo comida para os pobres”.³²¹

Edir Macedo prega que Deus como um pai amoroso e rico quer ver seus filhos sadios, prósperos e ricos. Prega que a pobreza é demoníaca e que quem “vive fora dessa dimensão está fora do propósito divino e necessita descobri-lo urgentemente”³²². A base teológica da IURD é a conhecida Teologia da Prosperidade, a ênfase está na confissão positiva e fé possuidora. “Tomar posse” é uma expressão muito comum nas pregações de seus pastores.

A IURD prega que o fiel nunca desanime diante de Deus, pelo contrário, deve saber pedir a Deus, pois Ele, segundo Macedo, “é obrigado a lhe dar tudo que você deseja, pois, o cristão está destinado a ser próspero, ser materialmente saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos”.³²³ A doutrina da IURD, através das pregações, estimula a capacidade que o ser humano tem de superar as dificuldades, sobretudo as financeiras.

A Teologia da Prosperidade tem uma relação direta com o novo estágio socioeconômico da sociedade ocidental: o consumismo. Toda a pregação da prosperidade acaba por alimentar os sonhos de consumo, tendência própria da pós modernidade, passando a visão de que a bênção da prosperidade é alcançar uma

³²⁰ JUSTINO, M., Nos bastidores do reino, p. 74.

³²¹ MACEDO, E., Orixás, caboclos e guias, p. 20.

³²² MACEDO, E., Vida com abundância, p. 56.

³²³ MACEDO, E., Vida com abundância, p. 78.

condição que possibilite consumir, adquirir coisas, ter um alto padrão de vida. É o que Jair F. Costa chama pauperização psicológica, isto é, o sujeito na sociedade de consumo nunca está satisfeito.³²⁴ Não se questiona a razão que está por trás dos sonhos consumistas dos fiéis. O que importa é ostentar.

Este é o testemunho mais valorizado nos momentos de culto e programas de televisão, para despertar, nos outros, o mesmo desejo. Talvez, porque assim o fiel poderá vir a ter condições de contribuir mais para a igreja. Como nos programas de incentivo de marketing de rede: “nunca se conforme! Queira mais!”. Com a competição religiosa e o pluralismo religioso, segundo Hervieu-Léger, o cliente além de querer ser especial, quer suas necessidades satisfeitas e essas características contemporâneas de consumismo levam a religião para uma contínua evolução no processo de secularização.³²⁵

A Teologia da Prosperidade é um dos pilares da IURD. “O dinheiro é o sangue da igreja”³²⁶ é uma expressão muito ouvida nas reuniões de pastores, segundo Justino. Quando exerceu o pastorado na Bahia, ele se orgulhava de ser um dos campeões em arrancar dinheiro do povo. Os que eram bons neste trabalho eram mais valorizados e recebiam melhores salários, comissões e outras regalias³²⁷. Quando o pastor convencia as pessoas que dando dinheiro para a igreja elas seriam mais prósperas, então, movidas pela ambição de enriquecer, muitos entregam até o que não possuem, como se faz numa grande aposta. Este fenômeno foi muito comum no início dos trabalhos da IURD na Europa, onde muita gente, frustrada com a economia e alimentando seus sonhos de enriquecer, aceitou esta proposta da igreja à semelhança de quem joga na loteria.³²⁸

Ninguém é obrigado a nada, apenas a pagar o dízimo, a contribuir e assim satisfazer as suas necessidades físicas, emocionais, e também simbólicas (religiosas). Manter essa situação é reflexo de um poder que está sendo alcançado. Uma coisa que escandaliza os evangélicos tradicionais é a forma como os pastores da IURD ensinam as pessoas a exigir de Deus, até mesmo em uma atitude de coagir, que os abençoe, pois que “pagaram o dízimo” e têm direito à bênção, já que Ele prometeu e terá de cumprir. Edir Macedo afirma:

³²⁴ COSTA, J., O vestígio e a aura, p. 139.

³²⁵ HERVIEU-LÉGER *Apud* MARIANO, R., A igreja universal no brasil, p. 62.

³²⁶ MACEDO, E., Nos passos de Jesus, p. 101-102.

³²⁷ JUSTINO, M., Nos bastidores do reino, p. 45.

³²⁸ JUSTINO, M., Nos bastidores do reino, p. 50.

Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir sua palavra, repreendendo espíritos devoradores, que desgraçam a vida do homem, atuando nas doenças, nos acidentes, nos vícios, na degradação social, e em todos os setores da atividade humana, fazendo que o homem sofra eternamente.³²⁹

O dinheiro perde o referencial exclusivamente monetário. Por ser difícil de ser conquistado, a dedicação do dinheiro adquiriu um sentido de sacrifício. A ideia de sacrifício foi tirada do Antigo Testamento, a partir da narrativa de Abrão, que foi chamado por Deus a oferecer seu único filho, Isaque, em sacrifício. Como ele foi fiel, Deus confirmou todas as promessas de prosperidade que tinha feito a ele.

O sacrifício agora é a oferta, mas não como liturgia, e sim como troca. O dízimo simboliza fidelidade como parte do cumprimento de uma aliança com Deus. Não pagar o dízimo é quebrar este pacto, roubar a Deus e abrir brechas para o diabo na vida do fiel. O episódio de Jacó à beira do Jaboque indica para os pastores da IURD que é necessário brigar com Deus, isso em um sentido positivo (Gn 32,22-32). Assim como Jacó brigou com Deus e foi abençoado, também as pessoas precisam brigar com Deus. E a briga se dá nos desafios feitos nos cultos. A imagem de Jacó lutando com o anjo poderia scandalizar aqueles que acreditam em uma forma de espiritualidade pela introspecção ou pela racionalização.

Uma estatística por amostragem apresentada por Leonildo Campos, afirma que 37,5% dos iurdianos entregam o dízimo e mais da metade destes dão, além dos dízimos, outras ofertas.³³⁰ O mais interessante é que eles demonstram uma enorme satisfação e orgulho em poder contribuir com a instituição. No ato de contribuir, está sempre presente uma crença na reciprocidade. Os dízimos e ofertas têm um papel de barganha na visão dos iurdianos. Quando a pessoa contribui, Deus é que fica devendo e deve ser cobrado, conforme as palavras de Edir Macedo. Trata-se de um direito que deve ser cobrado de Deus, principalmente a partir do momento em que o fiel passa a pagar o dízimo, como explica:

Comece hoje, agora mesmo, a cobrar d'Ele tudo aquilo que Ele tem prometido [...] O ditado popular de que 'promessa é dívida' se aplica também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na sua palavra é uma dívida que tem para com você [...] dar dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que a Bíblia [...] Quem é que tem o direito de provar de Deus, de cobrar d'Ele aquilo que prometeu? O dizimista! [...] Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito ao dízimo e se transformaram em grandes milionários como o Sr.

³²⁹ MACEDO, E., A libertação da teologia, p. 79.

³³⁰ CAMPOS, L., Templo, teatro e mercado, p. 257.

Colgate, o Sr. Ford e o Sr. Caterpillar.³³¹

Aqueles que tem a pesunção de reinterpretar a mensagem bíblica correm o risco de incorrer em desvios da verdade. Não é novidade para os cristãos ver surgir propostas inovadoras no campo eclesial. Desde os tempos do primeiro século isso ocorria, mas as novidades podem ter aceitação ou não do público. O neopentecostalismo tem sido muito criticado, no entanto, tem encontrado aceitação em grande parte da população, o que geralmente surpreende os críticos.

4.5. É preciso encontrar a verdadeira relevância da igreja.

Onde e em que está a verdadeira relevância da igreja cristã para gente pós-moderna? Está na sua contribuição para trazer esperança e melhorar a vida das pessoas que, como vimos anteriormente, estão doentes. A ansiedade, a insegurança e outros males do pós-modernismo produziram pessoas carentes de um atendimento que só a igreja poderá oferecer. Ela tem um papel imprescindível, que é proclamar a mensagem de salvação, sem a qual o mundo não conhecerá a Cristo como salvador. No entanto, há uma dimensão social que não pode ser esquecida. A igreja precisa ser uma comunidade terapêutica para pessoas pós-modernas. A liturgia da igreja tem profundo valor na ressignificação do homem/mulher carente, quando promove seu encontro com Deus, como experiência de comunhão com o Eterno.

Hoch³³² considera que as igrejas cristãs foram negligentes na sua função terapêutica. Um professor de psicologia no seminário, Olavo Feijó dizia que a igreja atrai os loucos e os que tem problemas emocionais, como se procura um hospital. Há igrejas que se despertaram e tentam fazer um trabalho nesta direção. Na verdade, a dimensão terapêutica sempre esteve presente na igreja cristã desde o princípio. É preciso trazê-la de volta neste momento, pois há de ser uma marca importante para que a igreja seja considerada relevante como comunidade, e assim sua mensagem será ouvida. Sidnei Vilmar Noé sintetizou algumas ideias do que poderia ser uma “comunidade terapêutica” e as apresenta como teses:

- a) em termos teológicos, "comunidade terapêutica" é uma redundância. Se for comunidade de Jesus Cristo, ela necessariamente precisa ser terapêutica. É, porém, uma redundância necessária, à medida que a comunidade perdeu esse

³³¹ SOUZA, E. C. B.; MAGALHÃES, M. D. B., Os pentecostais, p. 85-105.

³³² HOCH, L. C.; NOÉ, S. V., Comunidade terapêutica, p. 23.

- caráter ao longo da história e precisa resgatá-lo.
- b) falar em "comunidade terapêutica" significa falar daquilo que nos une, apesar das diferenças. Não significa tornar todos iguais, mas aprender a conviver na pluralidade e na diferença.
 - c) Comunidade terapêutica supõe a redescoberta dos elementos terapêuticos contidos na Bíblia e na tradição cristã. A compreensão de Deus e de ser humano alicerçada sobre este fundamento servirá de critério para o diálogo com as formas de terapia contemporâneas, no sentido de uma integração ou rejeição, seja ela parcial ou ampla.
 - d) A comunidade é terapêutica, na medida em que possui um caráter diaconal, ou seja, de serviço. Este caráter é vivido dentro do contexto da própria comunidade, onde um auxilia e cuida do outro. Ele também é vivido para além dos contornos da comunidade, em relação a pessoas e grupos à sua margem.
 - e) A comunidade é terapêutica, quando ela recupera a integralidade do ser humano. Embora o elemento espiritual seja o seu elemento constitutivo, acolherá o ser humano em sua totalidade indivisível, compreendendo-o em sua unidade. Por conseguinte, atentará para a relação entre a fé e os demais elementos que compõem a unidade do ser humano (saúde emocional, orgânica/física, social, econômica).
 - f) A comunidade é terapêutica, na medida em que ela é constituída sob um clima que promove a saúde e o bem-estar bio-psico-socio-espiritual das pessoas que a compõem. Essa atmosfera pode ser cultivada a partir da aprendizagem de algumas competências psicossociais de seus integrantes, por exemplo, acolher, ouvir, respeitar, interessar-se pelo outro, procurar ajudá-lo.
 - g) finalmente, falar em comunidade terapêutica é procurar reumanizar o ser humano contemporâneo, o qual começa a dar sinais de um *analfabetismo social*. Significa recriar espaços de convivência. É, portanto, uma proposta que procura reverter o quadro doentio de fragmentação social e de isolamento provocado pelo processo de individualização e pluralização da sociedade atual.³³³

Se a igreja, no decorrer da história perdeu essa característica, as pessoas procuraram fora a ajuda que precisavam. Os consultórios de médicos e terapeutas estão cheios de gente que bem poderia ser ajudada pelas igrejas e pelos seus ministros. Quantas situações poderiam ser oportunidade de se viver na comunidade, a descoberta do valor do amor, que é tremendamente curativo quando os problemas têm sua raiz na alma e não no físico. Uma igreja com tal visão será acolhedora e certamente vai produzir uma diaconia prática, saindo das quatro paredes e indo ao encontro das pessoas necessitadas para socorrê-las, então será relevante e fará diferença. Assim sendo, a mensagem desta igreja será ouvida com credibilidade e muitos recuperarão a esperança.

A relevância da igreja está no seu propósito inicial e não em questões sociais e temporais, pois que, foi criada para prevalecer e fazer consolidar o reino de Deus. Sempre haverá situações nas quais a igreja desempenhará papel social relevante, como por exemplo, em situações de necessidade de socorro aos que pobres, usando

³³³ NOÉ, S. V.; HOCH, L.C., Comunidade terapêutica, p. 10.

de misericórdia, mas não é sua principal missão. Mesmo quando promove a comunhão entre as pessoas, criando ambientes de bons relacionamentos, isso ainda não é o mais importante, ainda que seja relevante. A igreja pode ter atendimento às famílias, aconselhamento de casais, escolas, atividades sociais e de entretenimento, mas não pode fazer essas coisas em detrimento da grande comissão que Jesus deu aos discípulos, de ir por todo o mundo e pregar o evangelho a toda criatura. A grande comissão é fazer discípulos e ensiná-los a fazer mais discípulos.

4.6.

O desafio de ser igreja numa situação de quarentena

O ano de 2020 trouxe uma surpresa para toda a comunidade mundial, inclusive para as igrejas com disseminação do Covid 19. Começando pela China, passando pela Europa, América do Norte e do Sul, vírus SARS ameaça toda a população de uma contaminação que pode levar o sistema de saúde ao colapso. Mesmo sob risco de provocar um colapso econômico, as autoridades determinaram que as pessoas fiquem em quarentena, isolamento social para evitar todo contato que possa transmitir o dito vírus. As orientações para se evitar aglomeração de pessoas se tornam imperativas e incluem as igrejas, que são impedidas de realizar celebrações coletivas.

Esse é um tempo de provas para os fiéis, que precisam manter sua fé sem, contudo, estar juntos aos demais nos cultos. Há um risco ameaçador de dispersão do rebanho, de enfraquecimento das relações eclesiais, principalmente pelo fato de não haver prazo previsto para fim do isolamento social. Além disso, haverá gente reagindo mal ao isolamento e adquirindo outras doenças emocionais que trarão desânimo e enfraquecimento espiritual. Algumas famílias poderão passar por necessidades até de alimentação, pois trabalhadores autônomos deixam de ter renda financeira. A igreja precisa sobreviver sem o templo, esse é o grande desafio: ser igreja sem se reunir para adoração e estudo da Palavra.

A melhor coisa a fazer é usar os recursos tecnológicos disponíveis nesse tempo atual para manter contatos e alimentar o rebanho. Alguns líderes já faziam isto antes da quarentena, outros não tem intimidade alguma com essas tecnologias, que requerem um mínimo de habilidade ou senão, de uma boa assessoria técnica. A Andréia Durval Souza, em sua dissertação de mestrado, sob orientação de Dr

Abimar Oliveira de Moraes, faz a seguinte constatação:

O ambiente digital faz parte hoje do dia a dia da maior parte de pessoas (senão de todas). Isto não pode ser ignorado pela Igreja. As mediações feitas pelas tecnologias digitais estão mudando a forma de nos relacionarmos em sociedade e a nossa auto-identidade. [...] É preciso compreender que isso muda o processo de evolução da humanidade e, conseqüentemente, todas as suas relações (inclusive com o divino), porque certamente implica numa mudança em relação à sua percepção da vida e da experiência religiosa. Esta mudança provoca o surgimento de novos padrões de comportamentos, nova forma de se comunicar, novas sensibilidades e novas insensibilidades. Só será possível achar caminhos para integrar a mensagem do Evangelho a essa realidade virtual/digital se compreendermos a sua complexidade.³³⁴

Diversas e diferentes práticas tem surgido na internet, com bons resultados. Talvez esse seja o tempo de maior propagação do Evangelho por todo o mundo, pois as pregações ultrapassam os limites da paróquia para chegar a qualquer parte do mundo, alcançando pessoas nunca imagináveis. Muitas palavras de conforto estão ajudando pessoas que não conseguem lidar bem com o isolamento social e muitos estão se interessando em aprender mais sobre Deus.

Não por acaso, se multiplicou a busca pela palavra oração na internet durante a pandemia.³³⁵ E também aumentou surpreendentemente a venda de bíblias, chegando 60% de aumento, segundo Jim Jewel, gerente-executivo da Tyndale House Publishers, uma editora de bíblias localizada em Illinois, Estados Unidos.³³⁶ Parece que sensação de um perigo iminente provoca nas pessoas uma necessidade de se buscar a Deus para encontrar algum conforto, mas também pode-se imaginar que alguns tenham medo da morte e desejam se preparar para esta possibilidade, acertando-se com o criador. São essas pessoas que acessam as mensagens publicadas na internet nas redes sociais e canais de vídeos, para receber uma mensagem de bênção.

É raro encontrar uma igreja que não tenha pelo menos um endereço virtual, onde divulgue seus trabalhos e exponha pregações e cultos. Uns preferem fazer culto *online*, ao vivo, quando as celebrações são feitas do mesmo jeito que no templo, normalmente, com as pessoas acompanhando em casa ou de onde estiverem, inclusive alguns aplicativos permitem interação no decorrer da celebração. Há um aplicativo chamado Zoom, cuja versão gratuita permite reuniões

³³⁴ <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cadernos/article/view/444>

³³⁵ <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598028-pandemia-aumenta-buscas-do>

³³⁶ <https://pleno.news/fe/venda-de-biblias-aumenta-durante-pandemia-nos-eua.ht>

de até 100 pessoas interagindo por cerca de 40 minutos. A internet permite até que se faça transferência de contribuição financeira durante a transmissão através de *QR Code*, que também pode ser útil para outros fins, como respostas ou *FeedBack*. Talvez o modo mais prático de se usar as redes sociais para divulgação da mensagem seja gravar a pregação em vídeo e publicar em redes sociais, podendo ser compartilhada e divulgada entre amigos e conhecidos, ficando acessível e disponível a quem quer que se interesse. Esse recurso tem a vantagem de poder ser editado ou regravado antes de ser publicado para se corrigir possíveis erros e problemas, diferente do culto *online* ao vivo, que tem transmissão imediata. A adesão de internautas surpreende em ambos os casos. Pode ser por falta de opções de entretenimentos ou por carência de participar de algo espiritual significativo. A televisão satura as pessoas com excesso de informações negativas e os noticiários estão recheados de notícias de violência e mortes.

A situação inusitada de não poder reunir o rebanho faz alguns líderes serem muito criativos para não perderem espaço e pelo contrário agregarem mais ovelhas. Vários pastores fizeram a celebração da Ceia do Senhor no domingo de Páscoa pela internet, sugerindo antes, que as pessoas comprassem suco de uva e pão para participarem juntos na hora da ministração, como estando todos juntos, mesmo que em casa³³⁷. O fato gerou muita polêmica. Para algumas igrejas a Ceia é vista como celebração que confere graça e as pessoas experimentam grande emoção ao participar. Mesmo as igrejas que consideram a Ceia como simbolismo memorial, como a igreja batista, dão imenso valor a esta cerimônia, que se torna momento solene de consagração de vidas.

Na tentativa de superar a falta do encontro presencial dos fiéis no templo, buscou-se várias formas de compensar a necessidade da comunhão, para não haver enfraquecimento do rebanho por falta de interação. Uma igreja em Vila Velha, ES, procurou uma maneira diferente de celebrar a Santa Ceia, sem que as pessoas se arriscassem à contaminação viral, e sem ser algo frio pela internet. A Igreja convocou os seus membros para a “Ceia *Drive In*”, numa grande área de estacionamento, onde os diáconos serviam os elementos da ceia em *kits* individuais higienicamente preparados, nos carros, enquanto o pastor ministrava de um carro de som. Impressionante a liturgia numa cerimônia desta modalidade. Outra igreja,

³³⁷ <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/04/09>.

no Estado da Paraíba, fez a mesma coisa, um pouco diferente:

Para evitar aglomerações e seguir à risca as restrições propostas pelas autoridades públicas do estado. O “culto drive-in” foi celebrado no estacionamento do templo sede, que recebeu 266 carros. Na reunião, também foi celebrada a Ceia do Senhor. Cada fiel trouxe de casa o suco de uva e o pão, e, em um momento histórico, os presentes lembraram o sacrifício de Cristo. Um telão foi montado para que os membros da igreja não perdessem os detalhes do culto dentro de seus carros. A celebração também foi transmitida online.³³⁸

Houve vários padres católicos que pediram aos fiéis que mandassem fotografias, que foram colocadas nos bancos da igreja, como se eles estivessem presentes na hora da celebração que sendo transmitida online era acompanhada de casa com profunda emoção pelas famílias. A imagem do templo com as fotografias viralizou na internet pela criatividade. Esta, como as demais, são experiências inovadoras, tentativas de se manter o povo unido, mesmo à distância, para que não se perca o elo da comunhão que une o povo de Deus.

Entre os mais criativos, se destaca pastor muito conhecido, nas redes sociais, inovou, fazendo um batismo pela internet³³⁹. Um batismo! Esse pastor é defensor do isolamento social, mas um candidato desejou ser batizado, mas isso não poderia ser feito no templo ou num lugar público para evitar aglomeração. Como não se sabe até quando vai durar essa quarentena, ele decidiu fazer batismo simbólico e gravou um vídeo da cena. Enquanto ele simulava jogar água sobre o batizando, este lá de sua casa virava sobre si uma vasilha cheia de água, enquanto o pastor declarava batizá-lo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Outro pastor, em São Paulo³⁴⁰, fez diferente. Levou uma caixa d’água na carroceria de uma caminhonete até à casa de uma neo convertida para batizá-la na presença apenas do pastor e de alguns familiares. Ela solicitou ao pastor uma solução, pois temia que, como a pandemia poderia durar muito tempo, ela se demorasse muito a ser batizada. A imprensa chamou o ato de “batismo delivery”.³⁴¹ Nesses eventos esporádicos, que não estão previstos nem geram uma prática sequente na igreja, a não ser que as determinações das autoridades prolonguem excessivamente a quarentena, abre-se mão do ritual litúrgico solene, que é sempre uma característica das celebrações batismais. A liturgia está, neste caso, apenas na

³³⁸ <https://www.gospelprime.com.br/igreja-cebra-ceia-em-culto-drive-in/>

³³⁹ <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/06/coronav.>

³⁴⁰ <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/06/coro>

³⁴¹ <https://g1.globo.com/sp/itapetininga-regiao/noticia/2020/04/14/>

declaração abençoadora do pastor.

Estas experiências mostram que a igreja consegue se adaptar às circunstâncias que fogem ao controle e que requerem soluções rápidas e seguras, ao mesmo tempo que estas possam se tornar práticas permanentes futuramente. Há igrejas que descobriram que podem fazer muito mais do que faziam antes de usar a internet na transmissão de seus cultos, igrejas que nunca mais deixarão de transmiti-los, alcançando gente que esteja muito distante geograficamente, mas ligados ao coração da igreja. Há igrejas que expandiram seus trabalhos de ensino à distância, formando grupos de discipulado e estudos teológicos com número cada vez maior de alunos interessados em conhecer mais da Palavra de Deus. As reuniões podem ser feitas com aplicativos como WhatsApp, Zoom, Meet e outros pelos quais se pode interagir como numa reunião presencial. O “*homework*” chegou à igreja. A igreja cresceu na quarentena.

4.7.

O culto como expressão da identidade da igreja

Vários fatores contribuíram para a prejuízo da identidade da igreja evangélica nos últimos tempos. Sem que se percebesse, essas igrejas, de um modo geral foram sendo influenciadas pelas tendências culturais da sociedade que provocaram mudanças de comportamentos e valores dos quais nunca deveriam abrir mão. Talvez tenha sido uma preocupação excessiva de não se tornar obsoleta que tenha dado espaço ao liberalismo teológico e eclesiológico que clamava por modernidade no trato social no seio da igreja. Por outro lado, a religiosidade popular deu margem a um vasto crescimento de “igrejas independentes”, sem nenhum compromisso com uma denominação, ou identidade litúrgica.

No decurso da História, o significado das palavras mudam. Na época atual isso aconteceu com a palavra evangélico. No passado, ela serviu como elo entre cristãos de uma diversidade ampla de tradições eclesiásticas. O evangelicalismo histórico era confessional. Acolhia as verdades essenciais do Cristianismo conforme definidas pelos grandes concílios ecumênicos da Igreja. Além disso, os evangélicos também compartilhavam uma herança comum nos “solos” da Reforma Protestantedo século 16.

Depois de 500 anos, a luz da Reforma já foi sensivelmente obscurecida. A consequência foi a palavra evangélico se tornar tão abrangente a ponto de perder o

sentido. Há o perigo de perder a unidade que levou séculos para ser alcançada. Por causa dessa crise e por causa do amor a Cristo, seu evangelho e sua igreja, se procura afirmar novamente o compromisso com as verdades centrais da reforma e do evangelicalismo histórico. Se afirma essas verdades não pelo seu papel nas tradições, mas porque se crê que são centrais para a Bíblia.³⁴²

Se dizer evangélico deixou de ser referência indiscutível. A multiplicidade de igrejas que se dizem evangélicas gerou um sério problema em se definir o termo. São tantas e diferentes igrejas que surgem, que alguns fundadores das mesmas chegam a ter dificuldade em nomeá-las. Geralmente surgem em bairros de gente humilde, muitas vezes fruto de divisões e com “pretensos pastores” sem amínima formação teológica. Mas sempre se apresentam como “igrejas evangélicas”, justamente por razão de não existir uma referência reconhecida do que seja de fato uma “igreja evangélica” para aferição. Ninguém sabe dizer como é o padrão de culto de uma igreja evangélica, qual pode ser tomada como referência de liturgia.

O culto é, sem dúvida, expressão da identidade da igreja, como ela se manifesta publicamente diante da comunidade. Não é invenção da igreja, pois antecede à existência da mesma e é inerente à pessoa humana, independente de credo religioso, porém ganha sentido e dá significado à igreja, quando praticado corretamente e nos moldes estabelecidos por Deus. Não é mero ativismo religioso, entretenimento ou encontro social, nem mesmo evento de autoajuda. O culto deve acontecer com único propósito de adorar ao Senhor.

O culto é tão antigo como o homem. Vemo-lo praticado no Éden. Caim e Abel dão-nos mostras de dois tipos de adoradores; aquele é ritualista, e este é prático; aquele é hipócrita, e este é sincero; aquele é adorador por tradição, e este o é de coração. Estes dois tipos ainda existem.

A respeito do culto formalista falam muito os profetas. O profeta Isaías, por exemplo, profliga os erros daqueles que cultuavam a Deus só de lábios.

A mulher samaritana perguntou a Jesus onde é o lugar onde se devia adorar a Deus. Muitos estão presos a lugares, a marcas, a tradições. Mas Deus é imensurável. Não tem fronteiras. É o Deus do culto, pois “habita no meio dos louvores”. O culto pode ser prestado no fundo dos mares, nas mais altas alturas, nos aviões, nos foguetes, na lua, etc [...] Mas o culto foi se degenerando ao ponto de haver homens que prestam “culto aos anjos” (Colossenses 2: 18), e culto aos demônios. O culto racional, segundo Paulo, é a apresentação de nossos “corpos em sacrifício vivo, santo e

³⁴² No ano de 1994, com o objetivo de tratar da situação dos evangélicos contemporâneos, foi formada a Aliança dos Evangélicos Confessionais. Cento e vinte ministros evangélicos, professores e líderes de organizações para-eclesiais se reuniram em Cambridge, Massachusetts, em abril de 1996, durante quatro dias, para juntos elaborarem a Declaração de Cambridge.

agradável a Deus” (Romanos 12:1).³⁴³

No Novo Testamento não há muitos detalhes sobre o culto, segue-se que não se pode desprezar as orientações contidas no Velho Testamento, onde Deus determinou ao povo de Israel como Ele desejava ser adorado e os critérios que definiriam a adoração aceitável e agradável ao Senhor. Em Colossenses 2,16 e 17 lemos que todas aquelas festas e os sábados cerimoniais do Velho “[...]são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo”. Toda liturgia, todos os sacrifícios que Deus estabeleceu para o povo de Israel apontavam para Cristo, “porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude, n’Ele habitasse”.³⁴⁴

Se eram “sombras” deveriam ganhar maior significado no “corpo de Cristo” e não serem desprezados ou esquecidos. Não significa dizer que a igreja deveria continuar fazendo sacrifícios no templo como no passado, mas sim, que precisa entender qual o verdadeiro sentido da adoração e como se aplica a experiência do povo de Israel para que se continue a adorar e sendo aceitos por Deus. Ao estudar acerca do culto no Velho Testamento se vê que houve um tempo em que Deus rejeitou os sacrifícios que o povo trazia por razões que indicavam um desvio do propósito inicial da adoração proposto pelo próprio Deus. Os profetas apontam os erros e os pecados do povo, acusando-os de seus erros e desvios dos princípios básicos da adoração.

Quais seriam esses princípios básicos da adoração, pode-se ver na observação do que registra o profeta Malaquias, que em forma de diálogo de Deus com o povo, os confronta, acusa de desprezar e banalizar a adoração. Neste contexto, Deus cobra uma atitude dos sacerdotes, que estariam sendo coniventes com o povo, quando deveriam orientar e os disciplinar para que fossem aceitáveis diante do Senhor. Os sacerdotes têm maior responsabilidade, pois deveriam ser aqueles que estariam zelando pelo culto e pela adoração genuína, nunca concordando com algo contrário à vontade de Deus.

A manifestação da vontade de Deus diante do comportamento equivocado do seu povo faz lembrar os princípios estabelecidos para adoração desde o Êxodo, os quais são essenciais em qualquer evento litúrgico voltado para agradar ao Senhor. São eles: Deus no centro do culto, motivos certos para cultuar a Deus, interrelação

³⁴³ FERREIRA, E., Manual da igreja e do obreiro, p. 51.

³⁴⁴ Colossenses 1,19.

entre culto e vida diária e a importância de se adorar a Deus de acordo como que Ele revelou e não de acordo com a criatividade do adorador. Quando se despreza um desses quatro princípios, corre-se o risco de ser rejeitado por Deus quando apresentar a Ele a adoração.

Essa situação requer uma reflexão séria sobre a prática de adoração das igrejas no século XXI, quando permitem uma flexibilização da forma de culto para atender a uma expectativa da membresia. A difícil tarefa de conservar os princípios estabelecidos por Deus para a adoração, em tempos de mudanças de comportamento constantes é um desafio muito pertinente para a liderança. Vale considerar que os sacerdotes do Antigo Testamento são representados pelos pastores e padres, dos quais Deus vai cobrar a responsabilidade de ensinar e disciplinar a adoração litúrgica agradável ao Senhor.

Em Oséias 4,6, Deus diz através do profeta: “O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento”; No verso nove, Deus aponta para o sacerdote: “Por isso, como é o povo, assim será o sacerdote; e castigá-lo-ei segundo os seus caminhos, e dar-lhe-ei a recompensa das suas obras”. O sacerdote e também o profeta seriam responsabilizados e castigados por ter faltado conhecimento ao povo, que prevaricou contra o Senhor e se tornou idólatra. Não foi o único momento que Deus cobrou dos sacerdotes e dos profetas a responsabilidade de ensinar ao povo como agradar a Deus. Em Jeremias vinte e três, Deus cobra dos pastores que não apascentam suas ovelhas, essa responsabilidade.

Se os próprios ministros não honram o nome de Deus, muito menos o povo o fará, pois como aprenderá a honrar e respeitar a Deus? Ora, o povo aprende observando aqueles que Deus colocou em posição de instruí-lo e dirigi-lo; aprende seguindo o exemplo dos que Deus encarregou de dirigir o seu culto. se estes são os primeiros a desrespeitar a Deus, a desonrar o seu nome, o povo também falha em seu dever de cumprir as obrigações da aliança.³⁴⁵

Os fariseus do tempo de Jesus foram confrontados por ele em Mateus vinte e dois, verso vinte e nove: “Errais não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus”. Ainda que os Escribas e fariseus fossem extremamente zelosos e cumpridores da lei eles são acusados por Jesus de não conhecerem as Escrituras. Significa que lhes faltava o conhecimento dos princípios, pois a letra eles conheciam bem. São Paulo apontou para a essência, além da letra, quando na

³⁴⁵ NICODEMUS, A., O Culto Segundo Deus, p. 60.

Segunda carta aos Coríntios, capítulo três, verso seis ensina que Deus fez dos crentes “ministros de um novo testamento, não da letra, mas, do Espírito”, e concluiu assim: “A letra mata, mas o Espírito vivifica”.³⁴⁶

Esse era justamente o problema em Isaias, Amós e em Malaquias quando o povo conhecia a liturgia dos sacrifícios, realizava a cerimônia corretamente, mas se esquecia dos princípios essenciais da adoração. Concluiu-se que Deus não deseja uma adoração como ato eventual, como um momento solene apenas. Não terá valor se a vida diária não corresponder ao que se oferece ao Senhor. Claro que é importante observar a maneira e o padrão litúrgico da adoração, no entanto, a formalidade tem de corresponder à realidade. Não basta fazer por fazer, obedecendo a uma lei, é preciso “ser o que se celebra” e Deus não aceita menos do que isto. É nisto que o cristianismo supera o judaísmo, quando Jesus trouxe uma nova interpretação da lei, que avalia a intenção do coração do adorador.

Quando Jesus disse: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus”, ele reconhecia que os judeus eram zelosos da lei, pois entregavam o dízimo até da hortelã e do cominho. Mas eram limitados pela própria lei: nada menos que a lei, porém, nada mais que a lei. Era assim em relação ao sábado, à cerimônia de purificação, à alimentação, como também em relação ao adultério, que só seria condenável se houvesse testemunhas como previsto na lei. Jesus dizia: “Está escrito [...] eu porém vos digo [...]”. Quando ensinou sobre adoração, trazer oferta ao altar, Jesus associou este ato com o dia a dia: “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta”.³⁴⁷

Consagrar uma oferta no altar era uma expressão de adoração semelhante ao sacrifício, por isso Jesus chama atenção dos discípulos para a relação entre o ato litúrgico e a vida prática, a relação com os irmãos. Mais uma vez, Deus não aceita apenas o ato. Quando os discípulos de Jesus fossem fazer oração, fazer jejum ou dar uma esmola, deveriam cuidar que ninguém visse ou mesmo soubesse disto, pois os fariseus faziam tocar trombetas diante de si quando praticavam tais atos, ou seja, queriam ser vistos pelos homens. Esta era a sua recompensa, mas os cristãos que fariam as mesmas coisas em secreto, seriam recompensados pelo próprio Deus.

³⁴⁶ 2 Coríntios 3, 6

³⁴⁷ Mateus 5, 24.

Jesus deu o sentido da verdadeira adoração litúrgica:

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? Ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? Ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.³⁴⁸²⁴¹

Há uma ligação direta entre amar a Deus e amar ao próximo, por isso que, servir ao próximo é servir a Deus. Tiago afirmou que: “A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo”³⁴⁹. Em Isaias, quando Deus rejeitou o culto do povo, uma das acusações é a falta de amor.

Aprendeis a fazer bem; procurai o que é justo; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas. Vinde então, e argui-me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã.³⁵⁰

Deus não aceitava a adoração de um povo que não praticava com o próximo aquilo que apresentava diante dele. Este é um princípio muito importante, pois a comunhão do adorador com seu Deus deve resultar que ele se torne uma pessoa justa e amorosa que faça a vontade de Deus entre os homens, principalmente demonstrando amor pelo mais necessitados, que Jesus chamou de “meus pequeninos”. O que valida a adoração litúrgica do culto é a aplicação prática daquilo que se diz crer, pois Deus não se impressiona com ritualismo teatral, por mais bem preparado que seja.

Todo o conjunto do sistema litúrgico de Israel tinha por objetivo agradar a Deus. Não há indício de que a adoração fosse usada como uma moeda de troca, ou como forma de se obter favores de Deus. A adoração deveria ser sempre algo vindo de corações agradecidos, reconhecendo a majestade e a grandeza de Deus e seu amor inigualável. O povo sempre adorava pelo que Deus é e pelo que ele já fez no passado, suas obras maravilhosas, o livramento e suas bênçãos recebidas.

A adoração bíblica é peculiar. As formas de adoração de Israel, nos tempos do Velho Testamento eram exteriormente semelhantes às formas de culto das nações vizinhas,

³⁴⁸ Mateus 25,35-40.

³⁴⁹ Tiago 1,27

³⁵⁰ Isaias 1, 17- 18.

mas o significado interior diferia grandemente. Os pagãos iniciavam, eles mesmos os atos de adoração, na esperança de fazer alguma coisa que pudesse obter o favor dos deuses. A adoração dos hebreus era uma resposta ao que Deus já fizera por eles, não tendo o propósito de alcançar o favor de Deus. Trata-se simplesmente do alegre reconhecimento de que um deus cheio de amor já oferecera, por sua própria iniciativa, sua misericórdia e graça.³⁵¹

Em muitos salmos da bíblia há expressões como “Louvai ao Senhor, por que Ele é bom”, “cantai ao Senhor”, bendizei ao Senhor”, “exaltai o seu nome”, “vinde, jubilemos ao Senhor”, que são convites à adoração. Os salmistas são aqueles que expressavam o sentimento do povo nas suas composições, que eram cantadas na liturgia e nos momentos diversos do culto. No Salmo 116, há uma declaração de amor a Deus, feita por um salmista que teria passado por momentos, mas o Senhor ouviu a sua oração e ele chega ao verso 12 e declara com gratidão: “Que darei eu ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito? Tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor. Pagarei os meus votos ao Senhor, agora, na presença de todo o seu povo”.³⁵²

Alguns símbolos têm sido usados pelos cristãos desde a antiguidade e alguns, inclusive, serviam como identificação secreta entre aqueles que sofreram grande perseguição nos primeiros séculos, como por exemplo, o peixe, cujas letras que formavam a palavra significavam: Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. A cruz é o símbolo por excelência, pois traz à memória dos cristãos a morte vicária de Jesus. A Igreja Católica Romana segue usando a cruz com uma imagem do corpo de Cristo crucificado, o “crucifixo”, diante do qual os católicos fazem o “sinal da cruz” como demonstração de reverência. Diante da imagem eles tem a sensação da presença do Senhor. Há outros símbolos reconhecidos e significativos como, as letras IHS, que significam: Jesus Salvador dos Homens, ou, INRI: Jesus Nazareno, Rei dos Judeus; XP: significam Cristo e Alfa e Ômega: o começo e o fim.³⁵³

Há muitos outros símbolos usados em diferentes igrejas, como a Igreja Católica os usa nas vestes sacerdotais, por exemplo, mas seu significado estará, geralmente, ligado à tradição da comunidade. Os símbolos que ganharam significado nas igrejas batistas, não são muitos, a começar pela cruz, que representa o sacrifício de Cristo, a mesa da Ceia, que representa o memorial, o púlpito, símbolo do testemunho, a Bíblia, que é a revelação de Deus. O símbolo da música é o louvor

³⁵¹ SHELLEY, B. L., A Igreja: o Povo de Deus, p. 80.

³⁵² Salmo 116: 12.

³⁵³ FERREIRA, E., Manual da Igreja e do Obreiro, p. 52.

e o batistério simboliza a ressurreição. Pode-se considerar a Bênção Apostólica, proferida pelo pastor, geralmente no final do culto como símbolo da bênção de Deus sobre o seu povo, e somente o pastor está autorizado a impetrar a tríplice bênção à congregação.

O uso de símbolos já se tornou um problema em situações em que receberam uma supervalorização por parte das pessoas e até mesmo idolatria. O perigo é quando o símbolo é tomado pela coisa simbolizada e a fé se firma no que é visível como sendo aquilo que deveria apenas representar. Como há pessoas que deixam a Bíblia aberta no Salmo 91, acreditando que será suficiente para afastar todos os males. Símbolos facilmente tornam-se superstições, e o apego a eles pode ser uma tendência à exaltação de coisas externas em detrimento do que é interno, que é essencial. A Igreja experimentou algo parecido quando passou a usar imagens de escultura, e se levantaram muitas controvérsias. Esta é a razão porque a Igreja Batista evita dar ênfase a muitos símbolos.

Muitos fatores influenciam na identidade da igreja, alguns de maneira positiva, outros não, porém, a identidade da igreja é aquilo que a comunidade ao seu redor vê e entende numa leitura dos fatos, eventos e testemunho dos membros da mesma. Isso significa que a identidade da igreja não se resume ao que está escrito numa placa em frente ao templo ou em panfletos de propaganda e convites, mas aquilo que as pessoas que frequentam os cultos vivem no seu dia a dia na comunidade, nos relacionamentos sociais e familiares, no trabalho e nos negócios. Não se pode vender uma imagem com *marketing*, com logomarca e fachada como identidade da igreja, pois igreja não se identifica pela estrutura e sim pela vida, por essa razão, é tão importante “ser o que se celebra”

Os batistas se mostraram preocupados com a questão identidade da igreja através da liturgia do culto em várias ocasiões, quando foram nomeados Grupos de Estudo e Comissões para dar parecer sobre o tema, visando ajudar as igrejas a dar um mínimo de padronização às congregações locais, a partir do que se considera um culto litúrgico. Em 2010, um documento aprovado na 79ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira, em Cuiabá, concluiu que:

O entendimento substancial das igrejas batistas tradicionais é que o culto segue o princípio bíblico da ordem e a decência com:

1. Amor, Devoção e Reverência a Deus. Mt 22.37 (Reverência - É a atitude de reconhecimento da grandeza de Deus e de Sua soberania. Sl 24; Mt 6.9; Lv

- 19.30).
2. Ordem - É a maneira como a liturgia se desenvolve. Ordem não é sinônimo de frieza, formalismo ou ritual. 1Co 14.40.
 3. Louvor - É a forma de exaltar a dignidade de Deus e a perfeição de Seu caráter, bem como a santidade e majestade de Deus. Sl. 46.10; Hb 13.15; SI 67.3; Rm 12.1-2; SI 69.34. A música sacra cristã como elemento forte, primando pelo reconhecimento e valor dos nossos hinários (C.C., H.C.C. e novas composições que tenham conteúdo bíblico-teológico correto, procura levar a pessoa ao coração de Deus: adorar em Espírito e em verdade. Jo 4.23,24.)
 4. Oração – Como meio de crescimento que aproxima o homem, ou grupo, de Deus, é o meio de intensificar a comunhão e ouvir a voz de Deus na intimidade. Jr 33.3; Dn 9.20; Lc 18.1-8; 1Cr 7.14. (Há orações de louvor, gratidão, de confissão, de súplicas, e de intercessão. At 2.42).
 5. Edificação - o ensino sistemático da Bíblia pela meditação na Palavra de Deus, através do Púlpito e da valorização da Escola Bíblica Dominical (Mc 2.2; Jo 4.50; Jo 6.68; 1Ts 2.17). A Bíblia como autoridade em matéria de fé e prática: (O VT é a Palavra de Deus através dos profetas e o NT é a voz de Deus através dos apóstolos. II Tm 3.16,17).
 6. Apelos de arrependimento. At 2.38.
 7. Confissão - Forma de expressão de arrependimento. Quando renunciamos ao pecado confessamos a Cristo como Senhor. Sl 51.1-4; Sl 32.5-6; lJo 1.9; Tg 5.16.
 8. Dedicção de vidas, díizimos e ofertas. Ml 3.10.
 9. Celebração: de batismos. At. 10.47,48; da Ceia do Senhor. ICo 10.23-26
 10. Reconhecimento - Da autoridade divina, que se manifesta na atuação do Espírito Santo como consolador, convencendo o homem do pecado, da justiça e do juízo, preparando a sua igreja com avivamento que vem do céu, para produzir unidade, paz, respeito, justiça social, investida missionária.³⁵⁴

Desde o início do trabalho batista na Holanda e Inglaterra, no século XVII, muita coisa mudou, principalmente na questão da liturgia, no entanto, há coisas que nunca mudaram e os batistas preservam certas marcas que fazem sua identificação através do tempo. Segundo o articulista, Pastor Adilson Batista Amelio, se destacam os principais traços que caracterizaram os batistas desde o início:

Os batistas são aqueles que adotam a Bíblia como única regra de fé e prática (2 Timóteo cap. 3 vers.16); defendem a doutrina da salvação pela fé (Efésios cap. 2 vers. 8 a 10); defendem o ensino do sacerdócio de todos os crentes com base em 1 Pedro cap. 2 vers. 9; uma outra marca dos batistas é a separação total entre Igreja e Estado com ênfase na independência da igreja de acordo com Mateus cap. 22 vers. 21; os batistas defendem a ideia da autonomia de cada igreja local e a forma de governo congregacional (Mateus cap.18 vers.17 e Atos cap. 6 vers.1 a 6); Defendem a importância da cooperação entre as igrejas batistas para a expansão do Reino de Deus (1 Coríntios cap. 16 vers.1 a 4);³⁵⁵

Outras características importantes são: a prática do batismo por imersão ministrado somente aos crentes (Atos cap. 8 vers. 36 a 39); a rejeição do batismo

³⁵⁴ CBB. Anais da 79ª Assembleia Anual da CBB, p. 585

³⁵⁵ <https://www.webartigos.com/artigos/esta-e-uma-igreja-batista/110998>>

infantil (Mateus cap. 28 vers.19); consideram o batismo e a Ceia do Senhor como símbolos de verdades espirituais ao invés de considerar apenas como sacramentos (Romanos cap. 6 vers. 4 e 1 Coríntios cap. 11 vers. 24 e 25); a rejeição de doutrinas pentecostais especialmente no tocante ao batismo do Espírito Santo acompanhado pelo dom de línguas (1 Coríntios cap. 12 vers.13 e 30); os batistas não adotam a Teologia da Prosperidade;

Os batistas também não costumam praticar rituais comuns em outras igrejas ditas evangélicas, tais como:

- Rituais de quebra de maldição;
- Supostas orações de poder;
- Cultos de libertação espiritual;
- Unção de objetos ou coisas do gênero.

Estas características dão identidade à igreja, não obstante a liturgia não ser uma das marcas mais fortes, pois o que se deve observar é se os princípios e as doutrinas praticadas são bíblicos e coerentes.

4.8. Adoração requer reverência à soberania de Deus

Quando Deus chamou Moisés ao monte, deu ordens que ninguém se aproximasse nem tocasse no monte ou seria morto (Êxodo 19,12), e enquanto Moisés estava conversando com o Senhor, o monte fumegava e tremiagrandemente. Era a glória de Deus. Mas esse Deus mandou que fizessem um santuário para Ele, pois queria habitar no meio do seu povo (Êxodo 25, 8). No capítulo 40 de Êxodo, Deus mandou Moisés levantar o tabernáculo e a nuvem cobriu a tenda e a glória do Senhor encheu o tabernáculo de maneira que Moisés não podia entrar. Outra manifestação da glória de Deus, como fumaça enchendo o templo, está em II Crônicas 5,14, quando os sacerdotes nem conseguiam ficar de pé.

A visão de Isaias 6 também é de um templo que fica cheio de fumaça e os umbrais das portas se moveram, como manifestação da glória de Deus, Isaias teve a nítida sensação da presença de Deus e se viu condenado por ser pecador. Era uma visão, mas mudou sua vida e ele se tornou um dos profetas mais nobres, senão o mais nobre do Velho Testamento. Algo semelhante ocorreu na visão de Ezequiel, no capítulo 43, quando ele viu que “a glória do Senhor enchia o templo”. Essas experiências sempre tiveram um efeito de impacto causado pela visão da glória de

Deus, algo sem comparação com o maior esplendor terreno, sem comparação com a maior glória que alguém possa alcançar. Por isso causa temor.

Adorar a Deus há de ser sempre se prostrar diante d'Ele para glorificar o Seu nome. Isso significa reconhecer sua majestade e grandeza, honrar o Seu nome e reverenciá-Lo como Senhor e Deus. A Liturgia é um recurso que valoriza a atitude de reverência nos cultos, como um padrão disciplinado e ordeiro das celebrações desde o início numa sequência interativa de participação do dirigente e dos fiéis. Abrindo mão da liturgia, pode-se perder a reverência que se deve ao Senhor, a quem se deseja honrar. Não se justifica uma atitude irreverente em nome da liberdade de consciência ou liberdade de manifestação.

A soberania de Deus, sua glória, é maior que a maior majestade humana que possa existir. Quando uma pessoa se apresenta a Deus para a Liturgia da adoração, este é um momento de profundo respeito à santidade e grandeza do Senhor, exige reverência e solenidade. O próprio Deus faz essa confrontação em Malaquias, citado no capítulo anterior, quando desafia o povo a oferecer aquele animal imperfeito que traziam para o sacrifício, ao governador. O que está mostrando aos seus pretensos adoradores é que estão dando a ele menos respeito e reverência que dão ao governador, pois sem dúvida, não levariam um animal defeituoso para o governador humano, mas tinham a ousadia de trazê-lo ao Rei do Universo.

O filho honra o pai, e o servo o seu senhor; se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o meu temor? Diz o SENHOR dos Exércitos a vós, ó sacerdotes, que desprezais o meu nome. E vós dizeis: Em que nós temos desprezado o teu nome? Ofereceis sobre o meu altar pão imundo, e dizeis: Em que te havemos profanado? Nisto que dizeis: A mesa do Senhor é desprezível. Porque, quando ofereceis animal cego para o sacrifício, isso não é mau? E quando ofereceis o coxo ou enfermo, isso não é mau? Ora apresenta-o ao teu governador; porventura terá ele agrado em ti? Ou aceitará ele a tua pessoa? Diz o Senhor dos Exércitos.³⁵⁶

Adorar biblicamente é o próprio ato de oferecer reverência, que é o mesmo que respeito somado ao amor, que resulta em honra e lealdade. O culto de adoração é sempre um momento solene. Há dicionários que definem adoração como “reverência excessiva” com sendo algo que não se pode conter, que impulsiona alguém a se manifestar para expressar admiração, gratidão e devoção sincera. A palavra grega para adoração no Novo Testamento é *proskuneo*, que aparece cerca de sessenta vezes, inclusive quando Jesus repreendeu a satanás queo tentava e

³⁵⁶ Malaquias 1, 6- 8.

disse: “Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás”. Esta palavra é traduzida como adorar ou também como fazer reverência e significa literalmente “beijar a mão”.

Todo extremo é perigoso, inclusive na adoração, onde pode haver equívocos e exageros que podem desvirtuar o sentido central do que pode ser considerado autêntica adoração. O exagero do fanatismo, às vezes demonstrado por pessoas com problemas e desequilíbrio emocional, é um exemplo disso. Há pessoas que são tão fanáticas que aborrecem qualquer outro que pense diferente, pois o fanatismo facilmente se torna intolerante, como sendo único detentor da verdade, especialmente sob seu ponto de vista. Toda religião abriga algum grupo de fanáticos, que estão prontos para o confronto ou debate em nome da defesa de sua fé. Fanáticos facilmente tem problemas com familiares e com outros fieis.

É mais grave o fanatismo de um líder, que manipula pessoas e forma seguidores com sua visão, levando-os a um modo de adoração litúrgica desequilibrada. Há igrejas, com líderes fanáticos, que atraem pessoas doentes emocionais, e lhes fazem mais mal do que bem. É comum se encontrar em casas de repouso, muitos pacientes que alegam pertencer a estas igrejas, que as frequentaram e aprenderam os jargões usados na adoração nada litúrgica de seus cultos. Um professor de seminário disse uma ocasião na aula que, toda igreja tem pelo menos um “louco”, pois eles procuram as igrejas com esperança de achar alento e cura, mas geralmente pioram, infelizmente.

O emocionalismo pode não ser danoso como o fanatismo, mas também desvirtua a experiência religiosa e a aplicação da liturgia da adoração. Isso, sem contar que pessoas muito emotivas são de fácil manipulação e se permitem ser usadas por outras pessoas nem sempre sinceras, especialmente líderes inescrupulosos. Gente que tem tendência à melancolia chora quando se sente acolhida ou quando se sente rejeitada, chora quando está triste e chora de alegria, chora quando tem motivos e chora sem motivos. Pessoas assim se emocionam a cada oração, cada reflexão que toca o coração ou quando um hino é inspirativo. É claro que o choro é saudável, especialmente diante do Senhor, e é preciso se derramar diante dele sempre que se confessa pecados com arrependimento. Emocionar-se com as coisas do Reino de Deus não é problema, mas o exagero é desequilíbrio.

Partindo da premissa que todo extremo é perigoso, o extremo do

cerimonialismo também o é. A formalidade excessiva tira o brilho da própria cerimônia, desviando o foco do objeto principal para a cerimônia em si. Adoração e liturgia de culto não é um evento por si só, tem um alvo central que é agradar ao Senhor, mas isso pode ser impedido se houver um engessamento da prática, da maneira de se proceder na execução da ação litúrgica. Cerimônias especiais, como eventos que marcam ocasiões significativas podem requerer uma forma mais elaborada ou mesmo padronizada para cumprir aquilo que fora previsto anteriormente, porém, são exceções à regra e muitas vezes são conduzidas por alguém com título de “cerimonialista”. Eles já atuam em casamentos religiosos, justamente para que a cerimônia não fuja ao padrão, mas não combinam com o culto normal da igreja.

É mais comum nos cultos ocorrer o extremo do ritualismo, bem parecido com o cerimonialismo. O ritualismo é visto por alguns como uma fórmula, ou mesmo um modelo único do qual não se pode mudar nem mesmo as palavras usadas para não perder o sentido. Com leituras responsivas e respostas decoradas, com orações que estão na mente e não no coração, o excesso de ritualismo pode tirar a vida, a essência da liturgia, que não deve ser ditada, mas voluntária, o que não significa sem ordem. O excesso de ritualismo pode se tornar um extremo de solenidade que não será necessariamente reverência, e sim algo recitativo que todos já sabem o que vem a seguir, mecanicamente.

Em nome da liberdade e espontaneidade, vem o extremo da irreverência, que se torna, no mínimo um desrespeito ao Senhor. Existem igrejas cujo momento de culto não tem nada de solene ou de reverente, a começar pelo dirigente, que faz gestos exagerados, dá gritos e estimula os participantes a um comportamento completamente inconveniente para um culto. Os vizinhos se escandalizam com o som elevado das orações das músicas, criando cada vez mais resistência e rejeição à pregação de tais igrejas. Uma certa igreja em fez tanto barulho, que um vizinho chamou a polícia, pois as pessoas davam gritos de glória e aleluiase pulavam “em nome de Jesus”.

Adoração e reverência são duas palavras indissociáveis, portanto, pode-se concluir que toda adoração deve ser com reverência, ou perderá significado. Há várias expressões nos Salmos que demonstram reverência ao Senhor, como por exemplo, Salmo noventa e três, que diz: “O SENHOR reina; está vestido de majestade” e o Salmo 95, que convida a celebrar e se ajoelhar diante do Senhor:

Vinde, cantemos ao SENHOR; jubilemos à rocha da nossa salvação. Apresentemo-nos ante a sua face com louvores, e celebremo-lo com salmos. Porque o Senhor é Deus grande, e Rei grande sobre todos os deuses. Nas suas mãos estão as profundezas da terra, e as alturas dos montes são suas. Seu é o mar, e ele o fez, e as suas mãos formaram a terra seca. Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor que nos criou.³⁵⁷

Os escribas, encarregados de fazer cópias da lei, eram reconhecidos como especialistas no conhecimento da lei de Deus, e muitas vezes consultados sobre dúvidas na interpretação daquilo que escreviam. A reverência que demonstravam pelo nome de Deus era muito elevada, a ponto de evitarem até mesmo escrever o tetragrama sublime do nome Jeová em hebraico, para não correr o risco de tomarem o nome de Deus em vão, por isso passaram a usar a expressão *adonai*, que significa senhor. Isso nos mostra o quanto temos nos distanciado do ideal de reverência no trato com Deus. Pessoas que, durante um culto conversam distraidamente sobre outros assuntos ou usam celular para acompanhar redes sociais, demonstram desprezo e desrespeito ao Senhor no momento de adoração. Que se dirá dos cultos que são verdadeiros *shows* com os chamados “artistas *gospels*”? Parece absurdo, quando o assunto é adoração, que uma igreja pague determinado valor a um cantor para “fazer louvor” em certas ocasiões especiais, como aniversário da igreja ou congressos. Mesmo os músicos próprios da igreja, por vezes agem com estrelismo diante dos fiéis, desejando se destacar e receber elogios por fazer bonito no culto. Estes se enquadrariam naquela palavra de Jesus: “Já receberam sua recompensa” como os fariseus que costumavam orar em voz alta nas esquinas, querendo ser vistos pelos homens. Isso não pode ser reconhecido como culto ou adoração, pois não reverencia ao Senhor, dando-Lhe honra.

No livro de Habacuque, no final capítulo dois, um quadro do contraste entre a idolatria e o culto ao Deus verdadeiro, quando no verso vinte diz: “Mas o Senhor está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra”.³⁵⁸ Num quartel ou onde estiverem soldados, ao entrar um oficial, todos ficam de pé em respeito à presença do superior. De quanto maior respeito se deve ao Rei do Universo, Senhor dos senhores quando alguém se apresenta para honrá-Lo em adoração? Mais que aos chefes.

A consciência da presença de Deus deve provocar naturalmente reverente

³⁵⁷ Salmo 95,1-6.

³⁵⁸ Habacuque 2,20.

temor e respeito. O templo não é santo em si, mas é santo pela presença do Deus santíssimo. Na visão de Isaías, no capítulo seis, ele teve nitidamente essa sensação:

No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi também ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; a cauda do seu manto enchia o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas; com duas cobriam os seus rostos, e com duas cobriam os seus pés, e com duas voavam. E clamavam uns aos outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. E os umbrais das portas se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça.³⁵⁹

Os serafins que Isaías viu no templo representam o comportamento reverente que se deve ter na presença do Senhor: com duas asas cobriam seus rostos porque não ousavam olhar para o Senhor, tal o brilho de sua glória; com outras duas asas cobriam seus pés, sinal de profunda reverência na presença do Senhor e com duas asas voavam clamando uns para os outros: “Santo, Santo, Santo é o Senhor dos exércitos, toda a terra está cheia da sua glória!”. Isaías teve a sensação que seria fulminado. Consumido pela presença do Senhor, sendo ele pecador. A incompatibilidade da santidade de Deus com a presença do pecado é extrema. Não há comunhão entre a luz e as trevas, nem possibilidade de harmonia, a Bíblia diz que “sem a santificação ninguém verá o Senhor”.³⁶⁰

Se tornou costume, ultimamente se ficar de pé para o momento de cânticos, para que as pessoas possam se movimentar, bater palmas e levantar os braços, mas após os cânticos se assentam quando é hora de ler a Palavra de Deus. Isto pode ser uma inversão de valores, pois ficar de pé para cantar, nem sempre o é por motivo de reverência, mas por conveniência, para que se fique mais à vontade para se movimentar, enquanto assentar-se no momento da leitura demonstra falta de respeito à Palavra. É preciso fazer lembrar ao povo de Deus aquilo que tem ficado esquecido.

Houve momentos históricos de reavivamento espiritual que marcaram a vida do povo de Deus. Alguns, no Velho Testamento foram acontecimentos relativos à descoberta do Livro da Lei, que estivera perdido temporariamente. No tempo em que o Rei Josias reinou, aconteceu uma crescente busca pela obediência a Deus, após a descoberta do livro perdido no templo. Quando tinha apenas 16 anos Josias começou a buscar ao Senhor e aos 20 anos já tomava a iniciativa de purificar a Judá e Jerusalém da idolatria que seus antecessores haviam permitido entrar no meio do

³⁵⁹ Isaías 6,1-4.

³⁶⁰ Hebreus 12, 14.

povo de Deus.

Esta história está registrada no Segundo Livro de Crônicas capítulo 34. Quando o rei ordenou a reforma do templo, o sacerdote Hilquias encontrou o Livro da Lei e o entregou a Safã, o escrivão, que o leu diante do rei. Ao ouvir a leitura, o rei “rasgou suas vestes” e mandou que consultassem ao Senhor acerca das palavras do Livro, imaginando que seria grande o furor do Senhor contra eles, porque seus pais não haviam “guardado a Palavra do Senhor”. A profetiza Hulda confirmou os seus temores, então ele convocou todo o povo para ouvir a leitura do Livro da Lei e se colocou de pé e fez concerto com Deus de guardar seus mandamentos e cumpriras palavras do concerto escritas naquele Livro. O povo todo, de pé, também fez concerto com ele.

Como resultado do concerto que fizera, o rei Josias tirou todas as abominações de todas as terras dos filhos de Israel e obrigou que com culto servissem ao Senhor seu Deus. Enquanto esse rei foi vivo, o povo não se desviou de servir a Deus. Logo celebraram a páscoa durante sete dias, com uma grandiosidade que não se via desde os tempos do profeta Samuel. Ezequias, o bisavô do rei Josias já havia purificado o templo no seu reinado, reestabelecendo o culto a Deus, mas os reis Manassés e Amom agiram com impiedade o povo se desviou com eles, mas o Rei Josias promoveu um grande reavivamento no seu reinado, mostrando repúdio à idolatria e pacto com o Senhor³⁶¹.

O povo viveu uma experiência parecida nos dias de Esdras e Neemias, quando haviam retornado da Babilônia para Jerusalém. Nesse período estavam espiritualmente enfraquecidos e se misturavam com outros povos pagãos. Dois líderes foram promotores da reconstrução dos muros da cidade e no sétimo mês, conforme está registrado em Neemias 8, o povo se ajuntou na praça para leitura do Livro da Lei de Moisés. Desde a alva até ao meio dia ficaram de pé ouvindo o sacerdote Esdras ler e explicar as palavras deste livro. E o povo chorava ouvindo a leitura. Neemias, porém, dizia ao povo para não chorar, pois este seria um dia santo, de alegria e não de tristeza. Logo aconteceu a festa dos tabernáculos, mas houve em seguida um outro momento de leitura do Livro da Lei e povo mostrou arrependimento e fez confissão de pecados.

E leram no livro, na lei de Deus; e declarando, e explicando o sentido, faziam que,

³⁶¹ II Reis 22, 23

lendo, se entendesse. E Neemias, que era o governador, e o sacerdote Esdras, o escriba, e os levitas que ensinavam ao povo, disseram a todo o povo: Este dia é consagrado ao Senhor vosso Deus, então não vos lamenteis, nem choreis. Porque todo o povo chorava, ouvindo as palavras da lei. Disse-lhes mais: Ide, comei as gorduras, e bebei as doçuras, e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque este dia é consagrado ao nosso Senhor; portanto não vos entristeçais; porque a alegria do Senhor é a vossa força. E os levitas fizeram calar a todo o povo, dizendo: Calai-vos; porque este dia é santo; por isso não vos entristeçais.³⁶²

Na história da Igreja cristã, outros grandes avivamentos ocorreram e se tornaram célebres, como os grandes reavivamentos entre os morávios, entre os ingleses e americanos no século XVIII. No século XX ocorreram dois significativos movimentos, com consagração de vidas, conversão de pecadores e expansão da obra missionária no País de Gales e na África do Sul. Todos esses reavivamentos tem ênfase na conversão definitiva ou renovação do compromisso firmado com Deus, como também compromisso de um grupo ao lado de Deus, como comprometimento de fé e vitalidade espiritual. Esses movimentos sempre fizeram parte da tradição cristã.

4.9.

O culto deve ter como prioridade agradar a Deus, como Ele estabeleceu

O século XX trouxe algumas mudanças no comportamento das pessoas no culto de adoração. Talvez a liderança tenha sido responsável por essa mudança de comportamento, quando começou a se preocupar excessivamente em agradar ao público para evitar a evasão dos fiéis, que estaria ocorrendo, e assim tenha feito adaptações para agradar às pessoas. É visível essa atitude nos grupos neopentecostais, que tratam os frequentadores do templo como clientes³⁶³, o que caracteriza inversão de valores, quebra da proposição do culto dedicado ao Senhor. Os neopentecostais são um grupo com perfil próprio no que diz respeito à prática teológica. A ênfase no tripé “prosperidade, exorcismo e curas” é uma característica principal de suas pregações. O próprio fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo afirma que prefere que sua igreja seja considerada como um movimento religioso e não como uma denominação. Há grande controvérsia, inclusive se se pode considerar igrejas neopentecostais como evangélicas. Um

³⁶² Neemias 8, 8- 11.

³⁶³ CAMPOS, L. S., Templo, teatro e mercado, p. 191.

dos maiores problemas dessas igrejas é a centralidade antropológica que desloca o foco do culto para as pessoas e sua felicidade aqui e agora, em detrimento de quaisquer preocupações escatológicas.

A cultura neopentecostal da atualidade deturpou o conceito de culto e tem influenciado até as igrejas mais tradicionais através da música e dos jargões triunfalistas que se difundem no meio evangélico. Com essa influencia o culto na maioria das igrejas evangélicas tem se tornado antropocêntrico em detrimento de ser teocêntrico. Muitos não adoram a Deus pelo que Ele é, mas pelo que pode e deseja receber d'Ele. O culto, assim, se torna um encontro onde o adorador manifesta suas vontades e suas necessidades. Se estas pessoas ouvissem o discurso de Jesus em João 6, desistiriam d'Ele. Pedidos se tornam prioridade e pouco ocorre o “oferecer-se” ao Senhor sem interesse de ganho.

A adoração é o ato da igreja reunida em que louvor e honra são dirigidos a Deus pelos seus dons preciosos a seu povo em Jesus Cristo e através dele. A chave da verdadeira adoração não é o homem, mas Deus. O Deus da bíblia revelou-se de tal maneira a nós que a natureza do culto cristão é determinada pelo seu caráter.³⁶⁴

Esse desvio do objetivo do culto aconteceu, sem que a maioria percebesse, que estava ocorrendo uma mudança de foco e o culto em muitas igrejas deixou de ser adoração para se tornar entretenimento e busca de bênçãos. Músicas que são expressão de um verdadeiro narcisismo, como momentos de exaltar a importância da pessoa, seu valor, como uma ferramenta de autoajuda, para que o frequentador/a do culto saia feliz ao final, acreditando que “sua vitória” está chegando. Uma música gospel muito cantada no rádio, dá a impressão que a bênção de Deus pode ser uma vingança. Sua letra tem uma frase assim: “A minha vitória hoje tem sabor de mel!”³⁶⁵

Anderson Freire, um cantor muito apreciado pelos jovens canta uma música chamada “Raridade” que é uma verdadeira exaltação da pessoa, até Deus reconhece o seu valor. Mas as pessoas cantam chamando isto de “louvor”. “Você é um espelho que reflete a imagem do Senhor; Não chore se o mundo ainda não notou Já é o bastante Deus reconhecer o seu valor; Você é precioso, mais raro que o ouro puro de ofir”.³⁶⁶

³⁶⁴ SHELLEY, B. L., A Igreja, p. 80.

³⁶⁵ DAMARES, OLIVEIR E., Sabor de mel.

³⁶⁶ FREIRE, A. R., Raridade.

O foco do culto deve ser adorar a Deus e não apenas cantar, orar e ouvir uma palavra de conforto. Deve ser um momento de apresentar-se a Deus individualmente e oferecer-se de corpo e alma em espírito e em verdade. A prioridade do culto não é uma busca de ser abençoado, não se deve estar no centro das atenções, afinal, o culto é para Deus e não para as pessoas. O problema aqui está no objetivo, o que se busca, o meio ou o fim. Quem é agradável a Deus, adorando de forma aceitável, certamente será abençoado, estará desfrutando da Sua presença provedora e nada lhe faltará. O salmista do salmo 37, 4 diz: “Deleita-te no Senhor e Ele te concederá o que deseja”.

Contudo, isto depende do conceito que cada um tem de culto e adoração, e quem forma este conceito é a própria igreja, pela forma como trata o assunto, pelo que prioriza e demonstra. Será que se pensa que Deus aceita qualquer coisa que se faça? O livro de Malaquias registra Deus rejeitando aqueles que traziam cordeiros defeituosos para o sacrifício. Deus condenava também os sacerdotes que eram coniventes com esse comportamento, como que, querendo agradar às pessoas, que queriam cumprir uma obrigação de trazer o sacrifício, mas não traziam o seu melhor.

Os batistas entendem que o tempo dos sacrifícios foi superado em Jesus Cristo, o culto é uma oferta, expressão de adoração ao Senhor, assim como os sacrifícios do Velho Testamento também eram. Os padrões exigidos por Deus na prática dos sacrifícios se aplicam também aos cultos de adoração do Novo Testamento, principalmente a questão da centralidade de Deus, conforme Romanos 11, 36: “tudo é dEle, por Ele e para Ele”. O culto deve ser cristocêntrico. O culto bíblico no Novo Testamento não inclui sacrifício, pois o sacrifício de Jesus foi cabal, não há mais necessidade de pagamento pelos pecados, Ele pagou o preço total, mesmo sabendo que era um preço alto demais.

Quando João Batista encontrou Jesus disse: “Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Jesus tinha plena consciência que seria sacrificado, quando falava com seus discípulos. Um dia falou para os discípulos: “Não vim para ser servido, mas para servir e dar a minha vida em favor de muitos”³⁶⁷. São Paulo escreveu aos Efésios, capítulo cinco, que Cristo se entregou a Deus em sacrifício a Deus, em cheiro suave. Em Hebreus 9,28 lemos que Cristo ofereceu-se uma vez,

³⁶⁷ Marcos 10, 45.

para tirar os pecados de muitos, e quenão era apenas mais um sacrifício, mas “o sacrifício” final e suficiente, por isso não se requer a prática de holocaustos no cristianismo. O culto não seria mais dessa forma.

A identificação de Jesus Cristo como sendo o próprio Deus encarnado ficou clara em João capítulo oito, quando Ele fez um discurso sobre a sua missão. Ao assumir sua identidade como Deus, Jesus atrai para si atenção e adoração devidas a Deus. Ele disse aos discípulos: “Quando eu for levantado, todos atrairei a mim”.³⁶⁸ Cristo passa a ser o centro de toda adoração e culto e logo se percebe uma diferença do culto cristão e o culto dos judeus. Não encontramos no Novo Testamento as mesmas normas e exigências do Velho Testamento, o próprio Jesus não demonstra preocupação com o cumprimento de todos os rituais e cerimoniais dos judeus, no entanto, os padrões que Jesus estabeleceu estão num patamar mais elevado, a nível de consciência de intenção.

No entanto, há várias referências ao sacrifício espiritual desde os ensinamentos de Jesus aos ensinamentos do Apóstolo Paulo. Paulo se refere ao bem que os Filipenses lhe fizeram através de donativos, como sacrifício agradável e aprazível a Deus, como um cheiro suave³⁶⁹. O significado se encontra no amor em servir, o que agrada ao coração de Deus. A liturgia praticada no serviço aos irmãos é culto agradável a Deus. Até um escriba que disputava com Jesus já entendia assim, quando disse:

E o escriba lhe disse: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que há um só Deus, e que não há outro além dele; E que amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios.³⁷⁰

Quando Jesus disse: “Misericórdia quero e não sacrifício”, em Mateus capítulo nove, estava citando Oseias capítulo seis, verso seis, um momento em que Deus mostrava sua insatisfação com a adoração que o povo Lhe prestava através dos sacrifícios, os quais não correspondiam a uma vida de obediência. O sacrifício em si mesmo não teria significado sem o conhecimento de Deus, a compreensão da vontade intencional do Senhor. Ainda que os fariseus fossem conhecedores da lei, mostraram que não conheciam a intenção de Deus com a lei dos holocaustos, que Ele mostrou em Jeremias capítulo sete:

³⁶⁸ João 12,32.

³⁶⁹ Filipenses 4, 18.

³⁷⁰ Marcos 12, 32, 33.

Porque nunca falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios. Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; e andai em todo o caminho que eu vos mandar, para que vos vá bem.³⁷¹

O fazer sacrifício aparece poucas vezes no Novo Testamento e com uma conotação espiritual, considerando a suficiência do sacrifício de Jesus. Não há mais necessidade de sacrifícios e de derramamento de sangue. Em Hebreus capítulo dez, está a razão do sacrifício de Jesus: fazer a vontade do Pai e fazer cumprir o concerto que Deus prometera fazer com seu povo. No capítulo treze a ênfase está no sacrifício de louvor, ou seja, a forma de adorar a Deus com a vida, com o fruto dos lábios que confessam o seu nome. Quem confessa o nome do Senhor, está fazendo algo de tanto valor, que é comparado a um sacrifício. “Portanto, ofereçamos sempre por ele a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome. E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque com tais sacrifícios Deus se agrada”.³⁷²

São Paulo escreveu ao Romanos no capítulo doze sobre o culto racional, como uma atitude de quem, conscientemente escolheu se oferecer a Deus como um sacrifício vivo, santo e agradável. Ele chama esta atitude de culto racional, ou seja, culto inteligente. Note-se que ele usa a expressão: “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”. Esse “sacrifício vivo” é consagração, rejeição ao mundo e como consequência, experimentar a vontade de Deus, que é “boa, agradável e perfeita”.

Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.³⁷³

O texto bíblico mais elucidativo sobre adoração no Novo Testamento é a narrativa do encontro de Jesus com a mulher samaritana. Nesta oportunidade Jesus jogou por terra os preconceitos dos judeus, que desprezavam os samaritanos por não serem puros e as mulheres. Justamente neste contexto, conversando com uma mulher samaritana, Ele oferece um ensino determinante acerca da adoração. Ainda que reconhecesse que os judeus adoravam o que sabiam, não deu importância às questões ritualísticas, às quais eles davam excessivo valor, mas apresentou uma

³⁷¹ Jeremias 7, 22, 23.

³⁷² Hebreus 13,15, 16.

³⁷³ Romanos 12, 1, 2.

dimensão inovadora acerca do que Deus procura. “Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade”.³⁷⁴

Asaph borba afirma que Deus deseja encontrar quem busque ter um relacionamento verdadeiro com Ele. “Outro aspecto importante é que o Pai não procura adoração. Deus procura adoradores. Adoração fala de um resultado, enquanto adorador fala do indivíduo, docoração a quem a Pai tanto busca e quer achar”.³⁷⁵

Outro desvio significativo é a compreensão do culto apenas no Templo. A igreja primitiva se encontrava no templo e nas casas e houve tempo em que a igreja tinha apenas as casas, mas nunca deixou de ser igreja por isso. Há igrejas em lugares de perseguição que se reúnem, ainda nos dias de hoje, apenas nas casas. O culto do templo se torna evento, como se Deus estivesse apenas ali. Isso retoma a figura do templo do Velho Testamento, onde havia um lugar considerado lugar da presença de Deus, lugar dos sacrifícios e o povo não entendia que pudesse adorar fora dali. Essa era a dúvida da mulher samaritana ao conversar com Jesus, pois os samaritanos tiveram de optar por adorar noutro lugar quando ficaram sem o templo.

O neopentecostalismo enfatiza fortemente a figura do templo com lugar de poder, numa tentativa de associar o templo de hoje com o templo do Velho Testamento. No entanto isso não acontece sem um propósito de interesse não tão nobre quanto a adoração, pois sabe-se que é no templo que se faz a coleta de ofertas, característica inegável dessas referidas igrejas.

Para dar ao templo este sentido de lugar sagrado, os pastores procuram fazer uma ligação significativa entre o templo e Israel, especialmente nas campanhas. “É no templo que acontece a oração forte”, oração “energizada”, é o local da “aliança energética com Jesus”. Não existe, como nas igrejas evangélicas tradicionais, o conceito de igreja como povo, pelo contrário, quando se refere à igreja, a ideia está associada ao templo, ao local, onde, segundo a pregação dos pastores, opera o “Espírito da criação. Para concretizar esta ideia, há uma preparação do templo com símbolos usados no culto, de maneira que a pessoa se sinta à vontade, em contato com muitos símbolos que lhe são familiares”.³⁷⁶

O cristianismo não é igual ao judaísmo em muitos aspectos. Esse é um deles.

³⁷⁴ João 4,23, 24.

³⁷⁵ BORBA, A., Adoração, p. 25.

³⁷⁶ FERNANDES, W., Jesus cristo é o senhor, p. 61.

O que Jesus disse à mulher samaritana era quebra de um paradigma, uma maneira nova de se pensar adoração e praticar culto ao Senhor. A questão não é o lugar, mas o adorador e seu estilo de vida quando está fora do templo, numa abrangência total de sua vida. Isso não seria uma novidade, pois em Isaias, em Amós e Malaquias Deus já cobrava algo assim do seu povo. O culto deixaria de ser evento, apenas um momento no templo, e passaria a ser a vida integral do adorador. O foco muda do local para o adorador.

A presença de Deus ganharia novo sentido para os cristãos com a presença do Espírito Santo que passaria a estar seus discípulos para sempre, sendo o próprio Deus presente no cotidiano. Aos Efésios, Paulo diz que eles que, quando creram foram selados com o Espírito Santo da promessa para o dia da redenção, o qual é o penhorda nossa herança.³⁷⁷ Aos Coríntios, ele diz o mesmo, mas também ensina que os crentes são templo de Deus e que o Espírito Santo habita em nós.³⁷⁸ Se no Velho Testamento, o templo era considerado lugar onde Deus estava, no Novo Testamento, a presença de Deus é uma constante e pode-se desfrutar do Emanuel, sendo templo, ou seja, morada permanente de Deus.

O que isso muda acerca da adoração e da liturgia depende do grau de importância que se atribue a essa presença de Deus em cada um. No lugar chamado “santo dos santos” no templo de Israel, o local onde ficava a arca do concerto, lugar da presença de Deus, ninguém poderia entrar estando em pecado. Para que o sumo sacerdote entrasse, primeiro teria que fazer purificação e expiação pelo seu pecado, assim, um fiel que é templo de Deus deve também se santificar e se purificar do pecado para ter Deus presente em sua vida. A santificação é que dá validade à liturgia da adoração, e não a formalidade.

Se o santuário se torna santo pela presença do Senhor e requer atitude reverente e respeitosa na adoração, quanto mais isto implica quando se entende que, a partir do Novo Testamento, cada um é santuário de Deus.³⁷⁹ A adoração sendo um estilo de vida, mediante da presença real do Espírito Santo torna a santificação imprescindível. Daí se entende quando São Paulo diz: “Vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim”. Liturgia passa a ser mais que uma ordem de culto, ritual de cerimônia, para ser vida de serviço a Deus e ao próximo. Uma vida de adoração é

³⁷⁷ Efésios 1,13, 14; 4: 30.

³⁷⁸ I Coríntios 3, 16.

³⁷⁹ I Coríntios 3, 16.

aquela em que se pode dizer que se vive como Jesus vivendo em nós: “E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai”.³⁸⁰

Onde quer que, na igreja, se tenha perdido a autoridade da Bíblia, onde Cristo tenha sido colocado de lado, o evangelho tenha sido distorcido ou a fé pervertida, sempre foi por uma mesma razão. Nossos interesses substituíram os de Deus e nós estamos fazendo o trabalho dele a nosso modo. A perda da centralidade de Deus na vida da igreja de hoje é comum e lamentável. É essa perda que nos permite transformar o culto em entretenimento, a pregação do evangelho em marketing, o crer em técnica, o ser bom em sentir-nos bem e a fidelidade em ser bem-sucedido. Como resultado, Deus, Cristo e a Bíblia vêm significando muito pouco para nós e têm um peso irrelevante sobre nós. Deus não existe para satisfazer as ambições humanas, os desejos, os apetites de consumo, ou nossos interesses espirituais particulares. Precisamos nos focalizar em Deus em nossa adoração, e não em satisfazer nossas próprias necessidades. Deus é soberano no culto, não nós. Nossa preocupação precisa estar no reino de Deus, não em nossos próprios impérios, popularidade ou êxito.³⁸¹

A Bíblia é o manual de adoração para a igreja, e quando ela perde a autoridade, perde-se a referência e ocorrem os desvios lamentáveis, o que ocorre em algumas muitas congregações. Deus já revelou seus critérios, já cobrou diligência e coerência de seus adoradores para que se façam aceitáveis, no entanto, há pessoas que querem estabelecer seus próprios critérios, formulando seus padrões como lhes seja agradável, em detrimento de agradar àquele a quem deve ser oferecido o louvor e a liturgia da adoração. A teologia da prosperidade é um exemplo disto, a igreja pretendendo determinar como Deus deve se comportar para atender aos caprichos das pessoas, como se o criador estivesse em dívida com a criação, uma verdadeira inversão de ordem das coisas.

A tendência da influência neopentecostal nos cultos das igrejas históricas tem sido cada vez mais visível, e por vezes, parecem perder a centralidade na Palavra para dar mais espaço para outras coisas. Não é um privilégio do Brasil, pois isso já era percebido nos Estados Unidos anteriormente, no final do século passado, conforme Owens descreve nesta experiência:

Recentemente, no começo do Seminário de Return to Worship, um pastor compartilhou comigo que agora tinha menos de vinte minutos para pregar aos domingos pela manhã porque era necessário mais tempo para “adoração”. Ele disse que a parte musical do culto estava se expandindo, e, agora que um esquete estava sendo incluído a cada semana, alguma coisa tinha de ser cortada. Tinha feito uma pesquisa entre os membros da igreja. A questão era: qual a sua preferência?

³⁸⁰ Colossenses 3: 17.

³⁸¹ ALIANÇA DE EVANGÉLICOS CONFESSIONAIS. Declaração de cambridge.

Aumentar o culto em 15 minutos? Diminuir o tempo do louvor? Encurtar o sermão? A maioria escolheu ter um sermão mais curto. À medida que analisamos isto, muita coisa vem à tona. Antes de mais nada, esta situação não é única. É, ao contrário, um quadro da igreja de hoje, tanto do ponto de vista da liderança quanto da congregação. O povo deseja ser entretido, e a liderança da igreja é constrangida a agradar. Se o povo deseja mais música e teatro, nós os daremos para ele. Hoje, música e esquetes conquistaram preferências sobre o sermão em muitas de nossas igrejas.³⁸²

A consciência clara da vontade de Deus, o conhecimento de seus ensinamentos somados à disposição à obediência podem ser decisivos para que se realize cultos agradáveis a Deus. É essencial que haja zelo e uma atitude sincera ao cultuar. A história bíblica descreve momentos em que Deus rejeitou adoração, como também momentos em que Deus se agradou do culto que Lhe fora prestado. Quando se deseja fazer o que é certo, ser aceito e agradável, é essencial que se conheça essa história.

4.10. A responsabilidade dos líderes

Na década de 1990, um pastor de uma igreja na Grande Vitória, ES, estava desconfortável com o pouco crescimento de seu rebanho, quando soube que havia um pequeno grupo se reunindo para orar com maior intensidade.³⁸³ Ao se aproximar do grupo, percebeu que não eram muito tradicionais na sua maneira de se comportar, mas pareciam muito animados, então ele pensou consigo mesmo que aquele poderia ser o começo de um avivamento. Então incentivou aquelas pessoas, divulgou para a igreja o que eles faziam, de maneira que muitos outros aderiram ao movimento, contagiando o grupo quase completamente, parecia ser o início de uma nova história, que a igreja experimentaria, enfim o crescimento tão almejado.

Quando percebeu que as coisas estavam tomando rumos não desejados, o pastor tentou alertar a igreja para os desvios que ocorriam naqueles encontros. O culto parecia uma grande festa, mas não tinha mais nenhuma liturgia e o emocionalismo era exagerado. Outras pessoas de fora se agregaram, mas não queriam ser discipuladas no estudo da Palavra, era uma situação fora do controle do pastor da igreja que, sendo o líder espiritual, deveria conduzir o rebanho e não ser conduzido pelas circunstâncias. Pensando na sua responsabilidade perante

³⁸² OWENS, R., Retorno à adoração, p. 106.

³⁸³ Acerca desta situação, não há registro para se consultar, porém, o pesquisador acompanhou de perto a história, por pastorear uma igreja próxima e conhecer pessoalmente o referido pastor.

Deus, ele fez um sermão sobre o culto que agrada a Deus e não foi bem compreendido, eles já não o ouviam como antes. Quando ele propôs um realinhamento da igreja às doutrinas e à adoração bíblicas, das quais estariam se desviando, foi rejeitado e perdeu o ministério.

O líder precisa estar cômico de sua responsabilidade de porta voz de Deus para o rebanho, ele é a referência, a quem Deus dá a visão. Há uma experiência registrada no livro de Êxodo, no capítulo trinta e dois, que mostra o exemplo de Moisés como líder temente a Deus e zeloso pelo culto. Ele havia estado no Monte Sinai, onde recebera das mãos do Senhor as Tábuas do Testemunho, mas próprio Deus o alertou que descesse, o povo estava se corrompendo. Qual não foi a sua decepção ao encontrar o povo fazendo uma grande festa, adorando um bezerro de ouro que fizeram para lhes ser como deus. Moisés havia deixado Arão na liderança do povo enquanto estivesse no Monte, mas ele não foi capaz de liderar, se deixou conduzir pelo que eles queriam ao invés de reprovar sua idolatria.

Moisés ouviu as músicas de festa, viu o bezerro de ouro que fizeram e ficou furioso, a ponto de arremessar as tábuas de suas mãos e quebra-las ao pé do monte. Ele mesmo pegou aquele bezerro e o queimou, e tratou de disciplinar os idólatras, pois nem todo o povo havia aderido àquela idolatria. Mesmo estando tão decepcionado e irado com o povo, logo em seguida Moisés fez propiciação pelo pecado que haviam cometido e intercedendo junto a Deus para que não os destruísse. Ele se colocou entre o Senhor e o povo, pedindo perdão com tanta veemência que se Deus não perdoasse o pecado do povo, que riscasse seu nome do Seu livro. Ele foi um líder comprometido.

Os ministros são líderes colocados por Deus sobre o seu povo para ensinar, conduzir e disciplinar com a autoridade espiritual que lhe é outorgada. Numa igreja, o líder tem responsabilidade quando seu rebanho segue por caminhos errados por falta de conhecimento. Deus cobrou isto dos profetas e sacerdotes no Velho Testamento e não será diferente agora, pois mais do que nunca, com tantas informações disponíveis da internet, e tantos pregadores de interpretações equivocadas da bíblia, as ovelhas carecem muito do verdadeiro ensino da Palavra para que não se desviem. Não aconteça que a igreja erre por falta de conhecimento.

Os líderes não podem aceitar que as pessoas lhe digam o que deve fazer, ou perderá sua autoridade. Os ministros são os especialistas nos assuntos espirituais, os que se prepararam para estar à frente da igreja, seja em cursos de teologia, em

Exegese, Psicologia ou Administração Eclesiástica. A formação é imprescindível para capacitar um ministro, mas não é a quantidade de certificados ou a experiência adquirida que lhe dará autoridade. A autoridade para conduzir um rebanho vem do Senhor, como Moisés, que tinha intimidade com Deus, falava com Ele com liberdade e O ouvia com atenção, pois mesmo depois de descer do Monte Sinai, tinha uma tenda separada para seu encontro diário com o Divino. Não há quem conteste a autoridade de um líder que tem intimidade com Deus.

Moisés era um líder, cuja credencial era ser íntimo de Deus, logo, conhecia o Senhor o suficiente para saber o que Lhe agradava e o que O aborrecia. Não seria difícil para ele saber que aquilo que o povo estava fazendo não era um culto e ele não poderia concordar que continuassem com aquela prática. Era sua responsabilidade de líder dizer a eles como Deus deseja ser adorado. Assim também, espera-se que os líderes da igreja no século XXI conheçam a Deus como Moisés, que entendam a mente de Deus para ensinar ao rebanho como se deve viver e adorar de forma a agradá-Lo em tudo. A igreja acredita que a pregação da Palavra seja Deus falando através do pregador, que o pregador prepara o sermão, mas Deus é quem dá a mensagem. Grande responsabilidade!

O bom líder é aquele que intercede pelas ovelhas de seu rebanho, mesmo quando elas estão erradas, e se coloca entre elas e Deus. Mesmo depois de uma decepção com o grupo, Moisés estava disposto a defendê-lo diante de Deus, afinal, este era o seu rebanho, sobre o qual tinha responsabilidade. Um líder espiritual sempre prestará contas a Deus pelos que lhe foram entregues para liderar, por isso há se sentir comprometido com sua missão. O exemplo de Jesus mostra como é ser um bom pastor: “O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas!”.³⁸⁴

Nosso desafio é permanecer atualizados, para servir à nossa geração, sem, contudo, alterar de forma alguma a Palavra de Deus. Estilos e métodos mudam e precisam ser atualizados. Mas, e a verdade? Essa é eterna. Não está sujeita a mudanças. A questão chave pode ser expressa em uma única sentença. Devemos estar dispostos a deixá-lo familiar sem perturbar o essencial. Para ministrar eficazmente, a igreja precisa despertar para aquilo que muda e o que não muda.³⁸⁵

O que dá autoridade ao líder religioso não é título que ostenta, ou a instituição que o tenha nomeado, mas sua intimidade com Deus, a ponto de poder dizer com segurança: “Assim diz o Senhor!”.

³⁸⁴ João 10,11

³⁸⁵ SWINDOLL, C., A noiva de Cristo, p. 138.

5 Conclusão

Não há como negar que a Igreja Católica é a maior referência em termos de liturgia de culto para os evangélicos atualmente. Depois do Concílio Ecumênico Vaticano II, que foi um conclave de conclusões muito corajosas, como a liberdade de consciência, o sacerdócio universal dos fiéis, a centralidade da Palavra de Deus e a participação dos leigos na liturgia, esta Igreja atraiu um olhar de maior empatia por parte dos evangélicos.

A Liturgia católica é preciosa e relevante, um fator que contribui grandemente na preservação da identidade cültica desta Igreja, algo que os batistas, aparentemente, perderam. Há pequenos detalhes que fazem diferença em relação à liturgia. Um deles é a reverência no templo, independentemente de ser momento de culto ou não. Particularmente me sensibilizo a cada vez que entro num templo católico, e não saberia explicar o que me causa este sentimento, mas há sempre uma sensação de solenidade até mesmo no silêncio.

Talvez os católicos tenham conservado isto do judaísmo, o conceito da presença de Deus no templo, que pode ser associada às imagens, especialmente ao crucifixo, diante do qual todo católico faz o sinal da cruz. A liturgia tem um aspecto solene que requer atenção de todos os participantes, um valor que esta igreja não perdeu, mesmo com a inclusão de outros elementos mais informais. É claro que há alguns eventos, especialmente aqueles com os padres cantores, que não são tão formais, mas de um modo geral, há de se reconhecer que uma missa católica é solene e de grande reverência, reforçada pela celebração da eucaristia.

Dois fatores contribuíram para que a Igreja Batista sofresse perda de Liturgia. Primeiramente, o templo, que geralmente é usado para reuniões diversas e ensaios, com circulação de pessoas sem a devida reverência, que se nota numa igreja católica. Provavelmente porque os batistas não consideram o templo como “Casa de Deus”, mas sim, local de encontro dos fiéis. Não há imagens ou símbolos que representem a presença do Senhor, pois a ênfase sempre é que os crentes são o verdadeiro templo do Espírito Santo, e que o templo em os crentes cultuando, é uma casa como outra qualquer.

O segundo fator que, provavelmente contribua para o prejuízo da liturgia, é

que a eucaristia, tratada como “Ceia do Senhor”, não é uma celebração dominical, mas mensal e em algumas igrejas bimestral. Sem dúvida, este é um dos momentos litúrgicos mais solenes que a igreja batista conserva, mas é um evento e não um sacramento. O padrão de celebração se repete, há sempre uma introspecção na congregação que chega mesmo ao quebrantamento de alguns. Se a Ceia do Senhor fosse uma celebração dominical, certamente contribuiria para tornar o culto batista mais solene e reverente.

Chego ao final deste trabalho com um desejo muito sincero que ele se torne uma contribuição relevante para quem o ler, seja com objetivo acadêmico, seja com intenção devocional, no interesse de refletir acerca da adoração que agrada a Deus. O que me provocou esta pesquisa foi uma inquietação interior que me confrontava com a liturgia do Velho Testamento quando lia as experiências do povo de Israel sendo rejeitado por Deus, ao trazer sacrifícios que não correspondiam à vida real. Até que ponto se poderia pontuar a relação entre a perda da identidade da igreja e a falta de conservação de um padrão litúrgico nos cultos.

Ser o que se celebra, é a proposta, nada de fazer culto, prestar adoração como evento ou por aparência, senão com uma atitude humilde de constante correção para se chegar ao ideal de ser agradável ao Senhor. O cristianismo não é como o judaísmo, quando as pessoas iam ao templo ou à sinagoga para orar e oferecer sacrifícios ao Senhor, sendo que isso não passava de evento momentâneo, pois logo se esqueciam de seus votos e viviam de maneira indiferente. Jesus apresentou uma visão além daquilo que os judeus praticavam e desafiou seus seguidores a exceder a justiça dos escribas e fariseus, superar aquilo que a lei estabelecia com norma.

O cristianismo se propõe a ser uma experiência religiosa pessoal e não uma norma obrigatória repetitiva como cumprimento de uma exigência, como se gratidão e devoção pudesse ser uma coisa a se cobrar de alguém. No início, a prática do culto através dos holocaustos era sempre um gesto de adoração por gratidão, mas no tempo de Jesus, parecia mais um ritual obrigatório. Nessas ocasiões, os escribas e fariseus se colocavam como fiscais que vigiavam Jesus e seus discípulos quando deixavam de cumprir qualquer dos rituais.

Então falou Jesus à multidão, e aos seus discípulos, Dizendo: Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus. Todas as coisas, pois, que vos disserem que observeis, observai-as e fazei-as; mas não procedais em conformidade com as suas obras, porque dizem e não fazem; Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem aos ombros dos homens; eles, porém, nem com seu dedo querem movê-los;

E fazem todas as obras a fim de serem vistos pelos homens; pois trazem largos filactérios, e alargam as franjas das suas vestes, E amam os primeiros lugares nas ceias e as primeiras cadeiras nas sinagogas, E as saudações nas praças, e o serem chamados pelos homens; Rabi, Rabi. Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos. E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus.³⁸⁶

A religião judaica estava descaracterizada pelos seus líderes, que viviam uma religiosidade de hipocrisia, exigiam dos outros o que eles mesmos não praticavam, desejavam impressionar pela aparência, buscavam destaque e reconhecimento dos homens. Jesus podia ver o coração deles e os desmascarava publicamente: essa atitude não seria aceitável diante de Deus, o que eles fazem não poderia ser considerado como adoração, mesmo que cumprissem toda a liturgia prevista na lei. É preciso mais do que isto, para ser um verdadeiro adorador, esta é a essência da experiência cristã, que o Senhor Jesus enfatizou de vários ângulos diferentes: “Ser o que se celebra!”

Jesus não condenava o zelo dos fariseus, condenava suas intenções, sua vaidade e hipocrisia. Eles cumpriam a lei, mas nada mais que a lei. Mais adiante São Paulo vai ensinar sobre isto aos Gálatas: “a lei nos serviu de intermediário para Cristo”, ou seja, a lei não é um fim em si mesma, ainda que seja boa, mas seu objetivo é preparar o povo para receber o Messias, que nos elevaria à condição de filhos de Deus, como filhos emancipados que não necessitam mais de intermediários.

De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados. Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo de aio. Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus.³⁸⁷ Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome; Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.³⁸⁸

A nova dimensão religiosa que o cristianismo trazia não estava limitada a formalidades como o judaísmo, pois mostra que a intenção do coração vale mais que a aparência cerimonial. Jesus se referiu à oração, à esmola e ao jejum, para mostrar que o que interessa é que Deus veja, e não os homens. Que os atos de culto não sejam apenas um ritual, mas sim, uma relação íntima com o Senhor, mesmo

³⁸⁶ Mateus 23,1- 9.

³⁸⁷ Gálatas 3, 24-26.

³⁸⁸ João 1,12, 13.

que ninguém mais o saiba ou veja. Do ponto de vista dos fariseus, Jesus e seus discípulos quebravam a Lei, mas na verdade, Jesus estava cumprindo a Lei no seu espírito, no seu objetivo principal.

Ora, o fim do mandamento é o amor de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida. Do que, desviando-se alguns, se entregaram a vãs contendas; querendo ser mestres da lei, e não entendendo nem o que dizem nem o que afirmam. Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela usa legitimamente.³⁸⁹

Quando as igrejas batistas declaram que deseja se aproximar e se identificar com a igreja cristã de Jerusalém, é porque acreditam que esta igreja estaria mais próxima do ideal de Cristo em todos os aspectos, em especial na prática da Liturgia do culto. O judaísmo é a referência, porém, está firmado em pressupostos e interpretações da lei, às quais Jesus deu uma posição de grau muito mais elevado. Em Atos 2, 44 a 47, a maior marca daquela igreja era seu testemunho diante da comunidade, ou seja, o evangelho vivido na prática, com amor, união, alegria e simplicidade. Partiam o pão em casa e louvavam a Deus de uma maneira tão contagiante, que a cada dia mais gente se convertia. Nada fala mais alto que “ser o que se celebra!”

O que está registrado na Bíblia, de prática Litúrgica na Igreja Cristã de Jerusalém é que partiam o pão em casa e batizavam os convertidos. No Novo Testamento, nem a forma de celebrar está detalhada, além da ocasião em que Cristo instituiu a Ceia com seus discípulos e o ensino de Paulo aos Coríntios, corrigindo distorções. Toda a formalidade litúrgica do judaísmo estava sendo rejeitada por que se tornara uma exigência da lei e não uma adoração espontânea, perdera significado. Assim, Jesus diz que não veio destruir a lei, mas cumpri-la, o que indica que o fim da lei é Cristo, toda a lei faz parte de um cabedal de elementos do ambiente preparado para receber o Messias e tudo se completou n’Ele, a plenitude.

Talvez a grande dificuldade das igrejas batistas com a Liturgia seja a questão da rejeição à tradição oral, onde há maior referência dessas práticas, e dos concílios. Houve muitos escritos que circulavam entre as igrejas, alguns como escritos pelos próprios apóstolos, que foram rejeitados por ocasião da formação do cânon do Novo Testamento. Historicamente podem ser úteis, mas o consenso entre as igrejas os rejeitou e vinte e sete livros foram reconhecidos como inspirados por Deus para fazer parte da Bíblia. Assim também é tratada a tradição oral pelos batistas, logo,

³⁸⁹ I Timóteo 1,5- 8.

se a prática da liturgia depende da tradição, dificilmente terá aceitação.

A grande diferença entre a Liturgia dos batistas e da Igreja Católica está no posicionamento acerca do sacrifício da missa, pelo seu significado e representação. O centro da liturgia católica é a eucaristia e a transubstanciação. Do ponto de vista dos batistas, há uma supervalorização da celebração eucarística, gerando dificuldade de se conciliar esta, com outras doutrinas, como, por exemplo, a salvação. Sabe-se que, mesmo entre os teólogos católicos não há unanimidade quanto ao tema, que foi defendido assim desde o Concílio de Trento. O Concílio Ecumênico Vaticano II não mudou isto, mas reafirmou.

As igrejas batistas sempre consideraram a bíblia como única regra de fé e prática, especialmente o Novo Testamento, por questão de contexto mais atual. Porém não rejeita o Velho Testamento, considerando que o mesmo tem seu cumprimento no Novo, que as profecias e as leis são uma preparação para o acontecimento mais importante da história da humanidade, a encarnação de Deus na pessoa de seu filho Jesus Cristo. Desde quando Adão e Eva pecaram, Deus colocou em execução um plano para resgatar o ser humano de seu pecado, e fez promessa que da semente da mulher haveria de nascer um que esmagaria a cabeça da serpente. Assim, todo o Velho Testamento é a preparação para esse acontecimento.

No Éden aconteceu o primeiro sacrifício, quando um animal inocente foi morto para que sua pele encobrisse e vergonha do primeiro casal, consequência do seu pecado. Aquele animal representava Cristo, foi o primeiro sacrifício profético. Assim se seguiu a história do povo, sempre repetindo sacrifícios de animais inocentes, pelos seus pecados como sinal profético, até que o plano de Deus se cumprisse, na plenitude dos tempos, e o cordeiro de Deus fosse crucificado pelos pecados de toda a humanidade.

Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, Para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.³⁹⁰ Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados.³⁹¹

O culto judaico era um ritual litúrgico e profético, simbolizava o verdadeiro

³⁹⁰ Gálatas 4, 4,5.

³⁹¹ I João 4, 10.

sacrifício que um dia aconteceria. Quando este aconteceu, cessou a razão de ser dos sacrifícios proféticos, Jesus ofereceu-se a si mesmo, sendo ele mesmo o sacerdote e o sacrifício, e então estabeleceu uma nova relação do homem/mulher com Deus, e também um novo padrão de culto e adoração. Não seria mais apenas no templo, mas no coração dos crentes; não seria mais sacrifício, mas misericórdia; a aparência daria lugar à verdade; o que os homens veem, daria lugar ao que Deus vê em secreto.

A igreja cristã primitiva entendeu o que significava “ser o que se celebra”. Nos primeiros capítulos do livro de Atos dos Apóstolos conhecemos uma igreja que caía na graça de todo o povo, porque perseverava na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações. Eles viviam o que criam de maneira tão real, que vendiam suas propriedades e bens e depositavam aos pés dos apóstolos para que não houvesse necessitado algum entre eles. Por isso, a cada dia mais gente se convertia ao evangelho, pois viam autenticidade na vida da igreja, essa é a adoração que mais agrada a Deus.

Essa igreja experimentava o poder de Deus em vários sinais e maravilhas, era uma coisa normal para um povo que estava em perfeita sintonia com o Senhor. Os apóstolos não temiam as autoridades e suas ameaças, pois estavam absolutamente certos que “importa mais obedecer a Deus que aos homens”! Não há registro de rituais e liturgia pomposa como no Velho Testamento, mas há o testemunho de verdadeira fé e obediência. Como resultado, os cristãos se multiplicavam e muitos sacerdotes judeus se convertiam. Não precisavam se circuncidar, a verdadeira circuncisão é no coração; não precisavam guardar o sábado, pois todos os dias estavam juntos louvando a Deus no templo e nas casas. Adoração perfeita.

A igreja cristã do século XXI precisa recobrar o que realmente é essencial, e quando conseguir, tudo mais será decorrência desta experiência. Haverá reverência e solenidade no coração do crente que tiver o mesmo sentimento que havia entre os cristãos primitivos, que quando oravam, o chão tremia e todos ficavam cheios do Espírito Santo e testemunhavam com ousadia. Mesmo quando vieram as perseguições eles não temeram ser mortos pelos leões ou mesmo em fogueiras como espetáculo público, nunca negavam sua fé. Estêvão morreu apedrejado, mas, com os olhos fitos no céu! A bíblia registra em Hebreus onze, que o mundo não era digno desses adoradores.

Quando a igreja se espalhou por todo o mundo por causa das perseguições, esses crentes não se abateram, e por onde iam davam testemunho com sua vida e

reproduziam esse perfil de adoradores em vários lugares por onde passavam. São Paulo se refere à vida consagrada dos filipenses, dos colossenses, dos bereanos e outros mais, que lhe davam grande alegria. Porém, quando se lê as cartas de Cristo às sete igrejas da Ásia, nos primeiros capítulos do livro de Apocalipse, vê-se que nem todas as igrejas conservaram o modelo de Jerusalém. Daí para cá, houve inúmeros fatores de influência na liturgia e na atitude dos cristãos.

O que a igreja cristã de Jerusalém tem a ensinar, ou a que se deve prestar maior atenção, não é nada de extraordinário, ou, não deveria ser. A vida cristã deveria ser uma experiência normal para nós, e não algo surpreendente. A simplicidade daqueles crentes pode ser o começo dessa busca. Simplicidade tem a ver com humildade e sinceridade nos relacionamentos. Bons relacionamentos são essenciais para que a igreja viva o que celebra. É a prática do amor cristão, ao qual Jesus se referiu como um mandamento semelhante ao primeiro, que é amara Deus de todo coração, de toda alma e de todo pensamento. Sem esse amor não haverá adoração verdadeira. A igreja que deseja aprender com a igreja cristã primitiva que comece por aí.

Como fruto desse amor cristão, era natural para aqueles cristãos o desapego às coisas materiais. Ser é mais importante do que ter. Eles não ajuntavam tesouros na terra, pelo contrário, se desfaziam deles para socorrer os necessitados. Com essa atitude, não haveria lugar no seu coração para ganância, soberba, exploração ou desonestidade. Mas houve uma exceção quando Ananias e Safira destoaram desse sentimento e mentiram sem necessidade. Foi algo tão absurdo, que eles morreram na hora e sendo um grande escândalo no meio da igreja. Não era normal que alguém dentre eles se comportasse assim. Como a igreja atual precisa deste princípio! Como o capitalismo e a ânsia de se ter mais e mais, tem impedido a verdadeira adoração!

Aquela igreja ensina a beleza da comunhão entre os irmãos. É também um fruto do amor que conduz a uma comunhão tão aprazível. O prazer de se encontrar para cultuar, a alegria de conviver e partilhar da vida uns dos outros é agradável ao Senhor, como lemos no Salmo 133. Ao tratar uns aos outros como irmãos, isso deve levar as pessoas a uma experiência de maior intimidade, onde o cuidado uns dos outros não seja apenas dar algo na sua necessidade, mas dar-se em afeto verdadeiro, o que gera confiança e bem-estar. Há muitas pessoas que tem na igreja, sua verdadeira família, há quem venha ao culto na expectativa de receber um abraço e um gesto de carinho que lhe faltam em casa. A igreja precisa ser assim.

O partir do pão sugere ser a parte mais litúrgica da vivência da igreja cristã primitiva. A eucaristia, como passou a ser tratada esta prática, se tornou profundamente significativa para a igreja por representar algo que daria sentido ao próprio culto, como centro da liturgia. No entanto, essa interpretação não indica necessariamente a celebração da ceia como nos nossos dias.

Muitos cristãos supõem que isso se refere a “tomar a Ceia” e têm a ideia de crentes primitivos encontrando-se nas casas para comer um pedaço de pão e beber uma porção simbólica de vinho, ou de suco de uva, assim como os cristãos de hoje fazem nas igrejas. No entanto, o contexto não é o do cristianismo do século XXI, mas, do judaísmo do primeiro século. Segundo Stern, para os judeus daquela época e para os de hoje, a comunhão é mediada por refeições. Dizer que os judeus messiânicos partiam o pão é afirmar nada mais, nada menos, que eles faziam refeições juntos.³⁹²

Mas sabemos que foi numa dessas refeições de páscoa que Jesus tomou um pedaço de pão e disse: isto é meu corpo e, tomando uma taça de vinho disse: este é meu sangue que é derramado em favor de muitos. Comer juntos era muito significativo para os judeus religiosos, como um ritual de bênção, e se tornou uma prática associada à liturgia para os primeiros cristãos, que relembavam sempre as palavras de Jesus. Quanto à interpretação e significado das palavras de Cristo, há divergência que distancia os batistas dos católicos radicalmente.

Eles perseveravam nas orações! Essa é uma das características mais importantes daqueles cristãos primitivos, pois eles viveram grandes experiências como fruto de oração. Jesus deu exemplo de orar de madrugada, orar sozinho, orar para agradecer e mandou vigiar e orar para não entrar em tentação. Diferentemente da forma de orar dos fariseus, Jesus mandou orar em secreto. Enquanto a igreja orava, o apóstolo Pedro foi retirado milagrosamente da prisão; enquanto Paulo e Silas oravam e cantavam na prisão, Deus fez acontecer um terremoto que quebrou as cadeias.

Infelizmente, as reuniões de oração são as menos concorridas da igreja. Os maiores públicos geralmente são para as celebrações festivas, mas a igreja é sustentada espiritualmente pelos intercessores. Se a igreja do século XXI deseja aprender com a igreja primitiva como adorar, precisa aprender a orar como ela, para entender com clareza como o Senhor deseja ser adorado.

Concluimos com base nos registros bíblicos e na experiência dos primeiros cristãos. É preciso entender a intenção de Deus quando propôs desde o início toda

³⁹² STERN, H. D., Comentário judaico do novo testamento, p. 256.

a formalidade e liturgia da adoração. O Senhor não desejava uma celebração teatral, de aparência de santidade que não correspondesse à vida real dos adoradores. Com certeza a liturgia do culto é um recurso precioso para honrar ao Senhor e adorar na beleza da Sua santidade, mas deve-se fazer sempre o melhor, prestar culto santo e centrado n'Ele e não em nós mesmos. Porém, o essencial mesmo para agradar a Deus é: “Ser o que se celebra!”

Com que me apresentarei ao Senhor, e me inclinarei diante do Deus altíssimo? Apresentar-me-ei diante dele com holocaustos, com bezerros de um ano? Agradar-se-á o Senhor de milhares de carneiros, ou de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu ventre pelo pecado da minha alma? Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a benignidade, e andes humildemente com o teu Deus?³⁹³

A igreja cristã primitiva entendeu que a vida espiritual é de pura simplicidade, sem vaidades ou pompa de eventos grandiosos. É viver pela fé, não é ativismo, mas atitude, mais que fazer, é ser, quando a prioridade é viver o amor cristão de maneira agradável a Deus. Afinal, o que o Senhor pede de nós?

³⁹³ Miqueias 6, 6- 8.

6 Referências Bibliográficas

AGRESTE, R. Igreja, Tô Fora. São Paulo: Z3 Editora e Livraria, 2007.

ALIANÇA DE EVANGÉLICOS CONFSSIONAIS. Declaração de Cambridge. Monergismo, 20 abr. 1996. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_cambridge.htm>.

ALLMEN, J.J. VON. O Culto Cristão. São Paulo: ASTE, 1968.

ALONSO, L. S. Poder e experiência religiosa: uma história de um cisma pentecostal na Convenção Batista Brasileira na década de 1960. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

ALVES, R. et al. Tendências da Teologia no Brasil São Paulo: ASTE, 1977.

ASSEMBLEIA ANUAL DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Anais da 79ª Assembleia Anual. Goiania, 1998.

AZEVEDO, I. B. A Celebração do Indivíduo. A Formação do Pensamento Batista brasileiro. São Paulo: Editora Exôdus; Editora UNIMEP, 1996.

BARBOSA, M. P. A igreja no Brasil: Notas para a sua história. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1945.

BARCLAY, W. Palavras Chaves do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1985.

BARNA, G. Igrejas Amigáveis e Acolhedoras. Trad. João Bentes. São Paulo: Imprensa da Fé, 1995.

BARTH, K. Dádiva e Louvor. Ensaios teológicos de Karl Barth. Trad. de Walter Schlupp e Luiz Marcos Sander. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2006.

BASURKO, X. O Canto Cristão na Tradição Primitiva. São Paulo: Paulus, 2005.

BATISTA, A. Esta é uma Igreja Batista? Webartigos, 24 jul 2013. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/esta-e-uma-igreja-batista/110998>>.

BATISTAS lotam Estádio do Maracanã. O Jornal Batista, nº 42/74, 20/10/1974.

- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BEZERRA, B.C. Interpretação Panorâmica dos Batistas. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.
- BÍBLIA. Novo Testamento Interlinear Grego-Português - João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada, Tradução literal, São Paulo, 2004.
- BÍBLIA. Bibliaonline, versão Almeida Corrigida Fiel. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/>>.
- BÍBLIA.com.br. Dicionário Bíblico. Verbetes Altar. Disponível em: <<https://biblia.com.br/dicionario-biblico/a/altar/>>.
- BITTENCOURT, J. Novos movimentos religiosos na igreja e na sociedade. São Paulo: Ave Maria, 1996.
- BOFF, L. Igreja, Carisma e Poder. Lisboa, Inquérito, 1991.
- BOGAZ, A. J.H. Liturgia no Vaticano II: Novos tempos da celebração cristã. São Paulo: Paulus, 2014.
- BONFATTI, P. A expressão popular do sagrado: uma análise psicoantropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000.
- BONHOEFFER, D. Vida em Comunhão. Trad. Ilson Kaizer. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BORBA, A. Adoração: Quando a fé se torna amor. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.
- BURATO, G.R.M. Os peregrinos ecléticos cristãos. Periódicos USP, Caderno do campo, 2004. Disponível em: <www.periódicosUSP>.
- CABRAL, J. Religiões, seitas e heresias. Rio de Janeiro: Universal, 1992.
- CAIRNS, E. E. O Cristianismo através dos séculos: Uma História da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CAMPENHAUSEN, H. V. Os Pais da Igreja: A vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- CAMPOS, L. Templo, teatro e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio;

São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

CARRANZA, B. Renovação carismática católica. Origens, mudanças e tendências. Aparecida: Santuário, 2000.

CARROLL, B. H. Uma interpretacion de la bíblia. Tradução Sara A. Hale. El Passo: Casa Bautista de Publicaciones, 1966.

CARROLL, J.M. O Rasto de Sangue. Disponível em: <<https://solascriptura-tt.org/IgrejasNosSeculos/RastoDeSangue-JMCarroll.pdf>>.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html>.

CEIA nos Lares durante o Culto da Ressurreição. PIB Vitoria, culto ao vivo, 12 abr. 2020. Disponível em: <<http://pibvitoria.org.br/culto-ao-vivo/12/04/2020>>.

CERIS. Pentecostais. CEBs, renovação Carismática. Relatório de uma pesquisa comparativa. Rio de Janeiro: 1995.

CESAR, W.; SHAULI, R. Pentecostalismo e o futuro da igreja cristã. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHAGAS, T. Estudo mostra as 10 principais mudanças litúrgicas nas igrejas evangélicas nas últimas décadas; Confira. Gospelmais, Destaque, 20 mai. 2014. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/confira-10-principais-mudancas-igrejas-ultimas-decadas-67840.html>>.

CHAGAS, T. Padre Fábio de Mello critica idolatria à virgem Maria e diz que “é Cristo quem nos salva”; Assista. Gospel Mais, Brasil, 27 jan. 2014. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/padre-fabio-mello-critica-idolatria-cristo-salva-assista-64598.html>>. Acessado em 09/03/2020.

CHRISTOPHER, M.B. História dos 21 concílios da igreja. São Paulo: Loyola. Disponível em: <www.loyola.com.br>.

CLINEBELL, H. Aconselhamento pastoral. Trad. Walter Schlpp. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007.

CLOUSE, B.; CLOUSE, R. G. Mulheres no ministério pastoral: quatro opiniões sobre o papel da mulher na igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.

CNBB. Orientações pastorais sobre a renovação carismática católica. Documentos da CNBB n. 55. São Paulo: Paulinas, 1994.

COMISKEY, J. Crescimento Explosivo da Igreja em Células. CURITIBA: MIC Brasil, 1997.

_____. Multiplicando a Liderança. Preparando Líderes para Fazer a Colheita. Curitiba: Ministério Igreja em Células do Brasil, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium (sobre a Sagrada Liturgia). Disponível em:
<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>.

CBB. (Convenção Batista Brasileira). Princípios Batistas. Site. Disponível em
<http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21>.

.Lição para os nossos dias. Perdão e Restauração. O Jornal Batista, n.47, 25/11/2001, CI, p. 4.

_____. Atas da 79ª Assembleia Anual da CBB. Livro do Mensageiro, Goiânia, 1998.

_____. Declaração Doutrinária. disponível em:
<http://www.convencaobatista.com.br/>

.Atas da 47ª Assembleia. Livro do Mensageiro, realizada em Niterói (RJ), em janeiro de 1965.

CHOURAQUI, A. Bíblia.A.T Gênesis no princípio, Rio de Janeiro, Iago editora, 1995

COSTA, J. F. O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CRABTREE, A. R. História dos batistas do Brasil. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

CULLMANN, O. Cristologia do Novo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2008.

DAMARES. OLIVEIRA E., Sabor de mel, Gravadora louvor eterno,2009

MARSILI, S. A Liturgia, momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas, 1987.

DEIFELT, W. Mulheres pregadoras: uma tradição a igreja. Theophilos: Revista de Teologia e Filosofia, Canoas, RS: Universidade Luterana do Brasil: ULBRA, Vol 1, nº 2 (2001).

DEVER, M. Igreja Intencional. Edificando seu ministério sobre o Evangelho. Trad. Francisco Welington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015.

- DIDAQUÉ. A Instrução dos Doze Apóstolos. Disponível em: <[http://www.escolacharlesspurgeon.com.br/files/pdf/DIDAQUE_-A Instrução dos Doze Apostolos.pdf](http://www.escolacharlesspurgeon.com.br/files/pdf/DIDAQUE_-A_Instrução_dos_Doze_Apostolos.pdf)>.
- DUBOIS, C. JohnBunyan. Ensaio Biográfico. Rio de Janeiro: JUERP, 1968.
- DUTRA, Adair A. (Org.). A Igreja Universal do Reino de Deus: sua teologia e sua prática. Cambuci: Cultura Cristã, 1997.
- DUZILEK, D. Oásis no Deserto. Rio de Janeiro: Missão, 1985.
- ESPERANDIO, M. R. G. Para entender pós-modernidade. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- FALBEL, N. Heresias Medievais. Coleção Kronos, nº 9. São Paulo: Editora Perspectiva. 1977.
- FERNANDES, H. V. Renovação Espiritual no Brasil: Erros e Verdades, Rio de Janeiro: JUERP, 1979.
- FERNANDES, W. Jesus Cristo é o Senhor. Há alguma contribuição da IURD à Igreja Batista? Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Teologia Prática, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.
- FERREIRA, E. S. Manual da Igreja e do Obreiro. Rio de Janeiro: JUERP, 2002.
- FONSECA, E. Resgate da Centralidade Teológica no Culto. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Teologia, PUC- Rio, 2015.
- FOX, J. Livro dos Mártires. São Paulo: Mundo Cristão, 2013. Disponível em: <<https://cavcomunidade.files.wordpress.com/2017/12/o-livro-dos-martires-john-foxe.pdf>>.
- FREIRE, A. R. Raridade. MK Música, 2013.
- FREITAS, F. De Volta aos Princípios. Rio de Janeiro: Convicção, 2015.
- FRESTON, P. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: a Assembleia de Deus. Religião e Sociedade, v. 16, n. 3, p. 104-129, 1994.
- GINSBURG, S. Um judeu errante no brasil. Rio de Janeiro: Case Publicadora Batista, 1970.
- GONZALEZ, J. Uma breve história das doutrinas cristãs. São Paulo: Ed. Hagnos, 2015.

GREGÓRIO, N. Igreja celebra ceia em “culto drive-in”. Gospel Prime, Igreja, 06 abr 2020. Disponível em:
<<https://www.gospelprime.com.br/igreja-celebra-ceia-em-culto-drive-in/>>.

HIGUET, E. A. O diálogo de Tillich com a psicanálise e a medicina: saúde, cura e salvação no pensamento de Paul Tillich. Estudos de Religião, n. 16, São Paulo, p. 75-85, 1999.

HUBER, A. O Coração do Bom Pastor. Lições para Cuidar Bem das Ovelhas. Fortaleza: MDA Publicações de Livros Ltda, 2012.

HURTADO, L. W. As Origens da Adoração cristã: O caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HYBELS, L. B. A Revolução do Voluntariado. Trad. Valéria Fernandes. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

HYBELS, L. B. Redescobrimo a Igreja. São Paulo: Hagnos, 2003.

HYBELS. B. Liderança Corajosa. Trad. James Monteiro. São Paulo: Ed. Vida, 2002.

IGREJA do Evangelho Pleno de Yoido. Qwiki. Disponível em:
<https://pt.qwe.wiki/wiki/Yoido_Full_Gospel_Church>.

INTERNET é o futuro das Igreja Evangélicas, aponta estudo. Church Tech Expo. Disponível em: <<http://churchtechexpo.com.br/internet-e-o-futuro-das-igrejas-evangelicas-aponta-estudo/>>

JESUS, L. M., Resumo sobre a Sacrosanctum Concilium. Recantos das Letras, Texto-Resenhas, 02/07/2006. Disponível em:
<<https://www.recantodasletras.com.br/resenhas/2670632>>.

JMM. Missões Mundiais. Disponível em:
<<https://missoesmundiais.com.br/>>

JOSEFO, F. História dos Hebreus. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

JUSTINO, M. Nos bastidores do reino: a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Geração, 1995.

KIMBALL, D. A Igreja Emergente. Cristianismo Clássico ata Novas Gerações. Trad. Robinson Malkones. São Paulo: Ed. Vida, 2008.

KNIGHT, A., ANGLIN, W.] História do Cristianismo. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

KNOX, J. A integridade da pregação. São Paulo: ASTE, 1964.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa: planejamento e

execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1999.

LANDERS, J. Teologia dos Princípios Batistas. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986.

Letrônica, RevistaseletronicasPUCRS-julho-dezembro 2015, v8 n2 - a literatura sob o signo de caim: os gênios malditos p.496

LIPOVETSKY, G. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manola, 2005.

LOPES, A. N. O Culto Espiritual. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

_____. O Culto Segundo Deus. São Paulo: Vida Nova, 2012.

_____. O Que Estão Fazendo com a Igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

LUTERO, M. Como Reconhecer a Igreja: Dos concílios e da Igreja – 3ª parte. São Leopoldo: Sinodal/Concórdia, 2001.

MACEDO, E Vida com abundância. 12. ed. Rio de Janeiro: Universal, 1993.

_____. A libertação da teologia. Rio de Janeiro: Universal, 1993.

_____. Nos passos de Jesus. Rio de Janeiro: Universal, 2000.

_____. Orixás, caboclos e guias. Rio de Janeiro: Universal, 2002.

Mc LAREN, B., Uma ortodoxia generosa, a igreja em tempos de pós-modernidade, Brasília, Ed. A Palavra, 2007

MARIANO, R. A Igreja Universal no Brasil. In: ORO, A. P.; CORTEN, A.; DOZON, J.-P. (Orgs.). Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 52, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103->>.

MARSILI, S. A Liturgia, momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas, 1987.

MARTINS, J. G. Manual do pastor e da igreja, Curitiba, Santos Editora, 2002

MATOS, A. S. O Movimento Pentecostal: Reflexões e propósito de seu primeiro centenário. São Paulo: Fides Reformata, 2006.

_____ et tal, Uma nova reforma, após 500 anos, o que ainda precisa mudar? São Paulo, Mndo Cristão, 2017

MDA. A visão. Associação MDA. Disponível em:
<<http://www.associacaomda.org/a-visao/>>.

MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir. A inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia e Ciência da Religião, 1955.

QUEM são? Ministério Menonitas. Disponível em:
<<https://www.ministeriomenonita.org/history>>.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em:
<<https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portugues-brasileiro/liturgia/>>.

MONDINI, D. E os cristãos se dividiram: das reformas ao vaticano II. São Paulo: Ed. Loyola, 2015.

MULLINS, E. Y. La Religion Cristiana. Em su Expression Doctrinal, Louisville: Ky, EUA, 1968.

NEIGHBOURG, R.W.J. Manual do Líder de células. 4ª ed. Curitiba: Ministério Igreja em Célula, 2000.

NETO, S. P., Martinho Lutero. O Presbiteriano Conservador, edição de setembro/outubro de 1997.

NICHOLS, R. H., . História da igreja cristã. São Paulo: Ed. CEP, 1978.

NUNES, J. As manifestações pentecostais nas Igrejas Batistas: uma questão de identidade. Monografia (Especialização em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2001.

OLIVEIRA, E. F. Conversão ou Adesão: Uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil. Rio de Janeiro: Proclama Editora, 2004

OLIVEIRA, P. R. de et al. Renovação carismática católica: uma análise sociológica, interpretações teológicas. Petrópolis: Vozes, 1978.

OLIVEIRA, S. O. (org.). Pacto e Comunhão, Documentos Batistas. Rio de Janeiro: EBD-1 Marketing e Consultoria Editorial Ltda, 2004.

OLIVEIRA, Z. M. de. O Berço do Movimento Batista. 2001.

ORDEM DOS PASTORES BATISTAS DO BRASIL. Assembleia da OPBB. Realizada em João Pessoa – PB em 22 de Jan. de 2014.

OWENS, R. Retorno à Adoração. Trad. Durval de Almeida Godoy Filho et. al. Tennessee: Broadman e Holman, 1999.

PANDEMIA. Aumenta buscas do tópico “oração” na internet. IHU, 14 abr 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/598028-pandemia-aumenta-buscas-do-topico-oracao-na-internet>>.

PASSOS, J. D. Pentecostais: origem e começo. São Paulo: Paulinas, 2005.

PASTOR lista 3 tendências para a Igreja nos próximos dez anos. Guiame.com.br, Mundo Cristão, 24 abr. 2015. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/pastor-lista-3-tendencias-para-igreja-nos-proximos-dez-anos.html>>.

PASTORA ZENILDA. Blog da Pastora Zenilda. Disponível em: <<http://pastorazenilda.blogspot.com.br>>.

PEREIRA, G. L., Direções para a espiritualidade ecumênica: um olhar de um não católico sobre Unitatis Redintegratio. Atualidades Teológicas, v.20, n. 53, mai/ago 2016.

PEREIRA J. R. Breve História dos Batistas. Rio de Janeiro: JUERP, 1972.

PERRY, M. Civilização ocidental. Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PETTER, H. M. (Comp). La Nueva Concordancia Greco-Española Del Nuevo Testamento. Argentina: Ed. Mundo Hispano, 1976.

PIERRO, A. Sete tendência em inovação para 2020. Promoview, 07 jan 2017. Disponível em: <<https://www.promoview.com.br/categoria/conteudo/sete-tendencias-em-inovacao-para-2020.html>>.

PIERRUCCI, A. F. A realidade social das religiões no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996.

PINHEIRO, J.S. M. Os Batistas. Controvérsias e Vocação para a Intolerância. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

PRANDI, R.; PIERRUCCI, A. F. A realidade social das religiões no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996.

RAMOS, R. Venda de Bíblias aumenta durante pandemia nos EUA. Pleno.News, 10 abr. 2020. Disponível em: <<https://pleno.news/fe/venda-de-biblias-aumenta-durante-pandemia-nos-eua.html>>.

REIS, A.P. A Missa, Ensino, Exegese e Confronto. São Paulo: Edições Caminho de Damasco, 1976.

- RICHARDSON, D. Fator Melquisedeque. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- RICOEUR, Paul. Leituras 3: nas fronteiras da filosofia. São Paulo: Loyola, 1996.
- RODRIGUES, N. Os africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- ROMEIRO, P. Evangélicos em Crise. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.
- SABÓIA, G. Coronavírus faz igreja que casou Eduardo Bolsonaro realizar batismos online. Uol Notícias, Coronavírus, 06 abr 2020. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/06/coronavirus-faz-igreja-que-casou-eduardo-bolsonaro-realizar-batismos-online.htm>>.
- SANTANA, L. F. R. Liturgia no Espírito. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Editora Reflexão, 2015.
- SANTO AGOSTINHO. A Predestinação dos Santos. A Graça II. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2010, (Coleção Patrística, 13).
- SANTOS, Jair F. O que é pós-moderno. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SHEDD, R. Adoração Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2007. SHELLEY, B. L. Igreja. O Povo de Deus. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- SIMSOM, W. Casas que transformam o mundo. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2001.
- SOUZA, A. A Igreja diante da cultura midiática digital: desafios, caminhos e perspectivas. ATeo, v.22, n. 58, jan./abr. 2019, p. 192-214.
- SOUZA, E. C. B.; MAGALHÃES, M. D. B. Os pentecostais: entre a fé e a política. Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 22, n. 43, 2002
- SOUZA, M. A. O Pastor. 2ª edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1956.
- STEPHANINI, W. Assim nasce uma igreja. Belo Horizonte: MG, Ed. Koinonia, 2014
- STERN, D. H. Comentário Judaico do Novo Testamento. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Editora Atos 2008.
- STETZET, E. Igrejas que Transformam o Brasil: Sinais de um movimento Revolucionário e inspirador. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.
- SWINDOLL, C. A noiva de Cristo. São Paulo: Ed. Vida, 1996.
- TAYLOR, W.C, Batismo bíblico, Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista,

1967

_____. Manual das Igrejas. 5a. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1957.

TEJO, L. O século que viu Colombo. Correio do Povo, Porto Alegre, 3 abr. 1983, - Especial.

TILLICH, P. A coragem de ser: baseado nas conferências Terry pronunciadas na Yale University. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

.Perspectivas da Teologia protestante nos séculos XIX e XX. 4ª ed. São Paulo: ASTE, 2010.

VELIQ, F. Graça e livre arbitrio. Revista Eletrônica Espaço Teológico da PUC-SP, 2015.

VERGARA, Sylvia C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

WAINWRIGHT, Geoffrey. The Oxford History of Christian Worship, Oxford University Press, USA, 2006, p. 560

WARREN, R. Uma igreja com Propósito. São Paulo: Ed. Vida, 1998.

_____. Uma Vida com Propósito. São Paulo: Ed. Vida, 2002. WIKIPÉDIA. Concílio Vaticano II. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Concílio_Vaticano_II>.

WINTER, R. D. (Ed.). Perspectivas no Movimento Cristão Mundial. Vários tradutores. São Paulo: Vida Nova, 2017

WU, J. L. Elementos litúrgicos. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas Cartas. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.

XAVIER, I. O. Igreja Universal do Reino de Deus: uma instituição inculturada? São Paulo: Pulsar, 2003.

ZÁGARI, M. (Org). Uma Nova Reforma: Após 500 anos, o que ainda precisa mudar? São Paulo: Mundo Cristão, 2017.